

Cleuza Cecato

COMENTÁRIOS GRAMATICAIS DE AULO GÉLIO:  
UMA PROPOSTA DE TRADUÇÃO

Dissertação desenvolvida sob orientação  
do Professor Doutor José Borges Neto e  
apresentada ao Curso de pós-graduação  
em Letras da Universidade Federal do  
Paraná, como requisito parcial à obtenção  
do título de Mestre em Letras.

CURITIBA  
Universidade Federal do Paraná  
2005

## **Agradeço**

O tempo que me ocupei deste trabalho não sei precisar, mas durante o tempo em que estive me dedicando a ele, a dedicação não foi só minha e muito antes de iniciá-lo, havia gente incentivando, ajudando e trabalhando junto. No princípio, foi o trabalho de monitoria em língua latina com que os professores Alessandro Rolim de Moura, Brunno Vieira e Caetano Galindo indicaram-me o caminho e se não bastasse, devo a eles o incentivo, os acertos e a coragem de persistir na tarefa. Então, a UFPR se tornou para mim a casa de excelentes amigos que tornaram possível não só a realização desse trabalho, mas também e principalmente, com paciência, dedicação e respeito, me fizeram crescer como gente.

Agradeço a benevolência de meu orientador, Professor José Borges Neto e todos os conselhos, a dedicação e o incentivo da Professora Odete Menon que foram decisivos nos momentos em que o cansaço crescia e o trabalho parecia se agigantar, peço desculpas porque apesar de todo o esforço, sei que meu retorno muitas vezes foi insuficiente.

Agradeço as sugestões e questões propostas pela banca de qualificação, ao Professor Mauricio Mendonça Cardozo pela contribuição valiosa juntamente com a Professora Odete e o Professor Borges que também fizeram parte da banca.

Agradeço ao Professor Dejalma Dezotti por ter atendido prontamente ao pedido de participação da banca de defesa, pela atenção e pelas sugestões.

A todos eles e aos demais aqui não nomeados, ficam o agradecimento e o pedido de desculpas pelas vezes que não o fiz pessoalmente.

**Ofereço:**

Tive o privilégio de contar, durante a realização deste trabalho, com a participação direta e indireta de pessoas muito especiais lembradas no agradecimento, além disso, quero oferecer o resultado, ainda que modesto, dessa dedicação.

Ofereço aos meus pais pelo privilégio de tê-los comigo, pela intensidade de seus gestos, por mais humildes que sejam.

Ofereço ao meu esposo que fez da minha a sua rotina, tornando-se acima de tudo meu companheiro, e não se mostrou econômico em compreensão e paciência no café e na música das noites não dormidas.

Ofereço aos meus amigos que foram interlocutores atenciosos, ouviram e compreenderam as angústias e as ausências e mesmo assim, continuaram ainda mais presentes na minha vida.

E, por fim, ofereço ao leitor que tiver a paciência de compreender as imperfeições.

## Resumo

Este trabalho apresenta uma das muitas traduções possíveis para a obra *Noctes Atticae* escrita pelo autor latino *Aulus Gellius* que viveu no século II d.C. O texto original era composto por vinte livros, dos quais nos restam apenas dezenove, pois o oitavo livro se perdeu. Apesar de não ser uma obra que se propõe a tratar de gramática, ou do pensamento lingüístico da época, muitos de seus capítulos (246 dos 398) destinam-se a tratar despretensiosamente de conversas que envolvem assuntos relacionados ao que se pensava e ensinava sobre gramática, passando pelas áreas do que chamaríamos hoje de fonologia, morfologia, etimologia, sintaxe e semântica. Para a realização da tradução, foram escolhidos os capítulos compostos por comentários gramaticais feitos pelo autor, ou por gramáticos e filósofos envolvidos em conversas casuais, anotadas por Gélío no período em que esteve na Grécia completando seus estudos. Essa obra representa uma fase de produção extensa de comentários e enciclopédias que perdurou por toda a Idade de Prata da Literatura Latina e é graças a ela que conhecemos trechos de outros textos mais antigos que não chegaram aos nossos dias.

Palavras-chave: Tradução, gramática, pensamento lingüístico.

## **Abstract**

This work presents one of many possible translations for *Noctes Atticae* wrote for *Aulus Gellius*, latin author lived in second century . The original text was composed for twenty books, remains only nineteen, because eighth book loused. Although be book that not proposed to treat of grammar, or of the linguistic reflection of the period, many of their chapters (246 of 398) destine at to treat unpretentiously of occasional converses that involve topics connects with that has think and teach about grammar, pasting for were calling today phonology, morphology, etymology, syntaxes and semantics. For realization of translation had been chosen the chapters composed for grammar commentary used for the author or for grammarians and philosophers in conversations registered for Gellius in the period that lived in Greece concluding theirs studies. This book is representative of phases of vast production of commentaries and encyclopedias persist for Ages of the Latin Literature and is she's because know passages of other texts more antiques that not arrived until ours days.

Key-words: Translation, grammar, linguistic reflection.

## SUMÁRIO

<b>Apresentação</b>	<b>II</b>
<b>Sobre Gélío e a obra</b>	<b>X</b>
<b>Gélío, seu trabalho e o meu</b>	<b>XVI</b>
 <b>Livro I</b>	
 <b>IV</b>	
<b>Com que refinamento de palavras Antonio Juliano descobriu em um discurso de Cícero um sofisma por troca de palavras</b>	<b>03</b>
 <b>VII</b>	
<b>Sobre as palavras de Cícero retiradas do quinto discurso contra Verres “que isso lhes servirá de defesa” não apresenta falta nem corrupção; se enganam os que violentam os manuscritos de boa qualidade e escrevem <i>futuram</i>; no mesmo capítulo trata-se de uma outra palavra de Cícero, que está escrita corretamente, mas que muitos erram ao modificar e algumas observações sobre as medidas e os ritmos da frase que Cícero busca com predileção</b>	<b>05</b>
 <b>X</b>	
<b>Com que termos o filósofo Favorino se dirigia a um jovem que falava de maneira muito arcaica e antiga</b>	<b>11</b>
 <b>XVI</b>	
<b>Que a expressão constante do prefácio do livro III dos Anais de Quadrigário “aí está morto um milhar de homens” - <i>ibi mille hominum occiditur</i> , não é dita nem por licença, nem por figura poética, mas é justificada por um raciocínio preciso e seguro da ciência gramatical.</b>	<b>11</b>

## XVIII

De como M. Varrão, no décimo quarto livro *Das antiguidades divinas*, critica seu mestre Lucio Elio pelo emprego de uma falsa etimologia e o próprio Varrão, nesse mesmo livro, atribui falsa *etimologia* à palavra ladrão (*fur*).

..... 17

## XXI

Que Júlio Higino afirmou do modo mais contundente ter lido um manuscrito pertencente à família de Virgílio, onde estava escrito: “e o sabor amargo fará contrair os tristes semblantes daqueles que experimentarem as sensações.” O que comumente se leria: “fará contrair pela sensação amarga.”

..... 19

## XXII

Se quem defende uma causa pode empregar a palavra *superesse* – assistir – aquele a quem defende; e o que significa propriamente *superesse*.

..... 23

## XXV

Com que palavras Varrão define trégua (*indutiae*): e no mesmo capítulo, como ele busca com grande exatidão qual é a etimologia da palavra *indutiae*.

..... 29

## Livro II

### III

De acordo com que raciocínio os antigos introduziram diante de algumas palavras a letra aspirada “h”.

..... 34

#### IV

Por que razão segundo os escritos de Gavio Basso, chama-se *diuinatio* a certos processos e qual é a explicação desta palavra segundo outros.

..... 36

#### X

O que seriam *fauissae Capitolinae* e o que Varrão respondeu sobre essa palavra a uma questão de Sêrvio Sulpício.

..... 38

#### XIII

Os antigos chamavam as crianças (*liberos*), no plural, mesmo quando se tratava de um único filho ou filha.

..... 40

#### XVI

Por que Cesellio Vindex foi repreendido por Sulpício Apolinário sobre a interpretação de uma passagem de Virgílio.

..... 40

#### XVII

O que Cícero observou sobre a natureza de certas preposições; discussão sobre o que ele havia anotado.

..... 44



## **XIX**

O que é o vocábulo *rescire* e qual é verdadeiramente sua significação.

..... 46

## **XX**

Que coisas popularmente são chamadas de *uiuaria*, os antigos não teriam chamado assim; o que disse na praça Scipião, no discurso para o povo; e o que mais tarde disse Varrão em seu *Tratado sobre a agricultura (De re rustica)*.

..... 48

## **XXV**

O que os gregos chamam de *analogia* e o que inversamente chamam de *anomalía*.

..... 50

## **Livro III**

### **XII**

O homem inclinado à bebida foi chamado *bibosus* pelo grande erudito Nigídio, segundo uma derivação inusitada e quase chocante.

..... 53

### **XIV**

Li metade do livro (*dimidium librum legi*) ou ouvi metade da história (*dimidiam fabulam audiui*) e outras expressões dessa espécie são empregadas incorretamente; Varrão explica a impropriedade destes termos que não podem justificar-se, pois não foram empregados pelos antigos.

..... 53

## XVIII

O que são senadores *pedários* e por que foram chamados assim. Qual é a origem desta expressão em um documento antigo dos cônsules: “senadores que têm o direito de dar opinião no senado”.

..... 59

## XIX

Que explicação deu *Gavius Bassus* em seu *homem econômico* (*parcus homo*); qual é, segundo ele, a origem dessa palavra; e em sentido contrário, de que maneira e em que termos *Favorino* ridicularizou esse ensinamento.

..... 61

## Livro IV

### I

Uma conversa do filósofo *Favorino* com um gramático meio fanfarrão, mantida à maneira Socrática; no mesmo capítulo, em que termos foi definida a palavra provisões (*penus*) por *Quinto Scevola*; e como essa definição foi criticada e contestada.

..... 64

### II

O que diferenciaria doença (*morbus*) e defeito (*uitium*) e que valor teriam estes vocábulos num decreto dos edis: se o eunuco ou as mulheres estéreis poderiam ser devolvidos; diversas opiniões sobre o assunto.

..... 68

#### IV

O que Sêrvio Sulpício escreveu no livro que trata *Dos dotes*, sobre a legislação e o costume dos antigos esposais.

..... 72

#### VI

Palavras de um antigo decreto de um senador-consultor, que ordenava a oferta de vítimas maiores, já que as lanças de Marte haviam se agitado sozinhas no santuário. – também aí é narrado o que se entende por vítimas substituição de (*hostiae succidaneae*) e por previamente imolada (*porca praecidaneae*). E por que Ateio Capitão chamou a certas festas *praecidaneae*.

..... 74

#### VII

Sobre uma carta do gramático *Valério Probo* endereçada a *Marcelo* sobre a acentuação de alguns vocábulos cartagineses.

..... 76

#### IX

Qual o sentido próprio de *religiosus* e para quais sentidos particulares a palavra se derivou, uma citação sobre o sujeito tomada das *Notas de Nigídio Figulo*.

..... 78

## **XV**

**Justificativa de uma frase na *História*, de *Salustio*, que as críticas injustas atacaram com maldade.**

..... 82

## **XVI**

**Sobre certas palavras que Varrão e Nigídio declinam em desacordo com uso corrente; no mesmo capítulo, certos fatos do mesmo tipo relatados com exemplos de autores antigos.**

..... 84

## **XVII**

**Sobre a natureza de certas partículas, por que é bárbaro e grosseiro atenuar e alongar as vogais quando elas são colocadas como prefixo de verbos. Discussão apoiada sobre um bom número de exemplos e argumentos racionais.**

..... 86

## **Livro V**

### **IV**

**Sobre a palavra *duouicesimus* que é desconhecido na língua corrente, mas abundantemente empregada em livros pelos bons escritores.**

..... 93

## VII

Que bela explicação dá Gávio Basso sobre a palavra *Personae*, a máscara, e qual é, segundo ele, a origem dessa palavra.

..... 93

## VIII

Defesa de um verso de Virgílio que o gramático Julio Higino havia criticado; no mesmo capítulo, o que é um *lictuus*; a etimologia dessa palavra.

..... 95

## X

Sobre os argumentos que os gregos chamam *antistrephonta*, que podem ser chamados por nós *reciproca* – que formam um círculo vicioso.

..... 97

## XVIII

Se há uma distinção e em que ela consiste entre *história* e *anais*, e sobre o tema, uma citação no livro I do *de Rerum Gestarum* de Senfrônio Aselião.

..... 101

## XX

Que significado latino deu Sinnio Capitão para solecismo, como o chamaram os antigos latinos e em que termos o mesmo Sinnio define solecismo.

..... 103

## XXI

Por que dizer *pluria*, *compluria* e *compluriens* é falar latim sem barbarismo.

..... 105

## Livro VI

### II

Sobre o erro grosseiro de Cesélio Vindex que encontramos em seus livros intitulados *Leituras antigas*.

..... 110

### VII

Se *affatim* deve ser pronunciado como *admodum* com acento agudo na primeira sílaba, mais observações a respeito do acento de outros vocábulo.

..... 112

### IX

A maior parte dos antigos dizia reclamei (*peposci*), mordi (*memordi*), belisquei (*pepugi*), prometi (*spepondi*), corri (*cecurri*) com *e* e não com *o* ou *u*, na primeira sílaba, como se costuma hoje; esta forma de perfeito vem da língua grega, encontra-se em escritores sábios e famosos *descendidi* e não *descendi*, como perfeito de *descendo*.

..... 116

## X

Como se pode dizer *ususcapio* em uma só palavra, no caso nominativo, também se pode dizer *pignoriscapio* em uma só palavra e no mesmo caso.

..... 118

## XIII

O que é, em Catão, *classicus* - pertencente a uma classe - e *infra classem* - de classe inferior.

..... 118

## XVII

Conversa trivial que tive com um gramático ignorante e cheio de insolências sobre a significação e a origem da palavra *obnoxius*

..... 120

## XXI

Por que as expressões *quoad uiuet* e *quoad morietur* indicam com precisão o momento da morte, ainda que expressem o contrário.

..... 122

## Livro IX

### I

Por que Quinto Claudio Quadrigário escreveu no livro XIX dos seus *Anais* que é mais certo e preciso lançar objetos de baixo para cima do que de cima para baixo.

..... 127

## VI

**Qual a quantidade (longa ou breve) que se pode dar na pronúncia da primeira sílaba do verbo freqüentativo *ago*.**

..... 129

## IX

**De que modo devem ser traduzidas as palavras de uma frase grega; sobre os versos de Homero, que Virgílio traduziu com maior ou menor sucesso.**

..... 131

## X

**Por que Anneo Cornuto denegriu com repreensão suja e odiosa os versos de Virgílio com os quais descreveu velada e pudicamente a união de Vulcano e Vênus.**

..... 137

## XII

**Sobre as palavras que são empregadas em duas acepções com dois significados que se opõem.**

..... 139



#### **XIV**

**Quadrigário disse corretamente e em bom latim *huius facies* no caso genitivo. Observações sobre as declinações de outros nomes semelhantes.**

..... 143

#### **Livro X**

##### **I**

**Se é oportuno dizer *tertium* ou *tertio consul* (pela terceira vez) e de que maneira Cneu Pompeu, quando gravou seus títulos no frontispício do teatro que ia construir, evitou o problema da dúvida em relação a essas palavras seguindo o conselho de Cícero.**

..... 150

##### **IV**

**Sobre as pertinentes observações com que provava Públio Nigídio que as palavras são de origem natural e não artificial.**

..... 152

##### **V**

**Se *avarus* (*avarus*) é uma palavra simples ou composta de duas partes, como Públio Nigídio pensa.**

..... 154

## **XI**

**Sobre o advérbio *mature*, qual sua etimologia e o uso impróprio que popularmente se faz; por que o genitivo de precoce (*praecox*) é *praecocis* e não *praecoquis*.**

..... 154

## **XIII**

**Qual é a explicação de *cum partim hominum*, expressão empregada pelos antigos.**

..... 156

## **XIV**

**Em que contexto Catão emprega “será cometida uma injustiça contra mim” (*iniuria mihi factum itur*).**

..... 158

## **XXI**

**Qual a causa de Cícero sempre ter cuidadosamente evitado usar as palavras *nouissime* e *nouissimus*.**

..... 158

## **Livro XI**

### **I**

**Sobre a origem do nome *Italia*; sobre a multa chamada *suprema* e a explicação dessa palavra assim como sobre a lei *Aeternia*; em que termos se apresentava, pelos antigos, a multa chamada *mínima*.**

..... 161

## II

Sobre a *elegância (elegantia)*, tomada pelos antigos não como comportamento agradável, mas considerada vício,<sup>163</sup> como refinamento na maneira de vestir e de comer.

..... 163

## III

Origem e importância da variedade de sentidos da partícula *pro*; exemplos dessa variedade.

..... 165

## VII

Sobre as palavras bastante antigas deixadas de lado – arcaísmos e sobre as palavras novas – neologismos.

..... 167

## XI

Texto de Públio Nigídio no qual escreve que mentir (*mentiri*) e contar uma mentira (*mendacium dicere*) são expressões diferentes.

..... 169

## XII

O filósofo Crisipo afirmou que todas as palavras são ambíguas e incertas, Diodoro, ao contrário, julga que nenhuma palavra é ambígua.

..... 169

## XVI

Sobre a difícil tradução de algumas palavras gregas para o latim, como a palavra *polypragmosyne*.

..... 171

## XVII

Sobre o significado das palavras *flumina retanda* nos antigos editos dos pretores:  
“Aqueles que têm por atribuição do Estado limpar a passagem dos rios.”

..... 173

## Livro XII

### III

Origem da palavra *lictor*, opinião de Valgio Rufo e Tullius Tirão, o liberto de Cícero.

..... 176

### VI

Sobre o enigma.

..... 176

### IX

Sobre as palavras ambíguas; a palavra *honoris* apresenta duplo significado.

..... 178

## X

Por que *aeditumus* (guardião do templo) é uma palavra latina.

..... 180

## XIII

O que significa a expressão *intra kalendas*, antes das *kalendas*, o dia das *kalendas* (*de kalendis*) ou os dois de uma só vez? No mesmo capítulo, o que significa, no discurso de Cícero, *dentro do oceano* (*intra oceanum*), *dentro do monte Taurus* (*intra montem Taurum*) e assim comoem uma carta *dentro da medida* (*intra modum*).

..... 182

## XIV

Qual é o valor e qual é a origem da partícula *saltem*

..... 188

## XV

Sisenna usa freqüentemente em sua *História* os advérbios às escondidas (*celatim*), *separadamente* (*uellicatim*), *em saltos* (*saluatim*).

..... 188

## Livro XIII

### I

Estudo sobre estas palavras de Marco Tulio que estão na primeira *Filípica*: *multa autem impendere uidentur praeter naturam etiam praeterque fatum* e, se no mesmo tratado, *fatum* e *natura* têm o mesmo significado.

..... 191

### III

**Se *necessitas* e *necessitudo* têm significados diferentes.**

..... 193

### VI

**O que diriam os antigos latinos sobre o que os gregos chamam □ *prosoidias*; já que nem os mais antigos Romanos nem os Áticos utilizavam a palavra barbarismo.**

..... 193

### X

**Qual a etimologia de *soror*, segundo Labeão Antistio e qual a de *frater* por Publio Nigidio.**

..... 195

### XVII

***Humanitas* não significa o que dela geralmente se pensa, mas os bons falantes empregaram-na com exatidão.**

..... 197

## Livro XIV

### V

**Sobre a disputa dos mais ilustres gramáticos de Roma sobre o vocativo do vocábulo *egregius*.**

..... 200

## **Livro XVII**

**Sobre a crítica que fazem Galo Asínio e Largio Licínio a respeito de uma frase de Cícero em seu discurso em prol de Célio e o que se pode afirmar contra essa crítica.**

..... 203

### **III**

**Palavras de Marco Varrão no livro XXV *Das antiguidades humanas*, no qual interpreta um verso de Homero de maneira diferente da já conhecida.**

..... 205

## **Livro XIX**

### **VII ...**

..... 208

### **VIII**

..... 210

### **X...**

..... 214

### **XIII...**

..... 218

**Livro XX**

**II**

**O que significa *siticinum* no discurso de Marco Catão**

..... 221

**VI**

**Se é mais adequado dizer *habeo curam uestri* ou *uestrum***

..... 221

**X. ...**

..... 225

**XI.**

..... 227

**Referências**

..... 228



**14** A estas pessoas que casualmente terão o tempo e o prazer de conhecer minhas pequenas meditações noturnas, quero pedir e pretender que quando estiverem lendo algo que já tenham aprendido em outro lugar, não as desprezem como comuns e perdidas no tempo; **15** pois pode haver algo tão raro e escondido que não o conheçam pelo menos alguns? É suficientemente lisonjeiro o fato de esses assuntos não serem comuns nas escolas nem nos livros de erudição. **16** Aos que, ao contrário, encontrarem assuntos completamente novos e desconhecidos, penso que é justo considerarem, sem crítica privada de fundamento, se essas observações, por mais diminutas e modestas que sejam, mesmo insuficientes para alimentar o estudo ou demasiado frias para alegrar e nutrir o espírito, se não são do gênero e da espécie que facilmente desenvolvem as inteligências dos homens mais vivazes, uma memória mais segura, uma faculdade mais hábil de falar, um discurso mais puro ou um prazer mais nobre no tempo livre e na diversão. **17** Os assuntos que, de todo modo, parecerem pouco claros ou menos organizados, digo que os conservei escritos não mais para ensinar do que para reter a atenção e, por assim dizer, satisfeito pela indicação de um caminho, seguirei através dele, e se lhe agradar, serão descobertos nos livros ou mestres.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> N. T.: Trecho que traduzi do prefácio escrito por Gélío à sua obra. Fonte do texto latino: [www.intratext.com/IXT/LAT0360](http://www.intratext.com/IXT/LAT0360) (acesso em 12.07.2004).

## ***Apresentação***

Segundo Gélío, e faço minhas as palavras dele, poderiam ser encontrados divertimentos mais prazerosos, mas ele fazia suas anotações para lembrar quando fosse oportuno e para que seus filhos pudessem ler quando estivessem desobrigados dos afazeres da vida. Seus textos foram compilados de maneira que não se pode observar uma ordem cronológica ou por assunto, parecem, ao contrário, seguir a casualidade, conforme os fatos iam acontecendo, ou quando tinha em mãos livros gregos e latinos que apresentavam qualquer assunto digno de memória.

As crônicas (pois assim nos parecem mais familiares) denominadas *capítulos*, que figuram na obra, foram produzidas no tempo em que Gélío, segundo ele mesmo<sup>2</sup>, se encontrava na Grécia completando os estudos que iniciara em Roma. Viveu lá longas e solitárias noites de inverno; não as lamenta, ao contrário, parece orgulhar-se delas, já que deram origem ao título da coletânea: *Noctes Atticae*. Para mim, assim como para Gélío, seu trabalho é digno de memória, já que também somos os filhos indiretos a quem ele se refere no prefácio. Pude avistar, ao iniciar a leitura do texto ainda na graduação, a possibilidade de traduzir um documento enciclopédico que, justamente por essa característica, poderia trazer o contato com escritos antigos, sua influência e relevância para o tempo de nosso autor e para a arte gramatical romana, bem como, fazer com que fosse possível lançar reflexões sobre nossos estudos contemporâneos de lingüística. Não posso medir, mas a contribuição fornecida por Gélío ao recuperar e manter vivos autores de quem não temos mais as obras, por certo é importantíssima para estudos semelhantes ao que estou me propondo: de tradução, lingüística e pesquisa.

---

<sup>2</sup> *Sed quoniam longinquis per hiemem noctibus in agro, sicuti dixi, terrae Atticae commentationes hasce ludere ac facere exsori sumus, (...) GELLIUS, Praefatio, 4.*

Comecei, como disse, a me dedicar à compilação destes comentários durante as longas noites de inverno da terra Ática (...)

Volto um pouco mais, para antes do século II d.C., mais precisamente para a Grécia Antiga, já que a curiosidade sobre as origens da linguagem passa a fazer parte das reflexões intelectuais dos homens desde a Grécia Clássica, tais especulações, como todas as demais ciências que mais cedo ou mais tarde conquistaram sua independência, foram colocadas sob a guarda da Filosofia. É no período helenístico, com a independência dos estudos gramaticais, que surge o termo *grammatiké*, definido por Aristóteles como ensino da escrita e da leitura. Já no tempo de Gélcio, período pós-clássico ou Idade de Prata da literatura latina, os estudos baseavam-se em textos clássicos escritos em língua latina ou grega e na confecção de comentários, correções e cópias. Os termos, por vezes, embora se refiram ao texto escrito, parece-me que podem ser reconhecidos na fala, embora minha análise seja de uma leitora do século XXI, que distingue língua falada de língua escrita.

Para Platão, no diálogo do *Crátilo*, a gramática é entendida como a arte que regula as letras na formação dos nomes. Depreende-se daí uma disciplina de caráter didático, uma análise de fatos de língua na forma escrita, então definida por Dionísio Trácio como experiência e não especulação. Saltando do período helenístico à época romana clássica, teremos definições como as de Varrão, o primeiro gramático latino importante de que se tem notícia (116 a 27 a.C.), em seu *De lingua latina, o conhecimento sistemático do uso lingüístico da maioria dos poetas, historiadores e oradores*.

Rapidamente, é possível perceber que a gramática é uma disciplina surgida de circunstâncias históricas e culturais que fazem dela um elemento de preservação do helenismo, origina-se com finalidades práticas, em alguns momentos de descrever e sistematizar fatos da língua; em outros, de prescrever os usos adequados, que não desagradariam os escritores mais notáveis. Alguns acontecimentos são providenciais para a afirmação da disciplina gramatical como autônoma: a ênfase à retórica ou o desenvolvimento da atividade de crítica de textos; a atividade cultural concentrada nas bibliotecas, tendo em vista primordialmente a preservação, para transmissão, da cultura helênica. Pesquisava-se e ensinava-se através das grandes obras do passado.

A arte gramatical romana se desenvolve a partir do modelo grego e esse modelo se desenvolve a partir da constatação de que a correção depende de regras precisas e gerais que não podem ser aplicadas indistintamente a todo discurso, ou dissociadas de seu conteúdo ou intenção. Então, atribui-se mais enfaticamente à gramática a tarefa de representar o conhecimento prático do uso que fizeram da língua os poetas, escritores, oradores e historiadores; como se pode perceber, as definições para a gramática variam e se aproximam, indo da arte de falar corretamente à arte de falar e escrever corretamente; porém, quaisquer que sejam as definições, elas têm um ponto em comum: falar e escrever corretamente deve ser entendido como adaptar-se aos usos estabelecidos pelos escritores ou especialistas. A definição de Dionísio da Trácia<sup>3</sup> (170 a 90 a.C.), precursor da gramática ocidental, *A gramática é o conhecimento prático do uso lingüístico comum aos poetas e prosadores* é semelhante à de Varrão, escrita em Roma praticamente na mesma época<sup>4</sup>. Há também muitos casos em que a gramática recebe atribuições de disciplina preparatória para que o indivíduo assuma determinadas funções, é o caso de Quintiliano (30 a 96 d.C.), em sua *Institutio Oratória* que tem a finalidade de ser uma preparação ao orador e apresenta um de seus seis livros totalmente dedicado aos estudos gramaticais, já que um estudo completo da correção propriamente dita tem em vista não só apontar as faltas, mas também os critérios e, subsidiariamente, a correção gráfica e ortográfica.

Convém assinalar que os estudos gramaticais, desde seu surgimento, orientaram-se partindo de pontos de vista e enfoques diferentes, como o modo de se atrelar o som de certas palavras ao objeto por elas representado, segundo os Naturalistas; os Convencionalistas consideravam que eram o uso e a tradição as bases para se eleger uma ou outra palavra na designação de um objeto, não havendo qualquer relação natural entre a palavra e o objeto referido. As primeiras investigações acerca da linguagem

---

<sup>3</sup> Dionísio da Trácia foi o verdadeiro organizador da arte da gramática na Antiguidade, dando-lhe uma forma que por muito tempo foi definitiva e cujos traços fundamentais ainda hoje podem ser reconhecidos em muitas obras gramaticais do Ocidente. (NEVES, 1987: 115).

<sup>4</sup> *Apud* ROBBINS, 1978: 37.

davam-se no âmbito das relações com a filosofia, constituindo-se parte essencial da problemática geral sobre a natureza do mundo que cercava os homens daquela época. Quanto à notícia que se tem sobre a introdução dos estudos gramaticais em Roma, é de que aconteceu quando Crates, filósofo e gramático estóico<sup>5</sup>, esteve em Roma participando de uma delegação política, por volta da metade do século II a.C. Naquela ocasião, fraturou a perna em um bueiro e teve de ficar acamado; enquanto isso, ensinava curiosidades gramaticais e literárias aos que estivessem interessados<sup>6</sup>. Ainda durante todo o século II, muitos pensadores gregos estiveram em contato com os latinos, trazendo-lhes as controvérsias e categorias gregas<sup>7</sup>.

Há pelo menos quatro nomes que merecem destaque no tocante aos estudos gramaticais em Roma: Varrão (116 a 27 a. C.), Quintiliano (30 a 96 d.C.), Donato (meados do século IV d.C.) e Prisciano (início do século VI d.C.). Varrão se filia ao pensamento estóico e, portanto, não poderia deixar de fazer parte da corrente anomalista<sup>8</sup>; Quintiliano escreve, dentre os seis livros de sua obra em que pretende tratar de retórica, um livro inteiro sobre os estudos gramaticais, considerados por ele como imprescindíveis para se formar um bom orador. Donato, em suas obras *Ars Maior* e *Ars Minor*, trata da língua latina de maneira mais didática, assim como o faz Prisciano (séc. VI), os dois últimos têm

---

<sup>5</sup> A escola estóica floresceu durante muitos séculos, tanto na Grécia como em Roma; daí advém a diferença de concepção do início ao final do período, além da heterogeneidade das civilizações então em contato. A palavra *estoicismo* deriva de *stoá* (gr. *stoa*/, "pórtico"), alusão à *stoá poikile* de Atenas (gr. *stoa*/ *poiki* "pórtico pintado"), onde o fundador da escola, Zênão de Cítion, se reunia com os discípulos. *Insistem os estóicos nas qualidades da linguagem: clareza, concisão, conveniência, propriedade, e, especialmente, belenismo, isto é, o uso da expressão autenticamente grega, não comprometida pelo elemento estranho.* (NEVES, 1987: 80).

<sup>6</sup> *Apud* ROBBINS, 1978: 36.

<sup>7</sup> *Apud* ROBBINS, 1978: 37.

<sup>8</sup> *Os estóicos admitem, pois, que a linguagem, emanção da natureza, apresenta, entretanto, anomalias, que eles observam e apontam (...).* (NEVES, 1987: 96).

Trata-se aqui de assumir a presença de irregularidades na língua que permitem a não adequação de um verbo ou nome a seu paradigma de flexão.

uma popularidade e prestígio muito maiores na Idade Média, devido aos modelos de ensino gramatical desenvolvidos na época.

Pelas recorrentes citações de Gêlio e pelo título de autoridade mais eminente no domínio da gramática dos antigos latinos, acredito que Varrão deva ser minimamente apresentado através das contribuições a obras posteriores como *As Noites Áticas* e de alguns traços que o tornam memorável, dois mil anos depois, tanto quanto o era em Quintiliano, onde é citado como *o mais esperto em letras*<sup>9</sup>, ou em Gêlio, onde surge como *colônia do saber*.

A respeito da herança de textos varronianos, São Jerônimo (**datas**) elenca cinco tratados de caráter gramatical: *De lingua latina*, *De sermone latino ad Marcellum*, *De origine linguae latinae*, *De similitudine uerborum*, *Epitome de lingua latina*. Os principais fragmentos que chegaram até nós são em número de 34 (grafia e fonética), 72 (morfologia - analogia, anomalia, vocábulos duvidosos), 309 (etimologia) e 110 (semântica).

O *De lingua latina* é o tratado varroniano puramente gramatical, pois em outras obras, ocupou-se também de agricultura e antiguidades romanas. O *De lingua latina* possuía 25 volumes, dos quais nos chegaram os livros do número 05 ao 10 e fragmentos dos demais. É bastante visível a importância que o autor dá ao tratamento da discussão corrente à sua época: analogia e anomalia, torna-se por isso, uma das principais e mais vastas fontes de que dispomos a respeito. Seu mestre, Elio Estilão<sup>10</sup>, estóico, muito provavelmente influenciou na maneira de conceber o pensamento lingüístico na obra de Varrão, que não somente adaptou à língua latina o que outros já haviam escrito, mas utilizou inteligente e eficazmente o que já havia sido produzido.

A originalidade atribuída a Varrão consiste na forma singular com que se reportou ao estudo do latim; suas afirmações estão ligadas a exemplos, explicações e comentários, sem dúvida provenientes de muito estudo. Porém, talvez por seu “modelo” não se referir

---

<sup>9</sup> *Apud* COLLART, J. 1978: 06.

<sup>10</sup> (H)Élio Precônico Estilão – gramático seguidor da filosofia estóica, lançou as bases do estudo regular da língua latina, com exemplos tirados dos mais antigos monumentos. (RAVIZZA, P. J. 1956: 476).

como o faz, por exemplo, Prisciano<sup>11</sup>, rigorosamente aos paradigmas e modelos gregos, Varrão<sup>12</sup> não gozou de grande popularidade na Idade Média<sup>13</sup>, durante esse período, Donat passou a ser sinônimo de gramática, Cfe. MENON, Comunicação pessoal, 2005.

Na constituição de seu *De lingua latina*, Varrão utiliza autores como personagens de diálogos, sem referências precisas. Dentre os autores que cita, aparecem estóicos, alexandrinos, aristotélicos, pitagóricos, gramáticos gregos, lexicólogos e compiladores. Além disso, nutrem-se também as controvérsias a seu respeito: há quem o defenda como um homem de inspiração única e inigualável, contudo, há quem diga que não passa de um compilador sem originalidade; porém seja uma ou outra a posição defendida, não se pode deixar de levar em consideração a amplitude e a variedade de sua documentação.

Sobre definições gramaticais, em uma, conservada por Agostinho (354 a 430), Varrão declara que os homens, uma vez providos de palavras, representam-nas graficamente por um número limitado de signos. (MICHEL, 1978: 167) Em outros fragmentos, mais explicitamente: as letras (*litterae*), ditas em substância, agrupam-se em

---

<sup>11</sup> Prisciano – gramático muito celebrado, nasceu em Cesaréia da Mauritânia, mas viveu, ensinando, em Constantinopla durante o império de Anastácio I (491 a 518). A sua obra maior, intitulada *Institutiones grammaticae* em 18 livros é o mais completo e sistemático tratado sobre a matéria que tenha chegado a nós, de antiguidade, com influência grandíssima e duradoura sobre todos os trabalhos congêneres, e tem especial valor pelas freqüentes citações dos clássicos. Prisciano se afasta um tanto de seus predecessores latinos, atendo-se de preferência aos gramáticos gregos, e em particular a Apolônio Díscolo. (RAVIZZA, P. J. 1956: 526).

<sup>12</sup> Marco Terêncio Varrão Reatino – nascido em Rieti, na Sabina, no ano 116, de antiga família retórica, mas educado em Roma, na escola de (H)Élio Preconico Estilão. (...) Como escritor foi uma fecundidade maravilhosa, tendo tratado de argumentos os mais variados. De suas 74 obras, em 620 livros, os que nos poderiam dar uma idéia exata do homem e dos seus tempos, infelizmente se perderam, e de muitas apenas os títulos conhecemos. (RAVIZZA, P. J. 1956: 478).

<sup>13</sup> O modelo didático apreciado não era o modelo teórico de Varrão, mas o modelo que contemplasse de maneira mais prática não só a definição, mas a distribuição das expressões da língua latina nas diferentes categorias gramaticais, algo realizado por Prisciano com maior fidelidade ao modelo grego de Apolônio Díscolo.

sílabas (*syllabae*); uma reunião de sílabas corresponde a um grupo sonoro interpretável (*dictio*), as *dictiones* se verificam em partes do discurso (*pars orationis*) e as partes do discurso unem-se e formam a frase (*oratio*). Através de seus escritos, Varrão percorre o curso desde o alfabeto até o enunciado, o que perpassa de filosofia da linguagem à gramática prática. Agostinho estuda os elementos de base do julgamento e da dialética: ele apreende a palavra *dictio* e a associa a *dicibile* ou *res-uerbum* (a coisa e a palavra); a fórmula varroniana parece de inspiração estoica. (MICHEL, 1978: 168) As outras definições têm um caráter técnico e pedagógico, elas determinam os domínios do gramático, segundo Varrão, “a ciência que serve aos poetas, historiadores e oradores.” Enfim, ainda uma definição conservada por Diomedes: “O ofício gramatical consta de quatro partes, *lectione* (leitura expressiva), *enarratione* (explicação literal das vias obscuras), *emendatione* (crítica textual), *iudicio* (o comentário literário)<sup>14</sup>.”

Com a idéia de etimologia<sup>15</sup>, os filósofos esperavam encontrar a chave para o acesso às origens da linguagem. Para alguns, a linguagem tinha origem natural; para outros, era convencional. É essa polêmica que Platão nos apresenta no diálogo do Crátilo. Na época helenística, a querela acontece entre analogistas e anomalistas. Para os eruditos alexandrinos, que são analogistas, declinações e conjugações correspondem a modelos convencionais (*tésis*); atentos aos disparates da linguagem, os filósofos estoicos são anomalistas, afirmam a leviandade das regras gerais e declaram que variedades e irregularidades reinam sobre a linguagem assim como sobre a natureza (*physis*).

No caso das idéias sobre forma e origem das palavras, Varrão utiliza rudimentos de fonética aplicada. Para justificar suas etimologias, ele apela para fenômenos de adição,

---

<sup>14</sup> *Apud* RIGHI, 1969: 67.

<sup>15</sup> Etimologia – a crença na origem dos nomes desvinculada de subjetividade arbitrária e de qualquer arte faz considerar que os nomes são verdades (*étymon*). A verificação dos modos de nominação constitui exatamente a verificação dos modos de formação das representações mentais. A etimologia é, pois, uma tarefa do âmbito da dialética. Ela verifica a concordância entre a palavra e o objeto denominado e, ao mesmo tempo, revela as verdades que esses nomes, como “étimos”, encerram. A palavra é um testemunho, e a etimologia revela a sabedoria. (NEVES, 1987: 91).



comutação ou mudança de letras, é assim que percebemos explicações que hoje atrelaríamos à fonética. Algumas explicações parecem fantásticas, outras são bem-vindas, como alteração do timbre das vogais anteriores (*amnis* – rio/*antemna* – antena) ou hesitação (*maximus/maxumus*), redução dos ditongos (*moenia* – muralha/*munire* – trabalhar em fortificação), rotacismo (*lases/lares*), dissimilação (*medius dies/meridies*), correspondência de *h* com *f* dialetal (*hircus/fircus*).

Quanto à analogia e anomalia, podemos observar alguns trechos de suas definições:

*Declinationum genera sunt duo, voluntarium et naturale; voluntarium est, quo ut cuiusque tulit voluntas declinavit. (...)*

*Contra naturalem declinationem dico, quae non a singulorum oritur voluntate, sed a communi consensu. (VIII, 21-3)<sup>16</sup>*

Ou mais especificamente:

*(...) quod in declinatione voluntaria sit anomalia, in naturali magis analogia. (VIII, 23)<sup>17</sup>*

Analogia x Anomalia: controvérsia originada nas discussões sobre a origem da linguagem ainda entre os gregos, mais precisamente entre os estóicos e alexandrinos,

*Não se trata, porém, agora, de uma simples relação palavra/objeto, mas, sim, de uma relação entre a regularidade e semelhança dos objetos e a regularidade e semelhança de sua expressão. Na busca dessa relação, o que se verifica, porém, é uma discordância e os estóicos encontram anomalia na linguagem. Isso significa o registro de uma importante separação entre a questão da origem da linguagem e da de seu funcionamento.”*

NEVES, 1987: 95.

---

<sup>16</sup> Dois são os tipos de declinação: a voluntária e a natural. É voluntária aquela que se declina pela vontade de cada um.(...) VARRO, Book VIII, 1938.

Nomeio declinação natural não a que vem da vontade de cada um, mas do consenso comum.

<sup>17</sup> Por haver anomalia na declinação voluntária, há mais analogia na natural.

Essa discussão foi base para grande parte da obra varroniana *De lingua latina* e mereceu, além de muitas aparições nos capítulos da obra de Gélío, uma atenção particular no Capítulo XXV, do livro II das Noites Áticas, momento em que Gélío utiliza as considerações teóricas de Varrão para explicar a controvérsia estabelecida entre Aristarco e Crates.

### ***Sobre Gélío e a obra***

A maioria das informações que consegui colher sobre a vida de Gélío estão presentes em seu texto, em textos que se referem a ele ou no belíssimo detalhamento feito por CAVAZZA<sup>18</sup>, na tradução do texto para o italiano e por MARACHE<sup>19</sup>, na tradução para o francês.

Há uma convergência de datas estimadas para o nascimento e vida de Gélío, em autores como PARATORE<sup>20</sup>, (...) *é, porém, lógica a hipótese de a sua ἀρχή<sup>21</sup> coincidir com a segunda metade do século*, ou CAVAZZA: (...) *la datazione fondamentale è ben sicura (Gellio fiorì verso la metà del II secolo d. C., sotto l'imperio di Antonino Pio)*<sup>22</sup>.

O nome foi grafado como *Agellius* na maior parte dos manuscritos e também em Prisciano (VI d.C.), o que provocou discussões durante o Renascimento, mas hoje já não é problema, a grafia está estabelecida como Aulus Gellius; em algumas referências pode ser encontrado somente Gellius, como em Agostinho, (*civ.* 9, 4)<sup>23</sup>. No tocante ao texto, também aparecem inúmeras divergências de manuscrito, não só em relação à grafia do

---

<sup>18</sup> GELLIUS, A. *Le Notti Attiche*, vol. I Trad. di Franco Cavazza. Bologna, Ed. Zanichelli, 1985.

<sup>19</sup> GELLIUS, A. *Les Nuits Attiques*. Vol I, II e III Trad. par René Marache. Paris, Ed. Les Belles Lettres, 1989.

<sup>20</sup> PARATORE, E. *História da Literatura Latina*. Trad. Manuel Losa. Fundação Calouste Gulbenkian, Ed. Lisboa, 1987, p. 286.

<sup>21</sup> *Ἀρχή* – nascimento.

<sup>22</sup> (...) *a datação fundamental é bem segura (Gélío nasceu por volta da metade do século II d.C, sob o império de Antonino Pio)*. (CAVAZZA, 1985: 17)

<sup>23</sup> *Apud* CAVAZZA, 1985: 15

nome de Gélío, como em relação à grafia das palavras no próprio texto. Para este trabalho de tradução, optei pelo manuscrito que serviu de base ao texto de MARRACHE, já que não tive acesso aos documentos originais.

Quanto à família de Gélío também não é possível fazer afirmações com convicção sobre quem eram ou como viviam; pode-se fazer algumas suposições juntando informações aqui e ali. Alguns julgaram-no de origem africana, como os representantes mais expressivos daquele tempo – Cornélio Frontão<sup>24</sup>, Lúcio Apuleio<sup>25</sup> – ou um dos mestres de Gélío: Sulpício Apollinário<sup>26</sup>, porém, não se pode pensar em outra origem que não seja romana, já que ele mesmo se denomina assim em sua obra (2, XXI, 1 *Graeci Romanique homines...*)<sup>27</sup>; sobre outros Gélios (Gellii), podem ser recordados alguns como Lucio Gellio Publicola (pretor em 94, cônsul em 72 e censor em 70 a.C.); No livro 8, capítulo XIV, é mencionado Gneo Gellio, autor de Anais, um típico representante dos escritores arcaicos que Gélío tanto apreciou em sua obra. Essas notícias particulares provêm quase que exclusivamente de seu próprio texto.

O autor nasce no século II d.C., por volta do ano 122, sob o império de Adriano (único imperador citado na obra geliana, sempre como *diuus*, quer dizer, morto e divinizado, conforme o costume). Gélío torna-se discípulo de Sulpício Apollinário por volta de 138 a 146; torna-se *adulescentulus* em Roma, e antes de ir à Grécia, aprende com

---

<sup>24</sup> Cornélio Frontão – geralmente indicado pelos escritores dos séculos imediatamente sucessivos com o nome de orator, e considerado pelos contemporâneos como segundo só a Cícero, nasceu em Cirta na África, pelo ano 90. (RAVIZZA, P.J. 1956: 512).

<sup>25</sup> Lucio Apuleio – deduz-se que nasceu entre 125 e 130 de família abastada. Passou para Atenas para adquirir sólida cultura e depois de uma viagem dispendiosa ao Oriente, voltou à África. (RAVIZZA, P.J. 1956: 515).

<sup>26</sup> Sulpício Apolinário – um dos mestres gramáticos de Gélío, que também se ocupou da métrica. (RAVIZZA, P.J. 1956: 513).

<sup>27</sup> *Apud* CAVAZZA, F. 1985: 16.

Cornélio Frontão, estuda retórica com Tito Castrício e Antônio Giuliano; no período de 142 a 144, empreende sua primeira viagem à Grécia, conhece Erode Ático, cônsul no ano 143 (I, 2, 1); no retorno, passa a instruir-se em grande medida com Favorino (que sabia grego, língua em que Gélcio havia se aperfeiçoado em sua viagem à Grécia) e também com Frontão, que era cônsul em 143. No período de 147 a 150, recebe o título de juiz *extra ordinem* (extraordinário). No período de 150 a 152, Gélcio está novamente na Grécia, onde conhece o filósofo Peregrino (XII, 11). No seu retorno a Roma, continua se dedicando à composição das Noites Áticas, iniciadas na Grécia. Segundo a informação que dá no prefácio, é um ávido leitor, mas um escritor razoável. Ainda conforme o prefácio, sua atividade cultural teve de dividir espaço e tempo com os afazeres familiares e sociais, restando assim, somente o tempo livre para que fizesse suas anotações. A datação de seu prefácio é de 175 a 177; logo, não se pode atribuir data de falecimento de Gélcio antes disso. Cavazza nos assinala a possibilidade de determinar uma data aproximada para o matrimônio de Gélcio: 151 a 152 e a data de publicação do texto das Noites Áticas por volta de 175 a 177, o que pode fazer crer que ele já tivesse, quando escreve o prefácio, filhos em idade de ocupar-se com os próprios negócios, a ponto de seu pai oferecer-lhes suas páginas como fonte de descanso e ócio.

As Noites Áticas definem-se, então, como o propósito de uma vida; é possível perceber que o autor dedicou muito de seu tempo ao recolhimento e anotações de seus comentários para, depois, agrupá-los e publicá-los; não obteve informações a respeito de algum outro título cogitado para a obra: *Noctes Atticae* parece ter sido o nome da vida inteira, ainda que não nos permita traçar uma ordem cronológica através dos capítulos, pois foram escritos e agrupados sem seguir uma ordem cronológica ou de qualquer outro tipo (ora as referências e as companhias estão na Grécia, ora em Roma).

No tempo de Gélcio (século II d.C.) vigorava a *Idade de Prata da Literatura Latina*, período de extensa produção de comentários e epítomes. Roma está sob os louros da tranquilidade, tanto em relação a outros povos quanto internamente. É provável então que a obra tenha sido realmente composta durante o governo de Antonino Pio (138 a 161

d.C.), quando não havia destaque para problemas sociais, políticos ou econômicos. Sobre esse tempo, geralmente lamenta-se a pouca produtividade:

*Isto é, aconteceu neste século que, entre os gramáticos, não aparecem mais têmperas de estudiosos capazes de propor soluções originais de problemas lingüísticos e de traçar uma exegese largamente compreensiva dum texto literário; domina, como que em obediência a uma necessidade dos tempos, a tendência a sistematizar, em forma de excerpta e de colaborações cautelosas, o tesouro da erudição transmitida pelas épocas precedentes. Era um sinal da velhice incipiente; mas era ainda um programa perseguido solidamente e com plena consciência por personalidades não mediócras.*

PARATORE, 1987: 213

Percebe-se que são modestas as aparições de Gélio quando se trata do cenário abrangente da literatura latina, pois corre o risco de ser visto como representante de uma moda que era a confecção de enciclopédias durante a Idade de Prata da Literatura Latina, período em que vive e escreve. Porém, não pode ser desprezada sua contribuição como transmissor e colaborador para a conservação da literatura e dos pensamentos de sua época.

A superficialidade e brevidade dos comentários podem ser justificadas, dentre outros argumentos, por um que é acenado pelo próprio Gélio: o fato de ser um homem muito ocupado com outros afazeres que não escrever; porém o conteúdo da obra, como um paradoxo despretensioso, acaba ressaltando o combate às falácias e também à superficialidade dos que faziam afirmações sem conhecimento de causa, como nos textos em que retrata as discussões com os “gramáticos”.

Além disso, no que concerne ao conteúdo, vem ao caso salientar a época histórica da composição da obra: não há guerras, logo, os homens podem ocupar-se e preocupar-se com afazeres intelectuais e não com ações de guerra e recrutamento de soldados. O período de paz sob o qual Gélio pôde compor sua obra foi assegurado por Trajano (98 a 117 d.C.) e Adriano (117 a 138 d.C.). Esse período, a Idade de Prata, pode ser empregado como argumento de defesa das causas com que se preocupa nosso autor: não há engajamento com problemas sociais, políticos ou econômicos, o que não nos permite

prever discussões apaixonadas e inflamadas sobre esses assuntos. Estamos então diante de um documento que registra a passividade de um período, sem grandes problemas cotidianos, mas recheado de pequenas curiosidades e erudições típicas de reuniões elitistas de então.

As Noites Áticas estão compostas em 20 livros, divididos em 398 capítulos, dentre os quais 246 dedicados a especulações e reflexões gramaticais<sup>28</sup>; a obra toda é um mosaico de curiosidades e erudição; os principais temas abordados são gramática, matemática, nomenclaturas do direito civil e religioso, astronomia e antiguidades (antropologia). Através do levantamento do número de capítulos motivado pelo assunto tratado nos textos, acompanhando a tradução e o conteúdo, pude observar que, apesar de dedicados a cada um dos saberes, o maior número deles é dedicado à gramática, versando sobre métrica, prosódia, etimologia, léxico e em grande medida, morfologia. A partir da leitura integral da obra, podemos atribuir um interesse maior de Gélío em relação à língua não só pelo número de capítulos a ela dedicados, mas pelas explicações dadas por ele quando trata dos demais assuntos: a explicação parte em muitas das vezes da morfologia ou etimologia dos vocábulos, tentando reconstruir formas mais antigas da língua e seus significados originais, assim como já fazia Varrão<sup>29</sup>.

Nas consultas a bibliografias relacionadas a Gélío, citadas nas referências deste material, pude contar com a tradução comentada de Franco Cavazza, bem como com suas recomendações bastante didáticas sobre como ler mais proveitosamente os escritos de Gélío. Cito abaixo um trecho da introdução à tradução de Cavazza, que prepara o possível leitor:

---

<sup>28</sup> *Apud* CAVAZZA, 1985: 11.

<sup>29</sup> VARRO. De língua latina. Books V – VII. Translation by Roland G. Kent. Cambridge, MA and London: Harvard University Press, 1938.

*Premesse generalli sull'autore e sull'opera*

*... può essere ancora interessante o, addirittura, ancora leggibile per un moderno un autore come Gellio, nelle cui pagine manca la genialità che trascende un'epoca e manca una grande spiritualità, e la cui tematica, come si può evincere anche solo da quanto ho appena detto, risente fin troppo di una moda o di un gusto limitato ad un preciso periodo di tempo della nostra storia culturale?*

CAVAZZA, 1985: 13

Premissas gerais sobre o autor e sobre a obra

... ainda pode ser interessante ou, por assim dizer, ainda legível para um [leitor] moderno, um autor como Gélío, em cujas páginas falta a genialidade que transcende uma época e falta uma grande espirituosidade, e em cuja temática, como se pode evidenciar só pelo que acabei de dizer, parece até muito com uma moda ou um gosto limitado a um exato período de tempo de nossa história cultural?

Ressalto aqui que apesar da indicação nas fontes consultadas, CAVAZZA e MARACHE, a respeito do número de capítulos dedicados à gramática, a seleção resultou em um conjunto mais breve, evitando, por exemplo, capítulos que tratassem das explicações gramaticais em segundo plano, como justificativas para nomes atribuídos a algum fato, o que aponta, desde o início, para a necessidade de uma complementação do estudo.

As poucas referências que se tem sobre a vida de Gélío estão em sua maioria, no prefácio à própria obra. O prefácio consta de algumas informações, tais como que tinha ou almejava ter filhos e que estava realizando seus estudos na Grécia quando começou a escrever seus comentários. Sua obra não está restrita ao estudo da gramática, mas estende-se das ciências naturais às exatas sem maiores dificuldades, o que faz com que se lhe atribua a qualidade de enciclopédica.

O início do prefácio, como pude perceber nas edições que consultei (CAVAZZA e MARACHE), foi perdido. A parte recuperada começa com a explicação dada por Gélío para

o tipo de anotação que faz e para o tipo de herança intelectual que deseja legar a seus filhos, através destas anotações.

*(...) iucundiora alia reperiri queunt, ad hoc ut liberis quoque meis partae istiusmodi remissiones essent, quando animus eorum interstitione aliqua negotiorum data laxari indulgerique potuisset.*<sup>30</sup>

### **Gélio, seu trabalho e o meu**

Como já disse anteriormente, por não ter, durante minha pesquisa, acesso a outras fontes, não vou me preocupar com detalhes de divergência de grafia dos manuscritos, pois tomei como base para a tradução o mesmo texto utilizado por MARACHE, já que ele havia utilizado um único manuscrito.

*Noctes Atticae*: O título da obra pode ser lido de duas maneiras (Noites da Ática ou Noites Áticas), já que a concordância pode se dar tanto entre adjetivo e substantivo, ambos declinados em nominativo plural (Noites Áticas), como entre substantivo em nominativo plural e adjetivo em genitivo (Noites de Atenas). O nome da obra, como explica o próprio autor, surgiu no tempo em que ele esteve na Grécia completando os estudos, é a reunião de suas anotações sobre conversas informais e discussões originadas de encontros - também informais - entre eruditos, seus mestres e seus amigos, cuja argumentação geralmente é baseada em citações de Cícero, Plauto, Favorino, Gávio Basso e Varrão (com maior incidência). Assim se resume a importância do trabalho de Gélio:

*Os 20 livros de crônicas de que se compõe essa obra são preciosos pelos ensinamentos sobre homens e coisas da Antigüidade, fragmentos de autores cujos escritos se perderam, tudo escrito em um estilo fantasioso e impessoal, muitas vezes com os defeitos das obscuridades e recheados de arcaísmos e barbarismos.*

PEDROZA, 1947: 152

---

<sup>30</sup> (...) podem ser encontradas ocupações mais agradáveis para este fim, que também os meus filhos, ao procurarem recreações de tal gênero, quando suas mentes, por ocasião de alguma pausa de suas atividades, pudessem relaxar e encontrar contentamento.



*(...) A originalidade da coletânea (aquilo, sem dúvida, graças a que ela sobreviveu) reside na apresentação, na montagem hábil dos excerpata, que faz de cada questão estudada um pequeno debate dramático.*

*(...) Ao lado de informações sobre tal detalhe curioso de história, de instituições, etc., Noites Áticas reúne também um grande número de observações sobre a letra dos textos antigos. Esse conjunto é precioso, qualquer que seja a contribuição pessoal do autor. Através das observações feitas ou relatadas por Aulo Gélíio, vemos desenhar-se o paradoxo da escrita que é ao mesmo tempo um meio de acesso e um obstáculo, que conserva e trai. Sobretudo, com Noites Áticas temos um quadro completo e autêntico de como era a maneira de considerar os textos e a escrita lá pela metade do século II de nossa era: insuficiências da escrita, dificuldade da leitura, estabelecimento dos textos, pesquisa dos velhos manuscritos, discussão entre letrados e gramáticos... são todo um setor do pensamento antigo que podemos captar em seu livro.*

DESBORDES, 1995: 39.

É importante salientar desde o princípio que o que Gélíio escreve não é e tampouco se propõe a ser uma gramática, ou qualquer conjunto de normas que regem a língua latina. Na verdade, o que se deve e pode esperar da obra geliana é um tratamento extra-escolástico, ou seja, que não prima por definições ou detalhamentos gramaticais, mas que se dedica com deleite a ocorrências de formas raras, preciosismos e exceções. No entanto, não podemos deixar de perceber assuntos estimados pelo ensino tradicional, como origem da linguagem, etimologia, lógica e dialética.

Por conseguinte, o que se pode esperar do trabalho que irei apresentar também não é uma descrição da *Arte gramatical romana*, mas de alguns elementos e textos pertencentes a esse período que se tornam imprescindíveis para a compreensão não só da obra de Gélíio, mas, ainda mais restritamente, aos capítulos que me propus a traduzir. Um dos capítulos selecionados, citarei a seguir, como exemplo da importância conferida por Gélíio às exceções.

**1** *Públio Nigíidio, em suas notas gramaticais chama o homem inclinado à bebida bibax e bibosus. 2 Bibax como edax (guloso), foi usado por muitos outros, como tenho constatado,*

mas bibosus não encontrei em parte alguma, a não ser em Labério, e não há outra palavra formada da mesma maneira. **3** Pois não se assemelha em nada com uinosus e uitiosus e outros vocábulos dessa espécie, que são formados a partir de nomes e não de verbos. **4** Labério, no mimo<sup>31</sup> chamado Salinator, usou a mesma palavra: “sem peitos avantajados (non mammosa) , nem velha (non annosa), nem alcoólatra (non bibosa) , ou desbocada.”

**Livro 3, cap. XII, p. 2**

Nesse sentido, apesar de não ser uma obra que se proponha a tratar de gramática, ou de algum didatismo referente ao ensino de gramática, muitos de seus capítulos (246 dentre os 398 que compõem a obra) cf. CAVAZZA, 1985: 14 estão destinados a tratar despretensiosamente de conversas que envolvem assuntos relacionados ao que se pensava, se ensinava e se escrevia sobre gramática ou literatura em seu tempo, passando pelos fatos de pronúncia (obviamente ainda sinônimo de ortografia):

**I. Fonética**

**1** A letra *h* ou aspiração, se achar melhor dizer assim, os antigos latinos inseriam-na para sustentar e reforçar a sonoridade de muitas palavras a fim de que se escutasse de forma mais vigorosa e possante. **2** É bem sabido que os antigos disseram (...)

**Livro 2, cap. III, p.2**

**II. Morfologia**

**1.** Eu, cansado de longa meditação, descansava e passeava um dia no campo de Agripa, onde encontrei dois gramáticos ilustres na cidade de Roma e presenciei uma discussão acirrada, em que um defendia que o vocativo de egregius é egregi e o outro dizia ser egregie.

**Livro 14, cap. XVI, p. 2**

---

<sup>31</sup> N. T.: *Mimus*, - representações pantomímicas, representação por meio de gestos de cenas (mímicas) da vida quotidiana, às vezes com cenas e linguagem obscenas. (GAFFIOT, 1934: 977).

### III. Sintaxe (concordância)

**5** Após ter analisado o livro, disse que não havia nem erro nem corrupção e que Cícero utilizou muito bem o vocábulo à moda antiga. **6** “Pois futurum, disse, não se refere diretamente a rem como parece aos que lêem apressada e superficialmente; não tem valor de partícipio, é uma forma verbal indefinida a que os gregos chamam *απαρεμπατον*, que não se submete nem à flexão de número nem de gênero, completamente independente e sem relação com nada (indefinida). Caio Graco empregou uma palavra parecida em seu discurso cujo título é: ‘Sobre Quinto Pompílio a propósito das assembléias’, onde está escrito: **7** “Creio que meus inimigos dirão isso. Escreveu inimicos dicturum e não dicturos.”

**Livro 1, cap. VII, p. 4**

### IV. Etimologia

## IX

**O que propriamente significa religiosus e para quais sentidos particulares a palavra se dirigiu, uma citação sobre o sujeito tomada das Notas de Nigídio Figulo.**

**1** Nigídio Figulo, em minha opinião, homem mais douto depois de Varrão, no livro XI de suas Notas gramaticais, apresenta um verso de um poeta antigo bastante digno de memória:

“Seja escrupuloso (religenter), mas não supersticioso (religiosus),”

ele não escreve de quem é esse poema. **2** Mas acrescenta ao mesmo trecho: “As palavras derivadas a partir de certa formação como uinosus – dado ao vinho; mulierosus – libertino; religiosus – supersticioso; nummosus – endinheirado e todas as semelhantes a estas, indicam excesso ou abuso da coisa referida: desta forma, chamava-se religiosus ao que era dado exageradamente a uma religião, fato que assinalava um vício.”

**Livro 4, cap. IX, p. 16**

## V. Morfologia (o papel dos sufixos)

Imprescindível é que se tenha em mente que uma análise minuciosa não pode ser esperada devido ao tipo de especulação que se fazia sobre a língua na época. O emprego da metodologia e da nomenclatura de que se dispõe hoje, por certo não será buscado aqui, como, por exemplo, aconteceria, ao se esperar que o fato de se inserir *h* diante de algumas palavras, porque são pronunciadas com aspiração, fosse nomeado como um processo relativo ao som (fonético) antes de ser de grafia (ortográfico/morfológico).

A proposta de tradução de alguns desses capítulos da obra *Noites Áticas* de Aulo Gélíio foi baseada em alguns passos - que enumero a seguir - a partir do contato com o texto traduzido por Cavazza, que me ofereceu a possibilidade de realizar um trabalho em etapas de igual importância desde o início:

- a) leitura dos capítulos traduzidos inicialmente para o italiano (CAVAZZA) e, depois, para o francês (MARACHE);
- b) seleção daqueles que me pareceram os que mais declaradamente tratavam de especulações e ensinamentos gramaticais, sua origem e suas ocorrências;
- c) busca de um padrão de regularidade ou de divisão entre esses capítulos;
- d) leitura de textos citados na obra, principalmente os de Varrão, fonte em que mais vezes se apóia o autor, com 84 referências<sup>32</sup>.

É possível que alguns ou muitos dos capítulos da obra que ficaram sem tradução oferecessem ou venham a oferecer textos tão surpreendentes quanto os que apresento neste trabalho; porém não foi possível contemplá-los agora, já que minha proposta era de tradução para uma seleção de capítulos e não para toda a obra.

---

<sup>32</sup> Recolhi este dado de um artigo publicado por Jean COLLART, intitulado *L'Oeuvre grammaticale de Varron*. Em tal estudo, apresenta-se uma perspectiva histórica da gramática em Roma e a importância do texto varroniano como influência para estudos gramaticais posteriores, COLLART, J. *L'Oeuvre grammaticale de Varron*. Paris: Les Belles Lettres, 1978, p. 3.

### ***A escolha***

Como já ressaltado, o primeiro passo consistiu na leitura e seleção dos capítulos a traduzir, que levou em conta os assuntos tratados por Gélío (especulações sobre língua), foi possível agrupá-los por características gramaticais, que me pareceu uma divisão possível e racional. É provável que outras divisões pudessem ter sido propostas, para eleger a que segue, optei pelo tipo de tratamento dado ao assunto no desenvolvimento de cada capítulo e como podemos observar, a maior parte dos capítulos desenvolve o raciocínio etimológico, o que era comum para a época:

<b>Livros</b>	<b>Capítulos</b>	<b>Morfologia/ Ortografia</b>	<b>Sintaxe</b>	<b>Etimologia</b>	<b>Total de capítulos traduzidos</b>
<b>I</b>			VII, XVI, XXI	IV, X, XVIII, XXII, XXV	08
<b>II</b>		III, XVI, XVII, XXV	XIII	IV, X, XIX, XX	09
<b>III</b>		XII	XIV	XVIII, XIX	04
<b>IV</b>		VII, XVI, XVII		I, II, IV, VI, IX, XV	09
<b>V</b>		IV		VII, VIII, X, XVIII, XX, XXI	07
<b>VI</b>		II, VII, IX, X, XVII		XIII, XXI	07
<b>VIII*</b>					
<b>IX</b>		VI, IX, XIV		I, X, XII	06

<b>X</b>		I, V, XIII	XIV	IV, XI, XXI	07
<b>XI</b>		III		I, II, VII, XI, XII, XVI, XVII	08
<b>XII</b>				III, VI, IX, X, XIII, XIV, XV	07
<b>XIII</b>				I, III, VI, X, XVII	05
<b>XIV</b>		V			01
<b>XVII</b>				I, III	02
<b>XVIII</b>				IV, V, VI, VII, IX, XI, XII, XIV	08
<b>XIX</b>				VII, VIII, X, XIII,	04
<b>XX</b>		VI, XI		II, X	04
<b>Total de capítulos traduzidos</b>					96

*\* Em relação aos capítulos do livro VIII, optamos por não traduzir todo o índice, pois há uma secção justamente nesta parte da obra, o que não permite que tenhamos acesso aos textos, somente ao índice.*

Para separar os assuntos tratados por Gélio de acordo com as divisões gramaticais em morfologia, sintaxe e etimologia, foram levados em consideração alguns critérios:

**Morfonologia/Ortografia:** Neste bloco coloquei os capítulos que tratam das formas e constituição de palavras, criação de outras tantas e de inserção de letras diferentes na grafia para representar sons provenientes, em sua maioria, de palavras gregas.

**Sintaxe:** Para este grupo foram os capítulos que tratavam de aspectos relacionados à organização sintática das palavras, principalmente relacionados a observações de concordância e regência.

**Etimologia:** Este, como podemos facilmente observar na tabela, é o grupo que mais capítulos agrupou, pois se trata da maneira mais recorrente de explicar palavras; mesmo que o assunto do capítulo não fosse propriamente alguma especulação de língua, a explicação através da origem ou de formas primitivas da expressão em questão, é empregada em grande parte dos capítulos.

### **Metodologia (critérios para a tradução em português)**

A fim de facilitar a leitura da tradução, foram seguidos alguns critérios que permitem ao leitor comparar o texto latino ao texto proposto como tradução por estarem os dois dispostos lado a lado, também houve uma tentativa de aproximação do texto da tradução para um português contemporâneo em formas de tratamento, escolha vocabular, ordem de palavras e sentenças e algumas notas de rodapé com esclarecimentos, como segue:

1. Reprodução do texto latino *pari passu* com a tradução, em página-espelho;
2. Para designar a 2ª pessoa do singular, optei pelo uso de *você* e para a 2ª pessoa do plural, *vocês*, já que essas duas formas praticamente substituíram as formas *tu* e *vós*, respectivamente, no português brasileiro.
3. Inserção de notas de rodapé representadas pelas abreviações:  
N. B.: *Nota biográfica* – indicações, sempre que possível, sobre as personagens envolvidas no texto;  
N. E.: *Nota explicativa* – explicações necessárias sobre as construções apresentadas;

N. T.: *Nota de tradução* – explicações sobre as acepções diferenciadas atribuídas a algumas palavras.

Talvez o capítulo XXVI do livro II das Noites Áticas esclareça um pouco mais a escolha dos capítulos traduzidos, já que ele mesmo não faz parte do corpus selecionado:

## XXVI

*Conversa entre Marcos Frontão e o filósofo Favorino sobre os diferentes tipos de cores, seus nomes gregos e latinos; e no mesmo capítulo, spadix é o nome de que cor.*

MARACHE, 1967, p. 131

Reitero que os capítulos selecionados foram escolhidos pelo conteúdo apresentado. Foram privilegiados os que tratam em alguma medida de especulações, reflexões e asserções em torno da língua no tempo de Gélion e seus antecessores, embora esteja certa de que a obra merece uma tradução integral, o que se apresenta como um possível trabalho posterior a este.

A tradução, pode-se dizer, segue os padrões gelianos, não elegi apenas uma ou outra possibilidade que privilegiasse uma tradução mais ou menos rígida, isso seria abandonar a idéia presente nos próprios textos: a concepção e aceitação da anomalia, dos preciosismos ou das peculiaridades é algo que chama a atenção desde o princípio e que também torna a tradução bastante complexa, dado que pouco conhecemos de expressões singulares ou o a predileção momentânea por aquilo que podemos aproximar das gírias e o que podemos aproximar de palavras obsoletas. Ressalto que mantive a divisão do texto latino em pequenos trechos numerados dentro de cada capítulo, como se fossem versículos, não posso afirmar se essa estrutura foi dada ao texto por Gélion ou por quem estabeleceu o texto posteriormente; na maioria das vezes, a ordem ou estrutura das orações teve de ser alterada para que a sintaxe em português fosse privilegiada, desde



que fosse mantido o mesmo sentido, tarefa que não realizei de antemão, mas em uma segunda leitura dos capítulos e sua tradução com sugestão e auxílio dos orientadores.

Trabalhar com textos dos mais antigos no que diz respeito às reflexões lingüísticas na Antigüidade - e este, em específico, à Antigüidade latina - implica, sobremaneira, estar atento ao abismo que separa as duas épocas: não só o visível e comprovadamente temporal, mas o dos contextos, um primeiro, quando surgem as nomenclaturas, as estruturas, as definições e interpretações; um segundo, contemporaneamente, quando não podemos deixar de nos sentir privilegiados ao fazer uso dos aparatos que possuímos para os estudos lingüísticos quase dois mil anos mais tarde. Ainda que os dois momentos se assemelhem e ofereçam algumas familiaridades bastante eficazes na tentativa de situar o leitor no texto – no que concerne ao desenvolvimento dos estudos gramaticais – não podemos deixar de assinalar que isso há de parecer contraditório e paradoxal em mais de um momento; se houve desenvolvimento, é possível e provável haver tantas semelhanças? Sim e não, e sob o prisma das semelhanças explicáveis é que podemos esclarecer que os conceitos, assim como a própria língua podem, como de fato ocorreu, sofrer mudanças, acréscimos ou decréscimos quando observados ao longo do tempo.

\*\*\*

Por fim, este trabalho é fruto da expectativa de que o texto de Gélio seja bastante relevante para a explicitação, análise e compreensão das características e contribuições para o estudo da língua dessa fase da Antigüidade Clássica. Como é característico das obras compostas nesse tempo (Idade de Prata), a composição enciclopédica proporciona, além do contato com vários tipos de saber, o contato com o saber construído sobre o pensamento lingüístico.

A intenção do trabalho realizado até aqui é poder apresentar Gélio ao leitor, traduzi-lo, talvez compreendê-lo e convidar esse potencial leitor à leitura de seus textos,

produzidos em uma época em que muito se refletia sobre obras já existentes. Levo em consideração a hipótese de que as alternativas desde vocabulares até estruturais que elegi são uma proposta de diálogo com o texto já existente, tendo em vista que elementos culturais na maioria das vezes, são muito difíceis de expressar na língua a que se pretende transportar um texto. A partir da percepção dessa dificuldade, conforme sugestão da banca de qualificação, passei a observar com mais atenção a opinião de alguns autores de prestígio sobre o assunto e constatei que a tarefa de confeccionar um texto fiel e ao mesmo tempo legível, não é tarefa fácil, como percebe-se em:

*(...) isto de traduções é uma eterna lâstima. Alguns de meus contos aparecidos em revistas de Buenos Aires são até de irritar. E pelo que fazem nos meus contos, imagino a borracheira em que os lusitanos terão transformado as centenas de obras internacionais que traduziram. Tenho diante mim a tradução de The Vicar of the Wakefield, que é uma obra-prima da literatura inglesa; pois o raio do labrego transformou-a em “bota”- com “s”. Gosto tanto desse livro, que me vem vontade de eu mesmo pô-lo em língua nossa.*

*(...) Mas insisto em obter traduções como as entendo. Essas traduções infamérrimas que vejo por aí, não as quero de maneira nenhuma. Mas é difícil...*

LOBATO, M. *A barca de Gleyre*, 1944, (vol. 2), p. 266.

*A tradução tem de ser um transplante. O tradutor necessita compreender a fundo a obra e o autor, e reescrevê-la em português como quem ouve uma história e depois a conta com palavras suas. Ora, isto exige que o tradutor seja também escritor – e escritor decente.*

Idem, p. 116

*Folhee a tradução (“A sabedoria do destino”), li aqui e ali, e li com atenção os dois primeiros capítulos. Helas! É tradução ao tipo de quase todas por aí, que seguem o texto literalmente e matam toda a claridade da obra. Duvido que um leitor qualquer leia e entenda o que Maeterlinck quis dizer no capítulo I, em português, e no entanto está traduzido fielmente. Eis o erro. A tradução de fidelidade literal, isto é, de fidelidade à forma literária em que, dentro da sua língua, o autor expressou o seu pensamento, trai e mata a obra traduzida. O bom tradutor deve dizer exatamente a mesma coisa que o autor diz, mas dentro da sua língua, dentro da sua forma literária.*

Ibidem, p. 118.

O estudo está disposto nesta modesta parte introdutória que trata um pouco ou “do pouco” sobre a vida, a obra e as influências recebidas por Gélío. A partir do que recolhi sobre e em Gélío, procurei expor na apresentação que chega ao fim, o que já se havia feito antes dele e como a gramática chegou da maneira como chegou até seus dias. Depois, apresento os resultados obtidos até aqui na etapa da tradução, os textos seguem a disposição do texto que serviu de base para a tradução de Marache. Em relação ao trabalho de tradução, nossa expectativa é de trazer uma possibilidade de leitura para as Noites Áticas, que permaneciam inéditas em língua portuguesa, que não pretende aqui, sobremaneira, ser definitiva.

O que é preciso privilegiar e manter em uma tradução por certo é uma questão complicada e não foi diferente nas escolhas vocabulares que tive de fazer ou nas escolhas estruturais. Procurei seguir o mais próximo possível o texto latino, sem que isso interferisse a estrutura portuguesa, pois o que poderia significar para mim uma leve flexibilidade para a tradução, poderia, para outros, representar uma tradução demasiadamente livre ou então, uma tradução parafraseada.

Invoco Lobato ainda uma vez esperando estar no início daquele caminho que ele trilhou e pretende findar; que esta tradução não seja medíocre a ponto de ser a última, mas que seja suficiente a ponto de ser a primeira encorajadora das que podem vir.

*Essa tradução é a última que faço, e fi-la porque já tinha traduzido os primeiros volumes. Ufl!... Chega. Mas vou ter saudades. Como é bom, como é absorvente traduzir um bom livro! (...)*

*Bem, volte à sua tradução. Goze essa delícia de que desassissadamente eu vou me privar. Foi a tradução que me salvou depois do meu desastre no petróleo. Em vez de recorrer ao suicídio, ao álcool ou a qualquer estupefaciente recorri ao vício de traduzir, e traduzi tão brutalmente que me acusaram lá fora de apenas assinar as traduções. Mas era o meio de me salvar. Hoje me sinto perfeitamente curado, – e por isso abandono o remédio.*

LOBATO, M. *A barba de Gleyre*, 1944, (vol 2), p. 335

## ***LIVRO I***

## IV

**Quam tenuiter curioseque exploraverit Antonius Iulianus in oratione M. Tullii verbi ab eo mutati argutiam.**

**1** Antonius Iulianus rhetor perquam fuit honesti atque amoeni ingenii. Doctrina quoque ista utiliore ac delectabili veterumque elegantiarum cura et memoria multa fuit; ad hoc scripta omnia antiquiora tam curiose spectabat et aut virtutes pensitabat aut vitia rimabatur, ut iudicium esse factum ad amussim diceres. **2** Is Iulianus super eo enthymemati, quod est in oratione M. Tullii, quam pro Cn. Plancio dixit, ita existimavit - sed verba prius, de quibus iudicium ab eo factum est, ipsa ponam: **3** "Quamquam dissimilis est pecuniae debitio et gratiae. Nam qui pecuniam dissolvit, statim non habet id, quod reddidit, qui autem debet, is retinet alienum: gratiam autem et qui refert habet, et qui habet, in eo ipso, quod habet, refert. **4** Neque ego nunc Plancio desinam debere, si hoc solvero, nec minus ei redderem voluntate ipsa, si hoc molestiae non accidisset" - "crispum sane" inquit "agmen orationis rotundumque ac modulo ipso numerorum venustum, sed quod cum venia legendum sit verbi paulum ideo inmutati, ut sententiae fides salva esset. **5** Namque debitio gratiae et pecuniae conlata verbum hoc utrobique servari postulat. **6** Ita enim recte opposita inter sese gratiae pecuniaeque debitio videbitur, si et pecunia quidem deberi dicatur et gratia, sed quid eveniat in pecunia debita solutave, quid contra in gratia debita redditave, debitionis verbo utrimque servato disseratur. Cicero autem," inquit "cum gratiae pecuniaeque debitionem dissimilem esse" dixisset eiusque sententiae rationem redderet, verbum "debet" in pecunia ponit, in gratia "habet" subicit pro "debet"; ita enim dicit: "gratiam autem et qui refert habet, et qui habet, in eo ipso, quod habet, refert." **7** Sed id verbum "habet" cum proposita comparatione non satis convenit. Debitio enim gratiae, non habitio, cum pecunia confertur, atque ideo consequens quidem fuerat sic dicere: "et qui debet, in eo ipso, quod debet, refert"; sed absurdum et nimis coactum foret, si nondum redditam gratiam eo ipso redditam diceret, quia debetur.

## IV

**Com que refinamento de palavras Antonio Juliano descobriu em um discurso de Cícero um sofisma por troca de palavras.**

**1** O orador Antonio Juliano tinha, de fato, um talento distinto e agradável; tinha também essa ciência tão útil e encantadora, uma curiosidade e um conhecimento muito grandes dos refinamentos da literatura dos antigos; além disso, ele estudava com tamanho aprofundamento os escritos mais antigos e pesava as virtudes deles ou descobria seus defeitos, que se pode dizer que o seu juízo chegou a uma espécie de depuração. **2** Eis a opinião dada por esse Juliano sobre um raciocínio que se encontra no discurso de Cícero, pronunciado em favor de Plancio – mas eu vou reproduzir primeiro as próprias palavras que foram objeto deste julgamento: **3** “Entretanto, a dívida de dinheiro e a dívida de reconhecimento diferem: aquele que pagou uma dívida de dinheiro, perdeu logo o que ele devolveu; aquele que deve, guarda para si o bem do outro. Quanto ao reconhecimento, aquele que o devolve, o guarda e aquele que o guarda, pelo fato mesmo de que o guarda, devolve. **4** Quanto a mim, no presente, eu não cessarei de dever a Plancio se pagar agora; e eu não lhe devolveria menos, pela minha intenção, se esse contratempo não lhe tivesse ocorrido.” – O fluir do estilo é ondulado, arredondado e sedutor pela própria medida do ritmo – dizia Juliano, mas é necessário ler a frase fechando os olhos para uma ligeira alteração de significado a fim de obter sua real significação. **5** A comparação entre a dívida de reconhecimento e a dívida de dinheiro reclama que se conserve a mesma palavra de uma parte e de outra. **6** A dívida de dinheiro e a dívida de reconhecimento parecerão exatamente opostas entre elas ao se empregar *dever* para o dinheiro e para o reconhecimento e ao se explicar o que se passa quando devemos dinheiro ou quando paga o dinheiro; e quando deve reconhecimento ou quando paga, conservando nos dois casos a mesma palavra dívida. Ora, Cícero, diz Juliano, depois de ter afirmado que a dívida de reconhecimento e a dívida de dinheiro são diferentes e de ter dado conta dessa afirmação, serve-se da palavra *debet* – ele mantém – para o caso do dinheiro, mas para o caso do reconhecimento, ele substitui *debet* – ele guarda – por *habet*. Ele fala assim: o reconhecimento, aquele que o devolve, o guarda (*habet*) e aquele que o guarda, pelo fato mesmo de mantê-lo, devolve-o. **7** Mas esta palavra *habet* não convém à comparação proposta, é a dívida de reconhecimento e não o fato de guardar o reconhecimento que é comparado com o dinheiro. E assim, teria sido mais próprio dizer: “e aquele que o deve, pelo fato mesmo que o deve, paga”, mas seria chocante e muito forçado dizer que o reconhecimento que não foi ainda devolvido, está devolvido somente pelo fato de existir.

8 Inmutavit ergo," inquit "subdidit verbum ei verbo, quod omiserat, finitimum, ut videretur et sensum debitionis conlatae non reliquisse et concinnitatem sententiae retinuisse." Ad hunc modum Iulianus enodabat diiudicabatque veterum scriptorum sententias, quas apud eum adolescentes lecitabant.

## VII

**In hisce verbis Ciceronis ex oratione quinta in Verrem "hanc sibi rem praesidio sperant futurum"<sup>1</sup> neque mendum esse neque vitium errareque istos, qui bonos libros violant et "futuram" scribunt; atque ibi de quodam alio Ciceronis verbo dictum, quod probe scriptum perperam mutatur; et aspersa pauca de modulis numerisque orationis, quos Cicero avide sectatus est.**

1 In oratione Ciceronis quinta in Verrem in libro spectatae fidei Tironiana cura atque disciplina facto scriptum fuit: 2 "Homines tenues obscuro loco nati navigant; adeunt ad ea loca, quae numquam antea adierant. Neque noti esse iis, quo venerunt, neque semper cum cognitoribus esse possunt, hac una tamen fiducia civitatis non modo apud nostros magistratus, qui et legum et existimationis periculo continentur, neque apud cives solum Romanos, qui et sermonis et iuris et multarum rerum societate iuncti sunt, fore se tutos arbitrantur, sed quocumque venerint, hanc sibi rem praesidio sperant futurum." 3 Videbatur compluribus in extremo verbo menda esse. Debuisse enim scribi putabant non "futurum", sed "futuram", neque dubitabant, quin liber emendandus esset, ne, ut in Plauti comoedia moechus, sic enim mendae suae inludiabant, ita in Ciceronis oratione soloecismus esset "manifestarius". 4 Aderat forte ibi amicus noster, homo lectione multa exercitus, cui pleraque omnia veterum litterarum quaesita, meditata evigilataque erant. 5 Is libro inspecto ait nullum esse in eo verbo neque mendum neque vitium et Ciceronem probe ac vetuste locutum.

---

<sup>1</sup> N. E.: A forma de infinitivo futuro aceita por Gélío não necessita ser flexionada de acordo com o gênero e número, como aconteceria com os gerundivos, por exemplo.



**8** Portanto, disse Juliano, ele mudou e pôs uma palavra de sentido próximo daquela que havia deixado de lado a fim de parecer não só não ter abandonado a comparação entre as dívidas, mas ainda ter conservado a simetria da frase. É dessa maneira que Juliano explicava e examinava as frases dos autores antigos que os rapazes liam em sua casa.

## VII

**Sobre as palavras de Cícero retiradas do quinto discurso contra Verres “que isso lhes servirá de defesa” não apresenta falta nem corrupção; se enganam os que violentam os manuscritos de boa qualidade e escrevem *futuram*; no mesmo capítulo trata-se de uma outra palavra de Cícero, que está escrita corretamente, mas que muitos erram ao modificar e algumas observações sobre as medidas e os ritmos da frase que Cícero busca com predileção.**

**1** O quinto discurso de Cícero contra Verrem, em um manuscrito de notável confiabilidade, elaborado sob o cuidado e a orientação de Tirão<sup>2</sup> traz estas palavras: **2** “Homens humildes de obscuro nascimento navegam; chegam a lugares para onde nunca foram antes. Nem eram conhecidos nos lugares a que vieram e nem sempre poderiam encontrar pessoas que respondam por eles. Porém, com plena confiança no título de cidadão Romano, crêem encontrar-se seguros não somente ante nossos magistrados, que são cerceados pelo temor às leis e pela opinião pública, não somente junto aos cidadãos Romanos, que são unidos pela língua, pelas leis e por muitas outras coisas, mas onde quer que vão, confiam que esse título lhes sirva de proteção suficiente.” **3** Muitos julgavam que haveria um erro no último vocábulo “*futurum*”; pois pensavam que deveria ser escrito *futuram* e não *futurum*<sup>3</sup>, e não duvidavam de que o texto tivesse necessidade de correção para que não fosse tão nitidamente manifesto o solecismo no discurso de Cícero da mesma forma que o adúltero na comédia de Plauto<sup>4</sup>, era assim que eles brincavam sobre o próprio erro. **4** Encontrava-se ali por acaso um amigo nosso, homem exercitado por abundante leitura, que havia pesquisado, estudado e passado noites em claro sobre a maior parte das obras de quase tudo o que dizia respeito à literatura antiga. **5** Após ter analisado o livro, disse que não havia nem defeito nem erro de copista e que Cícero utilizou muito bem o vocábulo à moda antiga.

---

<sup>2</sup> N. B.: LXV, 167. Célebre liberto de Cícero, secretário e amigo de seu mestre, editou uma parte das obras do grande orador, ocupa um lugar especial na história da etnografia. MARACHE, 1967, p. 33, vol 1

<sup>3</sup> N. E.: Aulo Gélíio afirma que a princípio o infinitivo futuro *-urum* era invariável.

<sup>4</sup> N. E.: É chamado de adúltero o jovem cuja amante (báquide) tem o mesmo nome que a amante de um soldado.

**6** "Nam "futurum"" inquit "non refertur ad rem, sicut legentibus temere et incuriose videtur, neque pro participio positum est, set verbum est indefinitum, quod Graeci appellant aporemphaton, neque numeris neque generibus praeserviens, set liberum undique et inpromiscum, quali C. Gracchus verbo usus est in oratione, cuius titulus est de P. Popilio circum conciliabula, in qua ita scriptum est: **7** "Credo ego inimicos meos hoc dicturum." "Inimicos dicturum" inquit, non "dicturos"; **8** videturne ea ratione positum esse apud Gracchum "dicturum", qua est apud Ciceronem "futurum"? sicut in Graeca oratione sine ulla vitii suspicione omnibus numeris generibusque sine discrimine tribuuntur huiuscemodi verba: erein, poiesein, esesthai, et similia." **9** In Claudii quoque Quadrigarii tertio annali verba haec esse dixit: "Dum i conciderentur, hostium copias ibi occupatas futurum"; in duodevicesimo annali eiusdem Quadrigarii principium libri sic scriptum: "Si pro tua bonitate et nostra voluntate tibi valitudo subpetit, est quod speremus deos bonis bene facturum"; **10** item in Valerii Antiatii libro quarto vicesimo simili modo scriptum esse: "Si eae res divinae factae recteque perlitatae essent, haruspices dixerunt omnia ex sententia processurum esse". **11** "Plautus etiam in Casina, cum de puella loqueretur, "occisurum" dixit, non "occisuram", his verbis:

Etiamne habet Casina gladium?

habet, sed duos. - Quid duos ? - altero te

occisurum ait, altero vilicum.

**12** Item Laberius in Gemellis:

Non putavi, inquit, hoc eam facturum.

**13** Non ergo isti omnes, soloecismus quid esset, ignorarunt, sed et Gracchus "dicturum" et Quadrigarius "futurum" et "facturum" et Antias "processurum" et Plautus "occisurum" et Laberius "facturum" indefinito modo dixerunt, **14** qui modus neque in numeros neque in personas neque in tempora neque in genera distrahitur, sed omnia istaec una eademque declinatione complectitur,

**6** “Pois *futurum*, disse o amigo, não se refere diretamente a *rem* como parece aos que lêem apressada e superficialmente; não tem valor de participio, é uma forma verbal indefinida a que os gregos chamam *απαρεμπατον*, que não se submete nem à variação de número nem de gênero, completamente independente e sem relação com nada (indefinida<sup>5</sup>). Caio Graco empregou uma palavra parecida em seu discurso cujo título é: ‘Sobre Quinto Pompílio a propósito das assembléias’, onde está escrito: **7** “Creio que meus inimigos dirão isso. Escreveu *inimicos dicturum* e não *dicturos*. **8** Não se vê que está posto *dicturum* em Graco pela mesma razão que em Cícero está *futurum*? Tal como no discurso grego, sem nenhuma suspeição de falta, emprega-se para todos os números e gêneros, sem distinção, as formas verbais desse tipo, *ερειν*, *ποιησειν* e similares. **9** Ele acrescenta que no terceiro livro dos Anais de Cláudio Quadrigário, encontram-se estas palavras: ‘Enquanto eles seriam despedaçados, as tropas do inimigo estariam ocupadas naquela paragem’ - *copias ibi occupatas futurum*. E na mesma obra, no princípio do livro vinte e dois: ‘Se a saúde foi atribuída segundo seu mérito e o nosso desejo, podemos esperar que os deuses venham favorecer as pessoas de bem - *deos bonis bene facturum*.” **10** Daí, igualmente, no vigésimo quarto livro de Valério Ancias<sup>6</sup>: “Os arúspices afirmaram que se estes sacrifícios fossem feitos e obtivessem a aquiescência dos deuses, seriam atendidos todos os pedidos - *omnia ex sententia processurum esse*.” **11** Em um verso da comédia intitulada *Cásina*, Plauto, falando de uma jovem disse *occisurum* e não *occisuram* nestas palavras:

“Cásina acaso tem uma espada?

Não tem uma, mas duas. – como duas? – com uma  
ela te matará – diz ela - e com outra matará o capataz.”

**12** Igualmente Labério nos Gêmeos:

“Não acreditei que ela faria isso”.

**13** Não é preciso dizer que esses autores não ignoravam o que era um solecismo, *dicturum* em Graco, *futurum* e *bene facturum* em Quadrigário, *processurum* em Ancias, *occisurum* em Plauto, *facturum* em Labério, todas essas palavras foram empregadas em modo indefinido. **14** Este é o modo que não se modifica segundo os números, as pessoas, os gêneros e os tempos, de sorte que engloba tudo isso numa só e mesma forma,

---

<sup>5</sup> N. E.: O modo indefinido é um modo invariável, essa expressão é mais precisa e mais próxima do raciocínio etimológico do que seria o nosso infinitivo, não há concordância.

<sup>6</sup> N. B.: Valério Ancias foi um historiador contemporâneo a Claudio Quadrigário. Mais tradicional, esforçava-se por manter a abundância de detalhes. Aristocrata e nacionalista, não apresenta o senso crítico de Quadrigário. CAVAZZA, F. 1985, p. 380 (Vol. 1)

**15** sicuti M. Cicero "futurum" dixit non virili genere neque neutro, soloecismus enim plane foret, sed verbo usus est ab omni necessitate generum absoluto." **16** Idem autem ille amicus noster in eiusdem M. Tullii oratione, quae est de imperio Cn. Pompei, ita scriptum esse a Cicerone dicebat atque ipse ita lectitabat: "Cum vestros portus atque eos portus, quibus vitam ac spiritum ducitis, in praedonum fuisse potestatem sciatis", **17** neque soloecismum esse aiebat "in potestatem fuisse", ut vulgus semidoctum putat, sed ratione dictum certa et proba contendebat, qua et Graeci ita uterentur et Plautus verborum Latinorum elegantissimus in Amphitruone dixit:

Num vero mi in mentem fuit,

non, ut dici solitum est, "in mente". **18** Sed enim praeter Plautum, cuius ille in praesens exemplo usus est, multam nos quoque apud veteres scriptores locutionum talium copiam offendimus atque his vulgo adnotamentis inspersimus. **19** Vt et rationem autem istam missam facias et auctoritates, sonus tamen et positura ipsa verborum satis declarat id potius epimeleiai ton lexeon modulamentisque orationis M. Tulli convinisse, ut, quoniam utrumvis dici Latine posset, "potestatem" dicere mallet, non "potestate". **20** Illud enim sic compositum iucundius ad aurem completiusque, insuavius hoc imperfectiusque est, si modo ita explorata aure homo sit, non surda nec iacenti; sicuti est hercle, quod "explicavit" dicere maluit quam "explicuit", quod esse iam usitatius coeperat. Verba sunt haec ipsius ex oratione, quam de imperio Cn. Pompei habuit: "Testis est Sicilia, quam multis undique cinctam periculis, non terrore belli, sed consilii celeritate explicavit." At si "explicuit" diceret, imperfecto et debili numero verborum sonus clauderet.

**15** de tal maneira que Cícero disse *futurum* não em gênero masculino nem em neutro porque teria cometido um solecismo, mas serviu-se de uma forma liberada de toda afinidade de gênero. **16** Esse mesmo amigo falou do discurso de Cícero que trata do comando de Pompeu; o orador o havia escrito e ele mesmo pronunciava: “Quando vocês souberem que os portos de vocês, de onde tiram o sustento e a vida, estão em poder dos piratas” - *in praedonum fuisse potestatem sciatis*. **17** Nem dizia que *potestatem* era solecismo como pretendia a multidão dos que pouco sabem, mas pretendia que se tratava de uma regra correta e válida que os gregos também utilizavam. Assim como Plauto, o escritor de maior refinamento em língua latina, escreveu em Anfitrião:

“Será que me veio ao espírito” (*mentem*),

e não como é comum (*in mente*)<sup>7</sup>. **18** Além de Plauto, de quem o amigo tomou o último exemplo, encontramos também nos antigos escritores grande quantidade de expressões desse tipo e nós as inserimos aqui e ali em notas vulgares. **19** Para deixar de lado, contudo, tanto a regra racional quanto os exemplos, a sonoridade e a disposição das palavras, por si mesmas, são suficientes para mostrar que convém à busca de estilo e ao ritmo do discurso ciceroniano, preferir dizer *potestatem* a *potestate*, já que um e outro existem em latim. **20** A primeira forma, assim empregada, é mais agradável ao ouvido e mais completa, a segunda, sem suavidade, deixa a desejar, a menos para quem tem o ouvido exercitado e não duro, assim como a escolha que fez ao empregar *explicauit* em lugar de *explicuit*, que ora vamos, começava a ser mais usado. Eis o texto de Cícero extraído do discurso Sobre o Comando de Cneu Pompeu: “A Sicília é testemunha disso, pois ele a liberou (*explicauit*) de numerosos perigos que a rodeavam, não pelo terror da guerra, mas pela rapidez na decisão.” E se dissesse “*explicuit*”, a sonoridade resultaria capenga e o ritmo não marcado.

---

<sup>7</sup> N. T.: Em latim arcaico, o acusativo não precisava, necessariamente, ser complemento de um verbo de movimento para indicar movimento, ele podia indicar movimento por si só. MARACHE, 1967, p. 33 (vol. 1)

## X

**Quibus verbis compellaverit Favorinus philosophus adolescentem casce nimis et prisce loquentem.**

**1** Favorinus philosophus adolescenti veterum verborum cupidissimo et plerasque voces nimis priscas et ignotas in cotidianis communibusque sermonibus expromenti: "Curius" inquit "et Fabricius et Coruncanius, antiquissimi viri, et his antiquiores Horatii illi trigemini plane ac dilucide cum suis fabulati sunt neque Auruncorum aut Sicanorum aut Pelasgorum, qui primi coluisse Italiam dicuntur, sed aetatis suae verbis locuti sunt; **2** tu autem, proinde quasi cum matre Evandri<sup>8</sup> nunc loquere, sermone abhinc multis annis iam desito uteris, quod scire atque intellegere neminem vis, quae dicas. Nonne, homo inepte, ut, quod vis, abunde consequaris, taces? **3** Sed antiquitatem tibi placere ais, quod honesta et bona et sobria et modesta sit. **4** Vive ergo moribus praeteritis, loquere verbis praesentibus atque id, quod a C. Caesare, excellentis ingenii ac prudentiae viro, in primo de analogia libro scriptum est, habe semper in memoria atque in pectore, ut "tamquam scopulum, sic fugias inauditum atque insolens verbum".

## XVI

**Quod verba istaec Quadrigari ex annali tertio "ibi mille<sup>9</sup> hominum occiditur" non licenter neque de poetarum figura, sed ratione certa et proba grammaticae disciplinae dicta sunt.**

**1** Quadrigarius in tertio annalium ita scripsit: "Ibi occiditur mille hominum." **2** "Occiditur", inquit, non "occiduntur". Item Lucilius in tertio satirarum:

Ad portam mille a porta est; exinde Salernum,

---

<sup>8</sup> Evandrus, grego que migrou para a Itália no tempo de Enéias. PARATORE, Ettore. História da Literatura Latina. 1987, p. 182

<sup>9</sup> A dúvida de tal uso se dá porque em latim, o vocábulo *Mille* apresenta dois empregos: *Mille* (adjetivo indeclinável) como em *cum mille militibus* (com mil soldados) e como nome neutro, *milia*, *milium* (milhares), forma declinável, antecedendo genitivo, então *cum duobus milibus militum* (com dois milhares de soldados). FARIA, Ernesto. Gramática da Língua Latina. 1985, p. 209

## X

**Com que termos o filósofo Favorino se dirigia a um jovem que falava de maneira muito arcaica e antiga.**

**1** O filósofo Favorino disse a um rapaz muito apaixonado por arcaísmos e que pontilhava as conversas cotidianas e comuns de vocábulos muito antigos e desconhecidos: “Curio, Fabricio e Coruncano, homens da mais alta antiguidade, e mais antigos que eles, os três gêmeos Horácios se entretinham simples e claramente com os seus e, sem emprestar o seu vocabulário dos auruncos, dos sicanos ou dos pelasgos<sup>10</sup>, que se diz que foram os primeiros habitantes da Itália, falavam a língua de sua época.” **2** Como se você estivesse falando, você se serve de uma linguagem antiquada, pois você não quer que ninguém saiba e entenda o que você diz. Por que, homem incongruente, a fim de ser mais eficiente, você não guarda o silêncio? **3** Mas você pretende que a Antiguidade lhe agrada por ser bela, moral, frugal e sábia. **4** Viva então seguindo os costumes do passado, fale com palavras do presente e guarde sempre em sua memória e em seu coração o que César, homem de um gênio e uma sabedoria notáveis, escreveu no livro primeiro do seu *De analogia*, “fuja como um raio das palavras desusadas e não inteligíveis.”

## XVI

**Que a expressão constante do prefácio do livro III dos Anais de Quadrigário “aí está morto um milhar de homens” - *ibi mille hominum occiditur*, não é dita nem por licença, nem por figura poética, mas é justificada por um raciocínio preciso e seguro da ciência gramatical.**

**1** Quadrigário<sup>11</sup> escreveu no terceiro livro de seus Anais: *ibi mille hominum occiditur* “lá está morto um milhar de homens”. **2** Ele disse “está morto” (*occiditur*) não “estão mortos” (*occiduntur*). Da mesma forma, Lucílio, no terceiro livro das sátiras:

“Há mil [passos] de porta à porta, de lá até Salerno”,

---

<sup>10</sup> N. E.: Habitantes mais antigos do Lácio. CAVAZZA, 1985, p. 367.

<sup>11</sup> N. B.: Quintus Claudius Quadrigarius foi contemporâneo de Sisenna e de Sylla. Ele escreveu uma obra com trinta e três livros, começando pela tomada de Roma pelos bárbaros e terminando em sua época; é um dos autores preferidos de Gélíio. MARACHE, 1967, p. 57.

"mille" inquit "est" non "mille sunt". **3** Varro in XVII. humanarum: "Ad Romuli initium plus mille et centum annorum est." **4** M. Cato in primo originum: "Inde est ferme mille passum." **5** M. Cicero in sexta in Antonium: "Itane Ianus medius in L. Antonii clientela est? quis umquam in illo Iano inventus est, qui L. Antonio mille nummum ferret expensum?" **6** In his atque in multis aliis "mille" numero singulari dictum est; **7** neque hoc, ut quidam putant, vetustati concessum est aut per figurarum concinnitatem admissum est, sed sic videtur ratio poscere. **8** "Mille" enim non pro eo ponitur, quod Graece chilioi dicitur, sed quod chalias, et sicuti una chalias et duae chiliades, ita "unum mille" et "duo milia" certa atque directa ratione dicitur. **9** Quamobrem id quoque recte et probabiliter dici solitum "mille denarium in arca est" et "mille equitum in exercitu est". **10** Lucilius autem, praeterquam supra posui, alio quoque in loco id manifestius demonstrat; **11**. Nam in libro XV, ita dicit:

Hunc, milli passum qui vicerit atque duobus,  
Campanus sonipes succussor nullus sequetur  
maiore in spatio ac diversus videbitur ire;

**12** item in libro nono:

Non milli nummum potes uno quaerere centum;

**13** "milli passum" dixit pro "mille passibus" et "uno milli nummum" pro "unis mille nummis" aperteque ostendit "mille" et vocabulum esse et singulari numero dici eiusque plurativum esse "milia" et casum etiam capere ablativum.



disse há mil (*est*), não são mil (*sunt*). **3** Varrão no décimo sétimo livro de seu *Das Antiguidades humanas*<sup>12</sup> “Até o surgimento de Rômulo passou-se mais de mil e cem anos.” (*mille et centum annorum est*) **4** Marco Catão no primeiro livro *Sobre as origens*: “De lá, há aproximadamente mil passos” (*mille passum est*) **5**. Cícero no sexto discurso contra Antonio : “Assim, os banqueiros do meio-jano<sup>13</sup> (*janus medius*) são da clientela de Lucio Antonio<sup>14</sup>?, quem algum dia chegou naquele *janus*, que emprestasse mil dinheiros sestércios (*mille nummum*) para Antonio?” **6** Nessas citações e também em muitas outras *mille* é empregado no singular. **7** Isso não é, como julgam alguns, uma concessão feita à antiguidade, nem uma construção autorizada pela harmonia do discurso, mas o raciocínio parece exigir. **8** Pois mil (*mille*) não parece equivalente ao que os gregos dizem *chílioi* (mil), mas a *chiliás* (milhar), assim, como *una chiliás* e *duae chiliádes*, emprega-se um mil (*unum mille*) dois mil (*duo milia*) segundo uma lógica segura e simples. **9** Por isso a expressão corrente: “há um milhar de dinheiros no baú” *mille denarium* é correta e irrepreensível, assim como “há um milhar de cavaleiros no exército.” *mille equitum* **10** Lucílio, além do exemplo acima citado, mostra claramente em outro trecho, no décimo quinto livro:

**11** “Este, um ágil [cavalo] da Campanha, de passo duro e ressoante, quem o tiver superado na distância de mil ou dois mil passos, não o seguirá em por distância muito longa e parecerá andar em direção contrária.”<sup>15</sup>

**12** Do mesmo modo, no livro nono:

“De mil dinheiros, você não pode tirar cem de mil” - *non milli nummum potes uno quaerere centum;*

**13** disse *milli passum* (com genitivo) em lugar de *mille passibus* (com ablativo) e *unis mille nummis* e mostrou claramente que o vocábulo *mille* é um substantivo que se emprega no singular, cujo plural é *millia* e que apresenta também o caso ablativo.

<sup>12</sup> N. E.: O *Antiquitatum libri* era dividido em *Antiquitatum rerum humanarum* (vinte e cinco livros) e *Antiquitatum rerum divinarum* (dezesseis livros). CAVAZZA, F. 1985, p. 381 (vol. 1)

<sup>13</sup> N. E.: Denominava-se *Janus Medius* o fórum próximo ao templo de Castor e Pólux.

<sup>14</sup> N. E.: Este Antonio é irmão do membro do triunviro – Marco Antonio.

<sup>15</sup> N. T.: Para este exemplo, como pude constatar, não há uma interpretação única e de todo segura, mas preferi a que encontrei glosada na edição italiana: “*Questo*, no início da citação, refere-se verossimilmente a um cavalo e ele foi deixado na posição enfática em que é empregado no verso de Lucílio.” CAVAZZA, F. 1985, p. 381 (vol. 1)

**14** Neque ceteros casus requiri oportet, cum sint alia pleraque vocabula, quae in singulos tantum casus, quaedam etiam, quae in nullum inclinentur. **15** Quapropter nihil iam dubium est, quin M. Cicero in oratione, quam scripsit Pro Milone, ita scriptum reliquerit: "Ante fundum Clodi, quo in fundo propter insanas illas substructiones facile mille hominum versabatur valentium", non "versabantur", quod in libris minus accuratis scriptum est; alia enim ratione "mille homines", alia "mille hominum" dicendum est.

**14** Não se faz necessário recorrer a outros exemplos, já que há um grande número de substantivos que se flexionam em um único caso, ou ainda aqueles que não se flexionam em caso algum. **15** Portanto, não há dúvida de que Cícero, no discurso *Em favor de Milão*, escreveu: “Diante da propriedade de Clódio, onde, por causa de suas construções extravagantes, se ocupava facilmente um milhar de homens dos mais robustos (*mille hominum uersabatur ualentium*) – não se ocupavam (*uersabantur*) – como se encontra nos textos escritos com menos cuidados; diz-se que a lógica gramatical não é a mesma para “*mille homines*” e “*mille hominum*”.

## XVIII

**Quod M. Varro in quarto decimo humanarum L. Aelium magistrum suum in etymologiai falsa reprehendit; quodque idem Varro in eodem libro falsum furis etymon dicit.**

**1** In XIV. rerum divinarum libro M. Varro doctissimum tunc civitatis hominem L. Aelium errasse ostendit, quod vocabulum Graecum vetus traductum in linguam Romanam, proinde atque si primitus Latine fictum esset, resolverit in voces Latinas ratione etymologica falsa. **2** Verba ipsa super ea re Varronis posuimus: "In quo L. Aelius noster, litteris ornatissimus memoria nostra, erravit aliquoties. Nam aliquot verborum Graecorum antiquiorum, proinde atque essent propria nostra, reddidit causas falsas. Non enim "leporem" dicimus, ut ait, quod est levipes, sed quod est vocabulum antiquum Graecum. Multa vetera illorum ignorantur, quod pro his aliis nunc vocabulis utuntur; et illorum esse plerique ignorent "Graecum", quod nunc nominant Hellena, "puteum", quod vocant phrear, "leporem", quod lagoon dicunt. In quo non modo L. Aelii ingenium non reprehendo, sed industriam laudo: successum enim fert fortuna, experientiam laus sequitur." **3** Haec Varro in primore libro scripsit, de ratione vocabulorum scitissime, de usu utriusque linguae peritissime, de ipso L. Aelio clementissime. **4** Sed in posteriore eiusdem libri parte "furem" dicit ex eo dictum, quod veteres Romani "furvum" atrum appellaverint et fures per noctem, quae atra sit, facilius furentur. **5** Nonne sic videtur Varro de fure, tamquam L. Aelius de lepore? Nam quod a Graecis nunc kleptes dicitur, antiquiore Graeca lingua phor dictum est. Hinc per adfinitatem litterarum, qui phor Graece, est Latine "fur".<sup>16</sup> **6** Sed ea res fugeritne tunc Varronis memoriam, an contra aptius et cohaerentius putarit "furem" a "furvo", id est nigro, appellari, in hac re de viro tam excellentis doctrinae non meum iudicium est.

---

<sup>16</sup> N. E.: Neste capítulo, Gélío apresenta, talvez despreziosamente, a escuridão em que os especuladores de gramática viviam em sua época: Varrão, apesar de surpreender Élio, seu mestre estóico, em falsa etimologia, comete um equívoco muito semelhante ao explicar outra etimologia.

## XVIII

**De como M. Varrão, no décimo quarto livro *Das antiguidades divinas*,<sup>17</sup> critica seu mestre Lucio Elío<sup>18</sup> pelo emprego de uma falsa etimologia e o próprio Varrão, nesse mesmo livro, atribui falsa etimologia à palavra ladrão (*fur*).**

**1** No décimo quarto livro *Das antiguidades divinas*, Varrão mostra que Lúcio Élio, o homem mais sábio da cidade (Roma), em seu tempo, equivocou-se sobre uma palavra antiga grega passada para o latim, decompondo-a como se ela fosse formada primitivamente de elementos latinos (*ratione etymologica falsa*). **2** Citamos as mesmas palavras de Varrão a respeito disso “Neste ponto, nosso caro Élio, o homem mais dotado de conhecimento literário que já vi, errou algumas vezes. Ele deu explicações falsas de algumas palavras antigas gregas, crendo que elas nos pertencessem propriamente. Não dizemos pois lebre (*leporem*)<sup>19</sup>, como afirma ele, porque o animal tem pés ligeiros (*leuipes*), mas porque esta é uma palavra grega antiga<sup>20</sup>. Ignoram-se muitos desses vocábulos antigos, porque outros vocábulos são usados em lugar deles, atualmente, ignoram mais ainda o que é do grego (*graecum*) porque agora é chamado Helênico (*Helena*), poço (*puteum*) porque chamam *phrear* e lebre (*leporem*) porque chamam *lagoon*. Nisso, não só não critico o talento de Élio, como louvo seu cuidado na pesquisa: a sorte traz o sucesso, tentar é meritório.” **3** Varrão escreveu isso no começo do livro, com bastante sabedoria sobre a explicação das palavras, com bastante experiência sobre o uso das duas línguas, com bastante apreço pelo próprio Élio. **4** Mas na parte seguinte do mesmo livro, diz que a palavra ladrão (*furem*) vem daquela que os antigos latinos chamavam negro (*furuum*), e que os ladrões (*fures*) roubariam mais facilmente à noite, que é tenebrosa. **5** Acaso não se enganou Varrão sobre *fur* tanto quanto Élio sobre *lepus*? Pois o que na Grécia, agora se diz *kleptes*, em língua grega mais antiga, se dizia *phor* que, por parentesco de vogais, o que é ladrão (*phor*) em grego, é, em latim *fur*. **6** Mas acaso isso teria fugido à lembrança de Varrão, ou ao contrário, ele teria julgado ser mais conveniente e coerente *fur* ser derivado de *furuum*, aquilo que é tenebroso; mas não cabe a mim o juízo nesse assunto a respeito de um homem de saber tão eminente.

---

<sup>17</sup> N. E.: No texto latino encontra-se “humanas” *humanarum* em lugar de “divinas” *diuinarum*, que está seguramente correto, o erro então, pode ser do copista ou um descuido do próprio Gélío, o único problema é que o erro pode estar no parágrafo e não no título, já que, comumente, o trecho de Varrão é considerado como referente às “coisas divinas” *rerum diuinarum*. CAVAZZA, F. 1985, p. 381 (vol. 1)

<sup>18</sup> N. B.: Lucio Elío Estilão Preconico (15 a.C.) foi um grande erudito, filólogo e antiquário, era estóico, seguidor dos ensinamentos de Dionísio Trácio e foi mestre de Cícero e Varrão. Trabalhou com gramática e etimologia em Roma, embora não tenha sido reconhecido como uma autoridade. CAVAZZA, F. 1985, p. 382 (vol. 1)

<sup>19</sup> N. E.: Confusões como a de fazer o vocábulo semelhante latino ser originado do grego são comuns; não se cogitava, então, a possibilidade de os dois vocábulos terem uma origem comum indo-européia ou pré-latina. CAVAZZA, F. 1985, p. 382 (vol. 1)

<sup>20</sup> “Na verdade, uma palavra mediterrânea, pois o nome lebre não existia em indo-europeu, cf. Ernout-Meillet.” MARACHE, 1967, p. 61

## XXI

**Quod Iulius Hyginus affirmatissime contendit legisse se librum P. Vergilii domesticum, ubi scriptum esset "et ora tristia temptantum sensus torquebit amaror"<sup>21</sup>, non quod vulgus legeret "Sensu torquebit amaro".**

**1** Versus istos ex georgicis Vergilii plerique omnes sic legunt:

At sapor indicium faciet manifestus et ora  
tristia temptantum sensu torquebit amaro.

**2** Hyginus autem, non hercle ignobilis grammaticus, in commentariis, quae in Vergilium fecit, confirmat et perseverat non hoc a Vergilio relictum, sed quod ipse invenerit in libro, qui fuerit ex domo atque familia Vergilii:

et ora  
tristia temptantum sensus torquebit amaror,

**3** neque id soli Hygino, sed doctis quibusdam etiam viris complacitum, quoniam videtur absurde dici "sapor sensu amaro torquet". "Cum ipse" inquiunt "sapor sensus sit, non alium in semet ipso sensum habeat ac proinde sit, quasi dicatur "sensus sensu amaro torquet"." **4** Sed enim cum Favorino Hygini commentarium legissem atque ei statim displicita esset insolentia et insuavitas illius "sensu torquebit amaro", risit et: "Iovem lapidem," inquit "quod sanctissimum iusiurandum habitum est, paratus ego iurare sum Vergilium hoc numquam scripsisse, sed Hyginum ego verum dicere arbitror.

---

<sup>21</sup> N. T.: Discussão sobre o uso de *amaror*, seria o amargor sujeito ou o instrumento? Por ser uma interpretação menos utilizada, suscita dúvidas sobre seu emprego ter sido feito por Virgílio, porém, é possível, como ressalta Gélio, identificar e mpregos desse tipo em outros poetas tão prestigiáveis quanto Virgílio, como em Lucrecio, poeta conhecido pela publicação provavelmente póstuma do poema *De rerum natura* (sobre a natureza das coisas), as datas de seu nascimento e morte são controversas, ficam entre 94 e 98 a.C. para nascimento e 55 e 53 a.C. para o falecimento.

## XXI

**Que Júlio Higino afirmou do modo mais contundente ter lido um manuscrito pertencente à família de Virgílio, onde estava escrito: “e o sabor amargo fará contrair os tristes semblantes daqueles que experimentarem as sensações.” O que comumente se leria: “fará contrair pela sensação amarga.”**

1 Quase todos lêem esses versos das *Geórgicas*<sup>22</sup> de Virgílio assim:

“O sabor oferecerá claramente a indicação e fará contrair o rosto  
pela sensação amarga os rostos tristes daqueles que o experimentarem.”<sup>23</sup>

2 Mas Higino, gramático de alto renome, nos comentários que fez sobre a obra de Virgílio, afirma e assegura que Virgílio não deixou escrito isso, mas que ele mesmo encontrou um manuscrito proveniente da casa e da família de Virgílio:

*o amargor da sensação faz contorcer os rostos tristes  
et ora tristia temptantum sensus torquebit amaror.*

3 Essa explicação não agrada só Higino, mas também a outros eruditos, já que parece absurdo dizer “o sabor faz contorcer por uma sensação amarga.” Porque o próprio sabor, dizem, é uma sensação, não leva em si outra sensação, seria então como dizer: “a sensação faz contrair com a sensação amarga.” (*sensus sensu amaro torquet*) 4 Mas, de todo modo, como eu já tinha lido para Favorino o comentário de Higino, causando-lhe imediatamente estranheza e desagrado pela expressão não habitual *amaror*: “Por Júpiter e pela pedra<sup>24</sup>, disse ele, que é considerado o juramento mais sagrado, estou disposto a jurar que Virgílio nunca escreveu isso, mas eu julgo que Higino diz a verdade.

---

<sup>22</sup> N. T.: A obra *Geórgicas* de Virgílio foi composta de 37 a 30 a.C. , com 500 versos, é um ensinamento de preceitos rurais sobre a semeadura, o cultivo de cereais, árvores frutíferas e condições meteorológicas, é também uma obra que elogia as virtudes da vida campestre, além de um poema elogioso a Mecenas e Otávio Augusto, protetores da vida de Virgílio. PARATORE, E. 1987: 85

<sup>23</sup> *amaro*, segundo a edição italiana, CAVAZZA, 1985: 167.

<sup>24</sup> N. T.: Aquele que fazia um juramento tinha nas mãos uma pedra que arremessava longe para provar que se faltasse com a palavra poderia ser arremessado para longe da pátria como aquela pedra. CAVAZZA, 1985, p. 386 (vol. 1)

**5** Non enim primus finxit hoc verbum Vergilius insolenter, sed in carminibus Lucreti invento usus est non aspernatus auctoritatem poetae ingenio et facundia praecellentis."

**6** Verba ex IV Lucreti haec sunt:

Dilutaque contra  
cum tuimur misceri absinthia, tangit amaror.

**7** Non verba autem sola, sed versus prope totos et locos quoque Lucreti plurimos sectatum esse Vergilium videmus.



**5** Não foi Virgílio o primeiro a empregar essa expressão, mas encontrou-a nos versos de Lucrécio e não desdenhou a autoridade de um poeta no qual a genialidade e a capacidade expressiva são extraordinárias. **6** Vamos à citação extraída do quarto livro de Lucrécio:

“Quando olhamos à nossa frente misturar a infusão do absinto,  
um sabor amargo nos toca.”

**7** Contudo, constatamos que Virgílio não empregou somente palavras isoladas, mas serviu-se de versos quase inteiros e também de um grande número de trechos de Lucrécio.

## XXII

**An qui causas defendit, recte Latineque dicat "superesse se" is, quos defendit; et "superesse" proprie quid sit.**

**1** Inroboravit inveteravitque falsa atque aliena verbi significatio, quod dicitur "hic illi superest", cum dicendum est advocatum esse quem cuipiam causamque eius defendere. **2** Atque id dicitur non in compitis tantum neque in plebe volgaria, sed in foro, in comitio, apud tribunalia. **3** Qui integre autem locuti sunt, magnam partem "superesse" ita dixerunt, ut eo verbo significarent superfluere et supervacare atque esse supra necessarium modum. **4** Itaque M. Varro in satura, quae inscripta est nescis quid vesper vehat, "superfuisse" dicit immodice et intempestive fuisse. **5** Verba ex eo libro haec sunt: "In convivio legi nec omnia debent et ea potissimum, quae simul sint biopsele et delectent, potius ut id quoque videatur non defuisse quam superfuisse." **6** Memini ego praetoris, docti hominis, tribunali me forte assistere atque ibi advocatum non incelebrem sic postulare, ut extra causam diceret remque, quae agebatur, non attingeret. Tunc praetorem ei, cuius res erat, dixisse advocatum eum non habere, et cum is, qui verba faciebat, reclamasset: "ego illi V. C. supersum", respondisse praetorem festiviter: "tu plane superes, non ades". **7** M. autem Cicero in libro, qui inscriptus est de iure civili in artem redigendo, verba haec posuit: "nec vero scientia iuris maioribus suis Q. Aelius Tubero defuit, doctrina etiam superfuit." In quo loco "superfuit" significare videtur "supra fuit et praestitit superavitque maiores suos doctrina sua superfluenti tamen et nimis abundanti": disciplinas enim Tubero stoicas dialecticas percalluerat.

## XXII

**Se quem defende uma causa pode empregar a palavra *superesse* – assistir – aquele a quem defende; e o que significa propriamente *superesse*.**

**1** Se é reforçado e arraigado um falso e estranho significado para uma palavra quando se diz: *superesse*, para indicar que alguém é o advogado de outro e defende sua causa. **2** E isso se diz não só nas ruas ou pelas pessoas comuns, mas no fórum, na assembléia, nos tribunais. **3** Porém, os que utilizam *superesse* corretamente, o fazem com o sentido de superabundar, ser supérfluo. **4** Assim, Varrão, na sátira intitulada *Você não sabe o que a tarde traz* (*nescis quid uesper uehat*<sup>25</sup>), diz *superfuisse* para “estar sem medida e intempestivo”. **5** Vejamos o que ele diz no livro: “Em um banquete não se deve ler de tudo, mas se deve escolher sobretudo, as obras que são úteis para a vida e ao mesmo tempo agradáveis, de maneira que pareçam não terem sido esquecidas, mas que seriam superabundantes, sobrariam (*superfuisse*).” **6** Eu me lembro de ter assistido casualmente à audiência de um pretor, homem culto: um advogado de boa reputação, pleiteava por seu defendido, sem entrar no mérito da causa e sem tocar no assunto do objeto da questão. Então o pretor disse ao homem cuja causa estava sendo defendida que ele não tinha advogado e quando aquele que estava desenvolvendo seu discurso protestou em voz alta dizendo: “Sou eu, ilustre senhor, quem o defende (*supersum*<sup>26</sup>)”, o pretor respondeu espirituosamente: “É isso mesmo, você não está presente, mas sobrando”. **7** Contudo, Cícero, no livro que escreveu sobre *Como fazer um tratado de direito civil*<sup>27</sup>, utilizou estas palavras: “Quintus Aelius Tubero<sup>28</sup> não foi inferior a seus antepassados em ciência jurídica, mas os superou também por sua cultura (*doctrina etiam superfruit*).” Nesse trecho, *superfruit* parece significar: “Ele ficou acima de seus antecessores por sua cultura que, no entanto, era supérflua e excessiva: Tubero conhecia a fundo as doutrinas estoica e dialética.”

---

<sup>25</sup> N. T.: Sobre o assunto da sátira, pode-se consultar Gélío, livro 13, cap.11, que não traduzi por não se tratar de um capítulo dedicado a comentários referentes a elementos de língua latina.

<sup>26</sup> N. T.: Na tradução não é possível conservar o duplo sentido de *superesse*, que na fala do advogado aproxima-se mais do sentido de *adesse* (estar presente, ao lado de).

<sup>27</sup> N. T.: Esta obra se perdeu e também é citada por Quintiliano (12, 13,10). MARACHE, 1967, p. 67.

<sup>28</sup> N. B.: Tubero foi contemporâneo de Cícero, participou da Guerra Civil ao lado de Pompeu, depois se reconciliou com César e por fim, deixou a política, foi autor de várias obras jurídicas, historiador de Roma e profundo conhecedor do estoicismo. MARACHE, 1967, p. 67.

**8** In libro quoque de republica secundo id ipsum verbum Cicero ponit non temere transeundum. Verba ex eo libro haec sunt: "Non gravarer, Laeli, nisi et hos velle putarem et ipse cuperem te quoque aliquam partem huius nostri sermonis attingere, praesertim cum heri ipse dixeris te nobis etiam superfuturum. Verum id quidem fieri non potest; ne desis, omnes te rogamus." **9** Exquisite igitur et comperte Iulius Paulus dicebat, homo in nostra memoria doctissimus, "superesse" non simplici ratione dici tam Latine quam Graece: Graecos enim perisson in utramque partem ponere, vel quod supervacaneum esset ac non necessarium, vel quod abundans nimis et affluens et exuberans; **10** sic nostros quoque veteres "superesse" alias dixisse pro superfluenti et vacivo neque admodum necessario, ita, ut supra posuimus, Varronem dicere, alias ita, ut Cicero dixit, pro eo, quod copia quidem et facultate ceteris anteiret, super modum tamen et largius prolixiusque flueret, quam esset satis. **11** Qui dicit ergo "superesse se" ei, quem defendit, **12** nihil istorum vult dicere, sed nescio quid aliud indictum inscitumque dicit ac ne Vergilii quidem poterit auctoritate uti, qui in georgicis ita scripsit:

Primus ego in patriam mecum, modo vita supersit.

Hoc enim in loco Vergilius *akyroteron* eo verbo usus videtur, quod "supersit" dixit pro "longinquius diutiusque adsit", **13** illudque contra eiusdem Vergili aliquanto est probabilius:

Florentisque secant herbas fluviosque ministrant  
farraque, ne blando nequeat superesse labori;

significat enim supra laborem esse neque opprimi a labore. **14** An autem "superesse" dixerint veteres pro "restare et perficiendae rei deesse", quaerebamus.

**8** No segundo livro do *Sobre a Republica*, Cícero emprega a mesma palavra, sobre a qual é necessário discorrer. As palavras daquele livro são as seguintes: “Não ficaria descontente, Lélcio, se eu não pensasse que as pessoas presentes querem e eu mesmo não desejasse que também você tomasse parte desse nosso discurso, especialmente porque você ontem mesmo disse que por nós, você se demoraria ainda mais tempo (*superfuturum*). Mas é impossível que isso aconteça; todos lhe pedimos que não se esqueça de sua contribuição.” **9** Julio Paulo, uma das pessoas mais eruditas que conheci<sup>29</sup>, dizia com sutileza e ciência que o valor de *superesse* não era único, nem em latim nem em grego: pois os gregos empregavam excessivo (*perisson*) nos dois sentidos, ou supérfluo e sem necessidade, ou muito abundante, transbordante ou regurgitante. **10** Da mesma forma, os antigos latinos diziam *superesse* tanto para o que é supérfluo, sem utilidade e sem necessidade, assim como o faz Varrão no exemplo acima, quanto como o faz Cícero, para aquilo que supera o restante pela abundância e recursos e que se expande, no entanto, desmedida e copiosamente, além do suficiente. **11** Portanto, quem diz *superesse* se no sentido de assistir seu cliente **12** nada disso quer dizer, mas acaba por dar à palavra não sei qual sentido e não poderá sequer servir-se da autoridade de Virgílio, que escreveu nas *Geórgicas*:

“Primeiramente, eu levo [as musas] comigo para a pátria desde que a vida me seja suficiente (*supersit*)”.

De fato, aqui Virgílio parece ter usado o verbo inapropriadamente, por ter dito *supersit* para ficar presente mais longamente, por mais tempo.” **13** Mas o trecho seguinte do próprio Virgílio é bem mais digno de aprovação:

“Cortam-lhe ervas que florescem e servem-lhe águas correntes e trigo,  
para que possa ser superior (*superesse*) a sua doce tarefa.”

*Superesse* significa superar a fadiga e não sucumbir a ela **14** Perguntamo-nos se os antigos teriam dito *superesse* para “aquilo que falta” ou “aquilo que resta por fazer” da obra.

---

<sup>29</sup> N. B.: Julius Paulus é contemporâneo de Gélcio e aqui como em diversas outras vezes, vamos encontrar expressões que ressaltam as pessoas citadas querendo dizer *ut mea memória est* (na minha lembrança passada e presente ou por quanto lembro em minha experiência pessoal).

**15** Nam Sallustius in significatione ista non "superesse", sed "superare" dicit. Verba eius in Iugurtha haec sunt: "Is plerumque seorsum a rege exercitum ductare et omnis res exsequi solitus erat, quae Iugurthae fesso aut maioribus astricto superaverant." **16** Sed invenimus in tertio Enni annalium in hoc versu:

Inde sibi memorat unum super esse laborem,

id est relicum esse et restare, quod, quia id est, divide pronuntiandum est, ut non una pars orationis esse videatur, sed duae. **17** Cicero autem in secunda Antonianarum, quod est relicum, non "superesse", sed "restare" dicit.

**18** Praeter haec "superesse" invenimus dictum pro "superstitem esse". **19** Ita enim scriptum est in libro epistularum M. Ciceronis ad L. Plancum et in epistula M.<sup>30</sup> Asini Pollionis ad Ciceronem verbis his: "Nam neque deesse reipublicae volo neque superesse", per quod significat, si respublica emoriatur et pereat, nolle se vivere. **20** In Plauti autem Asinaria manifestius id ipsum scriptum est in his versibus, qui sunt eius comoediae primi:

Sicut tuum vis unicum gnatum tuae  
superesse vitae sospitem et superstitem.

**21** Cavenda igitur est non inproprietas sola verbi, sed etiam pravitas ominis, si quis senior advocatus adulescenti "superesse se" dicat.

---

<sup>30</sup> N. B.: Gaio e não Marco como aparece em Gélio, conhecido sobretudo por ter sido amigo de Virgílio e Horácio, foi pretor em 45 a.C., durante a Guerra Civil lutou ao lado de Antonio. CAVAZZA, F. 1985, p. 388 (vol. 1).

**15** Salústio não emprega com esse significado *superesse*, mas *superare*. Estas são suas palavras em Jugurta<sup>31</sup>: “Na maioria das vezes, conduzia ele sozinho o exército, sem o rei, e seguidamente fazia tudo o que era demais para Jugurta cansado (*superauerant*) ou detido por cuidados mais importantes”. **16** Mas encontramos no terceiro livro dos *Anais* de Enio neste verso:

“Então ele se recorda de que ainda lhe resta (*super esse*) um trabalho”,

isto é, “resta por fazer” e este *super esse* por significar isso, deve ser pronunciado assim, separadamente, de maneira a se tornar não uma, mas duas palavras. **17** Porém Cícero, na segunda das *Filípicas*<sup>32</sup>, diz *restare* e não *superesse* para o que resta por fazer<sup>33</sup>. **18** Dentre outras coisas, encontramos *superesse* com sentido de sobreviver<sup>34</sup>. **19** Assim encontra-se escrito no livro das cartas de Cícero a Plânicio<sup>35</sup>, e em uma carta de Polião para Cícero, nestas palavras: “Não quero nem faltar à República nem sobreviver a ela (*superesse*)”, o que quer dizer que se a República esmorecer, se deteriorar, ele não quer permanecer vivo. **20** Já na *Asinária* de Plauto, esse mesmo significado aparece com maior evidência nos versos que se encontram no início da comédia:

“Como você deseja que seu único filho  
sobreviva a você são e salvo.”

**21** Então é preciso cuidar-se não só do uso incorreto da palavra, mas também do presságio ruim, no caso de um advogado ancião dizer a um jovem *superesse se*, “que o assiste/que sobrevive a ele<sup>36</sup>.”

---

<sup>31</sup> N. T.: Salústio, Jugurta, 70, 2 MARACHE, 1967, p. 70.

<sup>32</sup> N. E.: Pode-se encontrar *Filípicas* ou *Antonianas*, já que é o discurso contra Antonio. MARACHE, 1967, p. 70.

<sup>33</sup> N. T.: Esta citação de Gélío torna-se irrelevante, já que *restare* é utilizado com significado próprio e não anula a utilização de *superesse*.

<sup>34</sup> N. T.: O uso de *superesse* com esse sentido é bastante freqüente. CAVAZZA, F. 1985, p. 387 (vol. 1)

<sup>35</sup> N. B.: Plânicio foi político e general, lutou sob o comando de César na Gália e na Guerra Civil. CAVAZZA, F. 1985, p. 388 (vol. 1)

<sup>36</sup> N. E.: O advogado pode tanto afirmar que assiste o jovem quanto que sobreviverá a ele, daí o mau presságio.

## XXV

**Quibus verbis M. Varro indutias definierit; quaesitumque inibi curiosius, quaenam ratio sit vocabuli indutiarum**

**1** Duobus modis M. Varro in libro humanarum, qui est de bello et pace, "indutiae" quid sint, definit. "Indutiae sunt" inquit "pax castrensis paucorum dierum"; **2** item alio in loco: "indutiae sunt" inquit "belli feriae". **3** Sed lepidae magis atque iucundae brevitatis utraque definitio quam plana aut proba esse videtur. **4** Nam neque pax est indutiae - bellum enim manet, pugna cessat -, neque in solis castris neque "paucorum" tantum "dierum" indutiae sunt. **5** Quid enim dicemus, si indutiis mensium aliquot factis in oppida castris concedatur? nonne tum quoque indutiae sunt? **6** aut rursus quid esse id dicemus, quod in primo annalium Quadrigarii scriptum est, C. Pontium Samnitum a dictatore Romano sex horarum indutias postulasse, si indutiae "paucorum" tantum "dierum" appellandae sunt? **7** "belli" autem "ferias" festive magis dixit quam aperte atque definite. **8** Graeci autem significantius consignatiusque cessationem istam pugnae pacticiam ekecheirian dixerunt exempta littera una sonitus vastioris et subdita lenioris. **9** Nam quod eo tempore non pugnetur et manus cohibeantur, ekecheirian appellarunt. **10** Sed profecto non id fuit Varroni negotium, ut indutias superstitiose definiret et legibus rationibusque omnibus definitionum inserviret. **11** Satis enim visum est eiusmodi facere demonstrationem, quod genus Graeci typois magis et hypograpsas quam horismous vocant. **12** "Indutiarum" autem vocabulum qua sit ratione factum, iam diu est, cum quaerimus. **13** Sed ex multis, quae vel audimus vel legimus, probabilius id, quod dicam, videtur. **14** "Indutias" sic dictas arbitramur, quasi tu dicas "inde uti iam".



## XXV

**Com que palavras Varrão define trégua (*indutiae*) e no mesmo capítulo, como ele busca com grande exatidão qual é a etimologia da palavra *indutiae*.**

**1** Marco Varrão, no livro *Das Antiquidades humanas*, que trata *Da guerra e da paz*, define de duas maneiras o que significa trégua (*indutiae*). “A trégua –disse – é uma paz de poucos dias feita no campo de batalha.” **2** Assim, em outro local: “a trégua são as férias da guerra.” **3** Mas as duas definições parcem mais finas e agradáveis do que claras e justas. **4** A trégua não é uma paz, – a guerra continua, embora a batalha seja interrompida – nem a trégua se faz só nos campos de batalha, nem somente por poucos dias. **5** Como explicamos, quando feita uma trégua de alguns meses, os exércitos retiram-se dos acampamentos para as fortificações? Não se trata também de uma situação de trégua? **6** Ou, de outro modo, como chamaremos o que se encontra no primeiro livro dos *Anais* de Quadrigário, “Poncio Samnita<sup>37</sup> solicitou ao ditador romano seis horas de trégua”, é possível chamar trégua somente àquela de poucos dias? **7** Quanto às “férias de guerra”, trata-se de uma expressão mais espirituosa do que clara e objetiva. **8** Os gregos, por outro lado, denominaram com uma palavra mais expressiva e apropriada o tratado que suspende os ataques *εκεχειριαν*, substituindo uma letra de som mais áspero por outra de sonoridade mais doce<sup>38</sup>. **9** A esse tempo em que não há combate e se “retêm as mãos”, chamaram *εκεχειριαν*. **10** Mas certamente Varrão não tinha em mente definir trégua com tamanha exatidão e atentar para todas as leis e regras das definições. **11** Parece-lhe preferível dar uma indicação do gênero que os gregos chamam *delineamento* e *idéia geral* ao invés de *definições*. **12** Porém, já faz algum tempo que procuramos saber de que maneira foi cunhado o vocábulo *indutiae*. **13** Das muitas explicações que ouvimos ou lemos, parece mais aceitável a que vou citar: **14** Pensamos que *indutiae* foi dita assim como se diz a partir desse momento (*inde uti iam*).

<sup>37</sup> N. B.: Trata-se de um general que subjugou os Romanos. CAVAZZA, F. 1985, p. 390 (vol. 1)

<sup>38</sup> N. E.: Gélío trata aqui da substituição da *χ* aspirada (*εχεχειριαν*)–*εχειν* – manter quieto, *χειρ* – mão , por sua correspondente velar surda, *κ* (*εκεχειριαν*). MARACHE, 1967, p. 74

**15** Pactum indutiarum eiusmodi est, ut in diem certum non pugnetur nihilque incommodetur, sed ex eo die postea uti iam omnia belli iure agantur. **16** Quod igitur dies certus praefinitur pactumque fit, ut ante eum diem ne pugnetur atque is dies ubi venit "inde uti iam" pugnetur, idcirco ex his, quibus dixi, vocibus, quasi per quendam coitum et copulam nomen indutiarum conexum est. **17** Aurelius autem Opilius in primo librorum, quos Musarum inscripsit, "indutiae" inquit "dicuntur, cum hostes inter sese utrimque utroque alteri ad alteros inpune et sine pugna ineunt; inde adeo" inquit "nomen factum videtur, quasi initiae, hoc est initus atque introitus." **18** Hoc ab Aurelio scriptum propterea non praeterii, ne cui harum noctium aemulo eo tantum nomine elegantius id videretur, tamquam id nos originem verbi requirentes fugisset.

**15** O pacto de trégua é tal que até um determinado dia, não se combate mais e não se causa qualquer aborrecimento, mas desse dia em diante (*ex eo die uti iam*), tudo passa a ser feito segundo as regras da guerra. **16** Já que antes que chegue o dia específico, pactua-se que não se combate, mas daquele momento em diante, se combate, por essa razão, as palavras que eu disse – *inde uti iam* – formam *indutiae*, por união e composição<sup>39</sup>. **17** Aurélio Opílio<sup>40</sup>, porém, no primeiro dos livros que intitulou *As Musas*, escreveu “Diz-se que há uma trégua quando os inimigos, de um lado e de outro, vão de uma parte a outra, sem perigo e sem combate. Então, disse ele, o nome parece vir de *initiae*, isto é, *initus* e *introitus*<sup>41</sup> (ação de começar, ação de entrar).” **18** Não omiti a explicação de Aurélio a fim de que para algum detrator das minhas *Noites*, a minha explicação não parecesse mais refinada que a dele, com a idéia de que isso tivesse escapado enquanto procurava a origem da palavra.

---

<sup>39</sup> N. T.: Segundo CAVAZZA, 1985, p. 392, a composição assinalada por Gélíio parece bastante improvável, mesmo que uma explicação segura da origem da palavra ainda não tenha sido encontrada. A explicação que merece maior crédito é a da derivação de um adjetivo *\*in-du-tus*.

<sup>40</sup> N. B.: Mestre e escritor de filosofia, gramática e retórica, nos séculos II e I a.C. CAVAZZA, 1985, p. 392

<sup>41</sup> N. E.: Essa etimologia não é aceita modernamente, assim como parece ter sido inventada por Opílio para a ocasião. CAVAZZA, 1985, p. 392

## ***LIVRO II***

## III

**Qua ratione verbis quibusdam vocabulisque veteres immiserint "h"<sup>1</sup> litterae spiritum.**

**1** "H" litteram sive illam spiritum magis quam litteram dici oportet, inserebant eam veteres nostri plerisque vocibus verborum firmandis roborandisque, ut sonus earum esset viridior vegetiorque; atque id videntur fecisse studio et exemplo linguae Atticae. **2** Satis notum est Atticos hichthyn et hippon et multa itidem alia contra morem gentium Graeciae ceterarum inspirantis primae litterae dixisse. **3** Sic "lachrumas", sic "sepulchrum", sic "ahenum", sic "vehemens", sic "incohare", sic "helluari", sic "halucinari", sic "honera", sic "honestum" dixerunt. **4** In his enim verbis omnibus litterae seu spiritus istius nulla ratio visa est, nisi ut firmitas et vigor vocis quasi quibusdam nervis additis intenderetur. **5** Sed quoniam "aheni" quoque exemplo usi sumus, venit nobis in memoriam Fidum Optatum, multi nominis Romae grammaticum, ostendisse mihi librum Aeneidos secundum mirandae vetustatis emptum in sigillariis viginti aureis, quem ipsius Vergili fuisse credebatur. In quo duo isti versus cum ita scripti forent:

Vestibulum ante ipsum primoque in limine

Pyrrus

exultat telis et luce coruscus aena,

additam supra vidimus "h" litteram et "ahena" factum. **6** Sic in illo quoque Vergili versu in optimis libris scriptum invenimus:

Aut foliis undam tepidi despumat aheni.

---

<sup>1</sup> N. E.: Em grego, tal aspiração era marcada por (ʰ).

## III

**De acordo com que raciocínio os antigos introduziram diante de algumas palavras a letra aspirada “h”.**

**1** Os antigos latinos inseriam a letra *h* ou aspiração, se achar melhor dizer assim, para sustentar e reforçar a sonoridade de muitas palavras, a fim de que se escutasse de forma mais vigorosa e possante. **2** É bem sabido que os áticos disseram peixe (ἰχθυὸν) e cavalo (ἵππον) aspirando a primeira letra, contrariando o costume de todos os outros povos gregos. **3** É por isso que disseram lágrimas (*lachrumas*), sepulcro (*sepulchrum*), bronze (*ahenum*), veemente (*vehemens*), começar (*incohare*), devorar (*helluari*), desatinar (*hallucinari*), cargas, pesos (*honera*), honesto (*honestum*). **4** Não há uma justificativa razoável para a inserção dessa letra ou dessa aspiração em todas essas palavras, a não ser o argumento da força e do vigor do som, juntando, por assim dizer, um pouco de energia. **5** Mas eis que temos mais entre os exemplos de *ahenus*, que nos traz à memória que Fido Optato, gramático romano do mais alto renome<sup>2</sup>, mostrou-me um exemplar do segundo livro da *Eneida*, notadamente antigo, comprado no mercado das Sigilárias<sup>3</sup> por vinte peças de ouro<sup>4</sup>, que se acreditava ter pertencido ao próprio Virgílio; os dois versos seguintes estão escritos assim:

“À entrada do palácio e sobre o umbral,

*Pyrrus*

exulta deslumbrado pelo brilho das armas de bronze.”

Sobre a palavra (*aena*) vimos escrita uma letra *h*, que a torna *ahena*. **6** Neste verso de Virgílio<sup>5</sup>, nos melhores manuscritos, encontramos a palavra escrita assim:

“Ela espuma a água fervente da caldeira de bronze (*aheni*) com as folhas.”

---

<sup>2</sup> N. T.: O nome de *Fidus Optatus* não aparece em outro lugar se não neste capítulo.

<sup>3</sup> N. E.: As *Sigilárias* são os quatro últimos dias dos sete que compõem as *Saturnais*, são os dias reservados para compra e venda de objetos, uma espécie de feira. MARACHE, 1967, p. 85 (vol. 1)

<sup>4</sup> N. T.: Cada “ouro” valia inicialmente 25 peças de prata. MARACHE, 1967, p. 85 (vol. 1)

<sup>5</sup> N. T.: Georg., 1, 296. MARACHE, 1967, p. 85 (vol. 1)

## IV

**Quam ob causam Gavius Bassus genus quoddam iudicii "divinationem" appellari scripserit; et quam alii causam esse eiusdem vocabuli dixerint.**

**1** Cum de constituendo accusatore quaeritur iudiciumque super ea re redditur, cuinam potissimum ex duobus pluribusne accusatio subscriptione in reum permittatur, ea res atque iudicium cognitio "divinatio" appellatur. **2** Id vocabulum quam ob causam ita factum sit, quaeri solet. **3** Gavius Bassus in tertio librorum, quos de origine vocabulorum composuit: "divinatio" inquit "iudicium appellatur, quoniam divinet quodammodo iudex oportet, quam sententiam sese ferre par sit." **4** Nimis quidem est in verbis Gavi Bassi ratio imperfecta vel magis inops et ieiuna. **5** Sed videtur tamen significare velle idcirco dici "divinationem", quod in aliis quidem causis iudex ea, quae didicit quaeque argumentis vel testibus demonstrata sunt, sequi solet, in hac autem re, cum eligendus accusator est, parva admodum et exilia sunt, quibus moveri iudex possit, et propterea, quinam magis ad accusandum idoneus sit, quasi divinandum est. **6** Hoc Bassus. Sed alii quidam "divinationem" esse appellatam putant, quoniam, cum accusator et reus duae res quasi cognatae coniunctaeque sint neque utra sine altera constare possit, in hoc tamen genere causae reus quidem iam est, sed accusator nondum est, et idcirco, quod adhuc usque deest et latet, divinatione supplendum est, quisnam sit accusator futurus.

## IV

**Por que razão segundo os escritos de Gavio Basso, chama-se *diuinatio* a certos processos e qual é a explicação desta palavra segundo outros.**

**1** Quando se debate sobre a constituição de um acusador para um julgamento em que duas ou mais pessoas se candidatam à função de acusador, o processo e a escolha dos magistrados são chamados *diuinatio*. **2** Costuma-se perguntar por que esse vocábulo é formado assim. **3** Gavio Basso<sup>6</sup>, no terceiro dos livros que compôs *Sobre a origem das palavras*, escreveu: “Chama-se *diuinatio* ao julgamento em que de alguma maneira, o juiz, para saber que sentença deve dar, é obrigado a adivinhar.” **4** As palavras de Gavio Basso constituem uma explicação extremamente insuficiente, sobretudo, sem força e conteúdo. **5** Ela parece querer indicar que causas o juiz decide pelo resultado das atuações, ou pela origem das provas demonstradas, e quando há de se eleger um acusador, não há para se decidir mais do que motivos frágeis e de certa forma, o juiz tem de eleger quem está mais apto a desempenhar o papel, como se devesse adivinhar. **6** Basso diz isso. Mas outros pensam ser chamada adivinhação porque, sendo correlatos réu e acusador, não podendo existir uma das partes sem a outra, e apresentando a causa da qual aqui se trata, de acusado sem acusador, é necessário recorrer à adivinhação para encontrar o que está ausente e escondido pela causa: quem será o acusador.

---

<sup>6</sup> N. B.: *Gavius Bassus* vivia no final da República, a obra citada por Gélío é *de Significatione uerborum*. MARACHE, 1967, p.86



**X****Quid sint favisae Capitolinae; et quid super eo verbo M. Varro Servio Sulpicio  
quaerenti rescripserit.**

**1** Servius Sulpicius, iuris civilis auctor, vir bene litteratus, scripsit ad M. Varronem rogavitque, ut rescriberet, quid significaret verbum, quod in censoris libris scriptum esset. **2** Id erat verbum "favisae Capitolinae". Varro rescripsit in memoria sibi esse, quod Q. Catulus curator restituendi Capitolii dixisset voluisse se aream Capitolinam deprimere, ut pluribus gradibus in aedem conscenderetur suggestusque pro fastigii magnitudine altior fieret, sed facere id non quisse, quoniam "favisae" impedissent. **3** Id esse cellas quasdam et cisternas, quae in area sub terra essent, ubi reponi solerent signa vetera, quae ex eo templo collapsa essent, et alia quaedam religiosa e donis consecratis. Ac deinde eadem epistula negat quidem se in litteris invenisse, cur "favisae" dictae sint, sed Q. Valerium Soranum solitum dicere ait, quos "thesauros" Graeco nomine appellaremus, priscos Latinos "flavisas" dixisse, quod in eos non rude aes argentumque, sed flata signataque pecunia conderetur. **4** Coniectare igitur se detractam esse ex eo verbo secundam litteram et "flavisas" esse dictas cellas quasdam et specus, quibus aeditui Capitolii uterentur ad custodiendas res veteres religiosas.

## X

**O que seriam *fauissae Capitolinae* e o que Varrão respondeu sobre essa palavra a uma questão de Sêrvio Sulpício.**

**1** Sêrvio Sulpício<sup>7</sup>, que é de fato autoridade em direito civil, homem do mais alto saber, escreveu a Varrão e pediu-lhe que respondesse sobre o significado de uma palavra que aparece nos livros dos censores. Essa palavra era *fauissae Capitolinae*. **2** Varrão respondeu lembrar-se de que Catulo<sup>8</sup>, encarregado de restaurar o Capitólio, quis rebaixar o terreno diante da construção para aumentar a escada, elevar a base a fim de deixá-la proporcional ao teto, mas não pôde realizar seu intento porque as *fauissae* teriam impedido. **3** Curvas ou fossas de todo tipo que estavam embaixo da terra, onde se depositariam as imagens de deuses maltratados pelo tempo e diferentes objetos sagrados provenientes de oferendas. Depois afirma na mesma carta que não encontrou nos livros o motivo por que são chamadas *fauissae*, mas que Quinto Valerio Sorano dizia freqüentemente que o que nós chamamos *thesaurus*, de um nome grego, os antigos latinos chamavam *flauissae*, pois aí não eram guardados somente a prata ou o bronze em barras, mas as moedas fundidas (*flata*). **4** Ele conjecturou então que a segunda letra de *flauissae* tenha desaparecido, e que chamam-se *fauissae* algumas covas ou buracos utilizados pelos guardiães do templo para guardar os objetos consagrados.

---

<sup>7</sup> N. B.: *Servius Sulpicius Rufus* foi correspondente e amigo de *Cícero*, foi seu adversário no processo de *Murena*. Cônsul em 51, foi um jurisconsulto famoso e homem de boa reputação, de total integridade. MARACHE, 1967, p. 86 (vol. 1).

<sup>8</sup> N. B.: *Q. Catulus* – cônsul em 102, interlocutor do *de Oratore*, reconhecido por sua inteligência, sua cultura. MARACHE, 1967, p. 86 (vol. 1).

**XIII****"Liberos" in multitudinis numero etiam unum filium filiamque veteres dixisse**

**1** Antiqui oratores historiaeque aut carminum scriptores etiam unum filium filiamque "liberos" multitudinis numero appellarunt. **2** Idque nos, cum in complurium veterum libris scriptum aliquotiens adverterimus, nunc quoque in libro Sempronii Asellionis rerum gestarum quinto ita esse positum offendimus. **3** Is Asellio sub P. Scipione Africano tribunus militum ad Numantiam fuit resque eas, quibus gerendis ipse interfuit, conscripsit. **4** Eius verba de Tiberio Graccho tribuno pl., quo in tempore interfectus in Capitolio est, haec sunt: "Nam Gracchus domo cum proficiscebatur, numquam minus terna aut quaterna milia hominum sequebantur." **5** Atque inde infra de eodem Graccho ita scripsit: "Orare coepit id quidem, ut se defenderent liberosque suos; eum, quem virile secus<sup>9</sup> tum in eo tempore habebat, produci iussit populoque commendavit prope flens."

**XVI****Quod Caesellius Vindex a Sulpicio Apollinari reprehensus est in sensus Vergiliani enarratione**

**1** Vergilii versus sunt e libro sexto:

Ille, vides, pura iuvenis qui nititur hasta,  
Proxima sorte tenet lucis loca. Primus ad auras  
Aetherias Italo commixtus sanguine surget,  
Silvius, Albanum nomen, tua postuma proles,

---

<sup>9</sup> N. T.: *Secus* = *sexus* – criança do sexo masculino. GAFFIOT, F. Dictionnaire illustré latin français. Paris: Hachette, 1934, p. 1413.

### XIII

**Os antigos chamavam as crianças (*liberos*), no plural, mesmo quando se tratava de um único filho ou filha.**

**1** Os oradores antigos, ou escritores de história e poemas chamavam um filho ou uma filha única *liberos*<sup>10</sup>, crianças, no plural. **2** Encontrei isso algumas vezes nos livros de nomes antigos e igualmente nos dias de hoje, no livro V das *Res Gestae* de *Sempronius Asellio*. **3** Asellio foi um tribuno militar sob o comando de Scipião, o africano, diante de *Numancia*, que contou os acontecimentos ocorridos ante seus olhos e dos que tomou parte. **4** As suas palavras para descrever sobre o tribuno Tibério Graco, no tempo em que foi morto no Capitólio, são estas: “Graco jamais saía de casa sem que o seguissem três ou quatro milhares de homens”, **5** Mais adiante, escreveu assim sobre o mesmo Graco: “Começou a pedir ao povo que defendesse a si e a seus filhos e em seguida apresentou o único filho, recomendou-o ao povo quase chorando.”

### XVI

**Por que Cesellio Vindex foi repreendido por Sulpício Apolinário sobre a interpretação de uma passagem de Virgílio.**

**1** Virgílio escreveu no livro VI:

“Vê aquele jovem apoiado sobre uma lança sem ferro,

que ocupa, pela sorte, o posto mais próximo da luz, ele será o primeiro a subir pelas  
brisas etéreas para o mundo dos vivos,

nascerá da união do sangue itálico com o nosso.

Este será seu último filho, o fruto póstumo de sua velhice:

Dado à luz nas florestas por sua esposa Lavínia,

---

<sup>10</sup> N. T.: A expressão não pode ser singular, conforme Ernout Meillet, o *paterfamilias*, chefe da família, tinha de um lado os *serui* – escravos – e de outro, os *liberi* – homens livres e suas crianças. MARACHE, 1967, p. 101 (vol. 1)

Quem tibi longaevo serum Lavinia coniunx  
Educet silvis regem regumque parentem,  
Unde genus Longa nostrum dominabitur Alba,

**2** Videbantur haec nequaquam convenire:

tua postuma proles,

et:

Quem tibi longaevo serum Lavinia coniunx  
Educet silvis.

**3** Nam si hic Silvius, ita ut in omnium ferme annalium monumentis scriptum est, post patris mortem natus est ob eamque causam praenomen ei Postumo fuit, qua ratione subiectum est:

Quem tibi longaevo serum Lavinia coniunx  
Educet silvis?

**4** Haec enim verba significare videri possunt Aenea vivo ac iam sene natum ei Silvium et educatum. **5** Itaque hanc sententiam esse verborum istorum Caesellius opinatus in commentario lectionum antiquarum: "'postuma'" inquit "'proles'" non eum significat, qui patre mortuo, sed qui postremo loco natus est, sicuti Silvius, qui Aenea iam sene tardo seroque partu est editus." **6** Sed huius historiae auctorem idoneum nullum nominat; **7** Silvium autem post Aeneae mortem, sicuti diximus, natum esse multi tradiderunt. **8** Idcirco Apollinaris Sulpicius inter cetera, in quis Caesellium reprehendit, hoc quoque eius quasi erratum animadvertit errorisque istius hanc esse causam dixit, quod scriptum ita sit "Quem tibi longaevo". "'Longaevo'" inquit "non seni significat - hoc enim est contra historiae fidem, sed in longum iam aevum et perpetuum recepto immortalique facto. **9** Anchises enim, qui haec ad filium dicit, sciebat eum, cum hominum vita discessisset, immortalem atque indigetem<sup>11</sup> futurum et longo perpetuoque aevo potiturum." **10** Hoc sane Apollinaris argute. Sed aliud tamen est "longum aevum", aliud "perpetuum", neque dii "longaevi" appellantur, sed "immortales".

---

<sup>11</sup> N. T.: Divindades primitivas e nacionais dos romanos. GAFFIOT, F. 1934, p. 805.

será chamado de Silvio, nome Albano, será rei e pai de reis

que propagarão o império de nossa raça em Alba Longa.”

**2** As palavras *tua postuma proles*, seu filho póstumo, não parecem concordar com

“Este será seu último filho, o fruto póstumo de sua velhice”.

**3** Porque se Silvio, como é indicado por quase todos os testemunhos analíticos, nasceu após a morte de Enéias, e assim, por essa razão, ele recebe o nome de *Postumus*, como se pode acrescentar:

“que sua esposa Lavinia criará tardiamente às florestas durante sua velhice”?

**4** Estas palavras podem parecer significar que Silvio nasceu e cresceu ainda quando Enéias era vivo e já estava velho. **5** Assim Cesélio Vindex em um *Estudo sobre as leituras de obras dos antigos* acreditou que estas palavras teriam o seguinte significado: “*Postuma proles*, disse ele, não significa nascido após a morte de seu pai, mas o último nascido dele<sup>12</sup>, como Silvio, trazido ao mundo por um nascimento tardio, quando Enéias já estava velho.” **6** Mas ele não oferece qualquer autoridade aceitável para corroborar essa versão da história. **7** Ou como nós já dissemos, muitos autores contaram que Silvio nasceu após a morte de Enéias. **8** Eis porque Sulpício Apollinário, entre outras repreensões dirigidas a Cesélio, criticou esta explicação como errônea e disse que a causa do erro está nas palavras *quem tibi longaeuo*. *Longaeuo*<sup>13</sup> não quer dizer velho, ou será contrário ao que a história atesta, mas significa a vida longa, eterna, que se torna imortal. **9** Anquises, que dirige essas palavras a seu filho, sabia que quando ele tivesse deixado a vida dos homens, ele se tornaria imortal, divindade nacional e seria dotado de uma vida longa e eterna. **10** Essa explicação de Apollinário é certamente engenhosa, no entanto, ter uma vida longa não é a mesma coisa que ter uma vida eterna. Não se diz dos deuses que têm vida longa, mas que são imortais.

---

<sup>12</sup> Conforme Varrão, os juristas não entendem o último nascido dele como sinônimo de póstumo. MARACHE, 1967, p. 105 (vol. 1).

<sup>13</sup> *Longaeuus* – de idade avançada, ancião. GAFFIOT, F., 1934, p. 920.

## XVII

**Cuiusmodi esse naturam quarundam praepositionum M. Cicero animadverterit;  
disceptatumque ibi super eo ipso, quod Cicero observaverat.**

**1** Observe curioseque animadvertit M. Tullius "in" et "con" praepositiones verbis aut vocabulis praepositas tunc produci atque protendi, cum litterae sequerentur, quae primae sunt in "sapiente" atque "felice", in aliis autem omnibus correpte pronuntiari. **2** Verba Ciceronis haec sunt: "Quid vero hoc elegantius, quod non fit natura, sed quodam instituto? "indoctus" dicimus brevi prima littera, "insanus" producta, "inhumanus" brevi, "infelix" longa et, ne multis, quibus in verbis hae primae litterae sunt, quae in "sapiente" atque "felice", producte dicuntur, in ceteris omnibus breviter; itemque "conposuit", "consuevit", "concrepuit", "confecit". Consule veritatem, reprehendet; refer ad aures, probabunt; quaere cur ita sit: dicent iuvare. Voluptati autem aurium morigerari debet oratio." **3** Manifesta quidem ratio suavitatis est in his vocibus, de quibus Cicero locutus est. Sed quid dicemus de praepositione "pro", quae, cum produci et corripi solet, observationem hanc tamen M. Tullii aspernata est? **4** Non enim semper producit, cum sequitur ea littera, quae prima est in verbo "fecit", quam Cicero hanc habere vim significat, ut propter eam rem "in" et "con" praepositiones producantur. **5** Nam "proficisci" et "profugere" et "profundere" et "profanum" et "profestum" correpte dicimus, "proferre" autem et "profligare" et "proficere" producte. **6** Cur igitur ea littera, quam Cicero productionis causam facere observavit, non in omnibus consimilibus eandem vim aut rationis aut suavitatis tenet, sed aliam vocem produci facit, aliam corripit? Neque vero "con" particula tum solum producit, cum ea littera, de qua Cicero dixit, insequitur. **7** Nam et Cato et Sallustius: "faenoribus" inquit "copertus est". **8** Praeterea "coligatus" et "conexus" producte dicitur. **9** Sed tamen videri potest in his, quae posui, ob eam causam particula haec produci, quoniam eliditur ex ea "n" littera: nam detrimentum litterae productione syllabae compensatur. **10** Quod quidem etiam in eo servatur, quod est "cogo"; neque repugnat, quod "coegi" correpte dicimus: **11** non enim salva id analogiae dicitur a verbo, quod est "cogo".

## XVII

**O que Cícero observou sobre a natureza de certas preposições; discussão sobre o que ele havia anotado.**

**1** Cícero observou com atenção minuciosa que os prefixos *in* e *con*, empregados diante de verbos ou nomes, são alongados e têm maior duração seguidos de *s* ou *f*, como em *felice* ou *sapiente*, e que em todos os outros casos, a pronúncia é breve. **2** Estas são as palavras de Cícero: “Quão maior o refinamento que não vem da natureza, mas por uma forma de convenção?” Pronunciamos breve a primeira sílaba de *indoctus*, de *insanus*, longa, *inhumanus* breve e *infelix* longa, dizemos então que a sílaba *in* tem som longo em todas as palavras em que precede *f* ou *s* e breve em todas as demais. Assim como em *conposuit*, *consuevit*, *concrepuit*, *confecit*. Se observarmos a quantidade, esta pronúncia é ruim, se dermos atenção ao ouvido, é boa. **3** A razão que Cícero observa para as pronúncias é a da suavidade. Mas e o que dizemos da preposição *pro*<sup>14</sup>, que, às vezes longa, às vezes breve, mesmo assim é desprezada pela observação do escritor? **4** Acontece que não se pronuncia sempre longa quando seguida de *f*, como a primeira letra no verbo *fecit*, que Cícero entende ter força, por alongar as preposições *in* e *con*. **5** Pois em *proficisci*, *profundere*, *profugere*, *profanum* e *profestum*, pronunciamos corretamente a sílaba *pro* como breve; já em *proferre*, *profligare*, *proficere*, é longa. **6** Por que esta letra que, segundo Cícero, tem a propriedade de tornar longas algumas preposições colocadas diante dela, não produz, conforme a mesma lei de suavidade e harmonia, o mesmo efeito precedida por *pro*? E por que em um caso produz alongamento e em outro abreviamento? A preposição *con* não se alonga somente quando antecede alguns sons como disse Cícero. **7** Catão e Salústio dizem cheio de dúvidas (*faenoribus coopertus est*), (*coo* é longa) **8** e por causa disso, em *coligatus* e *conexus* é pronunciada longa. **9** No entanto, pode parecer nesse caso que mostrei, que a preposição é alongada por causa da queda da letra *n*<sup>15</sup>. **10** A mesma observação pode ser feita sobre o verbo *cogo*, com a primeira sílaba longa, mas em *coegi*, é breve; **11** E o fato de pronunciarmos *coegi* breve não vem ao caso: *coegi* não se forma a partir de *cogo* segundo a analogia<sup>16</sup>.

---

<sup>14</sup> N. T.: O caso de *pro* é diferente dos outros prefixos, pois a alternância entre a longa e a breve constitui duas formas do mesmo prefixo e remonta a alternância vocálicas indo-européias. MARACHE, 1967, p. 107 (vol. 1)

<sup>15</sup> N. T.: A fórmula é concisa e obscura, no caso de *copertus*, como de *cogo*, ocorre a contração de dois *o*, a queda da letra *n* é só condição necessária para esta contração. MARACHE, 1967, p. 107 (vol. 1)

<sup>16</sup> N. T.: Gélcio quer dizer que não se pode estabelecer uma ligação entre *o* de *cogo* e *o* de *coegi*, ele tenta ligar *coago* a *coegi*, fazendo a contração na forma de presente, onde o *a* é breve e não na forma de perfeito, onde o *e* é longo. MARACHE, 1967, p. 107 (vol. 1)



**XIX****"Rescire" verbum quid sit; et quam habeat veram atque propriam significationem.**

**1** Verbum "rescire" observavimus vim habere propriam quandam, non ex communi significatione ceterorum verborum, quibus eadem praepositio imponitur; neque ut "rescribere", "relegere", "restituere" ... substituere dicimus, itidem dicimus "rescire"; **2** nam qui factum aliquod occultius aut inopinatum insperatumque cognoscit, is dicitur proprie "rescire". **3** Cur autem in hoc uno verbo "re" particula huius sententiae vim habeat, equidem adhuc quaero. **4** Aliter enim dictum esse "rescivi" aut "rescire" apud eos, qui diligenter locuti sunt, nondum invenimus, quam super is rebus, quae aut consulto consilio latuerint aut contra spem opinionemve usu venerint, **5** quamquam ipsum "scire" de omnibus communiter rebus dicatur vel adversis vel prosperis vel insperatis vel exspectatis. **6** Naevius in Triphallo ita scripsit: si umquam quicquam filium rescivero argentum amoris causa sumpse mutuum, extemplo illo te ducam, ubi non despuas. **7** Claudius Quadrigarius in primo annali: "Ea Lucani ubi resciverunt sibi per fallacias verba data esse." **8** Item Quadrigarius in eodem libro in re tristi et inopinata verbo isto ita utitur: "Id ubi rescierunt propinqui obsidum, quos Pontio traditos supra demonstravimus, eorum parentes cum propinquis capillo passo in viam provolarunt." **9** M. Cato in quarto originum: "Deinde dictator iubet postridie magistrum equitum arcessi: "mittam te, si vis, cum equitibus". "Sero est", inquit magister equitum "iam rescivere"." Quae volgo dicuntur "vivaria", id vocabulum veteres non dixisse; et quid pro eo P. Scipio in oratione ad populum, quid postea M. Varro in libris de re rustica dixerit.

---

## XIX

**O que é o vocábulo *rescire* e qual é verdadeiramente sua significação.**

1 Observamos que o vocábulo descobrir (*rescire*) tinha um sentido particular, diferente do comum de outros vocábulos com o mesmo prefixo, assim como em responder (*rescribere*), reler (*relegere*); restabelecer (*restituere*), substituir (*substituere*), igualmente dizemos *rescire*. 2 *Rescire* é dito com propriedade para um fato mais escondido que surpreendentemente se descobre. 3 Entretanto, por que a preposição *re* desempenha funções tão diferentes nestes vocábulos?<sup>17</sup> 4 Ainda que seja dito *resciui* ou *rescire*, posso assegurar que nunca encontrei nos que escrevem com diligência, esta palavra empregada em outro sentido, 5 apesar disso, *scire* se diz de tudo, sem qualquer distinção, de coisas previstas e imprevistas, prósperas ou adversas. 6 Nêvio escreveu assim em *Triphallus*: “Se descubro (*resciuro*) que meu filho pede emprestado dinheiro por causa de seus amores, imediatamente o conduzo a um lugar de onde não possa fugir.” 7 Cláudio Quadrigário, no primeiro livro de seus *Anais*: “Quando descobriram (*resciuerunt*) os Lucanos que haviam sido enganados por uma mentira” 8 O próprio Quadrigário, no mesmo livro, falando de um acontecimento triste e inesperado, usa assim tal vocábulo: “Quando os parentes dos reféns entregues a Pôncio, como dissemos acima, souberam (*resciuerunt*), viu-se todos acudirem ao caminho, desolados e com o cabelo desgrenhado”. 9 Marco Catão, no quarto livro *Das Origens*: “Depois, no dia seguinte, o ditador chamou o chefe da cavalaria ‘se queres, digo que te farei marchar com tuas tropas’ ‘é muito tarde’ – disse o chefe da cavalaria – ‘já descobriram’.”

---

<sup>17</sup> N. T.: O prevérbio *re*, independente de seu significado próprio, pode transformar o aspecto de levar em consideração o início ou o término do processo verbal. Essa parece ser a idéia do prevérbio em *rescire*, de iniciar a ação: antes de se conhecer (*scire*), se descobre (*rescire*). MARACHE, 1967, p. 110, (vol. 1)

## XX

**Quae volgo dicuntur "vivaria," id vocabulum veteres non dixisse; et quid pro eo P. Scipio in oratione ad populum, quid postea M. Varro in libris De Re Rustica dixerit.**

**1** "Vivaria", quae nunc dicuntur saepta quaedam loca, in quibus ferae vivae pascuntur, M. Varro in libro de re rustica III. dicit "leporaria" appellari. **2** Verba Varronis subieci: "Villaticae pastionis genera sunt tria, ornithones, leporaria, piscinae. Nunc ornithonas dico omnium alitum, quae intra parietes villae solent pasci. Leporaria te accipere volo, non ea, quae tritavi nostri dicebant, ubi soli lepores sint, sed omnia saepta, adfecta villae quae sunt et habent inclusa animalia, quae pascuntur." **3** Is item infra eodem in libro ita scribit: "Cum emisti fundum Tusculanum a M. Pisone, in leporario apri multi fuere." **4** "Vivaria" autem quae nunc vulgus dicit, quos paradeisous Graeci appellant, quae "leporaria" Varro dicit, haut usquam memini apud vetustiores scriptum. **5** Sed quod apud Scipionem omnium aetatis suae purissime locutum legimus "roboraria", aliquot Romae doctos viros dicere audivi id significare, quod nos "vivaria" dicimus, appellataque esse a tabulis roboreis, quibus saepta essent; quod genus saeptorum vidimus in Italia locis plerisque. **6** Verba ex oratione eius contra Claudium Asellum quinta haec sunt: "Vbi agros optime cultos atque villas expolitissimas vidisset, in his regionibus excelsissimo loco grumam statuere aiebat; inde corrigere viam, aliis per vineas medias, aliis per roborarium atque piscinam, aliis per villam." **7** Lacus vero aut stagna piscibus vivis coercendis clausa suo atque proprio nomine "piscinas" nominaverunt. **8** "Apiaria" quoque vulgus dicit loca, in quibus siti sunt alvei apum; sed neminem ferme, qui incorrupte locuti sunt, aut scripsisse memini aut dixisse. **9** M. autem Varro in libro de re rustica tertio: "Melissonas" inquit "ita facere oportet, quae quidam "mellaria" appellant." Sed hoc verbum, quo Varro usus est, Graecum est; nam melisones ita dicuntur, ut ampelones et daphnones.

## XX

**Que coisas popularmente são chamadas de *uiuaria*, os antigos não teriam chamado assim; o que disse na praça Scipião, no discurso para o povo; e o que mais tarde disse Varrão em seu *Tratado sobre a agricultura (De re rustica)*.**

**1** *Viuaría*, como hoje se chamam os locais onde se alimentam as feras vivas, Marco Varrão, no livro terceiro do *Tratado sobre a agricultura*, diz ser chamado *leporaria*. **2** Coloco abaixo as palavras de Varrão: “Existem no campo três tipos de lugares onde se guardam os animais. Chamam-se *ornithones*, *leporaria* e *piscinae*. Chamam-se *ornithonas* todas as espécies de aves que se criam nas granjas. *Leporaria*, chamam-se não só o parque onde ficam as lebres, mas todo tipo de cercado próximo a uma casa de campo em que se guardam animais agrestes. **3** Mais abaixo, no mesmo livro, escreve assim: “Quando você comprou a terra de Tusculano para M. Pisão, havia muitos javalis no cercado de animais (*in leporario*).” **4** Contudo, hoje, o povo diz *uiuaria* ao que os gregos chamam *paradeisous*; o termo *leporaria* que Varrão emprega não o encontrei em outros escritores mais antigos. **5** Mas em Scipião, que dentre os escritores de seu tempo, é o que fala a língua mais pura, lemos *roboraria*, o que ouvi os homens doutos de Roma dizerem querer significar o que hoje denominamos *uiuaria*, que seria originada das tábuas superiores com as que se costuma fechar os parques e que podemos ver na Itália em muitos locais. **6** As palavras de Scipião do quinto discurso contra *Claudius Asellius*<sup>18</sup> são: “Onde encontravam-se campos cultivados com dedicação, frutos da campina florescida, dizia-se que era necessário erguer uma parede na parte mais alta desta região, em seguida, traçava-se o caminho e fazia-se com que alguns passassem pelo meio das vinhas, outros pelo viveiro e pela piscina e outros ainda pela casa de campo.” **7** O lago onde se criam peixes, chama-se em nossa língua pelo nome apropriado de *piscinas*. **8** *Apiaria* também se chamam comumente os lugares onde são colocadas as colméias de abelhas, mas não creio que algum autor reconhecido pela pureza de vocabulário tenha empregado tal nome quando escrevesse ou falasse. Porém, Marco Varrão, no livro terceiro do *Tratado sobre a agricultura*: “*Melissonas*, assim devem chamar-se os lugares que servem de moradia para as abelhas, mas também é oportuno chamar de *mellaria*.” Mas este vocábulo que Varrão emprega é grego, pois as abelhas são chamadas em grego de *melisones*, *ampelones* ou *daphnones*.

---

<sup>18</sup> N. B.: Scipião, censor em 142, vetou as propostas de *Asellus*; em 140, *Asellus* torna-se tribuno e deseja tomar sua revanche. MARACHE, 1967, p. 112 (vol. 1)

## XXV

**Quid Graeci analogian, quid contra anomalian vocent.**

**1** In Latino sermone, sicut in Graeco, alii analogian sequendam putaverunt, alii anomalian. **2** Analogia est similibus similis declinatio, quam quidam Latine "proportionem" vocant. **3** Anomalia est inaequalitas declinationum consuetudinem sequens. **4** Duo autem Graeci grammatici illustres Aristarchus et Crates summa ope, ille analogian, hic anomalian defensavit. **5** M. Varronis liber ad Ciceronem de lingua Latina octavus nullam esse observationem similibus docet inque omnibus paene verbis consuetudinem dominari ostendit: **6** "Sicuti cum dicimus" inquit "'lupus lupi", "probus probi" et "lepus leporis", item "paro paravi" et "lavo lavi", "pungo pupugi", "tundo tutudi" et "pingo pinxi". **7** Cumque" inquit "a "ceno" et "prandeo" et "poto" et "cenatus sum" et "pransus sum" et "potus sum" dicamus, a "destringor" tamen et "extergeo" et "labor" "destrinxi" et "extersi" et "lavi" dicimus. **8** Item cum dicamus ab "Osco", "Tusco", "Graeco" "Osce", "Tusce", "Graece", a "Gallo" tamen et "Mauro" "Gallice" et "Maurice" dicimus; item a "probus" "probe", a "doctus" "docte", sed a "rarus" non dicitur "rare", sed alii "raro" dicunt, alii "rarenter". **9** Inde M. Varro in eodem libro: "'Sentior'" inquit "nemo dicit et id per se nihil est, "adsentior" tamen fere omnes dicunt. Sisenna unus "adsentio" in senatu dicebat et eum postea multi secuti, neque tamen vincere consuetudinem potuerunt." **10** Sed idem Varro in aliis libris multa pro analogiai tuenda scripsit. **11** Sunt igitur ii tamquam loci quidam communes contra analogian dicere et item rursum pro analogiai.

## XXV

**O que os gregos chamam de *analogia* e o que inversamente chamam de *anomalía*.**

**1** Em língua latina como em grega, uns pensaram que se deve seguir a analogia, e outros, a anomalia. **2** Analogia é a derivação de formas semelhante a partir de palavras semelhantes, o que alguns chamam em latim proporção. **3** Anomalia é a irregularidade de derivações de acordo com o uso. **4** Dois ilustres gramáticos gregos, Aristarco e Crates<sup>19</sup>, defenderam com todas as forças, um a analogia e outro, a anomalia. **5** Varrão, no livro oitavo do *De Língua latina*, dedicado a Cícero, assinala que as semelhanças não sevem para todas as palavras e que o uso é que dá a regra<sup>20</sup>: **6** “Segundo dizemos *lupus*, *lupi*; *probus*, *probi*; *lepus*, *leporis*; igualmente *paruo*, *parui*; *lauo*, *laui*; *pungo*, *pupugi*; *tundo*, *tutudi*; *pingo*, *pinxi*. **7** E com *ceno*, *prandeo*, *poto*, *cenatus sum*, *pransus sum*, *potus sum*; contudo, de *destringor*, *extergeo* e *lauor*, dizemos *destrinxi*, *extersi* e *laui*. **8** Assim como diríamos de *Oscos*, *Tuscos*, *Graecos*, *Osce*, *Tusce* e *Graece*; já de *Gallo* e *Mauro*, *Gallice* e *Maurice*; ainda de *probus*, *probe*; *doctus*, *docte*; mas de *rarus*, não se diz *rare*, alguns dizem *raro* e outros *rarenter*<sup>21</sup>.” **9** Marco Varrão, no mesmo livro: “ninguém diz *sentior* e por si não teria sentido algum, contudo, todos dizem *adsentior*. Sisenna, ao votar no senado, dizia somente *assentio*; depois, muitos o seguiram, embora não tenham conseguido sobrepor-se ao costume.” **10** Mas o mesmo Varrão, em outros livros, escreveu abundantemente em favor da analogia. **11** Isso é uma forma de lugar comum: dissertar em favor ou contra a analogia.

---

<sup>19</sup> N. B.: Aristarco (217-143) foi o sucessor de Apolônio Díscolo na biblioteca de Alexandria, Crates de Malos foi chefe da escola de Pérgamo, sua doutrina vigorou sob a influência do estoicismo. MARACHE, 1967, p. 129 (vol. 1)

<sup>20</sup> N. E.: A argumentação é construída sobre o modelo retórico e nesse livro, Varrão defende a anomalia, assim como no livro IX, defende a analogia. A leitura de Varrão pode justificar a conclusão de Gêlio. MARACHE, 1967, p. 129 (vol. 1) com adaptações.

<sup>21</sup> *Rarenter* foi uma forma largamente atestada na época arcaica, e voltou à moda no século II. *Raro* é a forma habitual, já *rare* é forma atestada em Plauto. MARACHE, 1967, p. 130 (vol. 1)

## ***LIVRO III***

**XII**

**Largum atque avidum bibendi a P. Nigidio, doctissimo viro, nova et prope absurda vocabuli figura "bibosum" dictum.**

- 1** Bibendi avidum P. Nigidius in commentariis grammaticis "bibacem" et "bibosum" dicit. **2** "Bibacem" ego ut "edacem" a plerisque aliis dictum lego; "bibosum" dictum nondum etiam usquam repperi nisi apud Laberium, neque aliud est, quod simili inclinatu dicatur. **3** Non enim simile est ut "vinosus" aut "vitiosus" ceteraque, quae hoc modo dicuntur, quoniam a vocabulis, non a verbo, inclinata sunt. **4** Laberius in mimo, qui Salinator inscriptus est, verbo hoc ita utitur: non mammosa, non annosa, non bibosa, non procax.

**XIV**

**"Dimidium librum legi" aut "dimidiam fabulam audivi" aliaque huiuscemodi qui dicat, vitiose dicere; eiusque vitii causas reddere M. Varronem; nec quemquam veterem hisce verbis esse.**

- 1** "Dimidium librum legi" aut "dimidiam fabulam audivi" vel quid aliud huiuscemodi male ac vitiose dici existumat Varro. **2** "Oportet enim" inquit "dicere "dimidiatum librum", non "dimidium", et "dimidiatam fabulam", non "dimidiam". Contra autem si ex sextario hemina fusa est, non "dimidiatum sextarium fustum" dicendum est, et qui ex mille nummum, quod ei debebatur, quingentos recepit, non "dimidiatum" recepisse dicemus, sed "dimidium".



## XII

**O homem inclinado à bebida foi chamado *bibosus* pelo grande erudito Nigídio, segundo uma derivação inusitada e quase chocante.<sup>1</sup>**

**1** Públio Nigídio, em suas *Notas gramaticais*, chama o homem inclinado à bebida, *bibax* e *bibosus*. **2** *Bibax* como guloso (*edax*), foi dito por muitos outros, como tenho constatado, mas não encontrei *bibosus* em parte alguma, a não ser em Labério e não há outra palavra formada da mesma maneira. **3** Pois não se assemelha em nada com *uinosus* e *uitiosus* e outros vocábulos dessa espécie, que são formados a partir de nomes e não de verbos. **4** Laberio, no mimo<sup>2</sup> chamado *Salinator*, usou a mesma palavra: “sem peitos avantajados (*non mammosa*), nem velha (*non annosa*), nem alcoólatra (*non bibosa*), ou desbocada.”

## XIV

**Li metade do livro (*dimidium librum legi*) ou ouvi metade da história (*dimidiam fabulam audiui*) e outras expressões dessa espécie são empregadas incorretamente; Varrão explica a impropriedade destes termos que não podem justificar-se, pois não foram empregados pelos antigos.**

**1** Varrão considera que se fala mal e de maneira incorreta as expressões li a metade de um livro ou ouvi a metade de uma história (*dimidium librum legi*) e (*dimidiam fabulam audiui*). **2** “É necessário dizer *dimidiatum librum* e não *dimidium*; *dimidiatam fabulam* e não *dimidiam*. Pois ao se derramar em um *sextário*<sup>3</sup> o conteúdo de uma metade, não se dirá, ao falar do meio *sextário*, *dimidiatus*, mas *dimidium* será a palavra correta. Da mesma forma, se um homem recebeu, em dinheiro, quinhentos de mil que lhe eram devidos, para expressar a metade paga, dizemos *dimidium* e não *dimidiatum*.

---

<sup>1</sup> N. T.: A forma esperada para nomes terminados em -x é *bibacem*, já para nomes terminados em -us é que se espera *bibosum*.

<sup>2</sup> N. T.: *Mimus*, -i 2m – representações pantomímicas, representação por meio de gestos de cenas da vida quotidiana, às vezes com cenas e linguagem obscenas. GAFFIOT, F., 1934, p. 977.

<sup>3</sup> N. T.: *Sextarius* – i 2m. A sexta parte de um *congio*, que por sua vez, é uma medida romana utilizada para líquidos, equivalente a 3,283 litros. GAFFIOT, F., 1934, p. 1435.

**3** At si scyphus" inquit "argenteus mihi cum alio communis in duas partis disiectus sit, "dimidiatum" eum esse dicere scyphum debeo, non "dimidium", argentum autem, quod in eo scypho inest, **4** "dimidium" meum esse, non "dimidiatum", disseritque ac dividit subtilissime, quid "dimidium" "dimidiato" intersit, **5** et Q. Ennium scienter hoc in annalibus dixisse ait:

Sicut si quis ferat vas vini dimidiatum,

sicuti pars, quae deest ei vaso, non "dimidiata" dicenda est, sed "dimidia". **6** Omnis autem disputationis eius, quam subtiliter quidem, sed subobscurè explicat, summa haec est: "dimidiatum" est quasi "dismediatum" et in partis duas pares divisum, **7** "dimidiatum" ergo nisi ipsum, quod divisum est, dici haut convenit; **8** "dimidium" vero est, non quod ipsum dimidiatum est, sed quae ex dimidiato pars altera est. **9** Cum igitur partem dimidiam libri legisse volumus dicere aut partem dimidiam fabulae audisse, si "dimidiam fabulam" aut "dimidium librum" dicimus, peccamus; totum enim ipsum, quod dimidiatum atque divisum est, "dimidium" dicis. **10** Itaque Lucilius eadem secutus:

"Uno oculo" inquit "pedibusque duobus dimidiatus ut porcus",

et alio loco:

"Quidni? et scruta quidem ut vendat, scrutarius laudat,

Praefractam strigilem, soleam improbus dimidiatam."

**11** Iam in vicesimo manifestius "dimidiam horam" dicere studiose fugit, sed pro "dimidia" "dimidium" ponit in hisce versibus:

"Tempestate sua atque eodem uno tempore et horae

Dimidio et tribus confectis dumtaxat eandem ad quartam."

**3** “Entretanto, diz Varrão, se tenho uma taça de prata em sociedade com outro e ela se dividir em dois, ao falar da taça, devo dizer que ele está diminuído da metade (*dimidiatus*) e não pela metade (*dimidius*).” **4** Se quiser então falar da parte de prata que me pertence, diria *dimidium* e não *dimidiatum*, e ele – Varrão – disserta com uma grande sutileza sobre a diferença existente entre *dimidium* e *dimidiatum*. **5** Acrescenta que Enio disse isto sabiamente nos *Anais*:

“Como se lhe levasse uma taça cheia de vinho até a metade,”

ao tratar da parte vazia da taça, a designaria com *dimidia* e não *dimidiata*. **6** Mas enfim, de toda discussão que expõe com sutileza, mas um pouco obscuramente, Varrão conclui isto sobre essas duas expressões: *dimidiatum* tem o mesmo sentido que teria *dismediatum*; quer dizer partilhado ao meio, dividido em duas partes iguais. **7** Logo, não convém empregar *dimidiatum*, a não ser que se denomine o objeto que foi dividido. **8** *Dimidium*, ao contrário, não se diz do que foi dividido, mas de uma ou outra parte que foi retirada. **9** Então, quando queremos dizer que lemos a metade de um livro<sup>4</sup>, ou que escutamos a metade de uma história, se dizemos “*dimidium librum legi*” ou “*dimidiam fabulam audiui*”, nos equivocamos, porque se diz *dimidium* do todo que está repartido, dividido. **10** Lucílio observou o mesmo nos seguintes versos:

“Diminuído de um olho e de dois pés, como um porco cortado ao meio.”

E em outra parte:

“Por que não? O vendedor que quer vender seus andrajos, espertalhão, fez um elogio

a um raspador meio quebrado ou a uma sandália da qual resta somente a metade”

(*soleam dimidiatam*). **11** Já no vigésimo livro, foge cuidadosamente de dizer *dimidiam horam*, mas em lugar de *dimidia*, emprega *dimidium* nestes versos:

“A um só tempo, passadas três horas e meia (*horae dimidio*),

até atingir às quatro horas sem ultrapassá-las”.

---

<sup>4</sup> N. E.: A distinção parece clara entre o objeto dividido e a parte deste objeto, o que pode se tornar um pouco difícil é saber do que se trata: da metade cheia ou da vazia. MARACHE, 1967, p. 171 (vol. 1)

**12** Nam cum obvium proximumque esset dicere: "dimidia et tribus confectis", vigilate atque attente verbum non probum vitavit. **13** Per quod satis apparet ne "horam" quidem "dimidiam" recte dici, sed vel "dimidiatam horam" vel "dimidiam partem horae". **14** Propterea Plautus quoque in Bacchidibus "dimidium auri" dicit, non "dimidiatum aurum"; **15** item in Aulularia "dimidium obsoni", non "dimidiatum obsonium", in hoc versu:

“Ei adeo obsoni hic iussit dimidium dari;”

**16** in Menaechmis autem "dimidiatum diem" non "dimidium", in hoc versu:

“Dies quidem iam ad umbilicum dimidiatus mortuust.”

**17** M. etiam Cato in libro, quem de agricultura conscripsit: "Semen cupressi serito crebrum, ita uti linum seri solet. Eo cribro terram incernito dimidiatum digitum. Iam id bene tabula aut pedibus aut manibus complanato." **18** "Dimidiatum" inquit "digitum", non "dimidium". Nam "digiti" quidem "dimidium", digitum autem ipsum "dimidiatum" dici oportet. **19** Item M. Cato de Carthaginiensibus ita scripsit: "Homines defoderunt in terram dimidiatos ignemque circumposuerunt, ita interfecerunt." **20** Neque quisquam omnium, qui probe locuti sunt, his verbis sequius quam dixi usus est.

**12** Pois embora fosse óbvio e próximo dizer *dimidia e tribus confectis*, com vigilância e atenção, evitou o vocábulo inadequado. **13** Por isso, parece que *horam* e *dimidiam* não são empregadas de maneira correta, mas *dimidiatam horam* ou *dimidiam partem horae*. **14** Por causa disso, nas Báquides, Plauto diz metade do ouro (*dimidium auri*)<sup>5</sup> e não meio ouro (*dimidiatum aurum*). **15** Também na *Aululária*, a metade da comida (*dimidium obsoni*) e não meia comida (*dimidiatum obsoni*), neste verso:

“Ordenou que eu lhe entregasse a metade da comida.”

**16** Contudo, num verso dos *Menecmos*, emprega *dimidiatum diem* não *dimidium*, neste verso:

“O dia cortado pelo umbigo, em dois, de agora em diante, é passado”.

**17** Já Catão, no livro que escreveu *Sobre a agricultura*: “O grão de cipreste deve ser semeado bem juntinho, como o de linho: depois disso, fure a terra a meio dedo de profundidade, aplainando em seguida com uma prancha, com os pés ou com as mãos.”

**18** *Dimidiatum digitum* não *dimidium*, pois pode-se dizer a medida do buraco ou o dedo, que ele mesmo seja pela metade, *dimidium digiti*. **19** Também Catão, ao falar dos Cartagineses, escreveu assim: “Enterraram os homens até a metade do corpo, acenderam fogueiras ao seu redor, e desta forma, mataram-nos.” **20** Nenhum desses escritores, que se expressaram corretamente e que se serviram destas palavras, foi além do uso que aqui expus.

---

<sup>5</sup> N. T.: *Dimidium, i n.* (dis + medius = partido no meio) metade; *dimidium facti qui coepti habet* (provérbio), tarefa começada, meio acabada.

*Dimidiatus, dimidius*, meio, metade. In: idem. GAFFIOT, F., 1934, p. 530.

## XVIII

**Quid sint "pedari senatores" et quam ob causam ita appellati; Quamque habeant verba haec ex edicto tralaticio consulum: "senatores quibusque sententiam dicere licet".**

**1** Non pauci sunt, qui opinantur, "pedarios senatores" appellatos, qui sententiam in senatu non verbis dicerent, sed in alienam sententiam pedibus irent. **2** Quid igitur? cum senatusconsultum per discessionem fiebat, nonne universi senatores sententiam pedibus ferebant? **3** Atque haec etiam vocabuli istius ratio dicitur, quam Gavius Bassus in commentariis suis scriptam reliquit. **4** Senatores enim dicit in veterum aetate, qui curulem magistratum gessissent, curru solitos honoris gratia in curiam vehi, in quo curru sella esset, super quam considerent, quae ob eam causam "curulis" appellaretur: sed eos senatores, qui magistratum curulem nondum ceperant, pedibus itavisse in curiam; propterea senatores nondum maioribus honoribus "pedarios" nominatos. **5** M. autem Varro in satira Menippea, quae Hippokyon inscripta est, equites quosdam dicit "pedarios" appellatos videturque eos significare, qui nondum a censoribus in senatum lecti senatores quidem non erant, sed, quia honoribus populi usi erant, in senatum veniebant et sententiae ius habebant. **6** Nam et curulibus magistratibus functi, si nondum a censoribus in senatum lecti erant, senatores non erant et, quia in postremis scripti erant, non rogabantur sententias, sed, quas principes dixerant, in eas discedebant. **7** Hoc significabat edictum, quo nunc quoque consules, cum senatores in curiam vocant, servandae consuetudinis causa tralaticio utuntur. **8** Verba edicti haec sunt: "Senatores quibusque in senatu sententiam dicere licet." **9** Versum quoque Laberii, in quo id vocabulum positum est, notari iussimus, quem legimus in mimo, qui Stricturae inscriptus est: caput sine lingua pedarii sententia est. **10** Hoc vocabulum a plerisque barbare dici animadvertimus; nam pro "pedariis" "pedaneos" appellant.

## XVIII

**O que são senadores *pedários* e por que foram chamados assim. Qual é a origem desta expressão em um documento antigo dos cônsules: “senadores que têm o direito de dar opinião no senado”.**

**1** Não são poucos os que crêem que eram chamados senadores *pedários* os que não davam a conhecer sua opinião em voz alta, mas aliavam-se à opinião de seus colegas. **2** Como assim? Quando um *senatus-consultus*<sup>6</sup> se faz por divisão, todos os senadores não davam sua opinião se deslocando a pé? **3** Existe ainda outra explicação para essa palavra que escreveu *Gavius Bassus* em seus *Comentários*. **4** No tempo dos antigos, disse ele, os senadores que exerciam uma magistratura *curul*, vinham à cúria normalmente com um carro (*currus*) que tinha na frente uma cadeira onde eles se sentavam, e eram chamados, por esta razão, *curulis*; mas os senadores que ainda não haviam recebido uma magistratura *curul*, iam até a cúria a pé; por causa disso, por não terem recebido ainda as maiores honras, eram chamados de *pedários*. **5** Porém Varrão, na sátira *Menipéia*, intitulada *Hipocon*, fala de certos cavaleiros denominados *pedários* por não terem ainda sido inscritos no senado pelos censores, não eram senadores, mas tendo exercido os cargos confiados pelo povo, vinham ao senado e tinham o direito de dar sua opinião. **6** Pois mesmo os cidadãos que tinham desempenhado as magistraturas *curules* não eram senadores até receberem este título dos censores, os últimos inscritos na lista de senadores não eram chamados a emitir em viva voz sua opinião, eles acompanhavam a opinião dos primeiros. **7** Isso é o que indica o edito<sup>7</sup> dos cônsules, que quando convocam os senadores à cúria, ainda utilizam esses termos tradicionais, para observar os costumes. **8** As palavras do documento são as seguintes: “Senadores e aqueles que têm o direito de emitir opinião no senado.”<sup>8</sup> **9** Encontramos também em um verso de Labério a mesma palavra, lemos o verso no mimo intitulado *Strictureae*: “cabeça sem língua é a opinião do senador *pedário*”. **10** Essa palavra é alterada de maneira bárbara por muitos, pois dizem *pedanei*<sup>9</sup> em lugar de *pedarius*.

<sup>6</sup> N. T.: *Senatus-consultum*, -i – decreto do senado. GAFFIOT, F., 1934, p. 1422.

<sup>7</sup> N. E.: Edito – modernamente conhecido como edital de convocação.

<sup>8</sup> N. E.: Percebe-se então que as explicações para os adjetivos dados aos senadores podem coexistir ou podem se suceder. MARACHE, 1967, p. 183 (vol. 1)

<sup>9</sup> N. T.: *Pedanei* – provavelmente pejorativo.

**XIX**

**Qua ratione Gavius Bassus scripserit "parcum" hominem appellatum et quam esse eius vocabuli causam putarit; et contra, quem in modum quibusque verbis Favorinus hanc traditionem eius eluserit.**

**1** Apud cenam Favorini philosophi cum discubitu fuerat coeptusque erat apponi cibus, servus assistens mensae eius legere inceptabat aut Graecarum quid litterarum aut nostratium; velut eo die, quo ego affui, legebatur Gavii Bassi, eruditi viri, liber de origine verborum et vocabulorum. **2** In quo ita scriptum fuit: "'Parcus" composito vocabulo est dictus quasi "par arcae", quando, sicut in arca omnia reconduntur eiusque custodia servantur et continentur, ita homo tenax parvoque contentus omnia custodita ac recondita habet sicuti arca. Quam ob causam "parcus" quasi "pararcus" est nominatus." **3** Tum Favorinus, ubi haec audivit: "superstitiose" inquit "et nimis moleste atque odiose confabricatus commolitusque magis est originem vocabuli Gavius iste Bassus, quam enarravit. **4** Nam si licet res dicere commenticias, cur non probabilius videatur, ut accipiamus "parcum" ob eam causam dictum, quod pecuniam consumi atque inpendi arceat et prohibeat quasi "pecuniarcus"? **5** Quin potius," inquit "quod simplicius veriusque est, id dicimus? "Parcus" enim neque ab arca neque ab arcendo, sed ab eo, quod est "parum" et "parvum", denominatus est."



**XIX**

**Que explicação deu *Gavius Bassus* em seu homem econômico (*parcus homo*), qual é, segundo ele, a origem dessa palavra; e em sentido contrário, de que maneira e em que termos *Favorino* ridicularizou esse ensinamento.**

**1** Junto à refeição do filósofo Favorino, quando os convidados estavam sentados com a comida servida, um escravo em pé, à mesa do senhor, começava a ler uma página da literatura grega ou latina. Certo dia, em que fui convidado, se lia um tratado do sábio Gávio Basso, homem erudito, *Sobre a origem dos nomes e dos verbos*. **2** Nele estava escrito: “*parcus*<sup>10</sup> é um vocábulo composto, é equivalente a igual a um cofre (*par arcae*), da mesma forma que tudo que é guardado em um cofre está fechado, conservado em boa guarda e mantido, o homem parcimonioso, que se contenta com pouco, tem tudo fechado sob vigilância, como faz um cofre; é por essa razão que é chamado *parcus*, como dizer igual a um cofre (*par arcae*). **3** Favorino, quando ouviu tais palavras, disse: “É de maneira bem complicada, desagradável e odiosa que Gávio Basso fabricou e imaginou a origem da palavra, mais do que tenha dado conta. **4** Pois podemos nos permitir inventar, por que não pareceria mais aceitável admitir que se disse *parcus* aquele que impede e proíbe de gastar dinheiro (*pecunia*) como *pecuniarcus*, já que é próprio da economia guardar o dinheiro (*pecunia*) e evitar (*arcere*) o gasto<sup>11</sup>? **5** Por que não acatar a explicação que então parece mais verossímil? Que *parcus* não seja formado a partir de *arca*, nem de *arcare*, mas que proceda de pouco (*paruum*) ou de pequeno (*paruus*).

---

<sup>10</sup> N. T.: *Parcus* – is - poupado, econômico, economizador, moderado. GAFFIOT, F., 1934, p. 1115.

<sup>11</sup> N. T.: A etimologia de *parcus* não é mais conhecida, a remissão a *arceo* não parece descartável a princípio, mas a explicação de *Gavius Bassus* é descabida, MARACHE, 1967, p. 186 (vol. 1)

## ***LIVRO IV***

## I

**Sermo quidam Favorini philosophi cum grammatico iactantiore factus in Socraticum modum; atque ibi in sermone dictum, quibus verbis "penus"<sup>1</sup> a Q. Scaevola definita sit; quodque eadem definitio culpata reprehensaque est.**

**1** In vestibulo aedium Palatarum omnium fere ordinum multitudo opperientes salutationem Caesaris constiterant; atque ibi in circulo doctorum hominum Favorino philosopho praesente ostentabat quispiam grammaticae rei ditior scholica quaedam nugalia de generibus et casibus vocabulorum disserens cum arduis superciliis vocisque et vultus gravitate composita tamquam interpret et arbiter Sibyllae oraculorum. **2** Tum aspiciens ad Favorinum, quamquam ei nondum etiam satis notus esset: "'penus" quoque" inquit "variis generibus dictum et varie declinatum est. Nam et "hoc penus" et "haec penus" et "huius peni" et "penoris" veteres dictaverunt; **3** "mundum" quoque muliebrem Lucilius in satirarum XVI non virili genere, ut ceteri, sed neutro appellavit his verbis: legavit quidam uxori mundum omne penumque. Atqui quid mundum, quid non? quis dividet istuc?" **4** Atque horum omnium et testimoniis et exemplis constrepebat; cumque nimis odiose blattiret, intercessit placide Favorinus et "amabo," inquit "magister, quicquid est nomen tibi, abunde multa docuisti, quae quidem ignorabamus et scire haud sane postulabamus. **5** Quid enim refert mea eiusque, quicum loquor, quo genere "penum" dicam aut in quas extremas litteras declinem, si nemo id non nimis barbaramente fecerimus? **6** sed hoc plane indigeo discere, quid sit "penus" et qua fini id vocabulum dicatur, ne rem cotidiani usus, tamquam qui in venalibus Latine loqui coepta, alia quam oportet voce appellem." **7** "Quaeris" inquit "rem minime obscuram. Quis adeo ignorat "penum" esse vinum et triticum et oleum et lentum et fabam atque huiusmodi cetera?" **8** "Etiamne" inquit Favorinus "milium et panicum et glans et hordeum "penus" est? sunt enim propemodum haec quoque eiusdemmodi"; **9** cumque ille reticens haereret, "nolo" inquit "hoc iam labores, an ista, quae dixi, "penus" appelletur. Sed potesne mihi non speciem aliquam de penu dicere, sed definire genere proposito et differentiis adpositis, quid sit "penus"?" "Quod" inquit "genus et quas differentias dicas, non hercle intellego."

---

<sup>1</sup> N. T.: *Penus*, -oris 3n ou *penus*, -i 2m, provisão de viveres, comestíveis, dispensa, tudo aquilo de que se alimentam os homens. GAFFIOT, F., 1934, p. 1139.

## I

**Uma conversa do filósofo Favorino com um gramático meio fanfarrão, mantida à maneira Socrática; no mesmo capítulo, em que termos foi definida a palavra provisões (*penus*) por Quinto Scevola; e como essa definição foi criticada e contestada.**

1 Uma multidão de pessoas de quase todas as classes esperava na entrada da casa Palatina o momento de saudar o Imperador<sup>2</sup>; também aí, um certo gramático, colocou-se em meio a um grupo de homens instruídos, em presença do filósofo Favorino, mostrando sua futilidade escolar, discorrendo sobre os casos e gêneros dos nomes, com sobranceiras e voz arrogantes como se estivesse proclamando os oráculos da Sibila. 2 Então, dirigindo-se a Favorino, embora não o conhecesse suficientemente, disse: “também *penus* muda de gênero e de declinação. Pois os antigos tanto disseram *hoc penus*, como *haec penus*, *huius penus*, ou *penoris*. 3 Assim, Lucílio empregou ornamentos (*mundum*), no livro XVI das *Sátiras*, não em gênero masculino, como outros, mas em neutro, nestas palavras: “o marido deixou para a mulher todo o seu ornamento e todo o mantimento (*mundum omne penumque*). Como? O que é necessidade e o que é ornamento? Quem pode julgar isso?” 4 Continuava em seu trabalho de ostentar sua ciência e incomodar todos os presentes com exemplos, Favorino intercedeu calmamente: “amarei” disse “mestre - qualquer que seja seu nome, muitas coisas abundantemente você ensinou, que ignorávamos e sequer pensávamos vir a saber. 5 Pois o que me importa, bem como ao meu interlocutor, é que gênero dar a “*penum*” ou a idéia de em que desinência decliná-lo para que façamos uma e outra coisa sem ser excessivamente bárbara. 6 Mas tenho realmente necessidade de aprender o que exatamente significa *penus* e qual a limitação de uso a fim de que não a empregue, no uso cotidiano, como vocábulo impreciso, como fazem os escravos estrangeiros que começam a falar latim.” 7 “Você pergunta” respondeu o outro, “nada é mais fácil. Quem ignora que *penum* é vinho, trigo, azeite, lentilhas, favas e também, do mesmo modo, outras coisas?” 8 “Acaso”, disse Favorino, “*penus* é milho, pipoca e cevada”? São palavras do mesmo gênero essas que acabou de mencionar?”. 9 E como o outro guardasse silêncio e hesitasse: “Não quero” disse Favorino “que você tenha trabalhos explicando se podem ser designados os objetos que você enumerou com a palavra *penus*. O que quero é que você, ao invés de citar tais e quais objetos são denominados por *penus*, me dê o significado da própria palavra *penus* e a defina pelo gênero e pelas diferenças.” “De que gênero” – disse o gramático – “e que diferenças você quer falar?, não entendo!”

<sup>2</sup> N. B.: Trata-se aqui de Adriano (117 – 138) ou de Antonio Pio (138 – 161). MARACHE, 1967, p. 187 (vol. 1).

**10** "Rem" inquit Favorinus "plane dictam postulas, quod difficillimum est, dici planius; nam hoc quidem pervolgatum est definitionem omnem ex genere et differentia consistere. **11** Sed si me tibi praemandere, quod aiunt, postulas, faciam sane id quoque honoris tui habendi gratia." **12** Ac deinde ita exorsus est: "Si" inquit "ego te nunc rogem, ut mihi dicas et quasi circumscribas verbis, cuiusmodi "homo" sit, non, opinor, respondeas hominem esse te atque me. Hoc enim, quis homo sit, ostendere est, non, quid homo sit, dicere. Sed si, inquam, peterem, ut ipsum illud, quod homo est, definires, tum profecto mihi diceres hominem esse animal mortale rationis et scientiae capiens vel quo alio modo diceres, ut eum a ceteris omnibus separares. Proinde igitur nunc te rogo, ut, quid sit "penu", dicas, non ut aliquid ex penu nomines." **13** Tum ille ostentator voce iam molli atque demissa: "philosophias" inquit "ego non didici neque discere adpetivi et, si ignoro, an hordeum ex "penu" sit aut quibus verbis "penu" definiatur, non ea re litteras quoque alias nescio." **14** "Scire," inquit ridens iam Favorinus "quid "penu" sit, non ex nostra magis est philosophia quam ex grammatica tua. **15** Meministi enim, credo, quaeri solitum, quid Vergilius dixerit, "penu struere" vel "longam" vel "longo ordine"; utrumque enim profecto scis legi solitum. **16** Sed ut faciam te aequiore animo ut sis, ne illi quidem veteres iuris magistri, qui "sapientes" appellati sunt, definisse satis recte existimantur, quid sit "penu". **17** Nam Quintum Scaevolam ad demonstrandam penu his verbis usum audio: "'Penu" est", inquit "quod esculentum aut posculentum est, quod ipsius patrisfamilias aut matris familias aut liberum patrisfamilias aut familiae eius, quae circum eos aut liberos eius est et opus non facit, causa paratum est. ..., ut Mucius ait, "penu" videri debet. Nam quae ad edendum bibendumque in dies singulos prandii aut cenae causa parantur, "penu" non sunt; sed ea potius, quae huiusce generis longae usionis gratia contrahuntur et reconduntur, ex eo, quod non in promptu est, sed intus et penitus habeatur, "penu" dicta est." **18** Haec ego," inquit "cum philosophiae me dedissem, non insuper tamen habui discere; quoniam civibus Romanis Latine loquentibus rem non suo vocabulo demonstrare non minus turpe est, quam hominem non suo nomine appellare." **19** Sic Favorinus sermones id genus communes a rebus parvis et frigidis abducebat ad ea, quae magis utile esset audire ac discere, non allata extrinsecus, non per ostentationem, sed indidem nata acceptaque. **20** Praeterea de penu adscribendum hoc etiam putavi Servium Sulpicium in reprehensis Scaevolae capitibus scripsisse Cato Aelio placuisse, non quae esui et potui forent, sed thus quoque et cereos in penu esse, quod esset eius ferme rei causa comparatum.

**10** “Você pede – diz Favorino – que o que é dito claramente seja dito mais claramente, mas é muito difícil, pois é bem comum que toda definição consista na enunciação do gênero e das diferenças. **11** Mas se você quiser que eu comece por explicar isso, se é necessário que eu mastigue antes, como dizem, com muito gosto o farei para agradar-lhe.” **12** E depois, começa assim: “Se eu pedir que você me diga com que palavras se caracteriza o que é um homem, penso que não me responderia que homem é você e sou eu. Então isso me mostraria quem é homem e não o que seja o homem. Mas se pedisse essa definição, certamente me diria que o homem é um animal mortal, capaz de raciocinar e de conhecer, ou o distinguiria, por qualquer outra das características que são próprias dele, dos demais seres compreendidos no reino animal. Então, agora peço a você que diga o que é *penus* e não o que se denomina com *penus*.” **13** Assim, o gramático, que agora fala com uma voz mansa e humilde, diz “Eu não conheço os segredos da filosofia, nunca desejei conhecê-los e ignoro que a cevada seja parte do que se chama *penus* e em que termos se possa definir a palavra *penus*, mas isso não prova que eu seja ignorante dos outros conhecimentos literários.” **14** “Saiba, disse Favorino já sorrindo, que nossa filosofia está tão apurada quanto a sua gramática para dar a definição da palavra *penus*. **15** Acredito que você se lembrará do que se discute para saber o que quis dizer Virgílio com as palavras “*penum instruere*” ou “*longam*” ou “*longo ordine*”. **16** Mas farei com que você se tranqüilize, pois nossos mestres do antigo direito, que foram chamados de sábios, não definiram suficientemente a palavra *penus*. **17** Quinto Escévola, para explicar a palavra *penus*, utiliza as seguintes palavras: “*penus* são as coisas que se come e se bebe, como observa *Mucio*, convém especialmente às coisas que se guardou com antecedência para as refeições do pai de família, dos filhos e dos criados. Não se poderia chamar *penus* o que diariamente se prepara para a ceia: o que se entende por esta palavra com precisão são os objetos de consumo guardados para uso a longo prazo. *Penus* se diz desses objetos guardados (*penitus*) no interior da casa. **18** Ainda que eu tenha me dedicado principalmente à filosofia, não relaxei por causa disso dos estudos desse gênero, pois creio ser humilhante para quem é cidadão romano e fala latim, designar um objeto com nome impróprio ou chamá-lo por um nome que não é seu.” **19** Assim, Favorino sabia separar seus interlocutores de uma conversa banal, insignificante ou frívola, a fim de que ouvissem palavras instrutivas e úteis, desprovidas de afetação e originadas da própria conversa. **20** Por causa disso, acredito dever acrescentar as informações seguintes sobre a palavra *penus*. Pensei que Sêrvio Sulpício tivesse dito em críticas sobre os capítulos de Escévola, que Êlio Catão não teria entendido por *penus* somente as coisas que se come e bebe, mas também incenso, velas e todos os objetos cuja finalidade se aproxima a *penus*.

**21** Masurius autem Sabinus in iuris civilis secundo etiam, quod iumentorum causa apparatus esset, quibus dominus uteretur, penori attributum dicit. **22** Ligna quoque et virgas et carbones, quibus conficeretur penus, quibusdam ait videri esse in penu. **23** Ex his autem, quae promercialia et usaria isdem in locis essent, esse ea sola penoris putat, quae satis sint usu annuo.

## II

**Morbus<sup>3</sup> et vitium<sup>4</sup> quid differat; et quam vim habeant vocabula ista in edicto aedilium; et an eunuchus et steriles mulieres redhiberi possint; diversaeque super ea re sententiae.**

**1** In edicto aedilium curulium, qua parte de mancipiis vendundis cautum est, scriptum sic fuit: "Titulus servorum singulorum scriptus sit curato ita, ut intellegi recte possit, quid morbi vitiae cuique sit, quis fugitivus errove sit noxae solutus non sit." **2** Propterea quaesierunt iureconsulti veteres, quod "mancipium morbosum" quod "vitiosum" recte diceretur quantumque "morbis" a "vitio" differret. **3** Caelius Sabinus in libro, quem de edicto aedilium curulium composuit, Labeonem refert, quid esset "morbis", hisce verbis definisse: "Morbis est habitus cuiusque corporis contra naturam, qui usum eius facit deteriore." **4** Sed "morbum" alias in toto corpore accidere dicit, alias in parte corporis. Totius corporis "morbum" esse, veluti sit pthisis aut febris, partis autem, veluti sit caecitas aut pedis debilitas. **5** "Balbus autem" inquit "et atypus vitiosi magis quam morborum sunt, et equus mordax aut calcitro vitiosus, non morbosus est. Sed cui morbus est, idem etiam vitiosus est. Neque id tamen contra fit; potest enim qui vitiosus est non morbosus esse. Quamobrem, cum de homine morbo agetur, aequum inquit "ita dicetur: "quanto ob id vitium minoris erit." **6** De eunucho quidem quaesitum est, an contra edictum aedilium videretur venundatus, si ignorasset emptor eum eunuchum esse.

---

<sup>3</sup> N. T.: *Morbis*, -i doença. GAFFIOT, F., 1934, p. 994.

<sup>4</sup> N. T.: *Vitium*, -i defeito, falha. GAFFIOT, F., 1934, p. 1686.

**21** Contudo, Mansurio Sabino, no segundo livro de seu *Tratado do Direito Civil*, compreende sob a denominação de *penus* tanto as provisões para o mantimento dos cavalos que tivessem sido preparadas, como o que será usado pelo senhor; **22** Ainda que fosse denominado *penus* por alguns (o conjunto de) madeiras, lenhas e carvão, porque pareceriam estar no conjunto de provisões (*penus*), **23** quando o senhor da casa, ao mesmo tempo, guarda e consome os produtos que estariam em sua propriedade, somente se chama de *penus* a parte que consome no período de um ano.

## II

**O que diferenciaria doença (*morbis*) e defeito (*uitium*) e que valor teriam estes vocábulos num decreto dos edis: se o eunuco ou as mulheres estéreis poderiam ser devolvidos<sup>5</sup>; diversas opiniões sobre o assunto.**

**1** Em um edito dos edis *curuis*, no trecho que trata da venda de escravos, foi escrito assim: “Atenção para redigir cada um o título com as características de cada escravo, de forma que o comprador possa ver facilmente se os escravos têm alguma enfermidade ou algum defeito, quem é fugitivo ou vagabundos, se tem de cumprir alguma pena”. **2** Por causa disso, os antigos jurisconsultos procuraram por que era dito corretamente *mancipium morbosum* para escravo doente e *uitiosum* para escravo defeituoso, e o quanto *morbis* se diferenciaria de *uitio*. **3** Célio Sabino, no livro que compôs sobre o edito dos edis *curuis*, mostra que Labeão teria definido a enfermidade nestes termos: “enfermidade (*morbis*) é uma afecção contra a natureza dos órgãos do corpo, que deteriora suas funções.” **4** Mas diz-se que *morbis*, algumas vezes, atinge o corpo inteiro e outras, somente uma parte do corpo, a *tisis*, por exemplo, ou a febre, são enfermidades de todo o corpo; a cegueira, ao contrário, ou a debilidade dos pés, são enfermidades de uma parte. **5** “A tartamudez”, diz, “ou qualquer problema de pronúncia, são antes defeitos que enfermidades: assim, pois, um cavalo que morde a cauda, diz-se que é defeituoso e não que está enfermo.” Não há dúvida de que a enfermidade é defeito e que todo homem *morbosus* é ao mesmo tempo *uitiosus*, mas a proposição inversa não seria verdadeira. Por isso quando se tratar de um homem enfermo (*morbosus*) se perguntará: “Em quanto diminui seu preço este defeito?” **6** Sobre o eunuco, examinou-se a questão de se é contrário ao edito dos edis *curuis*, colocar um escravo à venda deixando-se ignorar que o escravo é eunuco.

---

<sup>5</sup> N. T.: *Redhibeo*, -ere – devolver um objeto a seu vendedor, por ser defeituoso. KOEHLER, P. H. Dicionário escolar latino-português. RJ, POA, SP: Editora Globo, p. 728.



**7** Labeonem respondisse aiunt redhiberi posse quasi morbosum; **8** sues etiam feminae si sterila essent et venum issent, ex edicto aedilium posse agi Labeonem scripsisse. **9** De sterila autem muliere, si nativa sterilitate sit, Trebatium contra Labeonem respondisse dicunt. **10** Nam cum redhiberi eam Labeo quasi minus sanam putasset, negasse aiunt Trebatium ex edicto agi posse, si ea mulier a principio genitali sterilitate esset. At si valitudo eius offendisset exque ea vitium factum esset, ut concipere fetus non posset, tum sanam non videri et esse in causa redhibitionis. **11** De myope quoque, qui "luscitiosus" Latine appellatur, dissensum est; alii enim redhiberi omnimodo debere, alii contra, nisi id vitium morbo contractum esset. **12** Eum vero, cui dens deesset, Servius redhiberi posse respondit, Labeo in causa esse redhibendi negavit: "nam et magna" inquit "pars dente aliquo carent, neque eo magis plerique homines morbosus sunt, et absurdum admodum est dicere non sanos nasci homines, quoniam cum infantibus non simul dentes gignuntur." **13** Non praetereundum est id quoque in libris veterum iurisperitorum scriptum esse "morbum" et "vitium" distare, quod "vitium" perpetuum, "morbus" cum accessu decessuque sit. **14** Sed hoc si ita est, neque caecus neque eunuchus morbosus est contra Labeonis, quam supra dixi, sententiam. **15** Verba Masuri Sabini apposui ex libro iuris civilis secundo: "Furiosus mutusve cuive quod membrum lacerum laesumve est aut obest, quo ipse minus aptus sit, morbosus sunt. Qui natura longe minus videt tam sanus est quam qui tardius currit."

**7** Dizem que Labeão teria respondido que neste caso, poderia ser devolvido pelo comprador o escravo como se fosse doente; **8** também Labeão teria escrito que se podia processar o vendedor que tivesse vendido porcas (*feminae*) estéreis. **9** Porém, sobre mulheres, se a esterilidade fosse de nascença, há uma restrição à sentença. **10** Labeão havia dito que sempre pode ser devolvida a escrava enferma a quem a vendeu, dizem que Trebácio<sup>6</sup> respondeu que não pode ser anulado o contrato quando a escrava é estéril por natureza; admitindo que a mulher, cuja saúde se alterou e por esse motivo não pode conceber, não poderia passar por escrava sã e poderia ser devolvida a quem a vendeu. **11** Quanto ao escravo míope (*luscitiosus*), para alguns, ele sempre deve ser devolvido, para outros, somente se for consequência de alguma enfermidade. **12** Sérvio quer que seja devolvido o escravo em que houver falta de dentes, Labeão negou que isso seja motivo de devolução: “A maior parte dos homens está privada de alguns dentes, nem por isso são considerados enfermos (*morbosus*), pois as crianças não têm dentes quando nascem.” **13** Tampouco devo esconder a diferenciação de alguns jurisconsultos antigos entre defeito e enfermidade: dizem que o defeito (*uitium*) é permanente, enquanto a enfermidade (*morbus*) é passageira, assim como se aproxima, vai embora. **14** Sendo assim, o cego e o eunuco não são enfermos, o que discorda da afirmação de Labeão que anteriormente citei. **15** Apresentei palavras de Mansurio Sabino no segundo livro de seu *Tratado de Direito Civil*: “O homem privado de razão, o mudo, os que possuem um membro lacerado ou lesionado, ou atacado de uma enfermidade que o inutiliza para o trabalho, são considerados *morbosi*. O escravo curto de vista por natureza é tão saudável quanto o que corre mais devagar.”

---

<sup>6</sup> N. E.: A posição de Trebácio parece ser explicada assim: uma esterilidade congênita não está ligada a alguma enfermidade visível, mas pode passar por uma propriedade permanente e normal da fêmea. MARACHE, 1967, p. 194 (vol. 1).

## IV

**Quid Servius Sulpicius in libro, qui est de dotibus, scripserit de iure atque more veterum sponsaliorum.**

**1** Sponsalia in ea parte Italiae, quae Latium appellatur, hoc more atque iure solita fieri scripsit Servius Sulpicius in libro, quem scripsit de dotibus: **2** "Qui uxorem" inquit "ducturus erat, ab eo, unde ducenda erat, stipulabatur eam in matrimonium datum ... iri; qui ducturus erat, itidem spondebat. Is contractus stipulationum sponsionumque dicebatur "sponsalia". Tunc, quae promissa erat, "sponsa" appellabatur, qui spoponderat ducturum, "sponsus". Sed si post eas stipulationis uxor non dabatur aut non ducebatur, qui stipulabatur, ex sponsu agebat. Iudices cognoscebant. Iudex quamobrem data acceptave non esset uxor quaerebat. Si nihil iustae causae videbatur, litem pecunia aestimabat, quantique interfuerat eam uxorem accipi aut dari, eum, qui spoponderat, ei qui stipulatus erat, condemnabat." **3** Hoc ius sponsaliorum observatum dicit Servius ad id tempus, quo civitas universo Latio lege Iulia data est. **4** Haec eadem Neratius scripsit in libro quem de nuptiis composuit.

## IV

**O que Sêrvio Sulpício escreveu no livro que trata *Dos dotes*, sobre a legislação e o costume dos antigos esponsais.**

**1** Os esponsais eram feitos na parte da Itália chamada Lácio, de acordo com o costume e a jurisprudência vigentes, como escreveu *Sêrvio Sulpício* no livro<sup>7</sup> que compôs *Sobre os dotes*: **2** “Quem quisesse se casar, fazia a quem havia de lhe dar a mulher, a promessa de tomá-la por esposa; por outro lado, quem havia prometido a esposa, se comprometia (*spondebat*) a concedê-la. Esse compromisso mútuo chamava-se *sponsalia*, a mulher recebia o nome de *sponsa* e o futuro marido, *sponsus*. Se, depois desse contrato, negavam-se a entregar a desposada ou a tomá-la, a parte lesada podia recorrer à justiça, por causa do compromisso. O juiz inteirava-se do assunto, fazia uma investigação para saber quais os motivos por que a esposa não tinha sido entregue ou tomada. E se nenhuma causa parecesse justa, era estimada uma multa razoável, devido ao prejuízo causado pela negativa de dar ou receber a desposada.” **3** Sêrvio disse que estas disposições legais dos esponsais foram observadas até o tempo em que a lei Julia<sup>8</sup> concedeu o status de cidade a todo o Lácio. **4** Nerácio<sup>9</sup> escreveu sobre esses mesmos costumes no livro que compôs *Sobre as núpcias*.

---

<sup>7</sup> N. T.: O texto da passagem está bastante alterado. Foram corrigidos ductum por datum e cui por qui, o que torna obscuro o sentido de sponsus, o futuro marido não é prometido, mas é ele quem faz a promessa. MARACHE, 1967, p. 197 (vol. 1).

<sup>8</sup> N. T.: A lei Júlia, promulgada ao tempo de Augusto, punia criminalmente o adultério com a rejeição e admitia que o pai da adúltera tirasse a vida dela e do amante, quando os apanhasse em flagrante.

<sup>9</sup> N. B.: Neracio foi um dos maiores juristas dos regimes de Trajano e de Adriano, fez uma carreira brilhante e foi visto como um possível sucessor para Trajano. MARACHE, 1967, p 198 (vol. 1).

## VI

**Verba veteris senatusconsulti posita, quo decretum est hostiis maioribus expiandum, quod in sacrario hastae Martiae movissent; atque ibi enarratum, quid sint "hostiae succidaneae", quid item "porca praecidanea"; et quod Capito Ateius ferias quasdam "praecidaneas" appellavit.**

**1** Vt terram movisse nuntiari solet eaque res procuratur, ita in veteribus memoriis scriptum legimus nuntiatum esse senatui in sacrario in regia hastas Martias movisse. **2** Eius rei causa senatusconsultum factum est M. Antonio A. Postumio consulibus, eiusque exemplum hoc est: "Quod C. Iulius L. filius pontifex nuntiavit in sacrario in regia hastas Martias movisse, de ea re ita censuerunt, uti M. Antonius consul hostiis maioribus Iovi et Marti procuraret et ceteris dis, quibus videretur, lactantibus. Ibus uti procurasset, satis habendum censuerunt. Si quid succidaneis opus esset, robiis succideret." **3** Quod "succidaneas" hostias senatus appellavit, quaeri solet, quid verbum id significet. **4** In Plauti quoque comoedia, quae Epidicus inscripta est, super eodem ipso verbo requiri audio in his versibus:

Men piacularem oportet fieri ob stultitiam tuam,  
Ut meum tergum tuae stultitiae subdas succidaneum?

**5** "Succidaneae" autem "hostiae" dicuntur "ae" littera per morem compositi vocabuli in "i" litteram mutata quasi "succaedaneae", appellatae, quoniam, si primis hostiis litatum non erat, aliae post easdem ductae hostiae caedebantur; **6** quae quia prioribus iam caesis luendi piaculi gratia subdebantur et succidebantur, "succidaneae" nominatae "i" littera scilicet tractim pronuntiata; audio enim quosdam eam litteram in hac voce barbare corripere. **7** Eadem autem ratione verbi "praecidaneae" quoque hostiae dicuntur, quae ante sacrificia sollemnia pridie caeduntur.

## VI

**Palavras de um antigo decreto de um senador-consultor, que ordenava a oferenda de vítimas maiores, já que as lanças de Marte haviam se agitado sozinhas no santuário.**

**– também aí é narrado o que se entende por vítimas de substituição (*hostiae succidaneae*) e por previamente imolada (*porca praecidaneae*). E por que Ateio Capitão chamou a certas festas *praecidaneae*.**

**1** Quando são anunciados terremotos (*terram mouisse*) em Roma, costuma-se oferecer sacrifícios para aplacar a ira celeste, assim, lemos o que está escrito em antigas memórias, sobre quando se anunciou ao senado que as lanças de Marte, depositadas no interior do santuário, no palácio dos Pontífices, haviam se movido sozinhas. **2** Em vista disso, foi elaborado um decreto do senado, sendo Marco Antonio e Póstumo cônsules cujo texto é este: “Caio Julio, filho de Lúcio, grande pontífice anunciou que as lanças de Marte agitaram-se por si mesmas no fundo do santuário, no palácio dos Pontífices, o senado decidiu que o cônsul *Marco Antonio* deveria imolar vítimas maiores (adultas) para Júpiter e para Marte; que o cônsul esteja livre para oferecer também sacrifícios a outros deuses que julgar necessário aplacar e que esteja certo de ser aprovado em tudo o que faça em relação a este assunto. Se for necessário repetir o trabalho, será sacrificado um boi rubro (vermelho).” **3** costuma-se perguntar o que significaria *succidaneae hostiae* (vítimas substitutas), expressão da qual o senado se serviu, é comum se perguntar o que significa essa expressão. **4** Ouço perguntar, na comédia de *Plauto* chamada *Epidicus*, sobre o significado do mesmo vocábulo nestes versos:

“Terei de ser imolado para expiação de sua estupidez,

Você quer que meus ombros sofram a pena de sua tonteira?”

**5** Se as vítimas são chamadas de *succidaneae* <sup>10</sup>, parece que as primeiras vítimas não agradaram aos deuses, as segundas substituirão as primeiras para serem sacrificadas em seu lugar, são chamadas então *succidaneae* com um *i* longo em lugar de *ae*, como acontece em muitos outros vocábulos compostos, **6** como se se dissesse *succaedaneae hostiae*. Esta é a origem do vocábulo *succidaneae*, no qual a letra *i* deve ser pronunciada longa e não breve, pois ouço muitos corromperem a pronúncia de tal vocábulo barbaramente. **7** Pela mesma razão se chamam *hostiae praecidaneae* as vítimas que são oferecidas no dia anterior à solenidade de sacrifício.

---

<sup>10</sup> N. T.: *Succedaneus*, -i - sucessor, substituto.

**8** "Porca" etiam "praecidaneae" appellata, quam piaculi gratia ante fruges novas captas immolare Cereri mos fuit, si qui familiam funestam aut non purgaverant aut aliter eam rem, quam oportuerat, procuraverant. **9** Sed porcam et hostias quasdam "praecidaneas", sicuti dixi, appellari volgo notum est, ferias "praecidaneas" dici id, opinor, a volgo remotum est. **10** Propterea verba Atei Capitonis ex quinto librorum, quos de pontificio iure composuit, scripsi: "Tib. Coruncanio pontifici maximo feriae praecidaneae in atrum diem inauguratae sunt. Collegium decrevit non habendum religioni, quin eo die feriae praecidaneae essent."

## VII

### **De epistula Valerii Probi grammatici ad Marcellum scripta super accentu nominum quorundam Poenicorum.**

**1** Valerius Probus grammaticus inter suam aetatem praestanti scientia fuit. **2** Is "Hannibalem" et "Hasdrubalem" et "Hamilcarem" ita pronuntiabat, ut paenultimam circumflecteret, et est epistula eius scripta ad Marcellum, in qua Plautum et Ennium multosque alios veteres eo modo pronuntiasse affirmat, **3** solius tamen Ennii versum unum ponit ex libro, qui Scipio inscribitur. **4** Eum versum quadrato numero factum subiecimus, in quo, nisi tertia syllaba de Hannibalis nomine circumflexe promatur, numerus clausurus est. **5** Versus Ennii, quem dixit, ita est:

Quaque propter Hannibalis copias considerat.

**8** Também é chamada *praecidaneae* a porca imolada para *Ceres*, como costume, antes de a nova semeadura começar a crescer; nas famílias onde alguém morre, isso ocorre porque não foram feitas as depurações necessárias ou foram feitas de maneira indevida. **9** Mas a porca e as vítimas chamadas *praecidaneae* acredito serem conhecidas para o povo, já certas festas chamadas *feriae praecidaneae* penso não ser uma expressão conhecida. **10** Acerca de tais vocábulos, *Ateo Capitão*, no quinto livro que compôs *Sobre o direito dos pontífices*, escreveu: “*Tibério Coruncanio*, pontífice máximo, anunciou *feriae praecidaneae* para um dia considerado funesto.” O Colégio (dos pontífices) decidiu que não se deveria ter escrúpulo religioso e que se fizesse *feriae praecidaneae* em tal dia.

## VII

### **Sobre uma carta do gramático *Valério Probo* endereçada a *Marcelo* sobre a acentuação de alguns vocábulos cartagineses.**

**1** O gramático *Valério Probo* foi em sua época de um conhecimento inigualável. **2** Ele pronunciava *Hannibâlem*, *Hasdrubâlem* e *Hamilcârem* assim, com a penúltima sílaba acentuada com circunflexo<sup>11</sup> e tal é o conteúdo da carta escrita a *Marcelo*, onde afirma que *Plauto*, *Enio* e a maioria dos antigos pronunciavam tais palavras deste modo. **3** Contudo, coloca apenas um exemplo de *Enio*, somente um verso, extraído do livro intitulado *Escipião*. **4** Dependemos de que o verso seja jâmbico, se a terceira sílaba do vocábulo *Hannibâlis* não apresentar acento circunflexo, isso será falso. **5** Eis o verso de *Enio* que citou:

Por isso observa as tropas de Hanibal.

“*Quaque propter Hannibalis copias comsiderat.*”

---

<sup>11</sup> Trata-se de saber se a penúltima sílaba é longa ou breve.



## IX

**Quid significet proprie "religiosus"; et in quae diverticula significatio istius vocabuli flexa sit; et verba Nigidii Figuli ex commentariis eius super ea re sumpta.**

**1** Nigidius Figulus, homo, ut ego arbitror, iuxta M. Varronem doctissimus, in undecimo commentariorum grammaticorum versum ex antiquo carmine refert memoria hercle dignum:

Religentem esse oportet, religiosus ne fuas,

cuius autem id carmen sit, non scribit. **2** Atque in eodem loco Nigidius: "Hoc" inquit "inclinamentum semper huiuscemodi verborum, ut "vinosus", "mulierosus", "religiosus", significat copiam quandam inmodicam rei, super qua dicitur. Quocirca "religiosus" is appellabatur, qui nimia et superstitiosa religione sese alligaverat, eaque res vitio assignabatur." **3** Sed praeter ista, quae Nigidius dicit, alio quodam diverticulo significationis "religiosus" pro casto atque observanti cohibentique sese certis legibus finibusque dici coeptus. **4** Simili autem modo illa quoque vocabula ab eadem profecta origine diversum significare videntur: "religiosi dies" et "religiosa delubra". **5** "Religiosi" enim "dies" dicuntur tristi omine infames inpeditique, in quibus et res divinas facere et rem quampiam novam exordiri temperandum est, quos multitudo imperitorum prave et perperam "nefastos" appellat. **6** Itaque M. Cicero in libro epistularum nono ad Atticum "maiores" inquit "nostri funestiores diem esse voluerunt Alliensis pugnae quam urbis captae, quod hoc malum ex illo. Itaque alter religiosus etiam nunc dies, alter in vulgus ignotus". **7** Idem tamen M. Tullius in oratione de accusatore constituendo "religiosa delubra" dicit non ominosa nec tristia, sed maiestatis venerationisque plena. **8** Masurius autem Sabinus in commentariis, quos de indigenis composuit: "'religiosum'" inquit "est, quod propter sanctitatem aliquam remotum ac sepositum a nobis est; verbum a "relinquendo" dictum, tamquam "caerimoniae" a "carendo". **9** Secundum hanc Sabini interpretationem templa quidem ac delubra, quae non volgo ac temere, sed cum castitate caerimoniaque adeundum, et reverenda et reformidanda sunt magis quam involganda.

## IX

**Qual o sentido próprio de *religiosus* e para quais sentidos particulares a palavra se derivou, uma citação sobre o sujeito tomada das *Notas de Nigídio Figulo*.**

**1** *Nigídio Figulo*, em minha opinião, homem mais douto depois de Varrão, no livro XI de suas *Notas gramaticais*, apresenta um verso de um poeta antigo bastante digno de memória:

“Seja escrupuloso (*religenter*), mas não supersticioso (*religiosus*),”

ele não escreve de quem é esse poema. **2** Mas acrescenta ao mesmo trecho: “As palavras derivadas a partir de certa formação como *uinosus* – dado ao vinho; *mulierosus* – libertino; *religiosus* – supersticioso; *nummosus* – endinheirado e todas as semelhantes a estas, indicam excesso ou abuso da coisa referida: desta forma, chamava-se *religiosus* ao que era dado exageradamente a uma religião, fato que assinalava um vício.” **3** Mas, por causa de tal observação de *Nigídio*, percebe-se que *religiosus* é utilizada com outras significações, como para o homem irrepreensível e respeitoso, fiel observador de preceitos e deveres. **4** De forma análoga, eis as expressões que, a partir da mesma origem, parecem estar em significados opostos: *religiosi dies*, ou ainda, *religiosa delubra*. **5** *Religiosi dies* são os dias em que não é possível oferecer nenhum sacrifício, nem empreender negócios ou realizar celebração religiosa, de mau agouro, que geralmente o multidão ignorante denomina nefastos<sup>12</sup>. **6** Assim, no IX livro das *Cartas a Atico*, *Marco Túlio Cícero* diz “Nossos ancestrais consideraram mais funesto o dia do combate de *Atila* do que o dia da tomada de Roma, porque o primeiro destes acontecimentos acarretou o segundo. Por isso, um dos dias é conhecido do povo como *religiosus* e o outro é ignorado” **7** Contudo, *Marco Tulio*, no discurso sobre os direitos dos acusadores, emprega a expressão religiosa *delubra* e não compreende por ela os dias entristecidos ou funestos, mas os de majestade e veneração. **8** Entretanto, *Masurio Sabino* nas *Notas* que compôs sobre as palavras antigas, disse: “*Religiosum* é aquilo que por causa de sua santidade deve estar separado de nós, este vocábulo provém de *relinquere* (deixar), assim como *caerimoniae* de *carere* (necessitar).” **9** Segundo essa interpretação de *Sabino*, os templos e os santuários são chamados de *religiosa delubra* porque não foram construídos para a multidão distraída, mas onde se deve cumprir as piedosas cerimônias com recolhimento respeitoso, que devem ser mais temidos que freqüentados pelo povo.

---

<sup>12</sup> Nefastos, diferentemente dos *religiosi* eram os dias que por motivos religiosos não funcionavam tribunais ou comícios.

**10** sed dies "religiosi" dicti, quos ex contraria causa propter ominis diritatem relinquimus. **11** Et Terentius:

"Tum, quod dem 'recte' est. Nam, nihil esse mihi, religio est dicere."

**12** Quod si, ut ait Nigidius, omnia istiusmodi inclinamenta nimium ac praeter modum significant et idcirco in culpas cadunt, ut "vinosus", "mulierosus", "morosus", "verbosus", "famosus", cur "ingeniosus" et "formosus" et "officiosus", quae pariter ab ingenio et forma et officio inclinata sunt, cur etiam "disciplinosus", "consiliosus", "victoriosus", quae M. Cato ita figuravit, cur item "facundiosa", quod Sempronius Asellio XIII rerum gestarum ita scripsit: "facta sua spectare oportere, non dicta, si minus facundiosa essent", cur, inquam, ista omnia numquam in culpam, sed in laudem dicuntur, quamquam haec item incrementum sui nimium demonstrent? an propterea quia illis quidem, quae supra posui, adhibendus est modus quidam necessarius? **13** Nam et gratia, si nimia atque inmodica, et mores, si multi atque varii, et verba, si perpetua atque infinita et obtudentia, et fama, si magna et inquieta et invidiosast, neque laudabilia neque utilia sunt; **14** ingenium autem et officium et forma et disciplina et consilium et victoria et facundia sicut ipsae virtutum amplitudines nullis finibus cohibentur, sed quanto maiora auctioraque sunt, multo etiam tanto laudatiora sunt.

**10** Mas os ditos *dies religiosi*, que deixamos por causa das outras explicações, são sinistros e de mau agouro **11** Terêncio disse:

“Então, não tenho para dar-lhe, tenho escrúpulos (*mihi religio est*) de dizer que não tenho nada.”

**12** Se, como diz *Nigidio*, todas as palavras que terminam em *osus* expressam excesso e envolvem a idéia de falta de medida, como *uiñosus*, *mulierosus*, *uerbosus*, *famosus*, por que se tomam em sentido positivo *ingeniosus*, *formosus*, *officiosus*, *speciosus*, que são formadas pela terminação anexada a *ingenium*, *forma*, *officium*; as palavras *disciplinosus*, que aprende muito facilmente, *consiliosus*, fértil em recursos, *uictoriosus*, vitorioso, que *Marco Catão* empregou; a palavra *facundiosus*, que empregou *Senfronio Aselião* no XIII livro *Das coisas feitas*: “Era necessário julgá-lo por suas ações, não pela maior ou menor fertilidade de seus discursos.” Por que tais palavras são elogiosas, apesar de indicarem excesso? Não seria por que as palavras primeiramente citadas se referem a coisas e devem obedecer a certos limites? **13** Pois *gratia* se é excessiva e não módica, e costumes, se vários e múltiplos, palavras, se infinitas e perpétuas, a fama, se grande, irrequieta e invejosa, não são úteis nem louváveis; **14** Porém talento *ingenium*, trabalho *officium*, beleza *forma*, disciplina *disciplina*, prudência *consilium*, sucesso *uictoria* e eloquência *facundia*, assim como a multiplicidade de outras qualidades, não são coibidas por limites, mas quanto mais crescem, mais merecem louvores.

## XV

**Defensa a culpa sententia ex historia Sallustii, quam iniqui eius cum insectatione maligni reprehenderint.**

**1** Elegancia orationis Sallustii verborumque fingendi et novandi studium cum multa prorsus invidia fuit, multique non mediocri ingenio viri conati sunt reprehendere pleraque et obtrectare. In quibus plura inscite aut maligne vellicant. Nonnulla tamen videri possunt non indigna reprehensione; quale illud in Catilinae historia repertum est, quod habeat eam speciem quasi parum adtente dictum. Verba Sallustii haec sunt: **2** "Ac mihi quidem, tametsi haudquaquam par gloria sequitur scriptorem et auctorem rerum, tamen inprimis arduum videtur res gestas scribere: primum, quod facta dictis exaequanda sunt; dein, quia plerique, quae delicta reprehenderis, malivolentia et invidia dicta putant. Vbi de magna virtute atque gloria bonorum memores, quae sibi quisque facilia factu putat, aequo animo accipit; supra, veluti ficta, pro falsis ducit." **3** "Proposuit" inquiunt "dicturum causas, quamobrem videatur esse arduum res gestas scribere; atque ibi cum primam causam dixerit, dein non alteram causam, sed querellas dicit. **4** Non enim causa videri debet, cur historiae opus arduum sit, quod hi, qui legunt, aut inique interpretantur quae scripta sunt, aut vera esse non credunt." **5** Obnoxiam quippe et obiectam falsis existimationibus eam rem dicendam aiunt quam "arduam"; quia, quod est arduum, sui operis difficultate est arduum, non opinionis alienae erroribus. **6** Haec illi malivoli reprehensores dicunt. Sed "arduum" Sallustius non pro difficili tantum, sed pro eo quoque ponit, quod Graeci chalepon appellant, quod est cum difficile, tum molestum quoque et incommodum et intractabile. Quorum verborum significatio a sententia Sallustii supra scripta non abhorret.

## XV

**Justificativa de uma frase na *História*, de *Salustio*, que as críticas injustas atacaram com maldade.**

**1** A elegância do discurso de *Salustio* e a gosto por inovar e modificar os vocábulos, tornaram-no objeto de muitas críticas e muitos homens de grande talento valeram-se de todo cuidado para encontrar as faltas e criticá-lo. Há na maior parte dessas críticas, malevolência e ignorância. Contudo, parece haver passagens merecedoras de repreensão, como uma passagem da *História de Catilina*, que parece ter sido escrita sem grande atenção. **2** Eis as palavras de Salústio são estas: “Quanto a mim, ainda que a glória que acompanha a história não seja a mesma que acompanha a realização das ações, me parece que a história é uma das empreitadas mais difíceis: primeiramente, porque é preciso elevar o estilo à altura dos fatos, depois, porque se o historiador descobre alguma falta, a maioria dos leitores confere suas censuras à malevolência e inveja; finalmente, porque se menciona as virtudes e glórias dos homens honrados, cada um recebe satisfeito aquilo que se julga capaz, mas o que se põe acima disso, considera mentira e falsidade.” **3** Dizem que ele quer mostrar as causas porque parece ser difícil escrever a história, mas ao invés de apresentar a causa, ele se lamenta. **4** Assim, se os leitores podem interpretar com maldade os relatos do historiador, ou duvidar da verdade dos feitos a que se refere, não é esta a razão que explica a dificuldade do trabalho do historiador. **5** Compreende-se então, que esse tipo de trabalho está exposto a injustiças, a falsos julgamentos de precaução à malevolência, mas não se pode dizer que é isso que o torna difícil, já que se chama difícil aquilo que oferece dificuldade em si mesmo, independente dos erros em que pode cair a opinião de outros.” **6** Tais são as proposições das críticas malévolas. Contudo, Salústio não confere à palavra *arduum* somente o sentido de difícil, mas o que os gregos entendem por *χαλεπός*, isto é, o que é incômodo e penoso, desagradável, intratável; significação que convém à afirmação de Salústio citada acima.

## XVI

**De vocabulis quibusdam a Varrone et Nigidio contra cotidiani sermonis  
consuetudinem declinatis; atque inibi id genus quaedam cum exemplis veterum  
relata.**

**1** M. Varronem et P. Nigidium, viros Romani generis doctissimos, comperimus non aliter elocutos esse et scripsisse, quam "senatuis" et "domuis" et "fluctuis", qui est patrius casus ab eo, quod est "senatus", "domus", "fluctus"; huic "senatui", "domui", "fluctui" ceteraque is consimilia pariter dixisse. **2** Terentii quoque comici versus in libris veteribus itidem scriptus est:

Eius anuis causa, opinor, quae est emortua.

**3** Hanc eorum auctoritatem quidam e veteribus grammaticis ratione etiam firmare voluerunt, quod omnis dativus singularis "i" littera finitus, si non similis est genetivi singularis, "s" littera addita genetivum singularem facit, ut "patri patris", "duci ducis", "caedi caedis". **4** "Cum igitur" inquiunt "in casu dandi "huic senatui" dicamus, genetivus ex eo singularis "senatuis" est, non "senatus". **5** Set non omnes concedunt in casu dativo "senatui" magis dicendum quam "senatu". **6** Sicuti Lucilius in eodem casu "victu" et "anu" dicit, non "victui" nec "anui", in hisce versibus:

Quod sumptum atque epulas victu praeponis honesto,

et alio in loco:

Anu noceo, inquit.

**7** Vergilius quoque in casu dandi "aspectu" dicit, non "aspectui":

...Teque aspectu ne subtrahe nostro,

et in georgicis:

Quod nec concubitu indulgent.

## XVI

**Sobre certas palavras que Varrão e Nigídio declinam em desacordo com uso corrente; no mesmo capítulo, certos fatos do mesmo tipo relatados com exemplos de autores antigos.**

**1** Varrão e Nigídio, homens dos mais sábios dentre os romanos, não deram outro genitivo, segundo consta, senão *senatuis*, *domuis*, *fluctuis* às palavras *senatus* senado, *domus* casa e *fluctus* flutuação, donde *senatui*, *domui*, *fluctui* para dativo. **2** Um verso do comediante Terêncio está escrito da mesma maneira como nos antigos manuscritos:

“Para a velha, como parece, está morta *eius anuis*.”

**3** Muitos gramáticos antigos quiseram confirmar a autoridade e razão de que o dativo singular que termina em *i* acrescido de *s* dá a forma de genitivo singular, como *patri* – *patris*, *duci* – *ducis*, *caedi* – *caedis*. **4** Então, se dissermos isso de *senatui*, seu genitivo singular será *senatuis* e não *senatus*. **5** Porém, nem todos reconhecem que é necessário dizer *senatui*, e não *senatu*. **6** Assim Lucílio diz para o mesmo caso *uictu* e *anu*, em dativo, e não *uictui* e *anui* neste verso:

“Você prefere as prodigalidades e festividades à moderação e honestidade - *uictu praeponis*.”

E em outro lugar:

“Prejudico a velha - *anu noceo*.”

**7** Virgílio também, em caso dativo, diz *aspectu* e não *aspectui*:

“Não se furte ao meu olhar.”

E nas Geórgicas:

“Que recusam acasalamento.”



**8** C. etiam Caesar, gravis auctor linguae Latinae, in Anticatone: "unius" inquit "arrogantiae, superbiae dominatuque." Item in Dolabellam actionis I. lib. I.: "Isti, quorum in aedibus fanisque posita et honori erant et ornatu." **9** In libris quoque analogicis omnia istiusmodi sine "i" littera dicenda censet.

## XVII

**De natura quarundam particularum, quae praepositae verbis intendi atque produci  
barbare et inscite videntur, exemplis rationibusque plusculis disceptatum.**

**1** Lucilii ex XI versus sunt:

Scipiadae magno improbus obiciebat Asellus,

Lustrum illo censore malum infelixque fuisse.

"Obiciebat" "o" littera producta multos legere audio, idque eo facere dicunt, ut ratio numeri salva sit. **2** Idem infra:

Conicere in versus dictum praeconis volebam Grani.

In hac quoque primi verbi praepositione "o" ob eandem causam producunt. **3** Item XV:

Subicit huic humilem et suffercitus posteriorem,

"subicit" "u" littera longa legunt, quia primam syllabam brevem esse in versu heroico non convenit. **4** Item apud Plautum in Epidico "con" syllabam productam pronuntiant:

Age nunciam orna te, Epidice, et palliolum in collum conice.

**8** Caio César, autoridade de peso em matéria de língualatina, diz ainda em seu discurso *Contra Catão*: “Para a arrogância, soberba e despotismo de somente um.” No livro I *Contra Dolabela*: “Aqueles para quem as riquezas depositadas nas casas e nos templos eram para sua glória e seu ornamento.” **9** Nos livros *Sobre a analogia*, julga que nenhuma das formas desse tipo deve ter *i*.

## XVII

**Sobre a natureza de certas partículas, por que é bárbaro e grosseiro atenuar e alongar as vogais quando elas são colocadas como prefixo de verbos. Discussão apoiada sobre um bom número de exemplos e argumentos racionais.**

**1** Estes versos são do livro XI de Lucílio:

“Aselio, o vagabundo, objetava a Scipião, o grande, sobre seu lustro<sup>13</sup>

e sua censura, maldosa e azaradamente.”

Eu escuto muitas pessoas lerem *obiciebat* com *o* longo e eles fazem isso, dizem eles, para salvar a medida do ritmo. **2** Da mesma forma, mais adiante:

“Eu queria estabelecer em meus versos as palavras de Granio, comissário-proclamador.”

Lá também, no prevérbio, se alonga o primeiro *o* pela mesma razão. **3** Da mesma forma no livro XV:

“Bem pleno ele substitui a esse, um homem pobre e muito inferior”

lê-se *subicit*, com *u* longo porque não convém que a primeira sílaba seja breve em um verso heróico. **4** Da mesma forma, em Plauto, no *Epidico*, pronuncia-se *con* como sílaba longa: “Vamos, enfeite-se Epidico e jogue seu manto sobre os ombros.”

---

<sup>13</sup> Lustro – período de 5 anos.

**5** Apud Vergilium quoque "subicit" verbum produci a plerisque audio:

etiam Parnasia laurus

Parva sub ingenti matris se subicit umbra.

**6** Sed neque "ob" neque "sub" praepositio producendi habet naturam, neque item "con", nisi cum eae litterae secuntur, quae in verbis "constituit" et "confecit" secundum eam primae sunt, vel cum eliditur ex ea "n" littera, sicut Sallustius: "faenoribus" inquit "copertus." **7** In his autem, quae supra posui, et metrum esse integrum potest et praepositiones istae possunt non barbaramente protendi; secunda enim littera in his verbis per duo "i", non per unum scribenda est. **8** Nam verbum ipsum, cui supradictae particulae praepositae sunt, non est "icio", sed "iacio", et praeteritum non "icit" facit, sed "iecit". Id ubi compositum est, "a" littera in "i" mutatur, sicuti fit in verbis "insilio" et "incipio", atque ita vim consonantis capit, et idcirco ea syllaba productius latiusque paulo pronuntiata priorem syllabam brevem esse non patitur, sed reddit eam positu longam, proptereaque et numerus in versu et ratio in pronuntiatu manet. **9** Haec, quae diximus, eo etiam conducunt, ut, quod apud Vergilium in sexto positum invenimus:

Eripe me his, invicte, malis aut tu mihi terram inice, sic esse "iniice",

ut supra dixi, et scribendum et legendum sciamus, nisi quis tam indocilis est, ut in hoc quoque verbo "in" praepositionem metri gratia protendat. **10** Quaerimus igitur, in "obicibus" "o" littera qua ratione intendatur, cum id vocabulum factum sit a verbo "obiicio" et nequaquam simile sit, quod a verbo "moveo" "motus" "o" littera longa dicitur.

5 Em Virgílio, também ouço muito as pessoas alongarem o verbo *subicit*:

“Já o pequeno loureiro

do Parnaso se esconde à sombra imensa de sua mãe.”

6 Mas, nem o prevérbio *ob* nem *sub* são longos por natureza, tampouco *con* excetuando-se quando vem seguido das letras *s* e *f*, ou com perda por elisão da letra *n* como em Salústio: *faenoribus copertus* (coberto de dívidas). 7 Mas nessas citações que fiz acima, o metro pode ser preservado sem que se faça alongar esses prevérbios, o que é bárbaro, deve se escrever a segunda letra dessas palavras com *ii* e não com *i*. 8 O verbo, diante do qual as palavras são colocadas, não é *icio*, mas *iacio* e o perfeito não é *ici* mas *ieci*. Quando ela é colocada em composição, a letra *a* se muda em *i* da mesma maneira que ocorre em *insilio* e *incipio*, assim o *i* tem o valor de uma consoante e por conseqüência, essa sílaba é pronunciada um pouco mais longa e mais ampla, o que não permite que a primeira sílaba seja breve, mas a torna longa por posição e de lá, a medida do verso e a lógica são mantidas. 9 Do que nós dissemos acima, segue que a palavra que encontramos empregada no livro VI de Virgílio:

“Livre-me de tantos males ser invencível, ou bem, então, jogue sobre mim um pouco de terra”

nós sabemos que é necessário escrever *iniice*, com *ii*, como eu disse, a menos que se seja tão teimoso que se vá ainda alongar lá o prevérbio *i* por licença poética. 10 Nesse momento, perguntamos em virtude de que lógica a letra *o* em *obicibus* se alonga quando esse nome é feito a partir do verbo *obicio* e que não é absolutamente semelhante ao nome *motus* que é tirado do verbo *moueo* e se pronuncia como longo.

**11** Equidem memini Sulpicium Apollinarem, virum praestanti litterarum scientia, "obices" et "obicibus" "o" littera correpta dicere, in Vergilio quoque sic eum legere:

qua vi maria alta tumescant

Obicibus ruptis;

**12** sed ita, ut diximus, "i" litteram, quae in hoc vocabulo quoque gemina esse debet, paulo uberius largiusque pronuntiabat. **13** Congruens igitur est, ut "subices" etiam, quod proinde ut "obices" compositum est, "u" littera brevi dici oporteat. **14** Ennius in tragoedia, quae Achilles inscribitur, "subices" pro aere alto ponit, qui caelo subiectus est, in his versibus:

per ego deum sublimas subices

Humidas, unde oritur imber sonitu saevo et spiritu;

plerosque omnes tamen legere audias "u" littera producta. **15** Id ipsum autem verbum M. Cato sub alia praepositione dicit in oratione, quam de consulatu suo habuit: "ita nos" inquit "fert ventus ad primorem Pyrenaeum, quo proicit in altum." Et Pacuvius item in Chryse:

Idae promunturium, cuius lingua in altum proicit.

**11** De minha parte, lembro-me de que Sulpício Apolinário, homem de um saber notável em letras, pronunciava *obices* e *obicibus* com o breve e o lia assim em Virgílio:

“Com que peso o mar sobe e se incha

e quebra os diques?”

**12** Mas como nós dissemos, ele pronunciava um pouco mais largamente a letra *i*, que o nome também deve ser dupla, por conseguinte, *subices* igualmente deve ser pronunciada como *obices*. **14** Enio, na tragédia que tem por título *Aquiles*, emprega o termo *subices* para as camadas elevadas do céu, nos seguintes versos:

“Pelo solo dos deuses aéreo, úmido, de onde sai a chuva,

com um barulho e uma tempestade horríveis.”

**15** Marco Catão emprega esse verbo com outro provérbio no discurso que ele pronunciou sobre seu Consulado: “Assim o vento – diz ele – os carrega na direção do promontório dos Pirineus, donde ele os joga em seguida para o alto mar.” E Pacúvio, da mesma forma em *Crisos*:

“Do promontório, cuja língua se projeta para o alto mar.”

## ***LIVRO V***

## IV

**De verbo "duovicesimo", quod volgo incognitum, set<sup>1</sup> a viris doctis multifariam in libris scriptum est.**

**1** Apud Sigillaria forte in libraria ego et Iulius Paulus poeta, vir memoria nostra doctissimus, consideramus; atque ibi expositi erant Fabii annales, bonae atque sinceræ vetustatis libri, quos venditor sine mendis esse contendebat. **2** Grammaticus autem quispiam de nobilioribus ab emptore ad spectandos libros adhibitus repperisse unum in libro mendum dicebat; sed contra librarius in quodvis pignus vocabat, si in una uspiam littera delictum esset. **3** Ostendebat grammaticus ita scriptum in libro quarto: "Quapropter tum primum ex plebe alter consul factus est duovicesimo anno, postquam Romam Galli ceperunt." **4** "Non" inquit "'duovicesimo", sed "duoetuicesimo" scribi oportuit. **5** Quid enim est "duovicesimo?" "...hic ita scripsit: "Mortuus est anno duovicesimo; rex fuit annos XXI ..."

## VII

**"Personae" vocabulum quam lepide interpretatus sit quamque esse vocis eius originem dixerit Gavius Bassus.**

**1** Lepide mi hercules et scite Gavius Bassus in libris, quos de origine vocabulorum composuit, unde appellata "persona" sit, interpretatur; a personando enim id vocabulum factum esse coniectat. **2** Nam "caput" inquit "et os coperimento personae tectum undique unaque tantum vocis emittendae via pervium, quoniam non vaga neque diffusa est, set in unum tantummodo exitum collectam coactamque vocem ciet, magis claros canorosque sonitus facit. Quoniam igitur indumentum illud oris clarescere et resonare vocem facit, ob eam causam "persona" dicta est "o" littera propter vocabuli formam productiore."

---

<sup>1</sup> N. T.: *Set (sed)* – forma arcaica da conjunção adversativa *mas*. GAFFIOT, F., 1934, p. 1413.



## IV

**Sobre a palavra *duouicesimus* que é desconhecido na língua corrente, mas abundantemente empregada em livros pelos homens cultos.**

**1** Um dia, eu e o poeta Julio Paulo<sup>2</sup>, homem da maior sabedoria que já conheci, vimos, em uma livraria da Sigilária, expostos os *Anais* de Fabio, volumes de bastante e autêntica antigüidade, que o vendedor dizia serem isentos de qualquer falha. **2** Porém, um gramático dos mais respeitáveis, que havia trazido um comprador a fim de examinar os exemplares, disse que havia uma falha no livro; o livreiro, ao contrário, apostava que não havia uma só letra com defeito. **3** O gramático mostrou o texto do livro IV: “Por esta razão nomeou-se então um dos cônsules entre os plebeus, vinte e dois anos (*duovicesimo anno*), depois de os Gauleses terem tomado Roma”. **4** Disse o gramático: “Não deveria estar escrito *douvicesimo*, mas *duoeticesimo*. **5** Mas o que é *duovicesimo*?” Varrão, no livro XIV sobre *As Antiguidades Humanas*, escreveu: “Morreu no ano vigésimo segundo (*duouicesimo*), foi rei por vinte e um anos <sup>3</sup>...”

## VII

**Que bela explicação dá Gávio Basso sobre a palavra *Personae*, a máscara, e qual é, segundo ele, a origem dessa palavra.**

**1** Gávio Basso deu uma bela e talentosa explicação, senhor!, sobre a origem de *persona*, nos livros que compôs *Sobre a etimologia dos nomes*; ele crê que essa palavra é formada a partir de ressoar (*personare*). **2** “Como a máscara que cobre o rosto por completo não tem mais que uma abertura no lugar da boca, a voz, ao invés de se propagar em todas as direções, se concentra para escapar por uma só saída e por isso, torna-se mais forte e penetrante.” Então, porque a máscara torna a voz humana mais sonora e vibrante, recebeu o nome de *persona*, e por causa da forma dessa palavra, o *o* que se encontra nela é longo<sup>4</sup>.

---

<sup>2</sup> N. B.: Julio Paulo aparece na obra como um erudito preocupado com a linguagem antiga. MARACHE, 1967, p. 05 (vol. 2).

<sup>3</sup> N. E.: A oposição aqui parece acontecer como em português entre cardinais e ordinais: podemos optar por dizer vinte e dois anos ou no vigésimo segundo ano.

<sup>4</sup> N. T.: *Persona* tem de fato um *o* longo, mas *personare* tem o breve, a explicação de Gávio Basso deixa a desejar. MARACHE, 1967, p. 05 (vol. 2).

## VIII

**Defensus erroe a Vergilii versibus, quos arguerat Iulius Hyginus grammaticus; et ibidem, quid sit lituus; deque etimologiai vocis eius.**

**1** Ipse Quirinali lituo parvaque sedebat

subcinctus trabea laevaue ancile gerebat.

In his versibus errasse Hyginus Vergilium scripsit, tamquam non animadverterit deesse aliquid hisce verbis:

Ipse Quirinali lituo.

**2** "Nam si nihil" inquit "deesse animadverterimus, videtur ita dictum, ut fiat "lituo et trabea subcinctus", quod est" inquit "absurdissimum; quippe cum lituus sit virga brevis in parte, qua robustior est, incurva, qua augures utuntur, quonam modo "subcinctus lituo" videri potest?" **3** Immo ipse Hyginus parum animadvertit sic hoc esse dictum, ut pleraque dici per defectionem solent. **4** Veluti cum dicitur "M. Cicero homo magna eloquentia" et "Q. Roscius histrio summa venustate", non plenum hoc utrumque neque perfectum est, sed enim pro pleno atque perfecto auditur. **5** Vt Vergilius alio in loco:

Victorem Buten inmani corpore,

id est corpus inmane habentem, et item alibi:

In medium geminos inmani pondere caestus proiecit

ac similiter:

Domus sanie dapibusque cruentis, intus opaca, ingens.

## VIII

**Defesa de um verso de Virgílio que o gramático Julio Higino havia incriminado; no mesmo capítulo, o que é um *lictuus*; a etimologia dessa palavra.**

1 Higino supõe que Virgílio enganou-se quando escreveu estes versos:

“Ali o mesmo Quirinus foi representado sentado, com o cetro que conduz desde Rômulo, com a toga<sup>5</sup> e o escudo sagrado na mão esquerda.”

Higino advertiu que Virgílio comete um erro ao deixar sem complemento as palavras

*Ipsa Quirinali lituo.*

2 “Pois se aqui não há nada incompleto, é necessário supor que Virgílio quis dizer *lituo et trabea succinctus*; mas isso seria absurdo, porque *lituus* era um bastão curto e encurvado na extremidade mais forte, da qual se servem os augúrios, de que maneira admitir “bastão rodeado”? 3 Higino, porém, não repara que aqui há uma elipse, e que isso é freqüente. 4 Por isso se disse: “Cícero, homem de grande eloquência” e “Roscio, ator de grande talento.” Essas duas expressões não são nem uma e nem outra plenas de significado, porém, o que falta está subentendido<sup>6</sup>. 5 Do mesmo Virgílio em outra parte:

“Butes, orgulhoso de seus triunfos, atleta de monstruoso corpo,  
ele lançou ao meio da arena dois cestos de monstruoso peso”;

*(Victorem Buten immani corpore)*

e de maneira semelhante:

“Sua obscura e infectada caverna manchada com sangue  
e rodeada de cruentos despojos.”

*(sanie dapibusque cruentis)*

---

<sup>5</sup> N. T.: A toga é de origem Sabina e é portadora dos augúrios. MARACHE, 1967, p. 11 (vol 2).

<sup>6</sup> N. T.: Trata-se aqui de construções com ablativos de instrumento e de companhia, cuja construção é bastante livre em latim. Segundo Gélío, Higino desejava que não fossem diretamente ligadas a um substantivo, mas que dependessem de um adjetivo ou de um verbo. Ele não percebe a diferença essencial entre *statua grandi capite* e *statua grandi capite erat*. (...) MARACHE, 1967, p. 12 (vol 2).

**6** Sic igitur id quoque videri dictum debet: "Picus Quirinali lituo erat", sicuti dicimus: "statua grandi capite erat". **7** Et "est" autem et "erat" et "fuit" plerumque absunt cum elegantia sine detrimento sententiae. **8** Et quoniam facta litui mentio est, non praetermittendum est, quod posse quaeri animadvertimus, utrum lituus auguralis a tuba, quae lituus appellatur, an tuba a lituo augurum lituus dicta sit; **9** utrumque enim pari forma et pariter incurvum est. **10** Sed si, ut quidam putant, tuba a sonitu lituus appellata est ex illo Homérico verbo:

linxe bios,

necesse est ita accipi, ut virga auguralis a tubae similitudine lituus vocetur. **11** Vtitur autem vocabulo isto Vergilius et pro tuba:

Et lituo pugnas insignis obibat et hasta.

**De argumentis, quae Graece antistrephonta appellantur, a nobis "reciproca" dici possunt.**

**1** Inter vitia argumentorum longe maximum esse vitium videtur, quae antistrephonta Graeci dicunt. **2** Ea quidam e nostris non hercle nimis absurde "reciproca" appellaverunt. **3** Id autem vitium accidit hoc modo, cum argumentum propositum referri contra convertique in eum potest, a quo dictum est, et utrimque pariter valet; quale est pervolgatum illud, quo Protagoram, sophistarum acerrimum, usum esse ferunt adversus Evathlum, discipulum suum. **4** Lis namque inter eos et controversia super pacta mercede haec fuit. **5** Evathlus, adulescens dives, eloquentiae discendae causarumque orandi cupiens fuit. **6** Is in disciplinam Protagorae sese dedit daturumque promisit mercedem grandem pecuniam, quantam Protagoras petiverat, dimidiumque eius dedit iam tunc statim, priusquam disceret, pepigitque, ut relicum dimidium daret, quo primo die causam apud iudices orasset et vicisset.

6 De acordo com tal expressão, pode-se dizer “Picus estava armado com o cetro de Rômulo”, como se diz “A estátua tinha cabeça elevada.” 7 Com frequência, suprime-se o verbo *sum* nesse tipo de frases sem alterar a correção ou a elegância do enunciado. 8 E por encontrar-se aqui a insignia augural (*lituus*), poderíamos perguntar se o bastão augural recebeu este nome pela semelhança com a trombeta denominada com a mesma palavra, ou vice-versa. 9 Pois os dois objetos têm semelhança na forma e são encurvados. 10 Mas se, como alguns crêem, o instrumento tem o nome por causa do som que produz, como em Homero:

“O arco ressoou”,

em tal caso, deve-se pensar que o nome da trombeta foi dado ao bastão augural, por causa da forma parecida. 11 Quanto a Virgílio, ele empregou a mesma palavra *lituus* para denominar trombeta no seguinte verso:

“Mostrava seu valor nas batalhas com a lança e com a trombeta.” (*lituus*)

## X

### **Sobre os argumentos que os gregos chamam *antistrephonta*, que podem ser chamados por nós *reciproca* – que formam um círculo vicioso.**

1 Entre os vícios de argumentação, o que parece merecer maior atenção é o tipo de raciocínio que os gregos chamam *antistrephon*. 2 Muitos de nossos autores, não sem propósito, chamaram de *reciprocum*. 3 Isso, porém, desta maneira, caracteriza um vício, pois é um argumento que pode reverter-se contra quem o emprega e dele pode deduzir-se uma segunda conseqüência contrária à primeira, como em Protágoras<sup>7</sup>, o mais perspicaz dentre os sofistas, na discussão que travou com seu discípulo Evaltho. 4 A controvérsia entre eles surgiu por causa do salário prometido. 5 Evaltho, um jovem rico, desejou aprender eloqüência e defender causas. 6 Matriculou-se na escola de Protágoras e comprometeu-se a pagar por isso uma quantia considerável, que o próprio Protágoras pedira, entregou-lhe a metade imediatamente e prometeu a outra metade quando defendesse e ganhasse a primeira causa diante dos juízes.

---

<sup>7</sup> N. B.: Protágoras nasceu por volta de 492 a.C. em Abdera e parece ter sido discípulo de Demócrito. As duas grandes obras de Protágoras são: *As Antilogias* e *A Verdade*, esta última veio a ser conhecida mais tarde por *Grande Tratado*. A doutrina de Protágoras abrange, pelo menos, três momentos que consistem, primeiro na produção d' *As Antilogias*, depois na descoberta do homem-medida e, finalmente, na elaboração do discurso forte. O primeiro deles é um momento negativo e os dois seguintes são construtivos. RAVIZZA, P.J. 1956, P.496.

**7** Postea cum diutule auditor adsectatorque Protagorae fuisset et in studio quidem facundiae abunde promovisset, causas tamen non reciperet tempusque iam longum transcurreret et facere id videretur, ne relicum mercedis daret, capit consilium Protagoras, ut tum existimabat, astutum: **8** petere institit ex pacto mercedem, litem cum Evathlo contestatur. **9** Et cum ad iudices coniciendae consistendaeque causae gratia venissent, tum Protagoras sic exorsus est: "Disce," inquit "stultissime adulescens, utroque id modo fore, uti reddas, quod peto, sive contra te pronuntiatum erit sive pro te. **10** Nam si contra te lis data erit, merces mihi ex sententia tua debebitur, quia ego vicero; sin vero secundum te iudicatum erit, merces mihi ex pacto debebitur, quia tu viceris." **11** Ad ea respondit Evathlus: "Potui" inquit "huic tuae tam ancipiti captioni isse obviam, si verba non ipse facerem atque alio patrono uterer. **12** Sed maius mihi in ista victoria prolubium est, cum te non in causa tantum, sed in argumento quoque isto vinco. **13** Disce igitur tu quoque, magister sapientissime, utroque modo fore, uti non reddam, quod petis, sive contra me pronuntiatum fuerit sive pro me. **14** Nam si iudices pro causa mea senserint, nihil tibi ex sententia debebitur, quia ego vicero; sin contra me pronuntiaverint, nihil tibi ex pacto debebo, quia non vicero." **15** Tum iudices dubiosum hoc inexplicabileque esse, quod utrimque dicebatur, rati, ne sententia sua, utramcumque in partem dicta esset, ipsa sese rescinderet, rem iniudicatam reliquerunt causamque in diem longissimam distulerunt. **16** Sic ab adulescente discipulo magister eloquentiae inclutus suo sibi argumento confutatus est et captionis versute excogitatae frustratus fuit.

**7** Depois de muito tempo ouvindo as lições de Protágoras, encontrava-se bastante avançado na arte da retórica, mas ainda não lhe havia sido confiada nenhuma causa, ainda que estivesse esperando e em última instância, parecia que fazia de propósito por não querer pagar a quantidade a Protágoras. **8** Então, Protágoras foi muito habilidoso e reclamou a quantia estipulada, gerando um processo contra Evaltho. **9** E quando chegou o momento de expor a causa diante dos juízes, Protágoras disse estas palavras: “Entenda, tolíssimo jovem, que seja qual for a sentença do tribunal, **10** seja contra ou favorável a mim, de toda forma, você terá de pagar a quantia que peço, pois se eu vencer, terá de me pagar porque venci e se você vencer, terá de me pagar porque terá ganhado a primeira causa.” **11** A isso responde Evaltho: “Se, ao invés de falar eu mesmo, tivesse encarregado a outro de minha defesa, seria fácil desvencilhar-me da armadilha que você me pregou, mas contestando eu mesmo, gozo de uma maior vantagem que aumenta minha confiança. **12** Não só está assegurado o triunfo de minha causa como para ganhá-la preciso somente de seu raciocínio. **13** Entenda, por sua vez, mestre dos oradores, que seja qual for a sentença dos juízes, não estarei obrigado a pagar o que lhe devo. **14** Pois se os juízes sentenciam a meu favor, não lhe deverei nada por causa da sentença e se sentenciam a seu favor, não lhe deverei nada por causa de nosso trato, já que terei perdido a sentença.” **15** Os juízes, sem saber como decidir entre os dois raciocínios, que mutuamente se contradiziam, abstiveram-se de decidir. **16** Desta forma, um ilustre mestre da eloquência foi refutado por um jovem discípulo por meio de seu próprio argumento, encontrando-se desprotegido, pela astúcia de um sofisma imaginário.

## XVIII

**An quid et quantum differat historia ab annalibus; superque ea re verba posita ex libro rerum gestarum Sempronii Asellionis primo.**

**1** "Historiam" ab "annalibus" quidam differre eo putant, quod, cum utrumque sit rerum gestarum narratio, earum tamen proprie rerum sit "historia", quibus rebus gerendis interfuerit is, qui narret; **2** eamque esse opinionem quorundam Verrius Flaccus refert in libro de significatu verborum quarto. Ac se quidem dubitare super ea re dicit, posse autem videri putat nonnihil esse rationis in ea opinione, quod historia Graece significet rerum cognitionem praesentium. **3** Sed nos audire soliti sumus annales omnino id esse, **4** quod historiae sint, historias non omnino esse id, quod annales sint: **5** sicuti, quod est homo, id necessario animal est; quod est animal, non id necesse est hominem esse. **6** Ita "historias" quidem esse aiunt rerum gestarum vel expositionem vel demonstrationem vel quo alio nomine id dicendum est, "annales" vero esse, cum res gestae plurium annorum observato cuiusque anni ordine deinceps componuntur. **7** Cum vero non per annos, sed per dies singulos res gestae scribuntur, ea historia Graeco vocabulo ephemeris dicitur, cuius Latinum interpretamentum scriptum est in libro Semproni Asellionis primo, ex quo libro plura verba ascripsimus, ut simul, ibidem quid ipse inter res gestas et annales esse dixerit, ostenderemus.



## XVIII

**Se há uma distinção e em que ela consiste entre *história* e *anais*, e sobre o tema, uma citação no livro I do *de Rerum Gestarum* de Senfrônio Aselião.**

**1** Alguns pensam que História difere de Anais porque História é o gênero em que o narrador sempre é testemunha dos fatos relatados. **2** Vério Flaco<sup>8</sup> disse no livro IV de seu tratado *Sobre o significado das palavras*, que muitos aceitaram essa distinção por parecer incontestável, e, além disso, porque História significa, em grego, relato dado por uma testemunha. **3** Mas, de nossa parte, cremos que ordinariamente, os Anais fazem parte da História. **4** Mas as Histórias não são completamente Anais: **5** assim como todo homem é necessariamente animal, todo animal não é necessariamente homem. **6** Então, História é a exposição, o relato, a demonstração dos fatos passados e os Anais, como o nome já diz, o que se observa passar de ano a ano rigorosamente em ordem cronológica. **7** Quando, ao invés de se escrever os fatos por anos, se escreve por dias, aí se caracteriza o que os gregos chamam de efeméride, cuja interpretação latina está no livro I de Senfrônio Aselião, trecho que devemos escrever aqui para saber como entendia o autor a diferença entre História e Anais:

---

<sup>8</sup> N. B.: Vério Flaco – compôs os *Fastos* e uma espécie de dicionário *De uerborum significatione* em ordem alfabética, rica fonte de notícias para o que se refere à língua e às antigas memórias de Roma. Possuímos um compêndio parcial feito por Pompeu Festo do século III d. C. RAVIZZA, P. João. Gramática latina. 13ª ed., Niterói: E. I. Dom Bosco, 1956, p. 498.

8 "Verum inter eos", inquit "qui annales relinquere voluissent, et eos, qui res gestas a Romanis perscribere conati essent, omnium rerum hoc interfuit. Annales libri tantummodo, quod factum quoque anno gestum sit, ea demonstrabant, id est quasi qui diarium scribunt, quam Graeci ephemerida vocant. Nobis non modo satis esse video, quod factum esset, id pronuntiare, sed etiam, quo consilio quaque ratione gesta essent, demonstrare." 9 Paulo post idem Asellio in eodem libro: "Nam neque alacriores" inquit "ad rempublicam defendendam neque segniores ad rem perperam faciendam annales libri commovere quicquam possunt. Scribere autem, bellum initum quo consule et quo confectum sit et quis triumphans introierit, et eo libro, quae in bello gesta sint, non praedicare autem interea quid senatus decreverit aut quae lex rogatiove lata sit, neque quibus consiliis ea gesta sint, iterare: id fabulas pueris est narrare, non historias scribere."

## XX

### **Quod vocabulum Latinum soloecismo fecerit Capito Sinnius, quid autem id ipsum appellaverint veteres Latini; quibusque verbis soloecismum definierit idem Capito Sinnius.**

1 "Soloecismus" Latino vocabulo a Sinnio Capitone eiusdemque aetatis aliis "inparilitas" appellatus vetustioribus Latinis "stribiligo" dicebatur a versura videlicet et pravitate tortuosae orationis tamquam "strobiligo" quaedam. 2 Quod vitium Sinnius Capito in litteris, quas ad Clodium Tuscum dedit, hisce verbis definit: "'Soloecismus" est" inquit "impar atque inconueniens compositura partium orationis." 3 Cum Graecum autem vocabulum sit "soloecismus", an Attici homines, qui elegantius locuti sunt, usi eo sint, quaeri solet. 4 Sed nos neque "soloecismum" neque "barbarismum" apud Graecorum idoneos adhuc invenimus; 5 nam sicut barbaron, ita soloikon dixerunt. 6 Nostri quoque antiquiores "soloecum" facile, "soloecismum" haut scio an umquam dixerunt. 7 Quod si ita est, neque in Graeca neque in Latina lingua "soloecismus" probe dicitur.

8 “Em verdade, os Anais não são suficientes para enumerar as coisas feitas pelos Romanos; os livros anais, embora mostrem o que é feito anualmente, são escritos quase diariamente (jornal/diário), ao que os gregos chamam efeméride. Para mim, não parece suficiente que o historiador apenas relate o que está feito, mas creio que deve dar a conhecer também as causas e razões dos feitos.” 9 Pouco depois, o mesmo Asélio, nesse livro: “Os Anais não podem dar aos cidadãos mais ardor para o serviço da República, tampouco inspirar-lhes mais repugnância pelas más ações. Limitar-se a dizer que tal cônsul começou uma guerra, aos fatos e ao desfecho, quem foi o vencedor, sem mencionar os decretos que o senado baixou durante este tempo, as leis e os plebiscitos, sem descobrir nada da política que direcionou os acontecimentos, isso é contar histórias para crianças, não escrever a História.”

## XX

### **Que significado latino deu Sinnio Capitão para solecismo, como o chamaram os antigos latinos e em que termos o mesmo Sinnio define solecismo.**

1 O solecismo era denominado por Sinnio Capitão e seus contemporâneos pelo vocábulo latino *imparilitas*, chamado pelos antigos latinos *stribiligo* para designar uma irregularidade ou deformidade do discurso, assim como *strobiligo*. 2 Esse erro é definido assim por Sinnio Capitão em uma carta dirigida a Clódio Tusco: “O solecismo é a junção desigual e tortuosa das partes do discurso.” 3 Como solecismo é uma palavra grega, há de se confirmar se os Áticos, que falavam com maior refinamento, a empregavam. 4 Mas quanto a mim, não encontrei ainda nem solecismo nem barbarismo entre os bons escritores gregos; 5 além disso, emprega-se tanto *barbaron* como *soloikon*. 6 Os nossos antepassados também disseram correntemente *soloecum*, não sei se alguma vez disseram *soloecismum*. 7 Se é assim, solecismo não é empregado corretamente nem em língua grega nem em latina.

## XXI

**"Pluria" qui dicat et "compluria" et "compluriens", non barbaramente dicere, sed Latine.**

**1** "Pluria" forte quis dixit sermocinans vir adprime doctus, meus amicus, non hercle studio se ferens ostentandi neque quo "plura" non dicendum putaret. **2** Est enim doctrina homo seria et ad vitae officia devincta ac nihil de verbis laborante. **3** Sed, opinor, assidua veterum scriptorum tractatione inoleverat linguae illius vox, quam in libris saepe offenderat. **4** Aderat, cum ille hoc dicit, reprehensor audaculus verborum, qui perpauca eademque a volgo protrita legerat habebatque nonnullas disciplinae grammaticae inauditiunculas partim rudes inchoatasque partim non probas easque quasi pulverem ob oculos, cum adortus quemque fuerat, adspergebat. **5** Sicut tunc amico nostro: "barbare" inquit "dixisti "pluria"; nam neque rationem verbum hoc neque auctoritates habet." **6** Ibi ille amicus ridens: "amabo te," inquit "vir bone, quia nunc mihi a magis seriis rebus otium est, velim doceas nos, cur "pluria" sive "compluria" - nihil enim differt - non Latine, sed barbaramente dixerint M. Cato, Q. Claudius, Valerius Antias, L. Aelius, P. Nigidius, M. Varro, quos subscriptores approbatoresque huius verbi habemus praeter poetarum oratorumque veterum multam copiam." **7** Atque ille nimis arroganter: "tibi" inquit "habeas auctoritates istas ex Faunorum et Aboriginum saeculo repetitas atque huic rationi respondeas." **8** Nullum enim vocabulum neutrum comparativum numero plurativo recto casu ante extremum "a" habet "i" litteram, sicuti "meliora, maiora, graviora." Proinde igitur "plura", non "pluria" dici convenit, ne contra formam perpetuam in comparativo "i" littera sit ante extremum "a." **9** Tum ille amicus noster, cum hominem confidentem pluribus verbis non dignum existimaret: "Sinni" inquit "Capitonis, doctissimi veri, epistulae sunt uno in libro multae positae, opinor, in templo Pacis. **10** Prima epistula scripta est ad Pacuvium Labeonem, cui titulus praescriptus est pluria, non plura dici debere. **11** In ea epistula rationes grammaticas posuit, per quas docet "pluria" Latinum esse, "plura" barbarum. **12** Ad Capitonem igitur te dimittimus. **13** Ex eo id quoque simul disces, si modo assequi poteris, quod in ea epistula scriptum est, "pluria" sive "plura" absolutum esse et simplex, non, ut tibi videtur, comparativum." **14** Huius opinionis Sinnianae id quoque adiumentum est, quod, "complures" cum dicimus, non comparative dicimus.

## XXI

**Por que dizer *pluria*, *compluria* e *compluriens* é falar latim sem barbarismo.**

**1** Certa vez, um amigo meu, homem extremamente sábio, empregou a palavra *pluria* em uma conversa, não o fez para demonstrar sabedoria nem porque julgou que não se empregasse mais *plura*. **2** Pois era homem cuja sabedoria nada tinha de superficial e que atribulado com os afazeres pesados da vida, não cuidava minuciosamente das palavras. **3** Mas penso que a leitura de autores antigos havia lhe conferido o costume de empregar esta forma que freqüentemente encontrava nos livros. **4** Encontrava-se com ele, quando empregou tal palavra, um homem pretensamente sábio, censor da linguagem. A cultura do censor era superficial e em grande parte de premissas falsas, com as quais se fazia notar asfixiando com o pó a qualquer um que chegasse. **5** Então, disse a meu amigo: “*Pluria*, empregada por você, é uma forma bárbara sem justificação por regras ou por autoridade.” **6** Então, meu amigo respondeu sorrindo: “Gostarei muito, amável homem, já que não tenho nada mais importante a ocupar-me o ócio, que me explique por que *pluria* e mesmo *compluria* são considerados vocábulos latinos e não bárbaros em Catão, Cláudio, Valério Ancia, Lucio Elio, Nigidio e Varrão que se não as empregaram, pelo menos aprovaram seu uso, além de uma imensidade de poetas antigos que poderia citar.” **7** O outro, não menos desdenhosamente: “Em seu favor, pode buscar quantas autoridades quiser, no século dos faunos e dos aborígenes e pode guardar para você. **8** Nenhum comparativo neutro no nominativo plural apresenta *i* antes de *a*, assim como *meliora*, *maiora*, *grauiora*, deve-se dizer *plura* e não *pluria*, a inserção de *i* seria contra a regra.” **9** Então, aquele meu amigo não considerando tal homem digno de mais conversa, disse: “Guarda-se uma grande quantidade de cartas de Sinnio Capitão, homem de grande sabedoria, que encontram-se na biblioteca do templo da Paz. **10** A primeira carta dirigida a Pacúvio Labeão recebe este título: Sobre *se deve dizer-se pluria e não plura*. **11** E comporta uma discussão gramatical sobre o fato de *pluria* ser palavra latina prescrita enquanto *plura* é bárbara. **12** Também remeto-o a Capitão. **13** Lá aprenderá que *pluria* ou *plura* não é um comparativo, mas um possessivo.” **14** A teoria de Sinnio pode ser confirmada ainda pelo fato de que quando dizemos *compluries*, não atribuímos sentido comparativo.

**15** Ab eo autem, quod est "compluria", adverbium est factum "compluriens". **16** Id quoniam minus usitatum est, versum Plauti subscripsi ex comoedia? quae Persa inscribitur:

Quid metuis? - metuo hercle vero; sensi ego compluriens.

**17** Item M. Cato in IV. originum eodem in loco ter hoc verbum posuit: "Compluriens eorum milites mercennarii inter se multi alteri alteros in castris occidere, compluriens multi simul ad hostis transfugere, compluriens in imperatorem impetum facere."

**15** E da palavra *compluria*, forma-se o advérbio *compluriens*. **16** Como essa palavra é pouco utilizada, citarei um verso de Plauto na peça *Persa*, onde escreveu:

“O que temes? Temo, meu Deus!, verdadeiramente; Aí já me apanharam diversas vezes.”  
(*compluriens*)

**17** Catão, no livro IV, *Das origens*, utiliza a mesma palavra: “Freqüentemente (*compluriens*), combateram entre si seus soldados mercenários em considerável número e mataram-se uns aos outros; freqüentemente (*compluriens*), foram vistos desertar em grandes grupos ao inimigo, freqüentemente (*compluriens*) ameaçaram a vida de seu general.”

## LIVRO VI



## II

**De Caeselli Vindicis pudendo errore, quem offendimus in libris eius, quos inscriptis lectionum antiquarum.**

**1** Turpe erratum offendimus in illis celebratissimis commentariis lectionum antiquarum Caeselli Vindicis, hominis hercle pleraque haut indiligentis. **2** Quod erratum multos fugit, quamquam multa in Caesellio reprehendendo etiam per calumnias rimarentur. **3** Scripsit autem Caesellius Q. Ennium in XIII. annali "cor" dixisse genere masculino. **4** Verba Caeselli subiecta sunt: "Masculino genere, ut multa alia, enuntiavit Ennius. Nam in XIII. annali "quem cor" dixit." **5** Ascripsit deinde versus Ennii duo: Hannibal audaci cum pectore de me hortatur, ne bellum faciam, quem credidit esse meum cor? **6** Antiochus est, qui hoc dixit, Asiae rex. Is admiratur et permovetur, quod Hannibal Carthaginensis bellum se facere populo Romano volentem dehortetur. **7** Hos autem versus Caesellius sic accipit, tamquam si Antiochus sic dicat: "Hannibal me, ne bellum geram, dehortatur; quod cum facit, ecquale putat cor habere me et quam stultum esse me credit, cum id mihi persuadere vult?" **8** Hoc Caesellius quidem, sed aliud longe Ennius. **9** Nam tres versus sunt, non duo, ad hanc Ennii sententiam pertinentes, ex quibus tertium versum Caesellius non respexit: Hannibal audaci cum pectore de me hortatur, ne bellum faciam, quem credidit esse meum cor suasorem summum et studiosum robore belli. **10** Horum versuum sensus atque ordo sic, opinor, est: Hannibal ille audentissimus atque fortissimus, quem ego credidi - hoc est enim "cor meum credidit", proinde atque diceret "quem ego stultus homo credidi" - summum fore suasorem ad bellandum, is me dehortatur dissuadetque, ne bellum faciam. **11** Caesellius autem forte rhathymoteron iunctura ista verborum captus "quem cor" dictum putavit et "quem" accentu acuto legit, quasi ad cor referretur, non ad Hannibalem. **12** Sed non fugit me, si aliquis sit tam inconditus, sic posse defendi "cor" Caeselli masculinum, ut videatur tertius versus separatim atque divise legendus, proinde, quasi praecisis interruptisque verbis exclamet Antiochus: "suasorem summum!" Sed non dignum est eis, qui hoc dixerint, responderi.

## II

**Sobre o erro crasso de Cesélio Vindex<sup>1</sup> que encontramos em seus livros intitulados  
*Leituras antigas*.**

**1** Encontramos um grave erro nos célebres cadernos de *Leituras antigas*, de Cesélio Vindex, homem que raramente, penso eu, comete negligência. **2** Embora a crítica tenha sido severa com Cesélio, este erro a que me refiro não foi notado. **3** Cesélio escreveu que Enio disse no livro XIII dos *Anais* coração (*cor*) como vocábulo masculino. **4** As palavras de Cesélio são: “Enio emprega a palavra *cor* em gênero masculino, como muitas outras semelhantes. No livro XIII dos *Anais*, ele disse *quem cor*.” **5** Em seguida, cita os versos de Enio: “Haníbal incita-me com valor a não fazer guerra, que idéia terá formado sobre meu coração (*quem cor*)?” **6** Antioco, o rei da Ásia, é quem pronuncia essas palavras. Ele se incomoda porque o chefe dos Cartagineses o dissuade de declarar guerra aos romanos. **7** Cesélio compreende esses versos como se Antioco dissesse: “Hanibal incita-me a não declarar guerra, que pensa a meu respeito? É preciso que seja muito tolo e covarde para aconselhar-me de tal maneira.” **8** Isso é o que Cesélio entende de tal passagem, mas está longe do que disse Enio. **9** Pois são três versos, não dois, pertencentes à sentença enunciada por Cesélio: “Hanibal encoraja-me a não declarar a guerra, Justo ele, quem meu coração acreditava ser o mais apressado para aconselhar-me e o mais impaciente para empreendê-la.” **10** Acredito que os versos devam ser interpretados assim: “Hanibal, este homem tão enérgico e atrevido, ao contrário de ser o mais inquieto para aconselhar-me a empreender a guerra, como meu coração tinha imaginado, esforça-se hoje para afastar-me de meu propósito.” **11** Contudo, Cesélio acreditou que devia concordar *quem* com *cor* e não com Haníbal. **12** Mas não escapou-me que, ao explicar os versos de outra maneira, poderia justificar-se tal pensamento de Cesélio, de *cor* como masculino, já que poderia ser separado o terceiro verso dos demais e lê-lo como uma surpresa exclamação de Antioco: bom conselho (*suasorem summum*); porém tal interpretação não precisaria de resposta.

---

<sup>1</sup> N. T.: Cesélio Vindex – gramático latino do tempo de Adriano. MARACHE, 1967, p. 39 (vol. 2).

## VII

**An "affatim", quasi "admodum", prima acuta pronuntiandum sit; et quaedam itidem non incuriose tractata super aliarum vocum accentibus.**

**1** Annianus poeta praeter ingenii amoenitates litterarum quoque veterum et rationum in litteris oppido quam peritus fuit et sermocinabatur mira quadam et scita suavitate. **2** Is "affatim" ut "admodum" prima acuta, non media, pronuntiabat atque ita veteres locutos censebat. **3** Itaque se audiente Probum grammaticum hos versus in Plauti Cistellaria legisse dicit:

Potine tu homo facinus facere strenuum? - aliorum affatim est,

Qui faciant; sane ego me nolo fortem perhiberi virum,

**4** causamque esse huic accentui dicebat, quod "affatim" non essent duae partes orationis, sed utraque pars in unam vocem coaluisset, sicuti in eo quoque, quod "exadversum" dicimus, secundam syllabam debere acui existimabat, quoniam una, non duae essent partes orationis; atque ita oportere apud Terentium legi dicebat in his versibus:

In quo haec discebat ludo, exadversum loco tonstrina erat quaedam.

**5** Addebat etiam, quod "ad" praeverbium tum ferme acueretur, cum significaret epitasin, quam "intentionem" nos dicimus, sicut "adfabre" et "admodum" et "adprobe" dicuntur. **6** Cetera quidem satis commode Annianus. Sed si hanc particulam semper, cum intentionem significaret, acui putavit, non id perpetuum videtur; **7** nam et "adpotus" cum dicimus et "adprimus" et "adprime", intentio in his omnibus demonstratur, neque tamen "ad" particula satis commode accentu acuto pronuntiatur. **8** "Adprobus" tamen, quod significat "valde probus", non infitias eo, quin prima syllaba acui debeat. **9** Caecilius in comoedia, quae inscribitur Triumphus, vocabulo isto utitur:

Hierocles hospes est mi adulescens adprobus.

## VII

**Se *affatim* deve ser pronunciado como *admodum* com acento agudo na primeira sílaba, mais observações a respeito do acento de outros vocábulos.**

**1** O poeta Aniano, que aliava o conhecimento profundo da literatura ao conhecimento de amenidades, como formas da língua antiga. **2** Pronunciava o vocábulo *affatim* como *admodum*, com a primeira sílaba aguda e não a do meio, como faziam os antigos. **3** E assim, acrescentava que havia ouvido o gramático Probo ler da mesma forma, na *Castelária* de Plauto, o termo *affatim*:

“Você é um homem capaz de distinguir-se por uma ação de valor? Muitos outros ambicionam bastante (*affatim*) tal honra,

mas a reputação de um homem valente não me causa inveja,”

**4** para explicar o motivo dessa pronúncia, Aniano dizia que não se deveria distinguir as duas partes de que estava formada a palavra *affatim*. Pelo mesmo motivo, queria que *exaduersum* levasse acento agudo na segunda sílaba, já que as duas partes que compõem essa palavra<sup>2</sup> confundem-se em uma só. Segundo ele, a palavra deve ser pronunciada assim (com acento agudo na segunda sílaba) nos seguintes versos de Terêncio:

“Em frente (*exaduersum*) à escola a que ela corria para receber lições,

havia uma casa de barbeiro.”

**5** Acrescenta que a preposição *ad*, quando anexada a um verbo, marca o que os gregos chamavam de *epítasis*, que nós chamamos intensão, como em artificialmente (*adfabre*), por completo (*admodum*), maravilhosamente (*adprobe*). **6** Certamente, Aniano falou com bastante conveniência sobre o restante: mas se ele pensou que essa preposição sempre leva acento agudo quando indica intensidade, isso não parece tão certo. **7** Assim como em um pouco embriagado (*adpotus*), principal, principalmente (*adprimus*, *adprime*), sem dúvida, não seria adequado pronunciar a primeira sílaba com acento agudo. **8** O acento deve ser colocado em *ad* em palavras como muito honrado (*adprobus*). **9** Cecílio, em sua comédia intitulada *O Triunfo*, emprega este adjetivo:

“Tenho Hierocles por hóspede, jovem honradíssimo (*adprobus*).”

---

<sup>2</sup> N. E.: As duas partes são a preposição *ex* e o adjetivo *aduersum*.

**10** Num igitur in istis vocibus, quas non acui diximus, ea causa est, quod syllaba insequitur natura longior, quae non ferme patitur acui priorem in vocabulis syllabarum plurium quam duarum? **11** "Adprimum" autem longe primum L. Livius in Odyssia dicit in hoc versu:

Ibidemque vir summus adprimus Patroclus.

**12** Idem Livius in Odyssia "praemodum" dicit, quasi admodum: "parcentes" inquit "praemodum", quod significat "supra modum", dictumque est quasi "praeter modum"; in quo scilicet prima syllaba acui debebit.

**10** Nos vocábulos que utilizei anteriromente, *adpotus*, *adprimus*, *adprime*, o que faz com que a primeira sílaba não tenha acento agudo é que a penúltima é longa por natureza. Em todos os vocábulos compostos de mais de duas sílabas, quando a penúltima é longa por natureza, não se pode colocar acento agudo na antepenúltima. **11** Lívio Andronico emprega *adprimus* em um verso da Odisséia:

“Então, enfim, Pátroclo tornou-se herói sem igual.”

**12** Na mesma Odisséia, Lívio disse *praemodum*, como *admodum*, que é a forma contraída de extremosamente (*praeter modum*), até o excesso, que leva acento breve na primeira sílaba.

## IX

**"Peposci" et "memordi", "pepugi" et "spepondi" et "cecurri" plerosque veterum dixisse, non, uti postea receptum est dicere, per "o" aut per "u" litteram in prima syllaba positam, atque id eos Graecae rationis exemplo dixisse; praeterea notatum, quod viri non indocti neque ignobiles a verbo "descendo" non "descendi", sed "descendidi" dixerunt.**

**1** "Poposci", "momordi", "pupugi", "cucurri" probabiliter dici videtur, atque ita nunc omnes ferme doctiores hisce verbis utuntur. **2** Sed Q. Ennius in saturis "memorderit" dixit per "e" litteram, non "momorderit": "meum" inquit "non est, ac si me canis memorderit." **3** Item Laberius in Gallis: de integro patrimonio meo centum milia nummum memordi. **4** Item idem Laberius in Coloratore: itaque leni pruna percoctus simul sub dentes mulieris veni, bis, ter memordit. **5** Item P. Nigidius de animalibus libro II.: "Vt serpens si memordit, gallina diligitur et opponitur." **6** Item Plautus in Aulularia: ut admemordit hominem. **7** Sed idem Plautus in Trigemini neque "praememordisse" neque "praemomordisse" dicit, sed "praemorsisse": "nisi fugissem" inquit "medium, credo, praemorsisset." **8** Item Atta in Conciliatrice: ursum se memordisse autumat. **9** "Peposci" quoque, non "poposci", Valerius Antias libro annalium XLV. scriptum reliquit: "Denique Licinius tribunus plebi perduellionis ei diem dixit et comitiis diem a M. Marcio praetore peposcit." **10** "Pepugero" aequae Atta in Aedilicia dicit: sed si pepugero, metuet. **11** Aelium quoque Tuberonem libro ad C. Oppium scripto "occecurrit" dixisse Probus adnotavit et haec eius verba apposuit: "Si generalis species occecurrerit." **12** Idem Probus Valerium Antiatem libro historiarum XXII. "speponderant" scripsisse annotavit verbaque eius haec posuit: "Tiberius Gracchus, qui quaestor C. Mancino in Hispania fuerat, et ceteri, qui pacem speponderant." **13** Ratio autem istarum dictionum haec esse videri potest: quoniam Graeci in quadam specie praeteriti temporis, quod parakeimenon appellant, secundam verbi litteram in "e" plerumque vertunt, ut grapho gegrapha, poio pepoika, lalo lelaleka, krato kekrateka, lovo lelouka, **14** sic igitur mordeo "memordi", posco "peposci", tendo "tetendi", tango "tetigi", pungo "pepugi", curro "cecurri", tollo "tetuli", spondeo "spepondi" facit. **15** Sic M. Tullius et C. Caesar "mordeo, memordi", "pungo, pepugi", "spondeo, spepondi" dixerunt. Praeterea inveni a verbo "scindo" simili ratione non "sciderat", sed "sciciderat" dictum esse.

## IX

**A maior parte dos antigos dizia reclamei (*peposci*), mordi (*memordi*), belisquei (*pepugi*), prometi (*spepondi*), corri (*cecurri*) com *e* e não com *o* ou *u*, como costuma-se hoje; esta forma de perfeito vem da língua grega, encontra-se em escritores sábios e famosos *descendidi* e não *descendi*, como perfeito de *descendo*.**

**1** Formas como *poposci*, *momordi*, *pupugi*, *cucurri* parecem ser ditas regularmente por quase todas as pessoas instruídas de nossa época. **2** Mas Enio, nas sátiras, emprega *memorderit* com *e*, não *o*<sup>3</sup>: “Não é assunto meu, a não ser que me morda um cão.” **3** Da mesma forma, Laberio, *Sobre os Galos*: “Consunuiu-me cem mil dinheiros de meu patrimônio.” **4** Também Laberio em outro texto chamado *O Pintor*: “Depois de cozido em fogo lento, passei nos dentes de uma mulher, que me mordeu seis vezes.” **5** Nigídio, no livro II *Sobre os animais*: “Se nos morde uma serpente, devemos apanhar uma galinha, abri-la e aplicá-la sobre a mordida.” **6** Plauto na *Aululária*: “Enquanto aquele homem foi mordido.” **7** Mas o mesmo Plauto nos *Trigêmeos*: “Se tivesse empreendido a fuga, teria me mordido no meio do corpo.” **8** Na *Conciliadora* de Atta: “Disse que lhe mordeu um urso.” **9** Valério Ancias<sup>4</sup> também emprega *peposci* e não *poposci*, no livro XLV dos *Anais*, escreveu: “Enfim, o tribuno Licínio chamou-o à justiça por crime de rebelião, e pediu que o pretor Quinto Mário fixasse um dia para a reunião dos comícios.” **10** Em Atta, encontra-se *pepugero*, na passagem a seguir, da obra *Ediltícia*: “Se o alfinetar, terá medo.” **11** Também Elio, no livro que compôs para C. Ópio: “Se se apresenta a forma geral.” **12** Probo observa ainda que Valério Ancias, no livro XII de seus *Anais*: “Tibério Graco, que havia sido questor de C. Mancino na Espanha e dos outros aficiais que prometeram a paz.” **13** Contudo, a razão de tal emprego pode ser vista no uso que fazem os gregos do tempo passado, ao que chamam pretérito definido, mudando sempre a segunda letra da palavra. **14** Conclui-se então, que as duas formas são empregadas. **15** Existem exemplos de *memordi*, *pepugi*, *spepondi* em Cícero e César.

---

<sup>3</sup> N. T.: O redobro indo-europeu do perfeito acontece normalmente com *e*, como atesta o grego. MARACHE, 1967, p. 58 (vol. 2).

<sup>4</sup> N. B.: Valério Ancias – Historiador mais extenso antes de Lívio, pois sua obra em 75 livros, remonta até aos tempos antigos e vai com narração minuciosa até Sila. Temos dela notícia pelos fragmentos e freqüentes citações feitas por Lívio, (...). RAVIZZA, 1956, p. 476.



**16** L. Accius in Sotadicorum libro I. "sciciderat" dicit. Verba haec sunt: non ergo aquila ita, uti praedicant, sciciderat pectus? **17** Ennius quoque in Melanippa: cum saxum sciciderit. ... Valerius Antias in libro historiarum LXXV. verba haec scripsit: "Deinde funere locato ad forum descendidit." Laberius quoque in Catulario ita scripsit: ego mirabar, quomodo mammae mihi...

## X

**Vt "ususcapio" copulate recto vocabuli casu dicitur, ita "pignoris capio" coniuncte eadem vocabuli forma dictum esse.**

**1** Vt haec "ususcapio" dicitur copulato vocabulo "a" littera in eo tractim pronuntiata, ita "pignoris capio" iuncte et producte dicebatur. **2** Verba Varronis sunt ex primo epistolicarum quaestionum: "Pignoris capio ob aes militare, quod aes a tribuno aerario miles accipere debebat, vocabulum seorsum fit." **3** Per quod satis dilucet hanc "captionem" posse dici quasi hanc "captionem" et in usu et in pignore.

## XIII

**Quem "classicum" dicat M. Cato, quem "infra classem".**

**1** "Classici" dicebantur non omnes, qui in quinque classibus erant, sed primae tantum classis homines qui centum et viginti quinque milia aeris ampliusve censi erant. **2** "Infra classem" autem appellabantur secundae classis ceterarumque omnium classium, qui minore summa aeris, quod supra dixi, censebantur. **3** Hoc eo strictim notavi, quoniam in M. Catonis oratione, qua Voconiam legem suasit, quaeri solet, quid sit "classicus", quid "infra classem".

**16** L Acio, no livro I das *Poesias Sotádicas*: “A águia, como se disse, não havia lhe rasgado o peito (*discendit*).” **17** Também se encontra em Valério Ancias, no livro LXXV de sua *História*: “Depois de ter providenciado as cerimônias dos funerais, desceu ao fórum.” Labério também escreveu assim no *Catulário*: “Eu me admirava, como me vieram...”

## X

**Como se pode dizer *ususcapio* em uma só palavra, no caso nominativo, também se pode dizer *pignoriscapio* em uma só palavra e no mesmo caso<sup>5</sup>.**

**1** Como se diz que *ususcapio* é formada de outras duas palavras e tem a letra *a* longa, o mesmo se diz de *pignoriscapio*, uma palavra com alongamento. **2** Catão disse no livro I de suas *Questões epistolares*: “*Pignoriscapio* é um termo especial da língua, do qual se serviam os soldados para denominar o dinheiro que deveriam receber dos tribunos encarregados do caixa militar.” **3** Basta esse exemplo para dizer que *capio* - equivalente a *capio* - pode se juntar a *pignus* da mesma maneira que a *usus*.

## XIII

**O que é, segundo Catão, *classicus*<sup>6</sup> - pertencente a uma classe - e *infra classem*<sup>7</sup> - de classe inferior.**

**1** Chamavam-se clássicos não todos os que estavam divididos em classes, mas apenas os da primeira, que tinham cento e vinte e cinco mil dinheiros de renda ou mais. **2** Contudo, *infra classem* chamavam-se os pertencentes à segunda classe ou a todas as outras classes, que possuíam menor quantidade de dinheiro. **3** Isso é suficiente para explicar as palavras *classicus* e *infra classem*, cuja definição geralmente se busca em Catão, na lei *Voconia*<sup>8</sup>.

---

<sup>5</sup> N. T.: A palavra *forma* (no texto latino) é aplicada particularmente para *caso*, ou mais exatamente para o conjunto de *caso* e *gênero*. MARACHE, 1967, p. 61 (vol. 2).

<sup>6</sup> N. T.: *Classicus* – de primeira classe, cidadão de primeira classe. GAFFIOT, F. 1934, p. 324.

<sup>7</sup> N. T.: *Infra classem* – preposição regendo acusativo - classe inferior, abaixo da classe.

<sup>8</sup> N. T.: Lei proposta pelo tribuno *Quintus Voconius* em 169 a.C., limitando os testamentos feitos pelas mulheres.

## XVII

**Sermo habitus cum grammatico insolentiarum et inperitiarum pleno de significatione vocabuli, quod est "obnoxius"; deque eius vocis origine.**

1. Percontabar Romae quempiam grammaticum primae in docendo celebritatis non hercle experiundi vel temptandi gratia, sed discendi magis studio et cupidine, quid significaret "obnoxius" quaeque eius vocabuli origo ac ratio esset. 2 Atque ille aspicit me inludens levitatem quaestionis pravitatemque: "Obscuram" inquit "sane rem quaeris multaque prorsus vigilia indagandam. 3 Quis adeo tam linguae Latinae ignarus est, quin sciat eum dici "obnoxium", cui quid ab eo, cui esse "obnoxius" dicitur, incommodari et noceri potest et qui habeat aliquem noxae, id est culpaе suae, conscium? Quin potius" inquit "haec mittis nugalia et affers ea, quae digna quaeri tractarique sint?" 4 Tum vero ego permotus agendum iam oblique ut cum homine stulto existimavi et "cetera," inquam "vir doctissime, remotiora gravioraque si discere et scire debuero, quando mihi usus venerit, tum quaeram ex te atque discam; sed enim quia dixi saepe "obnoxius" et, quid dicerem, nescivi, didici ex te et scire nunc coepi, quod non ego omnium solus, ut tibi sum visus, ignoravi, sed, ut res est, Plautus quoque, homo linguae atque elegantiae in verbis Latinae princeps, quid esset "obnoxius", nescivit; versus enim est in Sticho illius ita scriptus: nunc ego hercle perii plane, non obnoxie, quod minime congruit cum ista, quam me docuisti, significatione; composuit enim Plautus tamquam duo inter se contraria "plane" et "obnoxie", quod a tua significatione longe abest." 5 Atque ille grammaticus satis ridicule, quasi "obnoxius" et "obnoxie" non declinatione sola, sed re atque sententia differrent: "ego" inquit "dixi, quid esset "obnoxius", non quid "obnoxie"." 6 Ac tunc ego admirans insolentis hominis inscitiam: "mittamus," inquam "sicuti vis, quod Plautus "obnoxie" dixit, 7 si id nimis esse remotum putas, atque illud quoque praetermittamus, quod Sallustius in Catilina scribit: 8 "Minari etiam ferro, ni sibi obnoxia foret", et quod videtur novius pervulgatiusque esse, id me doce. Versus enim Vergilii sunt notissimi: nam neque tunc astris acies obtunsa videri nec fratris radiis obnoxia surgere luna, quod tu ais "culpaе suae conscium".

## XVII

**Conversa trivial que tive com um gramático ignorante e cheio de insolências sobre a significação e a origem da palavra *obnoxius***

**1** Eu perguntei em Roma a um gramático de boa reputação sobre seu ensinamento, não foi para lhe pôr à prova ou examiná-lo, mas sobretudo pelo gosto e desejo de aprender, o que significaria *obnoxius*, qual a origem e a explicação da palavra. **2** Ele mostrou-me a insignificância e o absurdo de minha pergunta: “Você me questiona em verdade, disse ele, sobre um ponto obscuro e merecedor de se passar as noites insone procurando! **3** Quem ignora a língua latina a ponto de não saber que se chama *obnoxius* a pessoa que está sujeita a sofrer algum mal provocado por alguém; e aquele que tendo cometido uma falta, está à mercê de seu cúmplice? Poupe-me dessas infantilidades, acrescentou, e não me proponha mais que investigações que valham a pena.” **4** Quanto a mim, frustrado por essa contestação, decidi enganá-lo, já que era um tolo. “Sábio ilustre, disse-lhe, posto que afirma que eu deveria me ocupar de questões mais sérias e elevadas, quando me encontrar em dúvida com algum assunto que seja digno de você, vou perguntar e recorrer a sua erudição; mas como muitas vezes havia utilizado a palavra *obnoxius* sem conhecer seu significado, dirigi-me a você para aprendê-lo e graças a seu talento, agora sei o que ignorava e o que não era só eu que ignorava, como você parece crer; pois Plauto, esse modelo de pureza e elegância, ignorou também o valor de *obnoxius*, já que se encontra esse verso em sua comédia *Stichus*:

“Agora estou perdido, por Hércules, completamente, não por culpa minha”

*nunc ego hercle perii plane, non obnoxie*

**5** E o gramático, “Defini para você *obnoxius*, não *obnoxie*”, disse-me, fingindo acreditar que essas palavras diferiam, não somente pela forma, mas também pelo significado e pela idéia. **6** Fiquei admirado com o descaso daquele ignorante e lhe disse em seguida: “Pois bem: deixemos de lado *obnoxie*, se lhe parece muito difícil, **7** e passemos assim para o que Salústio escreveu sobre *Catilina*:

**8** “Ameaçava matá-la se deixasse de lhe ser dócil.”

*Minari etiam ferro, ni sibi obnoxia foret*

Eis aqui um exemplo mais conhecido sobre o qual gostaria de ouvir sua opinião; estes versos célebres de Virgílio:

“Por que então as estrelas resplandecem com brilho mais intenso e parece que a lua não toma seus raios emprestados aos astros fraternais.”

**9** Alio quoque loco Vergilius verbo isto utitur a tua sententia diverse in his versibus: iuvat arva videre non rastris hominum, non ulli obnoxia curae; cura enim prodesse arvis solet, non nocere, quod tu de "obnoxio" dixisti. **10** Iam vero illud etiam Q. Enni quo pacto congruere tecum potest, quod scribit in Phoenice in hisce versibus: sed virum vera virtute vivere animatum addecet fortiterque innoxium vocare adversum adversarios ea libertas est, qui pectus purum et firmum gestitat, aliae res obnoxiosae nocte in obscura latent?" **11** At ille oscitans et alucinanti similis: "nunc" inquit "mihi operae non est. Cum otium erit, revises ad me atque disces, quid in verbo isto et Vergilius et Sallustius et Plautus et Ennius senserint." **12** At nebulo quidem ille, ubi hoc dixit, digressus est; si quis autem volet non originem solam verbi istius, sed significationem quoque eius varietatemque recensere, ut hoc etiam Plautinum spectet, adscripsi versus ex Asinaria: maximas opimitates gaudio effertissimas suis eris ille una mecum pariet, gnatoque et patri, adeo ut aetatem ambo ambobus nobis sint obnoxii nostro devincti beneficio. **13** Qua vero ille grammaticus finitione usus est, ea videtur in verbo tam multiplici unam tantummodo usurpationem eius notasse, quae quidem congruit cum significatu, quo Caecilius usus est in Chrysio in his versibus: quamquam ego mercede huc conductus tua advenio, ne tibi me esse ob eam rem obnoxium reare; audibis male, si maledicis mihi.

*Nam neque tunc astris acies obtunsa uideri  
Nec fratris radiis obnoxia surgere luna,*

**9** Agora vamos, segundo você disse, *obnoxius* designa o culpado que está à mercê de seu cúmplice. Há outra passagem em Virgílio em que ele emprega essa palavra num sentido muito diferente do seu:

Agrada ver essas terras que o arado não tocou e que não estão sujeitas a nenhum cultivo;

*iuvat arva videre non rastris hominum, non ulli obnoxia curae;*

O cultivo melhora os campos ao invés de prejudicá-los. *Obnoxius* não tem aqui o sentido atribuído por você. **10** Diga-me também como você pode dar sua interpretação para estes versos de *Fênix* de Ennio:

“O homem deve levar na vida a energia da verdadeira virtude: forte com sua inocência, lutará valorosamente contra seus inimigos. A verdadeira liberdade consiste em ter coração puro e vontade inesgotável. Fora isso, para o homem, existe somente escravidão e trevas.”

*sed virum vera virtute vivere animatum addecet fortiterque innoxium vocare adversum  
adversarios ea libertas est, qui pectus purum et firmum gestitat, aliae res obnoxiosae nocte  
in obscura latent*

**11** Então, negligente e como se divagasse: “Não tenho tempo para lhe responder hoje. Procure-me em outra oportunidade e direi o que Virgílio, Salústio, Plauto e Ênio entenderam por *obnoxius*.” **12** O patife partiu logo após essas palavras. Com o objetivo de mostrar *obnoxius* em suas diferentes significações, tomarei também a citação seguinte da *Asinária* de Plauto:

“Procuraremos a nossos amos uma vitória muito alegre e opulenta. O pai e o filho nos deverão eterno agradecimento. Sugeitaremos-los com os laços da gratidão.”  
*maximas opimitates gaudio effertissimas suis eris ille una mecum pariet, gnatoque et patri,  
adeo ut aetatem ambo ambobus nobis sint obnoxii nostro devincti beneficio.*

**13** O gramático, ao definir *obnoxius* para mim, não levou em consideração mais do que uma das muitas acepções da palavra. Esta é a acepção que Cecílio tomou neste verso da comédia intitulada *Chrysus*:

“Embora o compromisso que contraí ao vender para você meus serviços me faça vir aqui, não creia por isso que estou à sua mercê: destruirei sua reputação se me injuriar.”  
*quamquam ego mercede huc conductus tua advenio, ne tibi me esse ob eam rem obnoxium  
reare; audibis male, si maledicis mihi.*

## XXI

**"Quoad vivet" "quoad" que "moriatur" cur id ipsum temporis significant, cum ex duobus sint facta contrariis.**

**1** "Quoad vivet" cum dicitur, cum item dicitur "quoad moriatur", videntur quidem duae res dici contrariae; sed idem atque unum tempus utraque verba demonstrant. **2** Item cum dicitur "quoad senatus habebitur" et "quoad senatus dimittetur", tametsi "haberi" atque "dimitti" contraria sunt, unum atque id ipsum tamen utroque in verbo ostenditur. **3** Tempora enim duo cum inter sese opposita sunt atque ita cohaerentia, ut alterius finis cum alterius initio misceatur, non refert, utrum per extremitatem prioris an per initium sequentis locus ipse confinis demonstretur.

**XXI**

**Por que as expressões *quoad uiuet* e *quoad*<sup>9</sup> *morietur* indicam com precisão o momento da morte, ainda que expressem o contrário.**

**1** Como dizem enquanto vive (*quoad uiuet*) e até que morra (*quoad morietur*) parecem ser duas expressões contrárias, contudo, elas indicam um único momento. **2** Assim como enquanto o senado está reunido e até que termine a reunião do senado – as duas expressões delimitam um mesmo momento, embora os dois verbos sejam contrários. **3** De fato, quando dois tempos estão opostos entre si, mas unidos pelo término de um e início de outro, não é relevante por qual expressão se indica o momento, se pelo final do primeiro ou pelo início do segundo.

---

<sup>9</sup> N. T.: *Quoad* – este advérbio pode ter duas interpretações diferentes, enquanto ou até que. GAFFIOT, F. 1934, p. 1305; MARACHE, 1967, p. 79 (vol. 2).



## ***LIVRO IX***

## I

**Quamobrem Quintus Claudius Quadrigarius in undevicesimo annali scripserit  
rectiores certioresque ictus fieri, si sursum quid mittas, quam si deorsum.**

**1** Quintus Claudius in undevicesimo annali, cum oppidum a Metello proconsole oppugnari, contra ab oppidanis desuper e muris propugnari describeret, ita scripsit: "Sagittarius cum funditore utrimque summo studio spargunt fortissime. Sed sagittam atque lapidem deorsum an sursum mittas, hoc interest: nam neutrum potest deorsum versum recte mitti, sed sursum utrumque optime. Quare milites Metelli sauciabantur multo minus et, quod maxime opus erat, a pinnis hostis defendebant facillime." **2** Percontabar ego Antonium Iulianum rhetorem, cur hoc ita usu veniret, quod Quadrigarius dixisset, ut contigui magis directioresque ictus fiant, si vel lapidem vel sagittam sursum versus iacias quam deorsum, cum proclivior faciliorque iactus sit ex supernis in infima quam ex infimis in superna. **3** Tum Iulianus comprobato genere quaestionis: "quod de sagitta" inquit "et lapide dixit, hoc de omni fere missili telo dici potest. **4** Facilior autem iactus est, sicuti dixisti, si desuper iacias, si quid iacere tantum velis, non ferire. **5** Sed cum modus et impetus iactus temperandus derigendusque est, tum, si in prona iacias, moderatio atque ratio mittentis praecipitantia ipsa et pondere cadentis teli corrumpitur. **6** At si in editiora mittas et ad percutiendum superne aliquid manum et oculos conlinies, quo motus a te datus tulerit, eo telum ibit, quod ieceris." **7** Ad hanc ferme sententiam Iulianus super istis Q. Claudii verbis nobiscum sermocinatus est. **8** Quod ait idem Q. Claudius: "a pinnis hostis defendebant facillime" animadvertendum est usum esse eum verbo "defendebant" non ex vulgari consuetudine, sed admodum proprie et Latine. **9** Nam "defendere" et "offendere" inter sese adversa sunt, quorum alterum significat empodon echein, id est incurrere in aliquid et incidere, alterum ekpodon poiein, id est avertere atque depellere, quod hoc in loco a Q. Claudio dicitur.

## I

**Por que Quinto Claudio Quadrigário escreveu no livro XIX dos *Anais* que é mais certo e preciso lançar objetos de baixo para cima do que de cima para baixo.**

**1** Quinto Cláudio Quadrigário, no livro XIX dos *Anais*<sup>1</sup>, escreveu a respeito de uma praça sitiada pelo cônsul Metello e sobre a resistência que os habitantes opuseram do alto dos muros, assim: “De um e de outro lado, arqueiros arremessavam, mas é muito diferente arremessar pedra ou flecha de baixo para cima e de cima para baixo, pois de cima para baixo não é possível arremessar com direção certa e segura, entretanto, isso pode ser feito com facilidade de baixo para cima. Assim, os soldados de Metello se feriam muito menos e conseguiam responder ao ataque do inimigo com maior facilidade.” **2** Eu perguntei sobre isso ao retórico Juliano, por que Quadrigário tinha dito que tanto a flecha quanto a pedra, se lançadas de baixo para cima atingem com maior facilidade o alvo, do que se lançadas de cima para baixo. **3** Após minha pergunta, Juliano respondeu: “O que Quadrigário afirmou a respeito da flecha e da pedra, pode se afirmar de todo tipo de dardos. **4** Certamente, como você observou, o dardo pode ser lançado de cima para baixo com maior facilidade; mas só quando se quer atirá-lo sem mira. **5** Já quando se quer dar um destino certo ao dardo, ao se lançar de cima para baixo, o próprio peso e a aceleração da queda o desviam da direção em que foi arremessado. **6** Se o alvo está colocado no alto, o dardo não se desviará da trajetória que deve percorrer.” **7** Esse foi o esclarecimento dado por Juliano sobre as palavras de Quadrigário. **8** Quanto a isso, o próprio Quinto Claudio Quadrigário disse: “Defendiam-se (*defendebant*) facilmente dos inimigos que tinham seteiras.” Toma-se o verbo *defendebant* em sentido diferente do que comumente lhe é atribuído<sup>2</sup>, mas que também é próprio do latim. **9** *Defendere* e *offendere* são contrários entre si, *offendere* significa correr para alguma coisa e combatê-la, *defendere* significa afastar ou expulsar um obstáculo e foi com esse significado que o empregou Quadrigário.

---

<sup>1</sup> N. T.: Não há consenso sobre livro XIX ou XVIII. (...) MARACHE, 1967, p.112 (vol. 2).

<sup>2</sup> N. T.: Esse significado diferente para *defendo* é atestado somente na época clássica e geralmente reconhecido como o significado primitivo do verbo. MARACHE, 1967, p. 113 (vol. 2).

## VI

**Verbum, quod est ab "ago" frequentativum, in syllaba prima quonam sit modulo pronuntiandum.**

**1** Ab eo, quod est "ago" et "egi", verba sunt, quae appellant grammatici "frequentativa", "actito" et "actitavi". **2** Haec quosdam non sane indoctos viros audio ita pronuntiare, ut primam in his litteram corripiant, rationemque dicunt, quoniam in verbo principali, quod est "ago", prima littera breviter pronuntiatur. **3** Cur igitur ab eo, quod est "edo" et "ungo", in quibus verbis prima littera breviter dicitur, "esito" et "unctito", quae sunt eorum frequentativa, prima littera longa promimus et contra "dictito" ab eo verbo, quod est "dico", correpte dicimus? num ergo potius "actito" et "actitavi" producenda sunt? quoniam frequentativa ferme omnia eodem modo in prima syllaba dicuntur, quo participia praeteriti temporis ex his verbis, unde ea profecta sunt, in eadem syllaba pronuntiantur, sicuti "lego, lectus" facit "lectito"; "ungo, unctus" "unctito"; "scribo, scriptus" "scriptito"; "moveo, motus" "motito"; "pendeo, pensus" "pensito"; "edo, esus" "esito"; "dico" autem "dictus" "dictito" facit; "gero, gestus" "gestito"; "veho, vectus" "vectito"; "rapio, raptus" "raptito"; "capio, captus" "captito"; "facio, factus" "factito". Sic igitur "actito" producte in prima syllaba pronuntiandum, quoniam ex eo fit, quod est "ago" et "actus".

## VI

**Qual a quantidade que se pode dar na pronúncia da primeira sílaba do verbo freqüentativo<sup>3</sup> de *ago*.**

**1** A partir dos verbos *ago* e *egi*<sup>4</sup> formaram-se *actito* e *actitauī* que os gramáticos chamam freqüentativos. **2** Ouvi essas palavras serem pronunciadas por homens instruídos como breves na primeira sílaba, e a razão dada por eles é que na forma primitiva, que é *ago*, a primeira sílaba se pronuncia breve. **3** Por que então atribuímos às formas *unctito* e *esito*, que são os freqüentativos de *ungo* e *edo*, a pronúncia longa? E, ao contrário, abreviamos a primeira sílaba de *dictito*, proveniente de *dico*? Parece que seria mais justo alongar a primeira sílaba de *actito*, porque, em geral, se pronuncia a primeira sílaba dos freqüentativos como a dos participípios passados dos verbos primitivos, algo que se pode observar nos freqüentativos seguintes: colher (*lego lectus, lectito*), ungir (*ungo unctus, unctito*), escrever (*scribo scriptus, scriptito*), mover (*moueo motus, motito*), pairar/suspender (*pendeo pensus, pensito*), comer (*edo esus, esito*)<sup>5</sup>; todos eles com a primeira sílaba longa, ao contrário de outros, como, dizer (*dico dictus, dictito*), fazer (*gero gestus, gestito*), transportar (*ueho uectus, uectito*), agarrar (*rapio raptus, raptito*), pegar (*capio captus, captito*), fazer (*facio factus, factito*). Assim, então, *actito* deve ser pronunciada longa na primeira sílaba, porque vem do verbo *ago actus* (agir, fazer).

---

<sup>3</sup> N. T.: *Frequentativus* – que marca a repetição, a freqüência. GAFFIOT, 1934, p. 687 (vol. 2).

<sup>4</sup> N. E.: 1ª pessoa singular do pretérito perfeito indicativo (eu fiz – seria uma das traduções possíveis).

<sup>5</sup> N. E.: Todos os verbos são citados com a forma da entrada de dicionário (1ª pessoa do singular do presente do indicativo) e participípio passado (também 1ª pessoa do singular), os freqüentativos também são citados com entrada de dicionário (1ª pessoa singular do presente do indicativo).

## IX

**Quis modus sit vertendi verba in Graecis sententiis; deque his Homeri versibus,  
quos Vergilius vertisse aut bene apteque aut inprospere existimatus est.**

**1** Quando ex poematis Graecis vertendae imitandaeque sunt insignes sententiae, non semper aiunt enitendum, ut omnia omnino verba in eum, in quem dicta sunt, modum vertamus. **2** Perdunt enim gratiam pleraque, si quasi invita et recusantia violentius transferantur. **3** Scite ergo et considerate Vergilius, cum aut Homeri aut Hesiodi aut Apollonii aut Parthenii aut Callimachi aut Theocriti aut quorundam aliorum locos effingeret, partem reliquit, alia expressit. **4** Sicuti nuperrime aput mensam cum legerentur utraque simul Bucolica Theocriti et Vergilii, animadvertimus reliquisse Vergilium, quod Graecum quidem mire quam suave est, verti autem neque debuit neque potuit. **5** Sed enim, quod substituit pro eo, quod omiserat, non abest, quin iucundius lepidiusque sit:

ballei kai maloisi ton aipolon ha Klearista

tas aigas parelanta kai hady ti poppyliazei.

**6** Malo me Galatea petit, lasciva puella,

Et fugit ad salices et se cupit ante videri.

**7** Illud quoque alio in loco animadvertimus caute omissum, quod est in Graeco versu dulcissimum:

Tityr', emin to kalon pephilemene, boske tas aigas

Kai poti tan kranan age, Tityre; kai ton enorchan

Ton Libykon knakona phylasseo, me ty kophypsei.

**8** Quo enim pacto diceret: to kalon pephilemene, verba hercle non translaticia, sed cuiusdam nativae dulcedinis? **9** Hoc igitur reliquit et cetera vertit non infestiviter, nisi quod "caprum" dixit, **10** quem Theocritus enorchan appellavit - auctore enim M. Varrone is demum Latine "caper" dicitur, qui excastratus est :

## IX

**De que modo devem ser traduzidas as palavras de uma frase grega; sobre os versos de Homero, que Virgílio traduziu com maior ou menor sucesso.**

**1** Quando se quer traduzir ou imitar trechos memoráveis de um poema grego, segundo pessoas de bom gosto, não se deve procurar traduzir palavra por palavra. **2** O texto perde a maior parte do estilo ao ser traduzido de forma agressiva, corre-se o risco de perder certas singularidades do original. **3** Com habilidade e bom gosto, Virgílio reproduziu passagens de Homero, Hesíodo, Apolônio, Parteno, Calímaco, Teócrito ou de quaisquer outros, tomando algumas passagens e deixando outras. **4** Recentemente, lemos junto à mesa, comparando as *Bucólicas* de Virgílio e as de Teócrito, observamos que Virgílio havia deixado de lado um trecho admirável e delicioso do grego, porém que não devia nem podia ser traduzido. **5** Contudo, o trecho que colocou em seu lugar é tão ou mais delicado e agradável:

“Clarista lança uma maçã ao pastor que passa diante dela com suas cabras

E assovia docemente para chamá-lo.” (trecho omitido)

**6** “Galatéia, alegre menina, jogou-me uma maçã

E se escondeu nas pedras, mas quer ser vista.” (trecho colocado em lugar do anterior)

**7** Em outra parte, observamos uma passagem que produz um efeito excelente em grego, mas que Virgílio omitiu prudentemente:

“Títilo, enquanto volto, e será bastante rápido, apascente as cabras

e depois leve-as à fonte, Títilo, e ao levá-las, evite o encontro

com o bode vermelho da Líbia, porque ele fere com os cornos.”

**8** De que forma conseguiria apropriar-se Virgílio de palavras como *to kalon pephilemene*? Essas palavras têm um charme natural e intraduzível. **9** Então, ele as deixou e traduziu elegantemente o restante da passagem grega, onde encontra-se bode (*caprum*), que Teócrito chama *enorchan*, **10** segundo Varrão, em latim, chama-se *caper* somente ao animal castrado.

**11** Tityre, dum redeo, brevis est via, pasce capellas

Et potum pastas age, Tityre, et inter agendum

Occursare capro, cornu ferit ille, caveto.

**12** Et quoniam de transferendis sententiis loquor, memini audisse me ex Valerii Probi discipulis, docti hominis et in legendis pensitandisque veteribus scriptis bene callidi, solitum eum dicere nihil quicquam tam inprospere Vergilium ex Homero vertisse quam versus hos amoenissimos, quos de Nausicaa Homerus fecit:

Hoe d'Artemis eisi kat'oureos iocheaira,

E kata Teygeton perimeketon e Erymanthon

Terpomene kaproisi kai okeieis elaphoisin;

Tei de th'hama nymphai, kourai Dios aigiochoio,

Agronomoi paizousi; gegethe de te phrena Leto;

Pasaon d'hyper he ge kare echei ede metopa,

Rheia d'arignote peletai, kalai de te pasai -

**13** Qualis in Eurotae ripis aut per iuga Cynthi

Exercet Diana choros, quam mille secutae

Hinc atque hinc glomerantur Oriades. Illa pharetram

Fert humero gradiensque deas supereminet omnis.

Latonae tacitum pertemptant gaudia pectus.



**11** “Títiro, enquanto volto, e será bastante rápido, apascente as cabras

e depois leve-as à fonte, Títiro, e ao levá-las, evite o encontro

com o bode vermelho da Libia, porque ele fere com os cornos.”

**12** A propósito de traduções em verso, recordo-me de um juízo de Valério Probo, que me contaram seus discípulos. Este literato, muito instruído e hábil no estudo crítico dos escritores antigos, dizia que entre as passagens de Homero que Virgílio esforçou-se por traduzir, não havia nenhuma que apresentasse tamanho insucesso, quanto aquela em que se vêem estes charmosos versos sobre *Nausíca* :

“Do mesmo jeito que Diana avança pela montanha, ou pelo alto Taigeto, ou pelos cumes do Erimanto, lançando flechas e satisfeita perseguindo os javalis e lépidos cervos; as ninfas, filhas de Júpiter, habitantes das selvas, reúnem-se ao seu redor e tomam parte de seus jogos: Latona triunfa no fundo do coração: sua filha levanta majestosamente a cabeça sobre todo o grupo, distinguindo-se dentre todas à primeira vista, e todas são notáveis por sua beleza: assim, livre do jugo do himeneu, a jovem Nausíca embotava todas as suas companheiras.”

**13** “Tal como avança Diana pelas bordas do Eurotes ou pelos cimos do Cynto, de onde se compraz em dirigir os movimentos de suas companheiras. As ninfas agrupam-se ao redor dela: a deusa anda, deixando sobressair sua cabeça de todas as deusas que a seguem. Ao vê-la, secreta alegria invade profundamente o coração de Latona. Assim era Dido; assim avançava alegre e ativa em meio a sua cidade, apressando com sua presença as atividades de seus súditos e o futuro esplendor de seu reino.”

**14** Primum omnium id visum esse dicebant Probo, quod aput Homerum quidem virgo Nausicaa ludibunda inter familiares puellas in locis solis recte atque commode confertur cum Diana venante in iugis montium inter agrestes deas, nequaquam autem conveniens Vergilium fecisse, quoniam Dido in urbe media ingrediens inter Tyrios principes cultu atque incessu serio, "instans operi", sicut ipse ait, "regnisque futuris", nihil eius similitudinis capere possit, quae lusibus atque venatibus Dianae congruat; **15** tum postea, quod Homerus studia atque oblectamenta in venando Dianae honeste aperteque dicit, Vergilius autem, cum de venatu deae nihil dixisset, pharetram tantum facit eam ferre in humero, tamquam si onus et sarcinam; atque illud impense Probum esse demiratum in Vergilio dicebant, quod Homericam quidem Leto gaudium gaudeat genuinum et intimum atque in ipso penetrali cordis et animae vicens, siquidem non aliud est: *gegethe de te phrena Leto*, ipse autem imitari hoc volens gaudia fecerit pigra et levia et cunctantia et quasi in summo pectore supernantia; nescire enim sese, quid significaret aliud "pertemptant"; **16** praeter ista omnia florem ipsius totius loci Vergilium videri omisisse, quod hunc Homeri versum exigue secutus sit:

*Rheia d'arignoton peletai, kalai de te pasai,*

**17** quando nulla maior cumulatiorque pulcritudinis laus dici potuerit, quam quod una inter omnis pulcras excelleret, una facile ex omnibus nosceretur.

**14** Primeiro, observava Probo, Homero havia comparado muito felizmente a jovem Nausíca brincando dentre suas companheiras em um lugar solitário, com Diana, caçando nas montanhas em meio às ninfas das selvas; porém Virgílio estava muito longe de fazer uma comparação tão exata, entendendo que Dido avançava em meio a sua cidade, entre os chefes tírios, com a face grave e digna de uma rainha: “Dido, apressando com sua presença o trabalho de seus súditos e o futuro esplendor de seu reino, em nada se parece com Diana regozijando-se em uma dança.” **15** Além disso, observava o crítico que Homero fez a descrição de Diana, deleitando-se com o prazer da caça, com palavras convenientes e expressivas; mas que Virgílio, como nada tinha dito sobre a deusa, limitava-se a fazê-la carregar no ombro um carcás<sup>6</sup>, que se torna uma carga inútil; também admira a Probo que não esteja em Virgílio o mesmo contentamento vivo e profundo que penetra o coração e a alma de Latona, porque isso é o que significa o trecho *gegethe de te phrena Leto*, Probo censurava Virgílio por não atribuir à deusa mais que um sentimento rápido e superficial, pois dizia que não era possível interpretar de outra maneira a palavra examinar/abalar (*pertentant*). **16** Por fim, acrescentou que Virgílio parecia ter omitido a essência de todos estes detalhes, porque traduziu somente este verso:

“Ela se distingue dentre todas à primeira vista, e todas são notáveis por sua beleza.”

**17** O maior elogio que se pode fazer da beleza da deusa é dizer que todas eram belas, mas que ela as anulava e que era facilmente destacada ao primeiro olhar.

---

<sup>6</sup> N. T.: Carcás – estojo onde se guardam objetos. RIOS, D. R. Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa. Ed. Parma.

**X****Quod Annaeus Cornutus versus Vergilii, quibus Veneris et Vulcani concubitum pudice aperteque dixit, reprehensione spurca et odiosa inquinavit.**

**1** Annianus poeta et plerique cum eo eiusdem Musae viri summis adsiduisque laudibus hos Vergilii versus ferebant, quibus Vulcanum et Venerem iunctos mixtosque iure coniugii, rem lege naturae operiendam, verecunda quadam translatione verborum, cum ostenderet demonstraretque, protexit. **2** Sic enim scripsit:

Ea verba locutus

Optatos dedit amplexus placidumque petivit

Coniugis infusus gremio per membra soporem.

**3** Minus autem difficile esse arbitrabantur in istiusmodi re digerenda verbis uti uno atque altero brevi tenuique eam signo demonstrantibus, sicut Homerus dixerit parthenien zonen et lektroio thesmon et erga philotesia, **4** tot vero et tam evidentibus ac tamen non praetextatis, sed puris honestisque verbis venerandum illud concubii pudici secretum neminem quemquam alium dixisse. **5** Sed Annaeus Cornutus, homo sane pleraque alia non indoctus neque imprudens, in secundo tamen librorum, quos de figuris sententiarum composuit, egregiam totius istius verecundiae laudem insulsa nimis et odiosa scrutatione violavit. **6** Nam cum genus hoc figurae probasset et satis circumspecte factos esse versus dixisset: " "membra" tamen" inquit "paulo incautius nominavit."

**X****Por que Anneo Cornuto denegriu com repreensão suja e odiosa os versos de Virgílio com os quais descreveu velada e pudicamente a união de Vulcano e Vênus.**

**1** O poeta Anniano e a maioria dos homens que como ele se consagraram à mesma musa proferiam continuamente os maiores elogios aos versos de Virgílio nos quais, tendo de falar sobre os abraços de Vênus e Vulcano no leito conjugal, soube, através de belas expressões, envolver esses mistérios em um casto véu com que a natureza quer cobri-los.

**2** Eis aqui os versos:

“Depois de dizer estas palavras,

goza dos desejados abraços e dorme tranqüilamente

reclinado no seio (*membra*) da esposa.”

**3** Os mesmos homens observavam que para sair de uma dificuldade como essa, é bem mais fácil empregar somente algumas palavras que sem mostrar qualquer imagem, indicam rapidamente o fato, como de costume o faz Homero, que se contenta em dizer: “Entregam-se então em seu leito aos prazeres do amor.” **4** Mas diziam que somente Virgílio havia empregado palavras tão claras e perfeitamente evidentes, sem indecência alguma, para castos e secretos prazeres, desprovidos de obscenidade. **5** Porém, Anneo Cornuto, homem de ciência e bom juízo, no segundo dos livros que escreveu *Sobre as figuras de estilo*, desconsiderou o mérito da castidade e delicadeza que esta passagem encerra e de certa forma, sujou os versos de Virgílio com uma interpretação estúpida e odiosa ao extremo. **6** Depois de aprovar ele mesmo a figura empregada por Virgílio, depois de reconhecer discreta reserva em seus versos, completa: “Entretanto, ele empregou a palavra *membra* com uma certa falta de cuidado.”

## XII

**De verbis, quae in utramque partem significatione adversa et reciproca dicuntur.**

1 Vt "formidulosus" dici potest et qui formidat et qui formidatur, ut "invidiosus" et qui invidet et cui invidetur, ut "suspiciosus" et qui suspicatur et qui suspectus est, ut "ambitiosus" et qui ambit et qui ambitur, ut item "gratiosus" et qui adhibet gratias et qui admittit, ut "laboriosus" et qui laborat et qui labori est, ut pleraque alia huiuscemodi in utramque partem dicuntur, ita "infestus" quoque ancipiti significatione est. 2 Nam et is "infestus" appellatur, qui malum infert cuipiam, et contra, cui aliunde impendet malum, is quoque "infestus" dicitur. 3 Sed quod prius posui, profecto exemplis non indiget: sic adeo multi locuntur, ut "infestum" dicant inimicum atque adversum; alterum autem illud ignorabilius obscuriusque est. 4 Quis enim e medio facile dixerit infestum esse, cui alter infestus est? Sed et veteres plerique ita dixerunt, et M. Tullius in oratione, quam Pro Cn. Plancio scripsit, vocabulo hoc sic usus est: 5 "Dolebam" inquit "iudices, et acerbe ferebam, si huius salus ob eam ipsam causam esset infestior, quod is meam salutem atque vitam sua benivolentia praesidio custodiamque texisset." 6 Nos igitur de origine et ratione verbi quaerebamus atque ita in Nigidianis scriptum invenimus: "Infestum" a festinando dictum; nam qui instat" inquit "alicui eumque properans urget opprimereque eum studet festinatque, aut contra de cuius periculo et exitio festinatur, is uterque "infestus" dicitur ab instantia atque imminetia fraudis, quam vel facturus cuipiam vel passurus est." 7 Ne quis autem de "suspicioso", quod supra posuimus, et de "formiduloso" in eam partem, quae minus usitata est, exemplum requirat, inveniet de "suspicioso" apud M. Catonem de re Floria ita scriptum: "Sed nisi qui palam corpore pecuniam quaereret aut se lenoni locavisset, etsi famosus et suspiciosus fuisset, vim in corpus liberum non aecum censuere adferri." 8 "Suspiciosum" enim Cato hoc in loco suspectum significat, non suspicantem. 9 "Formidulosum" autem, qui formidetur, Sallustius in Catilina ita dicit: "Igitur talibus viris non labor insolitus, non locus ullus asper aut arduus erat, non armatus hostis formidulosus."

## XII

**Sobre as palavras que se emprega em duas acepções com dois significados que se opõem.**

**1** De mesma forma que se pode dizer *formidulosus* para quem sente medo, pode-se dizê-lo para quem o causa, *invidiosus* daquele que inveja como de quem causa inveja, *suspiciosus* de quem suspeita como de quem provoca suspeita, *ambitosus* de quem deseja alguma coisa e daquilo que causa o desejo, assim como *gratiosus* é o homem que concede favores e também o que os recebe, *laboriosus*, o que é trabalhador e a coisa que exige trabalho, como muitas outras palavras são ditas de um e outro modo, assim *infestus* também pode ter dois sentidos diferentes. **2** Chama-se *infestus* ao que impinge mal a outro e ao que tem de temer algum mal de outro. **3** Mas o primeiro emprego não necessita de exemplos para se corroborar, assim, muitos falam *infestum* quando querem dizer inimigo e adversário; o outro emprego, porém, é mais desconhecido e mais obscuro. **4** Quem, com efeito, dirá que é *infestus* aquele a quem um outro deseja fazer mal? Os antigos em sua maioria assim disseram e Marco Tulio Cícero, em seu discurso que escreveu para *Plancio*, assim usou a palavra: **5** “Eu sofreria, juízes, e o faria dolorosamente, se o que tornava mais perigosa (*infestior*) a posição de Plancio era ter me protegido outrora dos perigos que me ameaçavam, ter protegido a mim com o céu mais generoso.” **6** Procurei qual podia ser a origem e a explicação desta palavra e encontrei escrito isso em Nigídio: “*infestum* provém de *festinar*, pois denomina um inimigo ativo que persegue com seu ódio e se apressa a derrotá-lo, também se diz daquele que se encontra oprimido por um perigo ou por uma inimizade mortal. Dessa forma, *infestus* expressa o perigo iminente que ameaça alguém ou esse mesmo alguém que se vê ameaçado.” **7** Citarei um exemplo das palavras que escrevi acima *suspiciosus* e *formidulosus* na acepção menos usual. Quanto a *suspiciosus*, eis aqui em que sentido o emprega Catão em seu discurso *Sobre os jogos florais*: “Porém, excetuou-se aos que oferecem publicamente seus corpos ou que se aliam a algum aliciador de prostituição, ou cujos costumes são suspeitos (*suspiciosus*), em último caso, pensou-se que era crime atacar o pudor de um homem livre.” **8** *Suspiciosum* significa suspeito e não o que está suspeitando. **9** Salústio, em seu *Catilina*, empregou *formidulosum* com sentido de temível na seguinte passagem: “Para esses homens, nenhum trabalho era novo, nenhum lugar era rude ou inacessível, nenhum inimigo armado temível (*formidulosus*)”.

**10** Item C. Calvus in poematis "laboriosus" dicit, non, ut vulgo dicitur, qui laborat, sed in quo laboratur.

"Durum" inquit "rus fugis et laboriosum."

**11** Eadem ratione Laberius quoque in Sororibus:

"Ecastor" inquit "mustum somniculosum",

**12** et Cinna in poematis:

Somniculosam ut Poenus aspidem Psyllus.

**13** "Metus" quoque et "iniuria" atque alia quaedam id genus sic utroqueversum dici possunt: nam "metus hostium" recte dicitur, et cum timent hostes et cum timentur. **14** Itaque Sallustius in historia prima "metum Pompei" dixit, non quo Pompeius metueret, quod est usitatus, sed quo metueretur. Verba haec Sallusti sunt: "Id bellum excitabat metus Pompei victoris Hiempsalem in regnum restituentis." **15** Item alio in loco: "Postquam remoto metu Punico simultates exercere vacuum fuit." **16** "Iniurias" itidem dicimus tam illorum, qui patiuntur, quam qui faciunt, quarum dictionum exempla sunt facilia inventu. **17** Illud etiam dictum a Vergilio eandem habet formam communicatae ultro et citro significationis:

"et vulnere" inquit "tardus Vlix",

cum diceret vulnus, non quod accepisset Vlixes, sed quod dedisset. **18** "Nescius" quoque dicitur tam is, qui nescitur, quam qui nescit. **19** Sed super eo, qui nescit, frequens huius vocabuli usus est, infrequens autem est de eo, quod nescitur. **20** "Ignarus" aeque utroqueversum dicitur non tantum qui ignorat, set et qui ignoratur. **21** Plautus in Rudente:

Quae in locis nesciis nescia spe sumus.

**22** Sallustius:

"More humanae cupidinis ignara visendi."

Vergilius:

ignarum Laurens habet ora Mimanta.



**10** Também Caio Calvo empregou em seus versos *laboriosus*, não como se diz, de costume, aquele que trabalha, mas aquilo que exige trabalho:

“Foge do campo e de seus duros trabalhos.”

**11** Do mesmo modo, Libério, na comédia *As Irmãs*, diz:

“Eis aqui algo muito sonolento (*somniculosum*).”

**12** O poeta Cina, em seus poemas:

“Como Psilos da África, as serpentes sonolentas (*somniculosam*).”

**13** As palavras *Metus* e *iniuria* e algumas outras do mesmo gênero apresentam também sentido ativo e passivo: assim, *metus hostium* pode significar tanto o temor que sentem os inimigos como o que inspiram. **14** No livro I de suas *Histórias*, Salústio disse *metum Pompei* para dizer não que Pompeus temia, sentido em que é mais utilizado, mas que era temido. Estas são as palavras de Salústio: “A causa desta guerra foi o medo que o vencedor Pompeu inspirava (*metus Pompei*), restituindo o território em Hiempsal”. **15** Da mesma forma, em outro trecho: “Tendo desaparecido o terror das guerras púnicas (*remoto metu punico*), os ódios civis puderam explodir livremente”. **16** Assim, *iniuria* pode ser aplicada tanto a quem a causa quanto a quem a recebe. Seria fácil demonstrar com exemplos. **17** *Vulnus* foi empregada por Virgílio como se também apresentasse duplo significado na seguinte passagem:

“Atrasado pela ferida que havia recebido de Ulisses”<sup>7</sup>

essa passagem trata de uma ferida feita por Ulisses, não recebida por ele. **18** *Nescius* também pode ser dito tanto daquele que não é conhecido quanto daquele que não conhece. **19** Porém o emprego usual de *nescius* é para aquele que ignora, não para o que é ignorado. **20** *Ignarus* igualmente pode designar o que ignora e o que é ignorado. **21** Plauto, no *Rudens*:

“Estamos em locais desconhecidos e desconhecida esperança temos (*nesciis nescia*).”

**22** Salústio:

“Pelo desejo natural do homem de ver o que não conhece (*ignara*).”

Virgílio:

“A terra de Laurento guarda Mimas ignorado (*ignarum*).”

---

<sup>7</sup> N. T.: Infelizmente, aqui parece que não é possível manter as duas leituras após a tradução.

## XIV

**Quod idem Quadrigarius "huius facies" patrio casu probe et Latine dixit; et quaedam alia adposita de similium vocabulorum declinationibus.**

**1** Quod autem supra scriptum est in Q. Claudii verbis: "Propter magnitudinem atque inmanitatem facies", id nos aliquot veteribus libris inspectis exploravimus atque ita esse, ut scriptum est, comperimus. **2** Sic enim pleraque aetas veterum declinavit: "haec facies, huius facies", quod nunc propter rationem grammaticam "faciei" dicitur. Corruptos autem quosdam libros repperi, in quibus "faciei" scriptum est illo, quod ante scriptum erat, oblitterato. **3** Meminimus etiam in Tiburti bibliotheca invenire nos in eodem Claudii libro scriptum utrumque "facies" et "facii". Sed "facies" in ordinem scriptum fuit et contra per "i" geminum "facii," neque id abesse a quadam consuetudine prisca existimavimus; **4** nam et ab eo, quod est "hic dies", tam "huius dies", quam "huius dii", et ab eo, quod est "haec fames", tam "huius famis", quam "huius fami" dixerunt. **5** Q. Ennius in XVI annali "dies" scripsit pro "diei" in hoc versu:

Postremae longinqua dies confecerit aetas.

**6** Ciceronem quoque adfirmat Caesellius in oratione, quam pro P. Sestio fecit, "dies" scripsisse pro "diei", quod ego in pensata opera conquisitis veteribus libris plusculis ita, ut Caesellius ait, scriptum inveni. **7** Verba sunt haec M. Tullii: "Equites vero daturos illius dies poenas"; quocirca factum hercle est, ut facile his credam, qui scripserunt idiographum librum Vergilii se inspexisse, in quo ita scriptum est:

Libra dies somnique pares ubi fecerit horas,

id est "libra diei somnique". **8** Sed sicut hoc in loco "dies" a Vergilio scriptum videtur, ita in illo versu non dubium est, quin "dii" scripserit pro "diei":

Munera laetitiamque dii,

## XIV

**O próprio Quadrigário disse corretamente e em bom latim *huius facies*<sup>8</sup> no caso genitivo. As observações sobre as declinações de outros nomes semelhantes.**

**1** Sobre o que foi escrito acima, nas palavras de Quinto Cláudio, lê-se: “Por causa da grandiosidade e monstruosidade de sua estatura.” (*Propter magnitudinem atque immanitatem facies*). Pesquisamos em livros antigos como foi escrito e averiguamos que a forma como ele escreveu está correta. **2** Com efeito, a maior parte dos escritores antigos declinou: *haec facies*, *huius facies*, que agora é dito *faciei* pela regra gramatical. Porém, encontrei livros onde estava escrito *faciei*, mas a alteração era posterior à escrita original. **3** Além disso, um exemplar do mesmo livro de Cláudio, que encontrei na biblioteca de Tibur<sup>9</sup> trazia as duas formas, *facies* e *facii*. Mas *facies* foi escrito no texto e encontramos *facii* na margem. **4** Então, julguei que isso deveria ser um hábito dos antigos, já que freqüentemente diziam para o genitivo de *dies*, *dii* e para o de *fames*, *fami*. **5** Quinto Enio, no livro XVI dos *Anais*, escreveu *dies* em lugar de *diei* neste verso:

“Quando o distante tempo do último dia (*postremae dies*) tenha terminado.”

**6** Cícero, conforme afirma Cesélio, no discurso que fez a Sestio, escreveu *dies* em lugar de *diei*, eu, para assegurar-me, tive o trabalho de reunir muitos exemplares antigos desse discurso, que me deram a prova do que afirma Cesélio. **7** Estas são as palavras de Marco Tulio Cícero: “Os cavaleiros serão castigados naquele dia (*illius dies*)”; assim sendo, inclino-me a crer nos que dizem ter lido em um manuscrito assinado por Virgílio:

“Quando a balança tiver igualado as horas do dia e da noite” (*dies* em lugar de *diei*).

**8** Mas se é provável que Virgílio escreveu aqui *dies*, não é menos provável que tenha escrito *dii* em lugar de *diei*:

“As oferendas e alegria deste dia”,

---

<sup>8</sup> N. T.: O genitivo em *-ies* é a forma de genitivo antigo. MARACHE, 1967, p. 138 (vol.2).

<sup>9</sup> N.T.: Biblioteca situada no templo de Hércules. MARACHE, 1967, p. 138 (vol.2).

quod inperitiores "dei" legunt ab insolentia scilicet vocis istius abhorrentes. **9** Sic autem "dies, dii" a veteribus declinatum est, ut "fames, fami", "perniciēs, pernicii", "progenies, progenii", "luxuries, luxurii", "acies? acii". **10** M. enim Cato in oratione, quam de bello Carthaginensi composuit, ita scripsit: "Pueri atque mulieres extrudebantur fami causa." **11** Lucilius in XII:

Rugosum atque fami plenum.

**12** Sisenna in historiarum libro VI: "Romanos inferendae pernicii causa venisse." **13** Pacuvius in Paulo:

Pater supreme nostrae progenii patris.

**14** Cn. Matius in Iliadis XXI:

Altera pars acii vitassent fluminis undas.

**15** Idem Matius in XXIII:

An maneat specii simulacrum in morte silentum.

**16** C. Gracchus de legibus promulgatis: "Ea luxurii causa aiunt institui"; **17** et ibidem infra ita scriptum est: "non est ea luxuries, **18** quae necessario parentur vitae causa", per quod apparet eum ab eo, quod est "luxuries", "luxurii" patrio casu dixisse. **19** M. quoque Tullius in oratione, qua Sextum Roscium defendit, "pernicii" scriptum reliquit. Verba haec sunt: "Quorum nihil pernicii causa divino consilio, sed vi ipsa et magnitudine rerum factum putamus." **20** Aut "facies" ergo in casu patrio aut "facii" Quadrigarium scripsisse existimandum est; "facie" autem in nullo veteri libro scriptum repperi. **21** [In casu autem dandi, qui purissime locuti sunt, non "faciei", uti nunc dicitur, sed "facie" dixerunt.] **22** Lucilius in saturis:

"Primum" inquit "facie quod honestae et annis accedit."

que os incultos recriminam e por insolência, lêem *dei* porque *dii* não é uma forma contemporânea. **9** Assim, os antigos declinavam *dies* e *dii* como fome (*fames* e *fami*), destruição (*perniciēs* e *pernicii*), raça (*progenies* e *progeniū*), luxúria (*luxuries* e *luxuriū*), linha de combate (*acies* e *aciū*). **10** Marco Catão, no discurso que compôs *Sobre a guerra Cartaginesa*, escreveu assim: “Expulsavam-se as mulheres e crianças por causa da fome (*fami causa*)”. **11** Lucílio, no livro XII:

“Enrugado e cheio de fome (*fami*)”.

**12** Sisena, no livro VI das *Histórias*: “Os Romanos tinham vindo para destruí-los (*perniciū*)”. **13** Pacúvio, em *Paulo*:

“Oh pai supremo do pai de nossa raça (*progeniū*)”.

**14** Cneo Matio, no canto XXI da *Iliada*:

“Que a outra parte do exército (*aciū*) tivesse evitado as ondas do rio.”

**15** Macio novamente no canto XXIII:

“Acaso restará na silenciosa morada da morte algo de nossa forma? (*speciū*)”.

**16** Caio Graco, no discurso sobre a promulgação das leis: “Dizem que é luxo (*luxuriū*) procurar isso”. **17** E mais adiante, na mesma obra: “Não é luxo (*luxuries*) procurar o que convém ao necessário da vida”, **18** percebe-se que Graco tomou, a partir da comparação das duas citações, *luxuriū* por genitivo de *luxuries*. **19** Também Cícero, no discurso em que defendeu Sexto Roscio, escreveu *pernicii*. Estas são as palavras: “Não pensamos que estes males (*pernicii causa*) sobrevenham por mandado divino, para nossa perdição, mas pela força da sorte e pelo poder das coisas naturais.” **20** Assim, podemos perceber que Quadrigário escreveu *facies* e *faciū*; porém a forma *facie*, não a encontrei em nenhum livro antigo deste autor. **21** Escritores antigos, estimados por seu purismo, utilizaram *facie* em caso dativo, e não *faciei* que é a forma contemporânea. **22** Lucílio, nas *Sátiras*:

“Em primeiro lugar, a face da honradez em seu semblante (*facie*).”

**23** Lucilius in libro septimo:

Qui te diligat, aetatis facieque tuae se

Fautorem ostendat, fore amicum polliceatur;

**24** sunt tamen non pauci, qui utrobique "facii" legant. **25** Sed C. Caesar in libro de analogia secundo "huius die" et "huius specie" dicendum putat. **26** Ego quoque in Iugurtha Sallustii summae fidei et reverendae vetustatis libro "die" casu patrio scriptum inveni. Verba haec ita erant: "Vix decima parte die reliqua." Non enim puto argutiolam istam recipiendam, ut "die" dictum quasi "ex die" existimemus.

**23** No livro VII:

“Um homem que te ama, que protege tua juventude

E tua beleza (*aetati facieque tuae*) e se declara teu amigo.”

**24** Não são poucos os que lêem *facii* nos dois trechos. **25** Mas César, no livro II *Sobre a analogia*, pensa que deve ser dito *huius die* e *huius specie*. **26** Eu encontrei na *Iugurta* de Salústio, livro digno de autoridade e cuja antiguidade é bem respeitável, *die* no genitivo. O texto é este: “Restava apenas a décima parte do dia (*die*)”. Não imagino que se possa admitir a interpretação de *die* empregado em lugar de *ex die*.

## ***LIVRO X***



## I

**"Tertium" ne consul an "tertio" dici oporteat; et quonam modo Cn. Pompeius, cum in theatro, quod erat dedicaturus, honores suos inscriberet, quaestionem ancipitem istius verbi de consilio Ciceronis vitaverit.**

**1** Familiari meo cuiquam litteras Athenis Romam misi. **2** In his scriptum fuit me illi iam "tertium" scripsisse. **3** Is ad me rescripsit petivitque, ut rationem dicerem, cur "tertium" ac non "tertio" scripsissem. Id etiam adscripsit, ut eadem, quid super illo quoque mihi videretur, facerem se certiore, "tertium" ne "consul" et "quartum" an "tertio" et "quarto" dicendum esset, quoniam Romae doctum virum dicere audisset "tertio" et "quarto consul", non "tertium quartum" que; idque in principio libri ... Coelium scripsisse et Quintum Claudium in libro undevicesimo C. Marium creatum "septimo" consulem dixisse. **4** Ad haec ego rescripsi nihil amplius quam verba M. Varronis, hominis, opinor, quam fuit Claudius cum Coelio doctioris, quibus verbis utrumque, de quo ad me scripserat, decideretur; **5** nam et Varro satis aperte, quid dici oporteret, edocuit, et ego adversus eum, qui doctus esse dicebatur, litem meam facere absens nolui. **6** Verba M. Varronis ex libro disciplinarum quinto haec sunt: "Aliud est "quarto" praetorem fieri et "quartum", quod "quarto" locum adsignificat ac tres ante factos, "quartum" tempus adsignificat et ter ante factum. Igitur Ennius recte, quod scripsit:

Quintus pater quartum fit consul,

et Pompeius timide, quod in theatro, ne adscriberet "consul tertium" aut "tertio", extremas litteras non scripsit." **7** Quod de Pompeio Varro breviter et subobscurè dixit, Tiro Tunius, Ciceronis libertus, in epistula quadam enarratius scripsit ad hunc ferme modum: "Cum Pompeius" inquit "aedem Victoriae dedicaturus foret, cuius gradus vicem theatri essent, nomenque eius et honores inscriberentur, quaeri coeptum est, utrum "consul tertio" inscribendum esset an "tertium". Eam rem Pompeius exquisitissime rettulit ad doctissimos civitatis, cumque dissentiretur et pars "tertio", alii "tertium" scribendum contenderent, rogavit" inquit "Ciceronem Pompeius, ut, quod ei rectius videretur, scribi iuberet." Tum Ciceronem iudicare de viris doctis veritum esse, ne, quorum opinionem inprobasset, ipsos videretur inprobasse. "Persuasit igitur Pompeio, ut neque "tertium" neque "tertio" scriberetur, sed ad secundum usque "t" fierent litterae, ut verbo non perscripto res quidem demonstraretur, sed dictio tamen ambigua verbi lateret." **8** Id autem, quod et Varro et Tiro dixerunt, in eodem nunc theatro non est ita scriptum.

## I

**Se é oportuno dizer *tertium* ou *tertio consul* (pela terceira vez) e de que maneira Pompeu, quando gravou seus títulos no frontispício do teatro que ia construir, esclareceu tal dúvida com as palavras de Cícero.**

**1** De Atenas, escrevi uma carta a um amigo meu em Roma. **2** Nesta carta, escrevi *tertium* para dizer que lhe escrevia pela terceira vez. **3** Em sua resposta, pediu-me para explicar por que dizia *tertium* e não *tertio*. Também pediu-me que dissesse se deveria dizer *tertium*, *quartum* ou *tertio*, *quarto consul*. Em Roma, ele tinha ouvido um sábio dizer *tertio* e não *tertium*. Da mesma maneira, Célio dizia no início de seu livro, o que também se lê no livro XIX de Quinto Cláudio, que Mario foi nomeado cônsul *septimo*, pela sétima vez. **4** Para responder, não citei mais que a definição de Varrão, - homem, como penso, mais sábio que Cláudio e Célio juntos - , as palavras deveriam resolver as dificuldades. **5** Varrão é suficientemente claro e eu não queria, mesmo longe de Roma, discutir com alguém considerado erudito. **6** As palavras de Varrão no livro V *Das regras* são: “Uma coisa é tornar-se pretor *quarto* (em quarto lugar), outra, é ser nomeado *quartum* (pela quarta vez). *Quarto* denomina a ordem e significa que outros três foram nomeados antes; *quartum* marca o tempo e significa que foi nomeado já três vezes. Logo, Enio escreveu corretamente:

‘Quinto, o pai, foi nomeado pela quarta vez, (*quartum*)’

e Pompeu mostrou-se tímido quando, para não escrever *tertium* nem *tertio*, suprimiu as duas últimas letras em seu teatro.” **7** O que Varrão disse sobre Pompeu, de passagem e com alguma obscuridade, Tirão Tulio, liberto de Cícero, explica um pouco melhor, “Como Pompeu estava prestes a dedicar o templo de Vitória, cujos degraus também serviriam de teatro, fazia gravar nele seu nome e suas conquistas, perguntaram-lhe se deveria ser posto *tertium* ou *tertio consul*, Pompeu submeteu a questão aos mais sábios da cidade, que não entraram em acordo, então, Pompeu pediu a Cícero que pusesse a palavra que mais o agradasse, porém Cícero, a fim de não ofender aos preteridos, sugeriu a Pompeu que limitasse a palavra na segunda letra *t*, a abreviatura seria clara para o sentido, mas deixaria a dúvida para a forma da palavra.” **8** Mas aquilo que disseram Tiro e Varrão, não está mais escrito assim no teatro nos dias de hoje.

**9** Nam cum multis annis postea scaena, quae prociderat, refecta esset, numerus tertii consulatus non uti initio primoribus litteris, sed tribus tantum lineolis incisis significatus est. **10** In M. autem Catonis quarta origine ita perscriptum est: "Carthaginienses sextum de foedere decessere." Id verbum significat quinquies ante eos fecisse contra foedus et tum sextum. **11** Graeci quoque in significandis huiuscemodi rerum numeris triton kai tetarton dicunt, quod congruit cum eo, quod Latine dicitur: "tertium quartumque".

#### IV

##### **Quod P. Nigidius argutissime docuit nomina non positiva esse, sed naturalia.**

**1** Nomina verbaque non positu fortuito, sed quadam vi et ratione naturae facta esse P. Nigidius in grammaticis commentariis docet, rem sane in philosophiae dissertationibus celebrem. **2** Quaeri enim solitum apud philosophos, physei ta onomata sint e thesei. **3** In eam rem multa argumenta dicit, cur videri possint verba esse naturalia magis quam arbitraria. **4** Ex quibus hoc visum est lepidum et festivum: "Vos" inquit "cum dicimus, motu quodam oris conveniente cum ipsius verbi demonstratione utimur et labeas sensim primores emovemus ac spiritum atque animam porro versum et ad eos, quibuscum sermocinamur intendimus. At contra cum dicimus "nos", neque profuso intentoque flatu vocis neque proiectis labris pronuntiamus, sed et spiritum et labeas quasi intra nosmet ipsos coercemus. Hoc idem fit et in eo, quod dicimus "tu", "ego" et "tibi" et "mihi". Nam sicuti, cum adnuimus et abnuimus, motus quidam ille vel capitis vel oculorum a natura rei, quam significat, non abhorret, ita in his vocibus quasi gestus quidam oris et spiritus naturalis est. Eadem ratio est in Graecis quoque vocibus, quam esse in nostris animadvertimus."

**9** Pois, muitos anos após esta cena, reedificaram o teatro que havia ruído e designaram os três consulados não com a primeira letra da palavra, mas com as três linhas verticais. **10** No livro IV *Das Origens*, de Catão, lê-se com todas as letras: “Os cartagineses faltaram com o tratado *sextum*, pela sexta vez.” Isso quer dizer que já haviam violado o tratado por cinco vezes antes. **11** Os gregos dizem no mesmo sentido *triton kai tetarton*, o que corresponde às palavras latinas terceiro e quarto (*tertium quartumque*).

#### IV

##### **Sobre as pertinentes observações com que provava Públio Nigídio que as palavras são de origem natural.**

**1** Públio Nigídio ensina nos *Comentários gramaticais* que os nomes não são invenção arbitrária do homem, mas que têm sua origem e sua razão na natureza, questão célebre nos discursos de filosofia. **2** De fato, muitas vezes, perguntam-se os filósofos se as palavras existem pela natureza (*physei*) ou por uma convenção (*thesei*). **3** Nigídio ofereceu muitos argumentos para que se pudesse notar que as palavras são mais naturais que arbitrárias. **4** Dentre as provas, escolhi uma que me pareceu mais talentosa e agradável: “Quando pronunciamos vós (*uos*), o movimento da boca está de acordo com o som da palavra, a extremidade dos lábios avança sensivelmente e o som se dirige a quem falamos. Mas, ao contrário, quando dizemos nós (*nos*), não emitimos o sopro para o exterior, nem pronunciamos com os lábios em projeção, mas os retemos, por assim dizer, para nós mesmos, o mesmo acontece quando dizemos tu (*tu*) e eu (*ego*) ou para ti (*tibi*) e para mim (*mihi*). Pois quando aprovamos ou reprovamos algo, os movimentos de cabeça ou olhos não precisam de relação entre a idéia e o signo que expressam. Pela mesma razão, as palavras que citamos resultam de um movimento natural da boca e do fôlego que corresponde a sua significação. Podemos observar que acontece o mesmo nas palavras gregas correspondentes às nossas, às que acabamos de nos referir.”

## V

**"Avarus" simplexne vocabulum sit, an compositum et duplex, sicuti P. Nigidio videtur.**

**1** "Avarus" non simplex vocabulum, sed iunctum copulatumque esse P. Nigidius dicit in commentariorum undetricesimo. "Avarus enim" inquit "appellatur, qui avidus aeris est. **2** Sed in ea copula "e" littera" inquit "detrita est." Item "locupletem" dictum ait ex compositis vocibus, qui pleraque loca, hoc est, qui multas possessiones teneret. **3** Sed probabilius id firmitusque est, quod de locuplete dixit. Nam de "avaro" ambigitur: cur enim non videri possit ab uno solum verbo inclinatum, quod est "aveo", eademque esse fictura, qua est "amarus", de quo nihil dici potest, quin duplex non sit?

## XI

**Verbum "mature" quid significet quaeque vocis eius ratio sit; et quod eo verbo volgus hominum inproprie utatur; atque inibi, quod "praecox" declinatum "praecocis" faciat, non "praecoquis".**

**1** "Mature" nunc significat "propere" et "cito" contra ipsius verbi sententiam; aliud enim est "mature", quam dicitur. **2** Propterea P. Nigidius, homo in omnium bonarum artium disciplinis egregius: "mature" inquit "est quod neque citius est neque serius, sed medium quiddam et temperatum est." **3** Bene atque proprie Nigidius. Nam et in frugibus et in pomis "matura" dicuntur, quae neque cruda et inmitia sunt neque caduca et decocta, sed tempore suo adulta maturataque. **4** Quoniam autem id, quod non segniter fiebat, "mature" fieri dicebatur, progressa plurimum verbi significatio est et non iam, quod non segnius, sed quod festinantius fit, id fieri "mature" dicitur, quando ea, quae praeter sui temporis modum properata sunt, "inmatura" verius dicantur. **5** Illud vero Nigidianum rei atque verbi temperamentum divos Augustus duobus Graecis verbis elegantissime exprimebat. Nam et dicere in sermonibus et scribere in epistulis solitum esse aiunt: speude bradeos, per quod monebat, ut ad rem agendam simul adhiberetur et industriae celeritas et diligentiae tarditas, ex quibus duobus contrariis fit maturitas. **6** Vergilius quoque, si quis animum adtendat, duo ista verba "properare" et "maturare" tamquam plane contraria scitissime separavit in hisce versibus:

## V

**Se avaro (*auarus*) é uma palavra simples ou composta, como Públio Nigídio a interpreta.**

**1** Públio Nigídio disse, no livro XXIX de seus *Comentários*, que *auarus* não é uma palavra simples, mas composta. “Porque se chama *auarus* a quem é louco por dinheiro (*avidus aeris*). E na junção, a letra *e* é a única que desaparece. **2** Assim como *locuples*, rico, compõe-se das duas formas (*pleraque loca*), isto é, o que tem muitas posses.” **3** Parece-me mais provável e melhor demonstrado o que disse sobre *locuples*; quanto a *auaro*, resta dúvida. Por que não pode derivar de um só vocábulo, que é desejar (*aueo*), e ter a mesma formação de amargo (*amarus*)? Não há argumento que possa sugerir que *amarus* é palavra composta.

## XI

**Sobre o advérbio *mature*, qual sua etimologia e o uso impróprio que popularmente se faz; por que o genitivo de precoce (*praecox*) é *praecocis* e não *praecoquis*.**

**1** O advérbio *mature* agora significa apressadamente, contra a origem da própria palavra, pois é diferente dizer maduramente (*mature*) e rapidamente (*cito*). **2** Por causa disso, Públio Nigídio, homem profundamente sábio, disse: “*Mature* é o que está nem muito rápido, nem muito lento, mas na medida certa.” **3** A definição é exata, pois dizemos que os frutos estão maduros quando não estão nem verdes nem passados, mas no tempo certo de seu crescimento e maturação. **4** Entretanto, esta palavra expressava a falta de lentidão, estendendo-se sua abrangência de significado, ela expressa hoje a pressa, a precipitação, ou ainda aquilo que se faz com pressa demasiada, o que deveria chamar-se *inmatura*. **5** Quanto a justa medida da coisa e da palavra, Nigídio cita o divino Augusto, que explicava *mature* com muita elegância, através de duas palavras gregas, que freqüentemente repetia em sua retórica e suas cartas: “Apresse-se lentamente (*speude bradeos*) para que o que estás fazendo tenha ao mesmo tempo a leveza da ação e a lentidão da atenção e desses dois contrários, obtenha-se a maturidade.” **6** Também Virgílio opõe *maturare* e *properare* de maneira correta nestes versos:

Frigidus agricolam si quando continent imber,

Multa, forent quae mox caelo properanda sereno,

Maturare datur.

**7** Elegantissime duo verba ista divisit; namque in praeparatu rei rusticae per tempestates pluvias, quoniam otium est, "maturari" potest, per serenas, quoniam tempus instat, "properari" necessum est. **8** Cum significandum autem est, coactius quid factum et festinantius, tum rectius "praemature" factum id dicitur quam "mature", sicuti Afranius dixit in togata, cui Titulus nomen est:

Adpetis dominatum demens praemature praecocem,

**9** in quo versu animadvertendum est, quod "praecocem" inquit, non "praecoquem"; est enim casus eius rectus non "praecoquis", sed "praecox".

### XIII

#### **"Cum partim hominum" qua ratione veteres dixerint.**

**1** "Partim hominum venerunt" plerumque dicitur, quod significat "pars hominum venit", id est quidam homines. Nam "partim" hoc in loco adverbium est neque in casus inclinatur, sicuti "cum partim hominum" dici potest, id est cum quibusdam hominibus et quasi cum quadam parte hominum. **2** M. Cato in oratione de re Floria ita scripsit: "Ibi pro scorto fuit, in cubiculum subrectitavit e convivio, cum partim illorum iam saepe ad eundem modum erat." **3** Imperitiores autem "cum parti" legunt, tamquam declinatum sit quasi vocabulum, non dictum quasi adverbium. **4** Sed Q. Claudius in vicesimo primo annali insolentius paulo hac figura est ita usus: "Enim cum partim copiis hominum adolescentium placentem sibi." Itemque Claudii in vicesimo tertio annali verba haec sunt: "Sed idcirco me fecisse, quod utrum negligentia partim magistratum an avaritia an calamitate populi Romani evenisse dicam, nescio."

“Quando a chuva retém o agricultor,

Ele pode executar minuciosamente (*maturare*) muitas tarefas

Que mais tarde (*properanda*) teria de fazer com céu aberto.”

**7** As palavras se distinguem igualmente, já que o lavrador pode empregar o tempo livre a que o submetem as chuvas e as tempestades para os preparativos sem muita pressa, que nos dias bons, por falta de tempo, teria de acelerar. **8** Há ainda para expressar o significado mais exato do que é feito rápida e precipitadamente *praemature*. Assim empregou Afrânio em sua obra denominada *Titulus*:

“Insano, ambicionas precocemente a autoridade prematura.”

**9** Observa-se que em tal verso, ele diz *praecocem* e não *praecoquem*, portanto, o caso reto (nominativo) deste vocábulo é *praecox* e não *praecoquis*.

### XIII

#### **Qual é a explicação de *cum partim hominum*, expressão empregada pelos antigos.**

**1** Frequentemente se diz *partim hominum uenerunt*, que significa que uma parte dos homens veio, pois *partim* está no lugar do advérbio e não em caso declinado, assim, pode-se dizer *cum partim hominum*, isto é, com alguns homens e por assim dizer, com uma parte dos homens. **2** Marco Catão, no discurso *Sobre os jogos florais*, escreveu assim: “Então, serviu de cortesã, deixou o banquete com freqüência e foi para o quarto com parte daqueles com quem já fora do mesmo modo (*cum partim illorum*).” **3** Os mais ignorantes dizem *cum parti*, como se fosse um substantivo declinado e não um advérbio. **4** Mas Quinto Cláudio, no livro XXI dos *Anais*, emprega de uma maneira meio desconhecida esta forma: “Com parte das tropas (*partim copiis*), o jovem agrada a si mesmo.” O mesmo Cláudio, no livro XXIII, usa estas palavras: “Este foi meu comportamento: deve-se atribuir o fato à negligência de uma parte dos magistrados (*negligentia partim magistratum*), à avareza ou à desgraça que persegue o povo romano? Não sei.”



## XIV

**"Iniuria mihi factum itur" quali verborum ordine Cato dixerit.**

**1** Audio "illi iniuriam factum iri", audio "contumeliam dictum iri" vulgo quoque ita dici, vulgo et ist esse verborum figuram iam in medio loquendi usu, idcircoque exemplis supersedeo. **2** Sed "contumelia illi" vel "iniuria factum itur" paulo est remotius, exemplum igitur ponemus. **3** M. Cato pro se contra C. Cassium: "Atque evenit ita, Quirites, uti in hac contumelia, quae mihi per huiusce petulantiam factum itur, rei quoque publicae medius fidius miserear, Quirites." **4** Sicut autem "contumeliam factum iri" significat iri ad contumeliam faciendam, id est operam dari, quo fiat contumelia, ita "contumelia mihi factum itur" casu tantum inmutato idem dicit.

## XXI

**Quam ob causam M. Cicero his omnino verbis "novissime" et "novissimus" observantissime vitavit.**

**1** Non paucis verbis, quorum frequens usus est nunc et fuit, M. Ciceronem noluisse uti manifestum est, quod ea non probaret; **2** velut est et "novissimus" et "novissime". Nam cum et M. Cato et Sallustius et alii quoque aetatis eiusdem verbo isto promisce usitati sint, multi etiam non indocti viri in libris id suis scripserint, abstinuisse eo tamen tamquam non Latino videtur, quoniam, qui doctissimus eorum temporum fuerat, L. Aelius Stilo ut novo et improbo verbo uti vitaverat. Propterea, quid M. quoque Varro de ista voce existimaverit, verbis ipsius Varronis ex libro de lingua Latina ad Ciceronem sexto demonstrandum putavi. "Quod "extremum" inquit "dicebatur, dici "novissimum" coeptum vulgo, quod mea memoria ut Aelius, sic senes alii, quod nimium novum verbum esset, vitabant; cuius origo, ut a "veterem" "vetustius" ac "veterrimum" sic a "novo" declinatum "novius" et "novissimum"."

## XIV

**Em que contexto Catão emprega será cometida uma injustiça contra ele (*iniuria mihi factum itur*).**

**1** Geralmente se diz *illi iniuriam factum iri*<sup>1</sup> (será cometida uma injustiça contra ele), *contumeliam dictum iri* (um insulto será dito a ele) e desta forma está estabelecido o emprego dessa expressão, da qual me abstenho de citar exemplos. **2** Mas *contumelia iri* e *iniuria factum itur* são mais raros, então citarei um exemplo. **3** Marco Catão diz assim em sua defesa contra Cassio: “Pois bem, romanos, acontece que o ultraje com que me ameaça a insolência desse homem, enche minha alma de compaixão pela República (*factum itur*).” **4** Porém, *contumeliam factum iri* significa que se vai cometer um ultraje, que se prepara para ultrajar: *contumelia factum itur* tem o mesmo sentido, somente muda o caso.

## XXI

**Qual a causa de Cícero sempre ter cuidadosamente evitado usar as palavras *nouissime* e *nouissimus*.**

**1** São empregada hoje muitas palavras, das quais desde antigamente, Cícero não quis servir-se por não aprová-las. **2** Dentre estas palavras estão *nouissimus* e *nouissime*. Salústio, Catão e outros da mesma época também utilizaram essas palavras sem dificuldade. Muitos homens distintos também as escreveram em seus livros, contudo, parece que Cícero as evitou como termos não latinos. Lucio Elio Estilão, um dos homens mais instruídos à época de Cícero, também evitou tais palavras<sup>2</sup>. Sobre isso, Varrão escreveu no livro VI de sua obra *De lingua latina*, dedicado a Cícero: “Introduziu-se o uso de *nouissimus* para denominar o que se dizia *extremus*: lembro que Elio e outros antigos evitavam essa palavra por ser muito nova. Sua origem é a mesma de *uetustius* e *ueterrimum*, formados a partir de *uetus*: *nouus*, *nouius* e *nouissimum*.”

---

<sup>1</sup> N. T.: O acusativo do substantivo em –teu, constrói-se somente com um verbo de movimento (...), *factum iri* – forma de infinitivo futuro passivo (...). MARACHE, 1967, p. 165 (vol. 2).

<sup>2</sup> N. T.: Os dois superlativos são freqüentes na maioria dos autores latinos. Ao contrário, o comparativo é inexistente, a não ser em Varrão. MARACHE, 1967, p. 178 (vol. 2).

## LIVRO XI

## I

**De origine vocabuli terrae Italiae; deque ea multa, quae "suprema" appellatur, deque eius nominis ratione ac de lege Aternia; et quibus verbis antiquitus multa minima dici solita sit.**

**1** Timaeus in historiis, quas oratione Graeca de rebus populi Romani composuit, et M. Varro in antiquitatibus rerum humanarum terram Italiam de Graeco vocabulo appellatam scripserunt, quoniam boves Graeca vetere lingua italoi vocitati sint, quorum in Italia magna copia fuerit, bucetaque in ea terra gigni pascique solita sint complurima. **2** Coniectare autem possumus ob eandem causam, quod Italia tunc esset armentosissima, multam, quae appellatur "suprema", institutam in singulos dies duarum ovium, boum triginta, pro copia scilicet boum proque ovium penuria. Sed cum eiusmodi multa pecoris armentique a magistratibus dicta erat, adigebantur boves ovesque alias pretii parvi, alias maioris, eaque res faciebat inaequalem multae poenitionem. Idcirco postea lege Aternia constituti sunt in oves singulas aeris deni, in boves aeris centeni. "Minima" autem multa est ovis unius. **3** "Suprema" multa est eius numeri, cuius diximus, ultra quem multam dicere in dies singulos ius non est, et propterea "suprema" appellatur, id est summa et maxima. **4** Quando igitur nunc quoque a magistratibus populi Romani more maiorum multa dicitur vel minima vel suprema, observari solet, ut oves genere virili appellentur; atque ita M. Varro verba haec legitima, quibus minima multa diceretur, concepit: "M. Terentio, quando citatus neque respondit neque excusatus est, ego ei unum ovem multam dico"; ac nisi eo genere diceretur, negaverunt iustam videri multam. **5** Vocabulum autem ipsum multae idem M. Varro in uno vicesimo rerum humanarum non Latinum, sed Sabinum esse dicit, idque ad suam memoriam mansisse ait in lingua Samnitium, qui sunt a Sabinis orti. Sed turba grammaticorum novicia kata antiphrasin ut quaedam alia, hoc quoque dici tradiderunt. **6** Cum autem usus et mos sermonum is sit, ut ita et nunc loquamur, ut plerique veterum locuti sunt: "multam dixit" et "multa dicta est", non esse ab re putavi notare, quod M. Cato aliter dixit. Nam in quarto originum verba haec sunt: "Imperator noster, si quis extra ordinem depugnatum ivit, ei multam facit". **7** Potest autem videri consulta elegantia mutasse verbum, cum in castris et in exercitu multa fieret, non in comitio, nec ad populum diceretur.

## I

**Sobre a origem do nome *Italia*; sobre a multa chamada *suprema* e a explicação dessa palavra assim como sobre a lei *Aeternia*; em que termos se apresentava, pelos antigos, a multa chamada *mínima*.**

**1** Timeo<sup>1</sup>, nas *Histórias sobre o povo romano* que escreveu em grego e Varrão, nas *Atiguidades humanas*, escreveram que a palavra Itália tinha origem em grego, e que os gregos, em sua língua antiga, chamavam os bois de *italoi*, esses animais eram muito numerosos na Itália, devido à grande quantidade de pastagens que lhes serviam de alimento. **2** Outra prova de que existiam muitos bois na Itália pode ser encontrada na multa chamada *suprema*, que consistia em duas ovelhas e trinta bois, não há dúvida de que havia abundância de bois e escassez de ovelhas. Mas quando os magistrados decretavam essa multa, algumas vezes se pagava em bois de baixo preço e outras em bois de preço mais elevado: esta é a desigualdade da pena. Por isso, mais adiante fixou-se o preço da ovelha em dez ases e o do boi em cem. **3** A multa mínima era de uma ovelha. A multa mais elevada, como já dissemos, sobre a qual não era permitido cobrar mais, chamava-se *suprema*, que quer dizer a mais alta e mais elevada. **4** Quando os magistrados decretam, de acordo com o costume dos antigos, uma multa dessas, ficam atentos para escrever no decreto a palavra *ouis* (ovelha) no masculino; é assim que Varrão redige no decreto para a multa mínima: “Marco Terêncio foi chamado, não compareceu, nem se recusou, então foi condenado à multa mínima de *unum ouem* (uma ovelha). Se fosse empregado feminino, se diria que a sentença é ilegal. **5** Em relação à palavra *multa*, Varrão escreveu no livro XXI das *Atiguidades humanas*, que ela não é latina, mas Sabina<sup>2</sup>, que se conservou na língua dos samnitas, descendentes dos sabinos, e que a multidão de gramáticos de hoje não utiliza essa palavra, mas uma perífrase, **6** como em outros tempos proferiu uma multa (*multam dixit*) e foi proferida uma multa (*multa dicta est*), pensei então que pode ser útil citar uma expressão de Marco Catão, que no livro IV das *Origens*, põe estas palavras: “Nosso general impõe uma multa (*multam facit*) se alguém sai das linhas para combater. **7** Pode acreditar-se que utilizou *facit* porque nos acampamentos se impõe a multa, mas não se impõe um comício, nem se impõe diante do povo.

---

<sup>1</sup> N. B.: Timeo de Tauromenio viveu de 356 a 260 a. C. Sua obra História, composta de 38 livros, trata essencialmente da Sicília, mas também contém histórias da Itália, de Cartago e da Grécia (...). MARACHE, 1967, p. 01 (vol 3).

<sup>2</sup> N. T.: *Sabini* – povo que habitava a Itália. GAFFIOT, F. 1934, p. 1377.

## II

**Quod "elegantia" apud antiquiores non de amoeniore ingenio, sed de nitidioris cultu atque victu dicebatur, eaque in vitio ponebatur.**

**1** "Elegans" homo non dicebatur cum laude, set id fere verbum ad aetatem M. Catonis vitii non laudis fuit. **2** Est namque hoc animadvertere cum in quibusdam aliis tum in libro Catonis, qui inscriptus est carmen de moribus. Ex quo libro verba haec sunt: "Avaritiam omnia vitia habere putabant: sumptuosus, cupidus, elegans, vitiosus, inritus qui habebatur, is laudabatur"; **3** ex quibus verbis apparet "elegantem" dictum antiquitus non ab ingenii elegantia, sed qui nimis lecto amoenoque cultu victuque esset. **4** Postea "elegans" reprehendi quidem desiit, sed laude nulla dignabatur, nisi cuius elegantia erat moderatissima. Sic M. Tullius L. Crasso et Q. Scaevolae non meram elegantiam, sed multa parsimonia mixtam laudi dedit: "Crassus" inquit "erat parcissimus elegantium, Scaevola parcorum elegantissimus". **5** Praeterea ex eodem libro Catonis haec etiam sparsim et inter cetera commemoramus: "Vestiri" inquit "in foro honeste mos erat, domi quod satis erat. Equos carius quam coquos emebant. Poeticae artis honos non erat. Si quis in ea re studebat aut sese ad convivia adplicabat, "crassator" vocabatur". **6** Illa quoque ex eodem libro praeclarae veritatis sententia est: "Nam vita" inquit "humana prope uti ferrum est. Si exerceas, conteritur; si non exerceas, tamen robigo interficit. Item homines exercendo videmus conteri; si nihil exerceas, inertia atque torpedo plus detrimenti facit quam exercitio".

## II

**Sobre a elegância, tomada pelos antigos não como comportamento agradável, mas considerada vício, como refinamento na maneira de vestir e de comer.**

**1** A palavra refinado (*elegans*) não era elogio para um homem no tempo de Marco Catão, era vício e não virtude. **2** Tem-se uma prova disso em muitos escritos e entre outros, na obra de Marco Catão, intitulada *Poema sobre os costumes*: “Acreditava que a avareza encerrava todos os vícios. O luxo, a cobiça, a elegância, a luxúria e a preguiça recebiam seus elogios.” **3** Elegância não significava comportamento delicado, mas refinamento de alimentação e vestimentas. **4** Mais tarde, deixou-se de censurar o homem elegante, mas ainda não foi digno de elogio, a menos que sua elegância fosse bastante comedida. Assim, Cícero não elogiava Crasso e Escévola por sua elegância, mas por sua elegância aliada à economia: “Crasso é o mais econômico dos elegantes; Escévola, o mais elegante dos econômicos.” **5** Tomarei da obra de Catão algumas expressões que recorde neste momento: “Costumava-se trajar descentemente no fórum, mas em casa, como se fazia necessário. Os cavalos custavam mais caro que os cozinheiros. Não honravam a arte da poesia. Os que faziam versos ou davam banquetes eram chamado *crassator*<sup>3</sup> (grosseiros).” **6** Eis um pensamento do mesmo autor que concentra uma grande verdade: “O homem é como o ferro. Trabalhando como o ferro, se desgastará; se não trabalhar, se oxidará e destruirá. Assim, vemos que o homem se desgasta pelo trabalho. Contudo, se permanece ocioso, a inércia e a desocupação desgastam-no mais que o trabalho.”

---

<sup>3</sup> N. T.: *Crassator* não é palavra desconhecida, é conhecida como equivalente de vagabundo (*grassator*), mas o verbo *crassare* também é atestado nos glossários, derivado de *crassus* (grosseiro). MARACHE, 1967, p. 4 (vol. 3).

## III

**Qualis quantaque sit "pro" particulae varietas; deque exemplis eius varietatis.**

**1** Quando ab arbitriis negotiisque otium est et motandi corporis gratia aut spatiamur aut vectamur, quaerere nonnumquam aput memet ipsum soleo res eiusmodi parvas quidem minutasque et hominibus non bene eruditis aspernabiles, sed ad veterum scripta penitus noscenda et ad scientiam linguae Latinae cumprimis necessarias: velut est, quod forte nuper in Praenestino recessu vespertina ambulatione solus ambulans considerabam, qualis quantaque esset particularum quarundam in oratione Latina varietas. Quod genus est praepositio "pro". **2** Aliter enim dici videbam "pontifices pro conlegio decrevisse", aliter "quempiam testem introductum pro testimonio dixisse", aliter M. Catonem in originum quarto: "proelium factum depugnatumque pro castris" scripsisse et item in quinto: "urbes insulasque omnis pro agro Illyrio esse", aliter etiam dici "pro aede Castoris", aliter "pro rostris", aliter "pro tribunali", aliter "pro contione" atque aliter "tribunum plebis pro potestate intercessisse". **3** Sed has omnes dictiones qui aut omnino similes et pares aut usquequaque diversas existimaret, errare arbitrabar; nam varietatem istam eiusdem quidem fontis et capitis, non eiusdem tamen esse finis putabam. **4** Quod profecto facile intellet, si quis adhibeat ad meditationem suam intensionem et habeat veteris orationis usum atque notitiam celebriorem.



## III

**Origem e importância da variedade de significados da partícula *pro*; exemplos dessa variedade.**

**1** Quando meus negócios e ocupações me deixam um momento de descanso, para dar exercício ao corpo, passeio a pé ou de carro, dedico-me algumas vezes a elucidar questões simples e de pouca importância, que um homem pouco sábio despreza, mas que, sem dúvida, têm muita importância para o estudo da língua latina e leitura dos autores antigos. Então, passando uma noite sozinho em meu retiro de Prenesto<sup>4</sup>, examinava os diferentes empregos de algumas partículas, por exemplo, a partícula *pro*. **2** É certo que apresenta diferentes sentidos nestas frases: “Os pontífices decretaram em nome do colégio, *pro collegio*.” Introduzindo um depoimento, declarou *pro testimonio*. “Livrou-se da batalha e lutou pela defesa do acampamento, *pro castris*.” Catão, no livro IV *Das Origens*: “Todas as cidades e todas as ilhas dependiam da Ilíria, *pro agro Illyrio esse*.” O mesmo Catão, no livro I: “Diante do templo de Castor, *pro aede*.” Na tribuna, *pro rostris*. Diante do tribunal, *pro tribunali*. Na presença da Assembléia, *pro contione*: “Os tribunos do povo intervinham em nome dos direitos de seu cargo, *pro potestate*.” **3** Acreditar que o significado da partícula é igual em todas essas expressões, ou que é completamente diferente, seria iludir-se. A origem sempre é a mesma, mas desta origem, surgiram significados diferentes. **4** Para se convencer, bastará refletir atentamente sobre isso e familiarizar-se com os autores antigos.

---

<sup>4</sup> N. T.: A 40 quilômetros de Roma, sobre as primeiras inclinações dos Apeninos, Preneste é um vilarejo(...), poderia pensar-se que Gélcio teria uma casa aí, mas ele nada diz sobre isso. MARACHE, 1967, p. 05 (vol. 3).

## VII

**Verbis antiquissimis relictisque iam et desitis minime utendum.**

**1** Verbis uti aut nimis obsoletis exculcatisque aut insolentibus novitatisque durae et inlepidae par esse delictum videtur. Sed molestius equidem culpatiusque esse arbitror verba nova, incognita, inaudita dicere quam involgata et sordentia. **2** Nova autem videri dico etiam ea, quae sunt inusitata et desita, tametsi sunt vetusta. **3** Est adeo id vitium plerumque serae eruditionis, quam Graeci opsimathian appellant, ut, quod numquam didiceris, diu ignoraveris, cum id scire aliquando coeperis, magni facias quo in loco cumque et quacumque in re dicere. Veluti Romae nobis praesentibus vetus celebratusque homo in causis, sed repentina et quasi tumultuaria doctrina praeditus, cum apud praefectum urbi verba faceret et dicere vellet inopi quendam miseroque victu vivere et furfureum panem esitare vinumque eructum et fetidum potare, "hic" inquit "eques Romanus apludam edit et flocces bibit". **4** Aspexerunt omnes, qui aderant, alius alium, primo tristiores turbato et requirente vultu, quidnam illud utriusque verbi foret; post deinde, quasi nescio quid Tusce aut Gallice dixisset, universi riserunt. **5** Legerat autem ille "apludam" veteres rusticos frumenti furfurem dixisse idque a Plauto in comoedia, si ea Plauti est, quae Astraba inscripta est, positum esse. **6** Item "flocces" audierat prisca voce significare vini faecem e vinaceis expressam, sicuti fraces oleis, idque aput Caecilium in Poltimenis legerat, eaque sibi duo verba ad orationum ornamenta servaverat. **7** Alter quoque a lectionibus id genus paucis apirocalus, cum adversarius causam differri postulare: "rogo, praetor," inquit "subveni, succurre! quonam usque nos bovinator hic demoratur?" atque id voce magna ter quaterve inclamavit: "bovinator est". **8** Commurmuratio fieri coepta est a plerisque, qui aderant, quasi monstrum verbi admirantibus. **9** At ille iactans et gestiens: "non enim Lucilium" inquit "legistis, qui tergiversatorem "bovinatorem" dicit?" Est autem in Lucili XI. versus hic:

Si tricosus bovinatorque ore improbus duro.

## VII

**Sobre as palavras bastante antigas deixadas de lado – arcaísmos e sobre as palavras novas – neologismos.**

**1** Comete-se erro empregando tanto palavras antigas, em desuso, como empregando palavras novas sem graça nem harmonia. Contudo, acredito que seja mais digno de repreensão utilizar palavras novas, desconhecidas, jamais ouvidas, sem originalidade e sem nobreza.<sup>5</sup> **2** À classe de palavras novas acrescento também as inusitadas, em desuso e mais antigas. **3** Esse problema acontece quase sempre por causa de uma instrução tardia, que os gregos chamavam *opsimathian*: o que se passa a aprender depois de ter ignorado por muito tempo, quando se aprende algo novo, se quer empregá-lo de qualquer maneira. Assim, em Roma, em minha presença, um advogado, idoso e conhecido nos tribunais, mas com conhecimento precipitado e tardiamente adquirido, falava diante do prefeito da cidade e queria dizer que um homem vivia miseravelmente, comendo pão de farelo (*apluda*) e vinho estragado (*floces*): “O cavalheiro romano come farelo e bebe o bagaço do vinho.” **4** Todos os presentes olharam-se séria e rapidamente e perguntaram-se que palavras eram aquelas, no final, todos soltaram uma gargalhada como se tivessem ouvido não sei que língua gálica ou etrusca. **5** O orador havia aprendido que antigamente os camponeses chamavam o farelo de *apluda*, quem sabe tinha ouvido essa palavra na *Astraba* de Plauto, se é que essa comédia é sua. **6** Da mesma forma, tinha lido a palavra *floces*, que em língua antiga significava o bagaço da uva, como *fraces* significava o bagaço da oliveira. Tinha lido essas palavras nos *Polumenos* de Cecílio, como *apluda* em Plauto e as havia guardado cuidadosamente para empregá-las em seu discurso. **7** Outro orador, munido de leituras desse tipo, também chegou a ser um *apirocalus*, ignorante da verdadeira beleza. Quando seu adversário pediu para adiar a causa, exclamou: “Socorro, pretor, socorro, eu lhe peço, para onde quer nos levar essa enrolação?” E não parava de repetir em altos brados: “É um enrolador”. **8** Essa palavra monstruosa assombrou os presentes e produziu um zum-zum geral. **9** Mas ele, com um gesto enfático, disse: “Vocês não leram Lucílio, que chama o falador de *bovinator*?” De fato, em Lucílio, lê-se:

“Esse homem seco, complicador, tem língua sem-vergonha.”

---

<sup>5</sup> N. E.: Aqui, mais uma vez, parece estar presente o preciosismo de Gélíio ao repreender os neologismos com mais vigor do que o faz com os arcaísmos.

**XI****Verba P. Nigidii, quibus differre dicit "mentiri" et "mendacium dicere".**

**1** Verba sunt ipsa haec P. Nigidii, hominis in studiis bonarum artium praecellentis, quem M. Cicero ingenii doctrinarumque nomine summe reveritus est: "Inter mendacium dicere et mentiri distat. Qui mentitur, ipse non fallitur, alterum fallere conatur; qui mendacium dicit, ipse fallitur". **2** Item hoc addidit: "Qui mentitur," inquit "fallit, quantum in se est; at qui mendacium dicit, ipse non fallit, quantum in se est". **3** Item hoc quoque super eadem re dicit: "Vir bonus" inquit "praestare debet, ne mentiatur, prudens, ne mendacium dicat; alterum incidit in hominem, alterum non". **4** Varie me hercule et lepide Nigidius tot sententias in eandem rem, quasi aliud atque aliud diceret, disparavit.

**XII****Quod Chrysippus philosophus omne verbum ambiguum dubiumque esse dicit,  
Diodorus contra nullum verbum ambiguum esse putat.**

**1** Chrysippus ait omne verbum ambiguum natura esse, quoniam ex eodem duo vel plura accipi possunt. **2** Diodorus autem, cui Crono cognomentum fuit: "nullum" inquit "verbum est ambiguum, nec quisquam ambiguum dicit aut sentit, nec aliud dici videri debet, quam quod se dicere sentit is, qui dicit. **3** At cum ego" inquit "aliud sensi, tu aliud accepisti, obscure magis dictum videri potest quam ambigue; ambigui enim verbi natura illa esse debuit, ut, qui id diceret, duo vel plura diceret. Nemo autem duo vel plura dicit, qui se sensit unum dicere".

## XI

**Texto de Públio Nigídio no qual escreve que mentir (*mentiri*) e contar uma mentira (*mendacium dicere*) são expressões diferentes.**

1 Citarei as palavras de Públio Nigídio, que se destacou no estudo das Belas Artes, cujo talento e sabedoria eram admirados por Cícero: “Existe muita distância entre *mentiri* e *mendacium dicere*. Aquele que mente não se engana, quer enganar; o que conta uma mentira se engana.” 2 Acrescenta: “O que mente, engana no que depende dele; aquele que conta uma mentira pode enganar, mas não é culpa dele.” 3 Ele acrescenta ainda, sobre o mesmo assunto: “O homem honrado deve se esquivar de mentir; o homem é hábil em contar mentiras. O primeiro pertence ao homem, o segundo não.” 4 Creio eu que são muito variadas essas idéias que versam sobre o mesmo assunto e parece que oferecem outros novos.<sup>6</sup>

## XII

**O filósofo Crísipo<sup>7</sup> afirmou que todas as palavras são ambíguas e incertas, Diodoro, ao contrário, julga que nenhuma palavra é ambígua.**

1 Crísipo assegura que toda palavra é ambígua por natureza, já que pode ter dois sentidos ou mais. Diodoro, apelidado de Cronos, sustentava o contrário, dizendo: “Não existe palavra ambígua. Não existe ambigüidade nem na palavra, nem no pensamento e na palavra somente se deve notar o pensamento de quem fala.” 3 Mas você compreende outra coisa que eu pensei: pois bem, existe mais obscuridade do que ambigüidade. Se houvesse ambigüidade, seriam ditas duas coisas ou mais de uma só vez. Contudo, não se diz duas coisas de uma só vez porque se pensa somente uma.

---

<sup>6</sup> N. T.: *Mendacium* e *mentiri* não têm, de fato, parentesco algum, *mendacium* é relativo à *mendum* e corresponde a uma realidade objetiva; *mentiri* é da família de *\*men*, pensa-se que é, ao contrário, subjetivo. MARACHE, 1967, p. 15 (vol. 3).

*Mendum* – falha, erro, defeito físico. GAFFIOT, F, 1934, p. 966.

<sup>7</sup> N. E.: Sobre a teoria lingüística de Crísipo (280-207) o grande teórico do Estoicismo antigo, cf. M. Baratin e F. Desbordes, *L'analyse linguistique dans l'Antiquité classique*, Paris, 1981, p. 26-34. O presente texto é citado e traduzido p. 133. A ambigüidade é um dos principais obstáculos para a adequação total do significante ao significado que buscam os estudiosos estoicos. Cf. Quintiliano, 7, 9, 1. MARACHE, 1967, p. 16 (vol. 3).

## XVI

**Quod Graecorum verborum quorundam difficillima est in Latinam linguam mutatio,  
velut quod Graece dicitur polypragmosyne.**

**1** Adieci mus saepe animum ad vocabula rerum non paucissima, quae neque singulis verbis, ut a Graecis, neque, si maxime pluribus eas res verbis dicamus, tam dilucide tamque apte demonstrari Latina oratione possunt, quam Graeci ea dicunt privis vocibus. **2** Nuper etiam cum adlatus esset ad nos Plutarchi liber et eius libri indicem legissemus, qui erat peri polypragmosynes, percontanti cuipiam, qui et litterarum et vocum Graecarum expers fuit, cuiusnam liber et qua de re scriptus esset, nomen quidem scriptoris statim diximus, rem, de qua scriptum fuit, dicturi haesimus. **3** Ac tum quidem primo, quia non satis commode opinabar interpretaturum me esse, si dicerem librum scriptum "de negotiositate", aliud institui apud me exquirere, quod, ut dicitur, verbum de verbo expressum esset. **4** Nihil erat prorsus, quod aut meminissem legere me aut, si etiam vellem fingere, quod non insigniter asperum absurdumque esset, si ex multitudine et negotio verbum unum compingerem, sicuti "multiiuga" dicimus et "multicolora" et "multiformia". **5** Sed non minus inlepide ita diceretur, quam si interpretari voce una velis polyphilian aut polytropian aut polysarkian. **6** Quamobrem, cum diutule tacitus in cogitando fuisset, respondi tandem non videri mihi significari eam rem posse uno nomine et idcirco iuncta oratione, quid ucliet Graecum id verbum, pararam dicere. "Ad multas igitur res adgressio earumque omnium rerum actio polypragmosyne" inquam "Graece dicitur, de qua hunc librum compositum esse inscriptio ista indicat". **7** Tum ille opicus verbis meis inchoatis et inconditis adductus virtutemque esse polypragmosynen ratus: "hortatur" inquit "nos profecto nescio quis hic Plutarchus ad negotia capessenda et ad res obeundas plurimas cum industria et celeritate nomenque ipsius virtutis, de qua locuturus esset, libro ipsi, sicuti dicis, non incommode praescripsit". **8** "Minime" inquam "vero; neque enim ista omnino virtus est, cuius Graeco nomine argumentum hoc libri demonstratur, neque id, quod tu opinare, aut ego me dicere sentio aut Plutarchus facit. Deterret enim nos hoc quidem in libro, quam potest maxime, a varia promiscaque et non necessaria rerum cuiuscemodi plurimarum et cogitatione et petitione. Sed huius" inquam "tui erroris culpam esse intellego in mea scilicet infacundia, qui ne pluribus quidem verbis potuerim non obscurissime dicere, quod a Graecis perfectissime verbo uno et planissime dicitur".

## XVI

**Sobre a difícil tradução de algumas palavras gregas para o latim, como a palavra *polypragmosyne*.**

**1** Muitas vezes prestei atenção a algumas palavras que se expressam melhor em língua grega do que em língua latina. Nós não podemos Expressá-las, como os gregos, com uma só palavra e ao recorrermos à perífrase, obtemos menor exatidão e menor clareza que a própria palavra grega. Faz poucos dias que me trouxeram um livro de Plutarco<sup>8</sup>, li o título *polypragmosyne*, um homem que não conhece a literatura nem a língua grega perguntou-me o assunto do livro e o nome do autor. Quanto ao nome do autor, respondi em seguida, já quanto ao título, hesitei. **3** Convencido de que a palavra *negotiositas* – negócios, afazeres - traduzia com pouca exatidão a expressão, procurei outra que fosse a tradução perfeita e literal da palavra grega. **4** Procurei em minhas lembranças, mas os autores não me ofereciam o que eu buscava; queria criar e tudo o que eu produzia era rude, duro e sem sonoridade para expressar um conjunto de assuntos em uma só palavra. É verdade que *multijuga*, *multicolora* e *multiformia* expressam a pluralidade de nomes, de cores e de formas, respectivamente. **5** Mesmo assim, havia tão pouca graça em traduzir com uma só palavra *polyphilian* - grande quantidade de amigos -, *polytropician* - flexibilidade de caráter - *polysarkian* - obesidade. **6** Foi assim que, depois de ter pensado por algum tempo em silêncio, respondi que não me parecia possível traduzir com uma só palavra o título do livro, mas estava disposto a explicá-lo com uma perífrase: “A ação de empreender e tratar muitos assuntos expressa-se em grego com a palavra *polypragmosyne* e esse é o assunto do livro.” **7** Então, o ignorante enganado por essa explicação informal e apenas esboçada, tomou por elogio o que o autor chamava de *polypragmosyne*. “Assim, se este a quem se chama Plutarco nos incita a misturar vários assuntos, e deu um título muito oportuno ao livro, com o nome da virtude sobre a qual iria discorrer.” **8** Não é isso, repliquei; esse título não é, de forma alguma, nome de virtude, eu não quis dizer, nem Plutarco, o que você está pensando. Ao contrário, neste livro, ele emprega todos os esforços para dissuadir os homens de se misturarem, nem mesmo em pensamento, a inútil agrupamento de assuntos. **9** Seu erro, no entanto, só denota ignorância de minha parte porque não pude, nem com o auxílio de uma explicação, expor, sem muita obscuridade, uma idéia que os gregos expressam muito claramente com uma só palavra.

---

<sup>8</sup> N. T.: O tratado de Plutarco n° 96 está conservado por nós. *Polypragmosyne* é geralmente traduzida por *curiositas*. MARACHE, 1967, p. 22 (vol. 3).

## XVII

**Quid significet in veteribus praetorum edictis: "qui flumina retanda publice redempta habent".**

**1** Edicta veterum praetorum sedentibus forte nobis in bibliotheca templi Traiani et aliud quid requirentibus cum in manus incidissent, legere atque cognoscere libitum est. **2** Tum in quodam edicto antiquiore ita scriptum invenimus: "Qui flumina retanda publice redempta habent, si quis eorum ad me eductus fuerit, qui dicatur, quod eum ex lege locationis facere oportuerit, non fecisse". **3** "Retanda" igitur quid esset, quaerebatur. **4** Dixit ibi quispiam nobiscum sedens amicus meus in libro se Gavi de origine vocabulorum VII legisse "retas" vocari arbores, quae aut ex ripis fluminum emerent aut in alveis eorum exstarent, appellatasque esse a retibus, quod praetereuntes naves inpedirent et quasi inretirent; idcircoque sese arbitrari "retanda" flumina locari solita esse, id est purganda, ne quid aut morae aut periculi navibus in ea virgulta incidentibus fieret.



## XVII

**O que significam nos antigos editos dos pretores: “Aqueles que têm por atribuição do Estado limpar a passagem dos rios.”**

**1** Na biblioteca do templo de Trajano, quando estava procurando outra coisa, encontrei os editos dos antigos pretores. Tinha vontade conhecê-los e de lê-los. **2** Encontrei em um dos mais antigos: “Se alguém que tomou em nome da República *flumina retanda*, traiu a nossa presença, convencido de não haver satisfeito as cargas impostas pela lei...” **3** Perguntava-se o que significava *retanda*. **4** Então, um amigo meu disse que se encontrava no livro VII de Gavio Basso *Sobre as origens das palavras (De origine vocabulorum)*, onde chamava *retae* as árvores que acompanhavam a margem dos rios ou emergiam do leito e que seu nome vem dos filetes (*retes*) porque retêm os botes que passam, ou por assim dizer, prendem-nos aos filetes; é por isso que se tem o hábito de dar o nome de *retanda* (corrente) ao curso da água do rio, como se fosse limpar, para impedir qualquer retardo ou perigo para os barcos que cairiam em suas armadilhas.

## LIVRO XII

## III

**"Lictoris" vocabulum qua ratione conceptum ortumque sit; et super eo diversae sententiae Valgi Rufi et Tulli Tironis.**

**1** Valgius Rufus in secundo librorum, quos inscripsit de rebus per epistulam quaesitis, "lictorem" dicit a "ligando" appellatum esse, quod, cum magistratus populi Romani virgis quempiam verberari iussissent, crura eius et manus ligari vincirique a viatore solita sint, isque, qui ex conlegio viatorum officium ligandi haberet, "lictor" sit appellatus; utiturque ad eam rem testimonio M. Tulli verbaque eius refert ex oratione, quae dicta est Pro C. Rabirio: **2** "Lictor", inquit "conliga manus". Haec ita Valgius. **3** Et nos sane cum illo sentimus; sed Tiro Tullius, M. Ciceronis libertus, "lictorem" vel a "limo" vel a "licio" dictum scripsit: "Licio enim transverso, quod "limum" appellatur, qui" magistratibus" inquit "praeministrabant, cincti erant". **4** Si quis autem est, qui propterea putat probabilius esse, quod Tiro dixit, quoniam prima syllaba in "lictore", sicuti in "licio", producta est et in eo verbo, quod est "ligo", correpta est, nihil ad rem istuc pertinet. Nam sicut a "ligando" "lictor", et a "legendo" "lector" et a "viendo" "vitor" et "tuendo" "tutor" et "struendo" "structor" productis, quae corripiebantur, vocalibus dicta sunt.

## VI

**De aenigmate.**

**1** Quae Graeci dicunt "aenigmata", hoc genus quidam ex nostris veteribus "scirpos" appellaverunt. Quale est quod nuper invenimus per hercle anticum, perquam lepidum, tribus versibus senariis compositum aenigma, quod reliquimus inenarratum, ut legentium coniecturas in requirendo acueremus. Versus tres hi sunt:

### III

#### **Origem da palavra *lictor*, opinião de Valgio Rufo e Tirão, o liberto de Cícero.**

1 Valgio Rufo<sup>1</sup>, no livro II dos *Assuntos tratados por cartas*, diz que a palavra *lictor* tem origem em atar (*ligare*). “Os magistrados romanos, antes de mandar açoitar um condenado com as varas, mandavam que um funcionário atasse os pés e as mãos e por isso, esse funcionário é chamado *lictor*”; cita, como prova desse costume, uma passagem de Cícero, no discurso em favor de *Rabirio*: 2 “*Lictor*, amarre as mãos.” 3 Essa é a opinião de Valgio, da qual compartilho. Mas Tirão, liberto de Cícero, diz que *lictor* tem origem em *licius*, cinto, ou *limus* e se embasa no fato de que os executores das ordens dos magistrados iam munidos de um cinto chamado *limus*. 4 Considera-se mais provável a explicação de Tirão porque a primeira sílaba de *lictor* é longa como em *licius*, enquanto é breve em *ligare*. Isso não é uma prova. Formaram-se de *ligare*, *lictor*, como de *legere*, *lector*, de *uiuere*, *uictor*, de *tueri*, *tutor*, de *struere*, *structor*, prolongando a primeira sílaba.

### VI

#### **Sobre o enigma.**

1 O que os gregos chamam de enigma, alguns de nossos escritores antigos chamaram *scirpos*. Cito aqui um enigma muito antigo e muito elegante que encontrei há algum tempo. Não darei a resolução para excitar mais a curiosidade do leitor na busca de interpretações. Compõe-se de três versos jâmbicos que são:

---

<sup>1</sup> N. B.: Valgio Rufo – poeta conhecido de Horácio, que lhe faz menção em uma das sátiras e lhe dedica uma ode(...). MARACHE, 1967, p.38 (vol. 3).

2. semel minusne an bis minus sit nescio,

an utrumque eorum; ut quondam audivi dicier,

Iovi ipsi regi noluit concedere.

3 Hoc qui nolet diutius apud sese quaerere, inveniet quid sit in M. Varronis de sermone Latino ad Marcellum libro secundo.

## IX

### **Quae dicantur vocabula ancipitia; et quod "honoris" quoque vocabulum ancipiti sententia fuerit.**

1 Est plurifariam videre atque animadvertere in veteribus scriptis pleraque vocabula, quae nunc in sermonibus vulgi unam certamque rem demonstrant, ita fuisse media et communia, ut significare et capere possent duas inter se res contrarias. Ex quibus quaedam satis nota sunt, ut "tempeestas", "valitudo", "facinus", "dolus", "gratia", "industria". 2 Haec enim fere iam vulgatum est ancipitia esse et utroqueversus dici posse. "Periculum" etiam et "venenum" et "contagium" non, uti nunc dicuntur, pro malis tantum dicta esse multum exemplorum huiusmodi reperias. 3 Sed "honorem" quoque mediam vocem fuisse et ita appellatum, ut etiam malus honos diceretur et significaret iniuriam, id profecto rarissimum est. 4 Quintus autem Metellus Numidicus in oratione, quam de triumpho suo dixit, his verbis usus est: "Qua in re quanto universi me unum antistatis, tanto vobis quam mihi maiorem iniuriam atque contumeliam facit, Quirites, et quanto probi iniuriam facilius accipiunt, quam alteri tradunt, tanto ille vobis quam mihi peiorem honorem habuit; nam me iniuriam ferre, vos facere vult, Quirites, ut hic conquestio, istic vituperatio relinquatur". 5 "Honorem" inquit "peiorem vobis habuit quam mihi"; cuius verbi sententia est, quam ipse quoque supra dicit: "maiore vos adfecit iniuria et contumelia quam me". 6 Praeter huius autem verbi notionem adscribendam esse hanc sententiam ex oratione Quinti Metelli existimavi, ut depingeremus Socratis decretum: kakion einai to adikein e to adikeisthai.

2 “É uma vez, duas vezes, ou as duas ao mesmo tempo?

Não sei. Mas ouvi dizer que não cede

nem mesmo a Júpiter.”

3 Quem não quiser procurar por mais tempo, encontrará a resposta em Varrão, no *De lingua latina para Marcelo*, livro II.

## IX

### **Sobre as palavras ambíguas; a palavra *honoris* apresenta duplo significado.**

1 É muito comum encontrar em textos antigos, palavras que hoje, nas conversas, têm um significado bem determinado, mas que em outro tempo, eram tão vagas que poderiam ser tomadas em sentidos opostos. Assim, para não citar mais do que as muito comuns, *tempestas* significa tempestade e tempo bom; *ualetudo* significa boa e má saúde; *facinus*, crime ou ação ilustre; *dolus*, artifício criminoso ou louvável; *gratia*, favor e desfavor; *industria*, boa ou má habilidade. 2 É sabido que todas essas palavras tinham significação contrária e a elas pode se anexar *periculum*, *uenenum* e *contagium*, já que numerosos exemplos demonstram que nem sempre foram tidas como coisas ruins como hoje. 3 *Honorem* também era uma palavra de dois significados, pois dizia-se *malus honos* no sentido de injúria, mas os exemplos são raros. 4 Quinto Metello Numídico, em seu discurso que pronunciou *Sobre seu triunfo*, pôs estas palavras: “Quanto mais vocês me elevam por acordo unânime, melhor se vê que é a vocês mais do que a mim que ultrajam, Romanos, o homem honrado prefere receber uma injúria a proferi-la: porque os trata mais indignamente do que a mim (*peiolem honorem habuit*), quer que eu receba a injúria e que vocês a cometam, pondo de minha parte a queixa e de sua parte, a vergonha.” 5 As palavras *peiolem honorem quam mihi* têm o mesmo sentido que as anteriores *maiore uos affecit iniuria et contumelia auam me*. 6 Ao citar esse trecho, não o fez somente para esclarecer a origem, mas para dar a conhecer um pensamento de Metello, que Sócrates já havia exposto: “É pior cometer uma injustiça do que suportá-la.”

**X****Quod "aeditumus" verbum Latinum sit.**

**1** "Aeditimus" verbum Latinum est et vetus, ea forma dictum qua "finitimus" et "legitimus". **2** Sed pro eo a plerisque nunc "aedituus" dicitur nova et commenticia usurpatione quasi a tuendis aedibus appellatus. **3** Satis hoc esse potuit admonendi gratia dixisse ... propter agrestes quosdam et indomitos certatores, qui nisi auctoritatibus adhibitis non comprimuntur. **4** M. Varro in libro secundo ad Marcellum de Latino sermone "aeditumum" dici oportere censet magis quam "aedituum", quod alterum sit recenti novitate fictum, alterum antiqua origine incorruptum. **5** Laevius quoque, ut opinor, in laodamia "claustritumum" dixit, qui claustris ianuae praecesset, eadem scilicet figura qua "aeditumum" dici videbat, qui aedibus praeest. **6** In IV in Verrem M. Tullii in exemplaribus fidelissimis ita inveni scriptum: "Aeditumi custodesque mature sentiunt", in libris autem hoc vulgariis "aeditui" scriptum est. **7** Pomponii fabula atellania est, quae ita scripta est: Aeditumus. In qua hic versus est:

qui postquam tibi appareo atque aeditumor in templo tuo.

**8** Titus autem Lucretius in carmine suo pro "aedituis" "aedituentes" appellat.

**X****Por que *aeditumus* (guardião do templo) é uma palavra latina.**

**1** *Aeditumus* (guardião do templo) é uma palavra latina antiga, formada como limítrofe (*finitimus*) e legal (*legitimus*). **2** A maioria utiliza hoje como *aeditum*, palavra nova e expressão falsa, já que parece que fazem-na derivar de defender os templos (*aedes tueri*). **3** Essa simples advertência bastaria; mas existem combatentes tenazes e indomáveis, que não se dão por vencidos a não ser diante do peso das autoridades. **4** Marco Varrão, no livro II do *Tratado da língua latina*, dirigido a Marcelo, crê que se deve dizer *aeditumus* em lugar de *aeditum*. A última é uma palavra formada recentemente, a outra conserva toda a pureza de sua origem antiga. **5** Livio, se não me engano, em seu *Protesilaodamia*, chama *claustritumum* ao homem que guarda a fechadura de uma porta, com o mesmo sufixo de *aeditumus*, o que guarda os templos. **6** No IV discurso de Cícero *contra Verres*, encontrei escrito: “Os guardadores do templo (*Aeditumi*) e os serviçais perceberam rapidamente.” Os manuscritos mais vulgares dizem *aeditui*. **7** Uma *atellana*<sup>2</sup> de Pomponio leva o título de *Aeditumus* e nela se lê este verso:

“Depois que apareço para você e guardo seu templo.”

**8** Lucrécio emprega em seu poema *aedituentes* por *aeditui*.

---

<sup>2</sup> *Atellana* - peça curta no gênero da farsa, com reduzida parte escrita e ênfase na improvisação dos atores. GAFFIOT, F. 1934, p. 179.



## XIII

**"Intra Kalendas" cum dicitur, quid significet, utrum "ante Kalendas" an "Kalendis" an utrumque; atque inibi, quid sit in oratione M. Tulli "intra oceanum" et "intra montem Taurum" et in quadam epistula "intra modum".**

**1** Cum Romae a consulibus iudex extra ordinem datus pronuntiare "intra kalendas" iussus essem, Sulpicium Apollinarem, doctum hominem, percontatus sum, an his verbis "intra Kalendas" ipsae quoque Kalendae tenerentur, dixique ei me iudicem datum Kalendasque mihi prodictas, ut intra eum diem pronuntiarem. **2** "Cur" inquit "hoc me potius rogas quam ex istis aliquem peritis studiosisque iuris, quos adhibere in consilium iudicaturi soletis?" **3** Tum illi ego ita respondi: "Si aut de vetere" inquam "iure et recepto aut controverso et ambiguo aut novo et constituendo discendum esset, issem plane sciscitatum ad istos, quos dicis; **4** sed cum verborum Latinorum sententia, usus, ratio exploranda sit, scaevus profecto et caecus animi forem, si, cum haberem tui copiam, issem magis ad alium quam ad te". **5** "Audi igitur" inquit "de ratione verbi quid existimem, sed eo tamen pacto, ut id facias, non quod ego de proprietate vocis disseruero, sed quod in ea re omnium plurimumve consensu observari cognoveris; non enim verborum tantum communium verae atque propriae significationes longiore usu mutantur, sed legum quoque ipsarum iussa consensu tacito oblitterantur". **6** Tum deinde disseruit me et plerisque aliis audientibus in hunc ferme modum: "Cum dies" inquit "ita praefinita est, ut iudex "intra Kalendas" pronuntiet, occupavit iam haec omnes opinio non esse dubium, quin ante Kalendas iure pronuntietur, et id tantum ambigi video, quod tu quaeris, an Kalendis quoque iure pronuntietur. **7** Ipsum autem verbum sic procul dubio natum est atque ita sese habet, ut, cum dicitur "intra Kalendas", non alius accipi dies debeat, quam solae Kalendae. Nam tres istae voces "intra, citra, ultra", quibus certi locorum fines demonstrantur, singularibus apud veteres syllabis appellabantur "in, cis, uls".

## XIII

**O que significa a expressão *intra kalendas*, antes das *kalendas*<sup>3</sup>, o dia das *kalendas* ou os dois de uma só vez? No mesmo capítulo, o que significa, no discurso de Cícero, *intra oceanum*, *intra montem Taurum* e *intra modum*.**

**1** Tendo sido encarregado pelos cônsules de desempenhar extraordinariamente as funções de juiz em Roma *intra kalendas*, marquei com o sábio Sulpício Apolinário e lhe perguntei se as palavras *intra kalendas* compreendiam também o dia das *kalendas*. Disse-lhe que era juiz e teria de pronunciar minhas sentenças *intra kalendas*. **2** “Por que você se dirige a mim e não a esses sábios jurisconsultos que se costuma consultar antes de pronunciar os julgamentos?” **3** Então lhe respondi: “Iria procurá-los, de fato, se eu devesse me instruir sobre um ponto de direito antigo ou modificado, controvertido e incerto ou novo e estabelecido. **4** Mas preciso instruir-me sobre o significado, o emprego e a origem de uma palavra latina, e podendo dirigir-me a você, seria bobagem procurar outro.” **5** “Pois bem, escute minha opinião sobre a origem dessa palavra: dou-lhe a origem desde que você não tome por regra de conduta o que vou lhe dizer sobre o valor de uma expressão, a não ser o que é de consentimento unânime ou acordo geral.” **6** Então, ouvi (Apolinário) discorrer assim, em presença de público considerável: “Quando a nomeação diz que o juiz realizará seus julgamentos *intra kalendas*, não se duvida de que ele terá direito de julgar antes das *kalendas*, mas se discute se ele pode, como você pergunta, julgar no dia das *kalendas*. **7** Consultando a origem da palavra *intra*, torna-se evidente que a expressão *intra kalendas* deve designar o dia das *kalendas* e não outro. Sem dúvida, as três palavras *intra*, *citra*, *ultra*, que marcam os limites dos lugares, em latim antigo, não apresentavam mais do que uma sílaba, pronunciando-se *in*, *cis*, *uls*.”

---

<sup>3</sup> *Kalendae* (*calendae*) – primeiro dia de cada mês. GAFFIOT, F. 1934, p. 244.

**8** Haec deinde particulae quoniam parvo exiguoque sonitu obscurius promebantur, addita est tribus omnibus eadem syllaba, et quod dicebatur "cis Tiberim" et "uls Tiberim", dici coeptum est "citra Tiberim" et "ultra Tiberim"; item quod erat "in", accedente eadem syllaba "intra" factum est. **9** Sunt ergo haec omnia quasi contermina iunctis inter se finibus cohaerentia: "intra oppidum", "ultra oppidum", "citra oppidum", ex quibus "intra", sicuti dixi, "in" significat; **10** nam qui dicit "intra oppidum", "intra cubiculum", "intra ferias", non dicit aliud quam "in oppido", "in cubiculo", "in feriis". **11** "Intra Kalendas" igitur non "ante Kalendas" est, sed "in Kalendis", id est eo ipso die, quo kalendae sunt. **12** Itaque secundum verbi ipsius rationem, qui iussus est "intra Kalendas" pronuntiare, nisi Kalendis pronuntiet, contra iussum vocis facit; **13** nam si ante id fiat, non "intra" pronuntiat, sed "citra". **14** Nescio quo autem pacto recepta vulgo interpretatio est absurdissima, ut "intra Kalendas" significare videatur etiam "citra kalendas" vel "ante Kalendas"; nihil enim ferme interest. **15** Atque insuper dubitatur, an Kalendis quoque pronuntiarum possit, quando neque ultra neque citra, set, quod inter haec medium est, "intra Kalendas", id est kalendis, pronuntiandum sit. **16** Sed nimirum consuetudo vicit, quae cum omnium domina rerum, tum maxime verborum est". **17** Ea omnia cum Apollinaris scite perquam atque enucleate disputavisset, tum ego haec dixi: "Cordi" inquam "mihi fuit, priusquam ad te irem, quaerere explorareque, quonam modo veteres nostri particula ista, qua de agitur, usi sint, atque ita invenimus Tullium in tertia in Verrem scripsisse istoc modo: "Locus intra oceanum iam nullus est neque tam longincus neque tam reconditus, quo non per haec tempora nostrorum hominum libido iniquitasque pervaserit". **18** "Intra oceanum" dicit contra rationem tuam; non enim vult, opinor, dicere "in oceano"; terras enim demonstrat omnis, quae oceano ambiuntur, ad quas a nostris hominibus adiri potest: quae sunt "citra oceanum", non "in oceano"; neque enim videri potest insulas significare nescio quas, quae penitus esse intra aequora ipsa oceani dicuntur". **19** Tunc Sulpicius Apollinaris renidens: "non me hercule inargute" inquit "nec incallide opposuisti hoc Tullianum; sed Cicero "intra oceanum" non, ut tu interpretare, "citra oceanum" dixit. **20** Quid enim potest dici "citra oceanum" esse, cum undique oceanus circumscribat omnis terras et ambiat? Nam "citra" quod est, id extra est; qui autem potest "intra" esse dici, quod extra est? Sed si ex una tantum parte orbis oceanus foret, tum, quae terra ad eam partem foret, "citra oceanum" esse dici posset vel "ante oceanum"; cum vero omnis terras omnifariam et undiqueversum circumfluat, nihil citra eum est, sed undarum illius ambitu terris omnibus convallatis in medio eius sunt omnia, quae intra oras eius inclusa sunt, sicuti hercle sol non citra caelum vertitur, sed in caelo et intra caelum".

**8** Mas essas partículas curtas e pouco sonoras se apagavam na pronúncia e foi necessário anexar-lhes uma sílaba; ao invés de *cis Tiberim* e *uls Tiberim*, diz-se *citra Tiberim* e *ultra Tiberim*. **9** Da mesma forma, *in*, pelo acréscimo da sílaba, tornou-se *intra*. Essas três palavras são, por assim dizer, contíguas, já que demarcam os limites dos lugares em que encostam, como no interior da cidade - *intra* - depois da cidade - *ultra* - antes da cidade - *citra*. Para mim, *intra*, como já disse, significa *in*. **10** Por que quem diz *intra oppidum*, *intra cubiculum*, *intra ferias* não diz outra coisa que não *in oppido* (na cidade), *in cubiculo* (na câmara) e *in ferias* (na festa). **11** Logo, *intra kalendas* não é antes das *kalendas*, mas no dia das *kalendas* e de acordo com a etimologia e o significado da palavra, **12** o encarregado de julgar *intra kalendas* falta com seu dever se não o fizer no dia das *kalendas*. **13** Se o fizer antes, não será *intra kalendas*, mas *citra kalendas*. **14** Assim, não sei como o povo, com interpretação absurda, chama *intra kalendas* para o que acontece antes das *kalendas*. **15** Também parece estranho que se possa julgar antes das *kalendas* quando a nomeação diz *intra kalendas*, nem antes nem depois das *kalendas*, mas durante. **16** Assim decidiu o uso, dono soberano de todas as coisas e das línguas, especialmente.” **17** Apolinário apresentou toda essa argumentação com muita elegância e clareza, quanto a mim, respondi: “Antes de me dirigir a você, quis averiguar como os antigos tinham usado a partícula que nos ocupa e encontrei no terceiro discurso de Cícero *contra Verres*, estas frases: “Não há lugar tão distante nem tão afastado que *intra oceanum* tenha se tornado inacessível à autoridade e injustiça dos homens.” Emprega *intra oceanum* em um sentido que contradiz sua explicação, porque não quis dizer no oceano, fala de terras que o oceano banha e onde nossos homens puderam chegar, essas terras estão, evidentemente, antes do oceano e não dentro dele. **18** Seria possível que estivesse falando de ilhas que se encontram, como dizem, no próprio seio do oceano?” **19** Então, Sulpício Apolinário disse sorrindo: “Você escolheu habilmente a passagem que me contradiz, mas Cícero não entendeu *intra oceanum* por antes do oceano, como você entende. O que pode haver, de fato, antes do oceano, já que ele cinge e rodeia o universo? O que está antes, está fora e se diria *intra* de algo que está fora? **20** Se o oceano não banhasse mais que um lado da terra, a parte que não seria banhada estaria, sem dúvida, antes ou depois do oceano; mas como circunda com suas ondas toda extensão da terra, nada está fora dele; abraçando o universo com o cinturão de suas águas, tudo fica dentro de suas margens e está no seio do oceano. Assim, o sol não gira antes do céu, mas no céu e *intra coelum*.”

**21** Haec tunc Apollinaris scite acuteque dicere visus est. Set postea in libro M. Tullii epistularum ad Servium Sulpicium sic dictum esse invenimus "intra modum", ut "intra Kalendas" dicunt, qui dicere "citra Kalendas" volunt. **22** Verba haec Ciceronis sunt, quae adposui: "Sed tamen, quoniam effugi eius offensionem, qui fortasse arbitraretur me hanc rem publicam non putare, si perpetuo tacerem, modice hoc faciam aut etiam intra modum, ut et illius voluntati et meis studiis serviam". **23** "Modice" dixerat "hoc faciam", id est cum modo aequo et pari; **24** deinde, quasi hoc displiceret et corrigere id vellet, addit: "aut etiam intra modum", per quod ostendit minus sese id facturum esse, quam quod fieri modice videretur, id est non ad ipsum modum, set retro paululum et citra modum. **25** In oratione etiam, quam pro P. Sestio scripsit, "intra montem Taurum" sic dicit, ut non significet "in monte Tauro", sed "usque ad montem cum ipso monte". **26** Verba sunt haec ipsius M. Tullii ex ea, qua dixi, oratione: "Antiochum Magnum illum maiores nostri magna belli contentione terra marique superatum intra montem Taurum regnare iusserunt; Asiam, qua illum multarunt, Attalo, ut is in ea regnaret, condonarunt". **27** "Intra montem" inquit "Taurum regnare iusserunt", quod non proinde est, ut "intra cubiculum" dicimus, nisi videri potest id esse "intra montem", quod est intra regiones, quae Tauri montis obiectu separantur. **28** Nam sicuti qui intra cubiculum est, is non in cubiculi parietibus, sed intra parietes est, quibus cubiculum includitur, qui tamen ipsi quoque parietes in cubiculo sunt, ita, qui regnat "intra montem Taurum", non solum in monte Tauro regnat, sed in his etiam regionibus, quae Tauro monte clauduntur. **29** Num igitur secundum istam verborum M. Tullii similitudinem, qui iubetur "intra Kalendas" pronuntiare, is et ante Kalendas et ipsis Kalendis iure pronuntiare potest? Neque id fit quasi privilegio quodam inscitae consuetudinis, sed certa rationis observatione, quoniam omne tempus, quod Kalendarum die includitur "intra kalendas" esse recte dicitur.

**21** A resposta de Apolinário me pareceu inteligente e sensata, entretanto, mais adiante, encontrei em uma carta de Cícero para Sêrvio Sulpício *intra modum* no mesmo sentido que se emprega *intra kalendas*, quando essas palavras são explicadas por antes das *kalendas*. **22** Citarei esse trecho de Cícero: “Contudo, já que evitei ofendê-lo e poderia crer que a coisa não se tornaria pública se continuasse calando, me calarei *modice* e até *intra modum* para satisfazer de uma só vez meu desejo e meu gosto.” **23** Cícero já havia dito calarei *modice*, querendo dizer na medida exata, **24** em seguida, como insatisfeito com a expressão e querendo corrigi-la, acrescenta *intra modum*, querendo dizer algo menor que a medida justa, *citra modum*. **25** Em seu discurso para Sestio, disse *intra montem Taurum* para significar não no monte Tauro, mas até o monte Tauro. **26** Eis aqui as palavras do autor: “Nossos antepassados, depois de encarniçada luta por terra e mar, triunfaram com o fim de Antioco, o Grande e o obrigaram a reinar *intra montem Taurum*. Impuseram-lhe como multa a perda da Ásia, que ofereceram a Atalo.” **27** “Obrigaram-no a reinar *intra montem Taurum*”, sem dúvida alguma, não no mesmo sentido de *intra cubiculum*, a menos que se diga que *intra montem* significa nos países limitados pela montanha. **28** Da mesma maneira que *intra cubiculum* não quer dizer estar dentro das paredes, mas entre as paredes (*inter parietes*) que rodeiam o aposento e que são parte dele: assim, reinar *intra montem Taurum* não é reinar somente no monte Tauro, mas no país que se limita ao monte Tauro. **29** As duas frases de Cícero permitem deduzir, por analogia, que ao se receber a ordem de julgar *intra kalendas*, tem-se o direito de fazê-lo antes e no dia das *kalendas*. Isso também não seria abusar do privilégio do costume, mas fundamentar-se na razão, já que todo o espaço de tempo que se limita nas *kalendas*, naturalmente está compreendido *intra kalendas*.

**XIV****"Saltem" particula quam vim habeat et quam originem.**

**1** "Saltem" particula quam haberet principem significationem quaeque vocis istius origo esset, quaerebamus. **2** Ita enim primitus factam esse apparet, ut non videatur, sicuti quaedam supplementa orationis, temere et incondite adsumpta. **3** Atque erat, qui diceret legisse se in grammaticis commentariis P. Nigidii "saltem" ex eo dictum, quod esset "si aliter", idque ipsum dici solitum per defectionem, nam plenam esse sententiam: "si aliter non potest". **4** Sed id nos in isdem commentariis Nigidii, cum eos non, opinor, incuriose legissemus, nusquam invenimus. **5** Videntur autem verba ista "si aliter non potest" a significatione quidem voculae huius, de qua quaerimus, non abhorrire. Set tot verba tamen in paucissimas litteras cludere improbae cuiusdam subtilitatis est. **6** Fuit etiam, qui diceret, homo in libris atque in litteris adsiduus, "saltem" sibi dictum videri "u" littera media extrita; "salutem" enim ante dictum, quod nos "saltem" diceremus. "Nam cum alia quaedam petita et non impetrata sunt, tum solemus" inquit "quasi extremum aliquid petitori, quod negari minime debeat, dicere "hoc saltem fieri aut dari oportere", tamquam salutem postremo petentes, quam impetrari certe et obtineri sit aequissimum". **7** Sed hoc itidem non inlepide quidem fictum nimis tamen esse videtur commenticium. Censuimus igitur amplius quaerendum.

**XV****Quod Sisenna in libris historiarum adverbiiis huiuscemodi saepenumero usus est:**

**"celatim", "vellicatim", "saltuatim".**

**1** Cum lectitaremus historiam Sisennae adsidue, huiuscemodi figurae adverbia in oratione eius animadvertimus, cuimodi sunt haec: "cursim", "properatim", "celatim", "vellicatim", "saltuatim". **2** Ex quibus duo prima, quia sunt notiora, exemplis non indigebant; reliqua in historiarum sexto sic scripta sunt: "Quam maxime celatim poterat, in insidiis suos disponit". Item alio in loco: "Nos una aestate in Asia et Graecia gesta litteris idcirco continentia mandavimus, ne vellicatim aut saltuatim scribendo lectorum animos impediremus".

## XIV

**Qual é o valor e qual é a origem da partícula *saltem*.**

**1** Estava procurando a origem e o significado inicial da palavra *saltem*<sup>4</sup>. **2** Faz tanto tempo que está na língua, que não se pode crer que seja formada casualmente, como algumas partículas expletivas. **3** Alguém disse ter lido nos Comentários gramaticais de Nigídio que primitivamente *saltem* foi empregado em lugar de *si aliter*, expressão que se tinha o hábito de empregar por elipse, porque a frase completa seria *si aliter non potest* (a não ser que não seja mais possível). **4** Quanto a mim, não encontrei esta etimologia nos *Comentários* de Nigídio. **5** Ademais, as palavras *si aliter non potest* expressam exatamente o sentido da palavra de que estou falando, mas parece que há exagero de economia encerrando tantas palavras em uma única. **6** Um filósofo que se ocupava de letras e livros, disse-me que *saltem* tinha passado pela supressão de uma letra e que antigamente, dizia-se *salutem*. “Depois de muitas negativas, se quisermos fazer o último pedido que não pode ser recusado, costumamos dizer: *hoc saltem fieri aut dari oportet* - é preciso fazer ou conceder ao menos isso, é como acabamos por pedir uma cortesia que não pode ser negada sem injustiça.” **7** Sem dúvida, a explicação é inteligente, mas não parece natural: considero que devemos continuar procurando.

## XV

**Sisenna usa freqüentemente em sua *História* os advérbios *celatim*, *uellicatim* e outros semelhantes.**

**1** Eu lia, como de costume, a *História* de Sisenna, e me chamou a atenção o emprego freqüente dos advérbios, apressadamente (*cursim*), diligentemente (*properatim*), secretamente (*celatim*), de sobressalto (*uellicatim*), sinuosamente (*saltuatim*). **2** Os dois primeiros são conhecidos e não necessitam de exemplos. Os outros, encontram-se nesta passagem do livro VI: “Colocou seus homens na emboscada tão secretamente (*celatim*) quanto podia.” Em outro trecho : “Quanto a mim, citei de uma maneira contínua tudo o que ocorreu na Grécia e na Ásia, com o propósito de não introduzir confusão na cabeça do leitor, escrevendo história sobressaltada e sinuosamente(*uellicatim aut saltuatim*).”

---

<sup>4</sup> N. T.: *Saltem* significa no mínimo, ao menos, primitivamente, era uma condicional concessiva (...). MARACHE, 1967, p. 59 (vol. 3)



## ***LIVRO XIII***

## I

**Inquisitio verborum istorum M. Tullii curiosior, quae sunt in primo Antonianarum libro "multa autem impendere videntur praeter naturam etiam praeterque fatum"; tractatumque, an idem duo ista significant "fatum" atque "natura", an diversum.**

**1** M. Cicero in primo Antonianarum ita scriptum reliquit: "Hunc igitur ut sequerem properavi, quem praesentes non sunt secuti; non ut proficerem aliquid, neque enim sperabam id nec praestare poteram, sed ut, si quid mihi humanitus accidisset, multa autem impendere videntur praeter naturam etiam praeterque fatum, huius diei vocem testem reipublicae relinquerem meae perpetuae erga se voluntatis". **2** "Praeter naturam" inquit "praeterque fatum". An utrumque idem valere voluerit "fatum" atque "naturam" et duas res kath'henos hypokeimenou posuerit, an vero dividerit separavitque, ut alios casus natura ferre videatur, alios fatum, considerandum equidem puto atque id maxime requirendum, qua ratione dixerit accidere multa humanitus posse praeter fatum, quando sic ratio et ordo et insuperabilis quaedam necessitas fati constituitur, ut omnia intra fatum claudenda sint, nisi illud sane Homeri secutus est: me kai hyper moiran domon Aidos eisaphiketai. **3** Nihil autem dubium est, quin violentam et inopinatam mortem significaverit, quae quidem potest recte videri accidere praeter naturam. **4** Sed cur id quoque genus mortis extra fatum posuerit, neque operis huius est explorare neque temporis. **5** Illud tamen non praetermittendum est, quod Vergilius quoque id ipsum quod Cicero de fato opinatus est, cum hoc in quarto libro dixit de Elissa, quae mortem per vim potita est: nam quia nec fato merita nec morte peribat, tamquam in faciendo fine vitae, quae violenta sunt non videantur e fato venire. **6** Demosthenis autem, viri prudentia pari atque facundia praediti, verba idem fere significantia de natura atque fato M. Cicero secutus videtur. Ita enim scriptum est in oratione illa egregia, cui titulus est hyper stephanou: Ho men tois goneusi nomizon monon gegenesthai ton tes heimarmenes kai ton automaton thanaton perimenei; ho de kai tei patridi hyper tou me tauten epidein doulevousan apothneiskein boulesetai. **7** Quod Cicero "fatum" atque "naturam" videtur dixisse, id multo ante Demosthenes ten pepromenen et ton automaton thanaton appellavit. **8** Automatos enim thanatos quasi naturalis et fatalis nulla extrinsecus vi coactus venit.

## I

**Estudo sobre estas palavras de Marco Túlio que estão na primeira *Filípica*<sup>1</sup> *multa autem impendere uidentur praeter naturam etiam praeterque fatum* e no mesmo tratado se *fatum* e *natura* têm o mesmo significado.**

**1** Marco Túlio Cícero no livro I das *Filípicas* escreveu assim: “Apressei meu retorno para poder seguir, o que não fizeram os senadores presentes, não podia, sem dúvida alguma, obter ou esperar utilidade diferente. Pois se me acontecesse alguma desgraça, são muitas as que parecem pender sobre nós, mesmo fora dos ditames do destino ou das leis da natureza, quis neste dia levantar a voz para dar testemunho de minha perpétua abnegação pela República.” **2** Disse “*praeter naturam*” e “*praeterque factum*” quis dizer a mesma coisa com as duas expressões? Estabeleceu diferença entre os dois termos e acreditou que alguns desastres nos acontecem pela natureza e outros pelo destino? Parece que isso merece atenção. Investiguei de maneira especial o sentido em que se diz que a morte pode sobrevir de muitas maneiras, tendo em vista que a essência, a ordem e a invencível necessidade do destino se constituem de tal forma que todas essas definições não podem ser encerradas pela palavra *fatum*. O próprio Cícero seguiu Homero nestas palavras: “Não se desce ao palácio de Plutão sem ordem do destino.” **3** Porém não há dúvida de que quis dizer uma morte violenta e inesperada, da qual se pode dizer com certeza que advém *praeter naturam* – sem origem natural. **4** Mas por que colocar este tipo de morte fora do destino, agora não é hora nem momento de examinar isso. **5** Contudo, não devo esconder que Virgílio teve a mesma idéia que Cícero a respeito do destino. No livro IV da *Eneida* disse sobre Dido<sup>2</sup>, que tinha morrido: “Não morria nem por obra do destino, nem por morte merecida”, de forma que a violência que põe fim à vida não vem do destino. **6** Entretanto, Demóstenes, homem tão sábio quanto eloquente, disse o mesmo sobre a natureza e o destino; parece que Cícero o seguiu. No seu sublime discurso *Sobre a coroa*, lê-se: “O homem que se crê nascido para seus pais, espera a morte, que vem por si mesma de acordo com as leis do destino, mas o que se crê nascido para sua pátria, ao invés de vê-la escravizada, irá de encontro à morte.” **7** Cícero, ao que

---

<sup>1</sup> N. B.: A morte de César, em 15 de março de 44 a.C. o trouxe de volta ao cenário político. Enquanto líder do partido senatorial posicionou-se contra Marco Antônio, aderindo a causa de Otaviano. Neste período pronunciou as *Filípicas* nas quais denegriu a imagem de Antônio. Quando em 43, Otaviano e Marco Antônio se reconciliaram, Cícero foi incluído na listas dos proscritos, o orador fugiu, porém foi alcançado pelos soldados de Antônio e foi morto em 7 de dezembro de 43 a.C., estava ele com 63 anos de idade. RAVIZZA, 1956, p. 508.

parece, chama *fatum* e *natura* ao que muito antes Demóstenes chamara τημ πεπρομενην και τον αυτοματον θανατον. **8** Já que uma morte *automata* – *automatos* – é uma morte natural e proveniente do destino, que não vem de violência extrínseca.

### III

#### **An vocabula haec "necessitudo" et "necessitas" differenti significatione sint.**

**1** Risu prorsus atque ludo res digna est, cum plerique grammaticorum adseverant "necessitudinem" et "necessitatem" mutare longe differreque, ideo quod necessitas sit vis quaeipiam premens et cogens, necessitudo autem dicatur ius quoddam et vinculum religiosae coniunctionis idque unum solitarium significet. **2** Sicut autem nihil quicquam interest, "suavitus" dicas an "suavitas", "sanctitudo" an "sanctitas", "acerbitudo" an "acerbitas", "acritudo" an, quod Accius in Neoptolemo scripsit, "acritas", ita nihil rationis dici potest, qui "necessitudo" et "necessitas" separentur. **3** Itaque in libris veterum vulgo reperias necessitudinem dici pro eo, quod necessum est. **4** Sed necessitas sane pro iure officioque observantiae adfinitatisve infrequens est, quamquam, qui ob hoc ipsum ius adfinitatis familiaritatisve coniuncti sunt, "necessarii" dicuntur. **5** Repperi tamen in oratione C. Caesaris, qua Plautiam rogationem suasit, "necessitatem" dictam pro "necessitudine", id est iure adfinitatis. Verba haec sunt: "Equidem mihi videor pro nostra necessitate non labore, non opera, non industria defuisse". **6** Hoc ego scripsi de utriusque vocabuli indifferentia admonitus forte verbi istius, cum legerem Sempronii Asellionis, veteris scriptoris, quartum ex historia librum, in quo de P. Africano, Pauli filio, ita scriptum est: "Nam se patrem suum audisse dicere L. Aemilium Paulum nimis bonum imperatorem signis conlatis non decertare, nisi summa ei necessitudo aut summa occasio data esset".

### VI

#### **Quid veteres Latini dixerint, quas Graeci prosoidias appellant; item quod vocabulum "barbarismi" non usurpaverint neque Romani antiquiores neque Attici.**

**1** Quas Graeci prosoidias dicunt, eas veteres docti tum "notas vocum", tum "moderamenta", tum "accentiunculas", tum "vocationes" appellabant; **2** quod nunc autem "barbare" quem loqui dicimus, id vitium sermonis non barbarum esse, sed "rusticum" et cum eo vitio loquentes "rustice" loqui dictitabant. **3** P. Nigidius in

commentariis grammaticis: "rusticus fit sermo," inquit "si adspires perperam". **4** Itaque id vocabulum, quod dicitur vulgo "barbarismus", qui ante divi Augusti aetatem pure atque integre locuti sunt, an dixerint, nondum equidem inveni.

### III

#### **Sobre a diferença de significado entre *necessitas* e *necessitudo*.**

**1** É digna de riso e brincadeira a situação em que muitos gramáticos asseguram haver grande diferença entre *necessitudinem* e *necessitatem*, pois uma é violência e outra é direito ou relação de amizade e tomada isoladamente, não significa outra coisa. **2** Porém, como não há diferença entre *suavitas* e *suavitus*, *sanctitas* e *sanctitudo*, *acerbitas* e *acritudo* e como disse Atio em seu *Neoptolemo*, *acritas*, não vejo razão para se diferenciar *necessitas* e *necessitudo*. **3** Assim, pois, nos livros dos antigos, é comum encontrar *necessitas* para o que é necessário. **4** Embora *necessitas* não seja freqüente para designar oficialmente parentesco, - para isso, dizem *necessarii*-, **5** encontrei no discurso de César que escreveu em favor da lei *Plautia*, *necessitas* em lugar de *necessitudo*, no sentido de parentesco por afinidade: "Acredito não ter me afastado do trabalho, da atenção, da energia que demandava nossa afinidade." <sup>3</sup> **6** Eu escrevi isso sobre a semelhança entre outros vocábulos, quando lia livro IV de Sinfrônio Asélio sobre *Públio Africano*, filho de Paulo, onde escreveu: "Tinha ouvido seu pai Emilio Paulo dizer que um bom general não deserta de uma batalha campal, a não ser que haja extrema necessidade (*necessitudo*) ou enorme oportunidade."

### VI

#### **O que diriam os antigos latinos sobre o que os gregos chamam *prosoidias*; já que não conheciam a palavra barbarismo.**

**1** Às coisas que os gregos chamam *προσῳδία*, os antigos sábios latinos chamaram notas, medidas, acento, pronúncia. **2** Quanto à falha de linguagem, que hoje chamamos barbarismo, recebia outro nome, dos que a cometiam, dizia-se que falavam de forma rústica e não barbaramente. **3** Públio Nigídio disse em seus *Comentários gramaticais*: "A

---

<sup>3</sup> *pro nostra necessitate* – são as palavras utilizadas para representar a expressão.

fala se torna rústica se pronunciada fora de ocasião.” **4** A palavra barbarismo, hoje tão popular, já a empregaram no tempo do divino Augusto os homens de linguagem pura e correta? Até agora não encontrei nenhum exemplo.

## X

### **Quid "sororis" etymon esse dixerit Labeo Antistius et quid "fratris" P. Nigidius.**

**1** Labeo Antistius iuris quidem civilis disciplinam principali studio exercuit et consulentibus de iure publice responsitavit; set ceterarum quoque bonarum artium non expers fuit et in grammaticam sese atque dialecticam litterasque antiquiores altioresque penetraverat Latinarumque vocum origines rationesque percalluerat eaque praecipue scientia ad enodandos plerosque iuris laqueos utebatur. **2** Sunt adeo libri post mortem eius editi, qui posteriores inscribuntur, quorum librorum tres continui, tricesimus octavus et tricesimus nonus et quadragesimus, pleni sunt id genus rerum ad enarrandam et inlustrandam linguam Latinam conducentium. **3** Praeterea in libris, quos ad Praetoris edictum scripsit, multa posuit pariter lepide atque argute reperta. Sicuti hoc est, quod in quarto ad edictum libro scriptum legimus: "Soror" inquit "appellata est, quod quasi seorsum nascitur separaturque ab ea domo, in qua nata est, et in aliam familiam transgreditur". **4** "Fratris" autem vocabulum P. Nigidius, homo inpanse doctus, non minus arguto subtilique etymoi interpretatur: "Frater" inquit "est dictus quasi "fere alter".

**X****Qual a etimologia de *soror*, segundo Labeão Antistio e qual a de *frater* por Publio Nigidio.**

**1** Labeão Antistio, cujo principal estudo foi a disciplina do direito civil, exerceu a função de jurisconsulto. Mas também não ignorou as demais artes, adquirindo profundo conhecimento em gramática, dialética e literatura mais antiga. Conhecia perfeitamente a origem das antigas palavras latinas e isso o auxiliava a resolver os maiores problemas oferecidos pelo direito. **2** Há livros editados após sua morte, denominados *Livros Póstumos*, dos quais, três livros, o XXXVIII, o XXXIX e o XL tratam dessa disciplina e mostram a história da língua latina. **3** Além disso, nos livros que escreveu *Sobre o edito do pretor*, podem ser encontradas idéias agradáveis e talentosas, assim, lemos no livro IV sobre o edito: “*Soror* quer dizer quem nasce *seorsum*, separada e deixa a casa em que nasceu para agregar-se a outra família.” **4** *Frater*, contudo, segundo Publio Nigidio, homem de vasta erudição, não é interpretado de maneira menos talentosa ou sutil: “*Frater* é dito como *fere alter* – quase eu mesmo”.

## XVII

**"Humanitatem" non significare id, quod volgus putat, sed eo vocabulo, qui sinceriter locuti sunt, magis proprie esse usos.**

**1** Qui verba Latina fecerunt quique his probe usi sunt, "humanitatem" non id esse voluerunt, quod volgus existimat quodque a Graecis philanthropia dicitur et significat dexteritatem quandam benivolentiamque erga omnis homines promiscam, sed "humanitatem" appellaverunt id propemodum, quod Graeci paideian vocant, nos eruditionem institutionemque in bonas artis dicimus. Quas qui sinceriter cupiunt adpetuntque, hi sunt vel maxime humanissimi. Huius enim scientiae cura et disciplina ex universis animantibus uni homini datast idcircoque "humanitas" appellata est. **2** Sic igitur eo verbo veteres esse usos et cumprimis M. Varronem Marcumque Tullium omnes ferme libri declarant. Quamobrem satis habui unum interim exemplum promere. **3** Itaque verba posui Varronis e libro rerum humanarum primo, cuius principium hoc est: "Praxiteles, qui propter artificium egregium nemini est paulum modo humaniori ignotus". **4** "Humaniori" inquit non ita, ut vulgo dicitur, facili et tractabili et benivolo, tametsi rudis litterarum sit - hoc enim cum sententia nequaquam convenit -, sed eruditiori doctiorique, qui Praxitelem, quid fuerit, et ex libris et ex historia cognoverit.



## XVII

***Humanitas* não significa o que dela geralmente se pensa, mas os bons falantes empregaram-na com exatidão.**

**1** Os que criaram a língua latina e a utilizaram corretamente não quiseram empregar o vocábulo *humanitas* como popularmente se emprega, como sinônimo do grego φιλανθρωπια - filantropia, que quer dizer complacência, doçura, benevolência, mas atribuíram a esta palavra o sentido aproximado do vocábulo grego παιδεία - Paidéia, o que chamamos erudição e instrução em belas artes. Aqueles que aprendem e se interessam mais por essas artes são os que mais merecem ser chamados *humani*. Este estudo ao qual somente o homem entre todos os seres vivos pode se dedicar, denominou-se *humanitas*. **2** Os antigos empregaram essa palavra sempre com esse significado, destacando-se Varrão e Cícero, como demonstram a maioria de suas obras. **3** Um único exemplo será suficiente, tomado do livro I de Varrão, *Sobre as coisas humanas*: “Praxiteles, a quem seu grande talento de artista proporcionou ser conhecido por todos os homens instruídos em alguma arte (*humaniori*).” **4** Varrão não empregou *humaniori* como popularmente se entende por fácil, benévolo, ou ainda ignorante em artes; esse sentido não pode atrelar-se ao pensamento do autor, mas trata-se do homem que recebeu educação e instrução e que aprendeu através dos livros e da história quem era Praxiteles.

## LIVRO XIV

## V

**Lis atque contentio grammaticorum Romae inlustrum enarrata super casu vocativo vocabuli, quod est "egregius".**

**1** Defessus ego quondam diutina commentatione laxandi levandique animi gratia in Agrippae campo deambulabam. Atque ibi duos forte grammaticos conspicatus non parvi in urbe Roma nominis certationi eorum acerrimae adfui, cum alter in casu vocativo "vir egregi" dicendum contenderet, alter "vir egregie". **2** Ratio autem eius, qui "egregi" oportere dici censebat, huiuscemodi fuit: "Quaecumque" inquit "nomina seu vocabula recto casu numero singulari "us" syllaba finiuntur, in quibus ante ultimam syllabam posita est "i" littera, ea omnia casu vocativo "i" littera terminantur, ut "Caelius Caeli", "modius modi", "tertius terti", "Accius Acci", "Titius Titi" et similia omnia; sic igitur "egregius", quoniam "us" syllaba in casu nominandi finitur eamque syllabam praecedit "i" littera, habere debet in casu vocandi "i" litteram extremam, et idcirco "egregi", non "egregie", rectius dicitur. Nam "divus" et "rivus" et "clivus" non "us" syllaba terminantur, sed ea, quae per duo "u" scribenda est, propter cuius syllabae sonum declarandum reperta erat nova littera, quae digamma appellabatur". **3** Hoc ubi ille alter audivit: "o" inquit "egregie grammaticae vel, si id mavis, egregissime, dic, oro te, "inscius" et "impius" et "sobrius" et "ebrius" et "proprius" et "propitius" et "anxius" et "contrarius", quae "us" syllaba finiuntur, in quibus ante ultimam syllabam "i" littera est, quem casum vocandi habent? me enim pudor et verecundia tenet pronuntiare ea secundum tuam definitionem". **4** Sed cum ille paulisper oppositu horum vocabulorum commotus reticuisset et mox tamen se conlegisset eandemque illam, quam definierat, regulam retineret et propugnaret diceretque et "proprius" et "propitium" et "anxium" et "contrarium" itidem in casu vocativo dicendum, ut "adversarius" et "extrarius" diceretur, "inscium" quoque et "impium" et "ebrium" et "sobrium" insolentius quidem paulo, sed rectius per "i" litteram, non per "e", in eodem casu pronuntiandum eaque inter eos contentio longius duceretur, non arbitratus ego operae pretium esse eadem istaec diutius audire clamantes conpugnantesque illos reliqui.

## V

**Sobre a disputa dos mais ilustres gramáticos de Roma sobre o vocativo do vocábulo *egregius*<sup>1</sup>.**

**1** Eu, cansado de longa meditação, descansava e passeava um dia no campo de Agripa, onde encontrei dois gramáticos ilustres na cidade de Roma, presenciei uma discussão acirrada, em que um defendia que o vocativo de *egregius* é *egregi* e o outro dizia ser *egregie*. **2** A razão para defender *egregi* era: “Qualquer nome cujo nominativo termine em *us* e a última letra antes de *us* seja *i*, faz vocativo com acréscimo de *i*, como *Caelius*, *Caeli*; *modius*, *modi*; *tertius*, *terti*; *Accius*, *Acci*; *Titius*, *Titi* e semelhante a todos é *egregius*, porque termina em *us*, no caso nominativo, deverá então, ter vocativo terminado em *i* – *egregi* – e não será mais adequado dizer *egregie*. Pois *diuus*, *riuus* e *cliuus* não são terminados em *us*, mas em dois *u* – *uus* – por causa do som da sílaba, foi criada uma nova letra, chamada *digamma*.” **3** Quando o outro ouviu isto, disse oh, gramático egrégio, ou se preferir, egrégissimo gramático, pergunto a você, *inscius*, *impius*, *sobrius*, *ebrius*, *proprius*, *propitius*, *anxius*, *contrarius* são todos terminados em *us* e têm, antes de *us*, a letra *i*, que caso vocativo têm? Não poderia dizê-lo depois da explicação que você me deu.” **4** Diante de tal quantidade de exemplos, o outro sentiu-se constrangido e calou, mas imediatamente, respondendo o que o outro perguntara, sustentou que *proprius*, *propitius*, *anxius* e *contrarius* apresentam vocativo com igual terminação a *aduersarius*, *extrarius*, *inscius*, *impius*, *ebrius*, *sobrius*, que deveriam ter vocativo igualmente em *i*, ainda que o uso não seja tão genérico. Contudo, a discussão prolongava-se, quando, convencido de que perderia tempo escutando mais, deixei-os.

---

<sup>1</sup> N. T.: *Egregius*, 3 – superior, excelente, extraordinário.

## LIVRO XVII

## I

**Quod Gallus Asinius et Larcus Licinus sententiam M. Ciceronis reprehenderunt ex oratione, quam dixit Pro M. Caelio; et quid adversus homines stolidissimos pro eadem sententia vere digneque dici possit.**

**1** Vt quidam fuerunt monstra hominum, quod de dis immortalibus impias falsasque opiniones prodiderunt, ita nonnulli tam prodigiosi tamque vecordes exstiterunt, in quibus sunt Gallus Asinius et Larcus Licinus, cuius liber etiam fertur infando titulo Ciceromastix, ut scribere ausi sint M. Ciceronem parum integre atque inproprie atque inconsiderate locutum. **2** Atque alia quidem, quae reprehenderunt, neque dictu neque auditu digna sunt; **3** sed enim hoc, in quo sibimet ipsi praeter cetera esse visi sunt verborum pensitatores subtilissimi, cedo, quale id sit, consideremus. **4** M. Cicero pro M. Caelio ita scribit: "Nam quod obiectum est de pudicitia quodque omnium accusatorum non criminibus, sed vocibus maledictisque celebratum est, id numquam tam acerbe feret M. Caelius, ut eum paeniteat non deformem esse natum." **5** Non existumant verbo proprio esse usum, quod ait "paeniteat", atque id prope ineptum etiam esse dicunt. **6** "Nam "paenitere"" inquit "tum dicere solemus, cum, quae ipsi fecimus aut quae de nostra voluntate nostroque consilio facta sunt, ea nobis post incipiunt displicere sententiamque in iis nostram demutamus"; **7** neminem autem recte ita loqui "paenitere sese, quod natus sit" aut "paenitere, quod mortalis sit" aut "quod ex offenso forte vulneratoque corpore dolorem sentiat", quando istiusmodi rerum nec consilium sit nostrum nec arbitrium, sed ea ingratum nostris vi ac necessitate naturae nobis accidant: **8** "sicut hercle" inquit "non voluntarium fuit M. Caelio, quali forma nasceretur, cuius eum dixit "non paenitere", tamquam in ea causa res esset ut rationem caperet paenitendi." **9** Est haec quidem, quam dicunt, verbi huiusce sententia et "paenitere" nisi in voluntariis rebus non probe dicitur, tametsi antiquiores verbo ipso alio quoque modo usitati sunt et "paenitet" ab eo, quod est "paene", et "paenuria" dixerunt. Sed id aliorum pertinet atque alio in loco dicitur. **10** Nunc autem sub hac eadem significatione, quae vulgo nota est, non modo ineptum hoc non est, quod M. Cicero dixit, sed festivissimum adeo et facetissimum est. **11** Nam cum adversarii et obrectatores M. Caeli, quoniam erat pulchro corpore, formam eius et faciem in suspensiones inpudicitiae accerserent, inludens Cicero tam absurdam criminationem, quod formam, quam natura fecerat, vitio darent, eodem ipso errore, quem inludabat, sciens usus est et "non paenitet" inquit "M. Caelium non deformem esse natum", ut vel hac ipsa re, quod ita dicebat, obprobaret adversariis ac per facetias ostentaret facere eos deridiculum, quod proinde Caelio formam crimini darent, quasi arbitrium eius fuisset, quali forma nasceretur.

## I

**Sobre a crítica que fazem Galo Asínio e Largio Licínio a respeito de uma frase de Cícero em seu discurso em prol de Célio e o que se pode afirmar contra essa crítica.**

**1** Dentre os homens existiram monstros que ultrajaram os deuses imortais com ímpias e mentirosas opiniões; também houve homens sobremaneira sensatos e dentre eles, distinguem-se Galo Asínio e Largio Licínio, autor de uma obra conhecida que leva o título de *Ciceromastix*, nela ousaram sustentar que Cícero escreveu sem pureza de estilo, sem exatidão de expressão. **2** Além disso, fizeram outras críticas que não são dignas de ser ouvidas ou ditas. **3** Mas vamos examinar apenas uma, na qual se vangloriam por terem se destacado na arte hábil de ponderar as palavras. **4** Cícero escreveu isto em seu discurso em favor de Célio: “Todas as críticas acerca de seus costumes, as investidas e vociferações unânimes dos acusadores que, sem dúvida, não rendem processo, poderão afligi-lo, mas não conseguirão que se arrependa (*ut eum paeniteat*) de não ter nascido torto.” **5** Segundo os críticos, não se encontra palavra apropriada para *paeniteat*. **6** Dizem que nos arrependemos quando o que fizemos ou o que foi feito por nossa ordem ou conselho nos desagrada, e mudamos de opinião sobre isso.” **7** Porém, não se falará corretamente se se disser: “Arrependo-me de ter nascido”, “arrependo-me de ser mortal”, “arrependo-me da dor do ferimento profundo que recebi”. Nada disso depende de nós; tudo nos acontece com nosso pesar e pelas leis invencíveis da natureza. **8** “De acordo com o que dizem, Célio não foi livre para nascer com esta ou aquela forma, por que ele disse que não se arrepende daquela que lhe deu a natureza, há algo nisso de que possa se arrepender?” **9** Eis aqui, segundo esses críticos, o significado dessa palavra: não é possível arrepender-se se não de uma ação livre. Poderia opor-lhes escritores mais antigos que Cícero, que deram a essa palavra sentido diferente, fazendo derivar *paenitet* de *paene* ou *paenuria*,<sup>1</sup> mas isso será tratado em outra parte. **10** Agora porém, direi que a palavra empregada por Cícero, em sentido mais comum, longe de ser uma inadequação, tem graça e é satírica. **11** Os acusadores de Célio fundamentavam na forma de seu corpo suspeitas de atividades criminosas, Cícero engana um sistema que incrimina seu cliente por sua aparência, obra da natureza, e finge concordar com esse sistema, declarando que Célio “não se arrepende” de não ser disforme e com uma palavra intrigante e irônica põe em relevo o ridículo de censurar Célio por sua aparência, como se ele mesmo a tivesse escolhido ao nascer.

---

<sup>1</sup> *Paenuria*, -ae *f*- falta de víveres, fome, pobreza.

## III

**Verba M. Varronis ex libro quinto et vicesimo humanarum, quibus contra opinionem  
volgariam interpretatus est Homeri versum.**

**1** In sermonibus forte, quos de temporibus rerum ad usus hominum repertarum agitabamus, adulescens quispiam non indoctus sparti quoque usum in terra Graecia diu incognitum fuisse dixit multisque post Ilium captum tempestatibus ex terra Hispania advectum. **2** Riserunt hoc ad inludendum ex iis, qui ibi aderant, unus atque alter, male homines litterati, quod genus agoraious Graeci appellant, atque eum, qui id dixerat, librum legisse Homeri aiebant, cui versus hic forte deesset: kai de doura sesepe neon kai sparta lelyntai. **3** Tum ille prorsum inritatus: "non" inquit "meo libro versus, sed vobis plane magister defuit, si creditis in eo versu sparta id significare, quod nos "spartum" dicimus." **4** Maiorem illi risum subiciunt, neque id destiterunt, nisi liber ab eo prolatus esset M. Varronis vicesimus quintus humanarum, in quo de isto Homeri verbo a Varrone ita scriptum est: "Ego sparta apud Homerum non plus "spartum" significare puto quam spartous, qui dicuntur in agro Thebano nati. In Graecia sparti copia modo coepit esse ex Hispania. Neque ea ipsa facultate usi Liburni; set hi plerasque naves loris suebant, Graeci magis cannabo et stuppa ceterisque sativis rebus, a quibus sparta appellabant." **5** Quod cum ita Varro dicat, dubito hercle, an posterior syllaba in eo verbo, quod apud Homerum est, acuenda sit, nisi quia voces huiusmodi, cum ex communi significatione in rei certae proprietatem concedunt, diversitate accentuum separantur.



## III

**Palavras de Marco Varrão no livro XXV *Das antiguidades humanas*, no qual interpreta um verso de Homero de maneira diferente da já conhecida.**

**1** A nossa conversa girava em torno das épocas dos descobrimentos úteis aos homens e um jovem bastante instruído disse que por muito tempo não se conheceu o uso dos *sparti*<sup>2</sup> na Grécia e também não o levaram da Espanha até bastante tempo depois da tomada de Tróia. **2** Estavam presentes dois literatos mal educados que os gregos chamam *agoraious* e zombaram, dizendo com tom de galhofa que aquele jovem havia lido, sem dúvida, um exemplar de Homero em que faltava o seguinte verso: *kai de doura sesepe neon kai sparta lelyntai*. (a madeira das embarcações está podre). **3** Então, ele, irritado, revidou: “Não faltou este verso em meu livro, mas a vocês falta um mestre, pois a palavra *sparta* não quer dizer o que chamamos (*spartum*) esparto.” **4** Eles riram mais ainda, e não pararam até que o jovem trouxe o livro XXV de Varrão *Das antiguidades humanas*, onde explica desta maneira o verso de Virgílio: “Penso que a palavra *sparta*, em Homero, não significa *spartum*, como *spartoi* não significa os guerreiros que nasceram nos campos de Tebas. O *sparto* foi levado da Espanha à Grécia. Os Liburnianos não empregavam *sparto*, mas arrumavam a madeira de suas embarcações com correias. Os gregos utilizavam o cânhamo, a estopa e outras fibras vegetais, daí o nome de cordas *sparta*.” **5** Com essa explicação de Varrão, duvido que a última sílaba desta palavra deva receber acento agudo em Homero; é fato que quando uma palavra de significação geral assume outra mais extensa, ambas são diferenciadas pela diversidade de acento.

---

<sup>2</sup> *Sparti* – guerreiros armados com dentes de serpente semeados por Cadmo.

## LIVRO XIX

## VII ...

**1** In agro Vaticano Iulius Paulus poeta, vir bonus et rerum litterarumque veterum inpanse doctus, herediolum tenue possidebat. Eo saepe nos ad esse sese vocabat et olusculis pomisque satis comiter copioseque invitabat. **2** Atque ita molli quodam tempestatis autumnae die ego et Iulius Celsinus, cum ad eum cenassemus et apud mensam eius audissemus legi Laevii Alcestin rediremusque in urbem sole iam fere occiduo, figuras habitusque verborum nove aut insigniter dictorum in Laeviano illo carmine ruminabamur et, ut quaeque vox indidem digna animadverti subvenerat, qua nos quoque possemus uti, memoriae mandabamus. **3** Erant autem verba, quae tunc suppetebant, huiuscemodi: "corpore" inquit "pectoreque undique obeso ac mente exsensa tardigenuclo senio obpressum." "Obesum" hic notavimus proprie magis quam usitate dictum pro exili atque gracilento; vulgus enim akyros vel kata antiphrasin "obesum" pro "uberi" atque "pingui" dicit. **4** Item notavimus, quod "oblitteram" gentem pro "oblitterata" dixit; **5** item, quod hostis, qui foedera frangerent, "foedifragos", non "foederifragos" dixit; **6** item, quod rubentem auroram "pudoricolorem" appellavit et Memnonem "nocticolorem"; **7** item, quod forte "dubitanter" et ab eo, quod est "sileo", "silenta loca" dixit et "pulverulenta" et "pestilenta" et quod **8** "carendum tui est" pro "te" quodque "magno impete" pro "impetu"; **9** item quod "fortescere" posuit pro "fortem fieri" quodque "dolentiam" pro "dolore" et "avens" pro "libens"; **10** item "curis intolerantibus" pro "intolerandis", quodque "manciolis" inquit "tenellis" pro "manibus" et "quis tam siliceo?" ... Item "fiere" inquit "inpendio infit", id est "fieri inpanse incipit"; **11** quodque "accipitret" posuit pro "laceret". **12** His nos inter viam verborum Laevianorum adnotatiunculis oblectabamus. **13** Cetera enim, quae videbantur nimium poetica, ex prosae orationis usu alieniora praetermisimus; veluti fuit quod de Nestore ait "trisaeclesenex" et "dulciorelocus", **14** item quod de tumidis magnisque fluctibus "fluctibus" inquit "multigrumis" **15** et flumina gelu concreta "tegmene" esse "onychino" dixit et quae multiplica ludens composuit, **16** quale illud est, quod vituperones suos "subductisupercilicarptores" appellavit.

## VII ...

**1** O poeta Julio Paulo, excelente homem e muito instruído em história e literatura antigas, possuía uma pequena propriedade no campo Vaticano. Ali, nos reunia freqüentemente ao redor de sua mesa, abundantemente servida de frutas e legumes, que nos oferecia com o maior prazer. **2** Em um dia quente de outono, tínhamos comido naquela mesa Julio, Celso e eu, e ouvimos, durante a refeição, a leitura do *Alceste* de Levio. Ao regressar à cidade, ao pôr-do-sol, falávamos sobre as figuras modernas e formas de estilo novas ou notáveis que nos chamaram a atenção durante a leitura do poema e à medida que lembrávamos de alguma expressão que poderiam nos servir em caso de necessidade, nos propusemos a não esquecê-la. **3** As expressões que mais chamaram a atenção foram: “corpo e peito delgados (*obesus*), cabeça fraca, com joelho pesado e com semblante franzido.” Notamos neste verso que *obesus* empregado em lugar de *exilis*, *gracilentus*; expressão mais exata que a utilizada; porque o povo, por erro ou por troca, utiliza-a em lugar de *pinguis* ou *uberi* - gordo. **4** O mesmo poeta dizia *oblitteram gentem* por *obliteratam gentem* - família extinta, **5** Aos inimigos, que haviam violado os tratados, chamava *foedifragos* em lugar de *foederifragos*. **6** Também a aurora rosada chamava *pudoricolorem*, com a tintura de rubor e a *Memnon*, *nocticolorem*, cor da noite. **7** Também, por sorte, *dubitanter* - hesitante, *silenta loca* - lugar silencioso; *pulverulenta* e *pestilenta*; **8** *carendum tui* ficar sem você por *carendum te*; *magno impete* por *magno impetu*; **9** *fortescere* por tornar-se corajoso, *dolencia* por *dolor* sofrimento; *auens* por *libens*, **10** *curis intolerantibus* por *intolerandis*; *manciolis tenellis* por *manibus tenellis*; *quis tam siliceo* - quem é tão coração de pedra? *Fiere impendio in fit* por *impense fieri incipit* - o gasto passa a ser intolerável. **11** Por fim, encontramos *accipitret* por *laceret*. **12** Estas foram as observações que distraíram o tédio do caminho. **13** Mas também omitimos muitas expressões demasiado salientes para a prosa e talvez também para a poesia; por exemplo, chamava Nestor *trisaeclesenex* - ancião de três séculos e *ducio reloquus*, orador de linguagem doce. **14** Assim também das ondas amontoadas dizia *multigrumi*, divididas em numerosos montes. **15** Os rios gelados estavam cobertos para ele com vestidos de alabastro. **16** Enfim, comprazia-se em inventar palavras chamando seus censores *subductisuperciliicarpitores*, murmuradores de sobranceiras franzidas.

## VIII. ...

**1** Adulescentulus Romae, priusquam Athenas concederem, quando erat a magistris auditionibusque obeundis otium, ad Frontonem Cornelium visendi gratia pergebam sermonibusque eius purissimis bonarumque doctrinarum plenis fruebar. Nec umquam factum est, quotiens eum vidimus loquentemque audivimus, quin rediremus fere cultiores doctioresque. **2** Veluti fuit illa quodam die sermocinatio illius levi quidem de re, sed a Latinae tamen linguae studio non abhorrens. **3** Nam cum quispiam familiaris eius, bene eruditus homo et tum poeta inlustris, liberatum esse se aquae intercutis morbo diceret, quod "harenis calentibus" esset usus, tum adludens Fronto "morbo quidem" inquit "cares, sed verbi vitio non cares. Gaius enim Caesar, ille perpetuus dictator, Cn. Pompei socer, a quo familia et appellatio Caesarum deinceps propagata est, vir ingenii praecellentis, sermonis praeter alios suae aetatis castissimi? in libris, quos ad M. Ciceronem de analogia conscripsit, "harenas" vitiose dici existimat, quod "harena" numquam multitudinis numero appellanda sit, sicuti neque "caelum" neque "triticum"; **4** contra autem "quadrigas", etiamsi currus unus, equorum quattuor iunctorum agmen unum sit, plurativo semper numero dicendas putat sicut "arma" et "moenia" et "comitia" et "inimicitias", nisi quid contra ea dicis, poetarum pulcherrime, quo et te purges et non esse id vitium demonstres." **5** "De "caelo"" inquit ille "et "tritico" non infitias eo, quin singulo semper numero dicenda sint, neque de "armis" et "moenibus" et "comitiis", quin figura multitudinis perpetua censeantur; **6** videbimus autem potius de "inimicitias" et "quadrigas". Ac fortassean de "quadrigas" veterum auctoritati concessero, "inimicitiam" tamen, sicuti "inscientiam" et "inpotentiam" et "iniuriam", quae ratio est, quamobrem C. Caesar vel dictam esse a veteribus vel dicendam a nobis non putat, quando Plautus, linguae Latinae decus, "deliciam" quoque henikos dixerit pro deliciis? "mea" inquit "voluptas, mea delicia." "Inimicitiam" autem Q. Ennius in illo memoratissimo libro dixit: "eo ego" inquit "ingenio natus sum: amicitiam atque inimicitiam in frontem promptam gero." Sed enim "harenas" parum Latine dici quis, oro te, alius aut scripsit aut dixit? Ac propterea peto, ut, si Gai Caesaris liber prae manibus est, promi iubeas, ut quam confidenter hoc dicat, aestimari a te possit." **7** Tunc prolato libro de analogia primo verba haec ex eo pauca memoriae mandavi. **8** Nam cum supra dixisset neque "caelum" "triticum"ve neque "harenam" multitudinis significationem pati, "num tu" inquit "harum rerum natura accidere arbitraris, quod "unam terram" ac "plures terras" et "urbem" et "urbes" et "imperium" et "imperia" dicamus, neque "quadrigas" in unam nominis figuram redigere neque "harenam" in multitudinis appellationem convertere possimus?"

## VIII

**1** Passei minha adolescência em Roma antes de ir a Atenas e quando os mestres, a cujas aulas assistia, me deixavam um tempo livre, ia à casa de Cornélio Frontão para deliciar-me com a pureza de sua linguagem e seu profundo saber. Nunca aconteceu de vê-lo ou ouvi-lo sem depois voltar à minha casa melhorado em gosto e instrução. **2** Cito como exemplo uma conversa dele sobre um assunto pouco importante, mas de utilidade para o estudo da língua latina. **3** Um amigo dele, homem instruído e poeta daquela época, dizia que tinha se curado de uma hidropisia com banho de areias quentes (*harenis calentibus*). Frontão, gracejando, disse: “Sim, você está curado de sua enfermidade, mas não dos vícios de linguagem. Porque Caio César, o ditador perpétuo, sogro de Pompeu, que deu seu nome a toda família dos Cesares, homem inteligente e superior a todos os seus contemporâneos pela pureza de linguagem, disse em seu livro *De Analogia*, dedicado a Cícero, que areia *harena* não tem plural, assim como céu *coelum* e trigo *triticum*. **4** Acrescenta que *quadrigae*, ainda que esta palavra designe somente um carro com quatro cavalos, deve ser empregada sempre no plural, o mesmo acontece, segundo César, com *arma*, *moenia*, *comitia* e *inimicitiae*. Mas talvez haja alguma explicação para sua justificativa, belíssimo poeta. **5** Quanto a *coelum* e *triticum*, o escritor respondeu no discurso. Quanto a *arma*, *moenia* e *comitia* admito também que não têm plural, quanto a *quadrigae*, também aceitaria a decisão dos antigos; **6** mas por que motivo, enquanto dizemos *inscientia*, *impotentia*, *injuria*, César quer nos proibir de dizer *inimicitia*? Por que carrega a autoridade dos antigos? Plauto, a honra da língua latina, diz no singular *delicia* por *deliciae*. *Mea voluptas* – meu desejo – por delícias. Quinto Enio empregou *inimicitia* em sua famosa obra: “Tal é meu caráter, eu sou assim, na frente levo a amizade e a inimizade (*inimicitiam*).” “Quanto a *harena*, que é bem pouco latina, quem se não César teria falado dela? Até peço a você que nos apresente o livro de César, se puder fazê-lo facilmente e você mesmo julgue se ele falou com tom bastante afirmativo.” **7** Trouxeram o livro I do tratado *De Analogia*, do qual lembro que **8** César, após ter afirmado que *harena*, *triticum* e *coelum* não têm plural, pergunta: “Você julga que a própria natureza das coisas quis que se dissesse *terra* no singular e *terrae* no plural; *urbs* e *urbis*; *imperium* e *imperia* e não permitiu que se desse a forma singular a *quadrigae* nem de plural a *harena*?”

**9** His deinde verbis lectis ibi Fronto ad illum poetam "videturne tibi" inquit "C. Caesar de statu verbi contra te satis aperte satisque constanter pronuntiasset?" **10** Tunc permotus auctoritate libri poeta: "si a Caesare" inquit "ius provocandi foret, ego nunc ab hoc Caesaris libro provocassem. Sed quoniam ipse rationem sententiae suae reddere supersedit, nos te nunc rogamus, ut dicas, quam esse causam vitii putes et in "quadriga" dicenda et in "harenis"."

**11** Tum Fronto ita respondit: "'Quadrigae" semper, etsi multiugae non sunt, multitudinis tamen numero tenentur, quoniam quattuor simul equi iuncti "quadrigae" quasi "quadriugae" vocantur, neque debet prorsus appellatio equorum plurium includi in singularis numeri unitatem. **12** Eandemque rationem habet "harena", sed in specie dispari; nam cum "harena" singulari numero dicta multitudinem tamen et copiam significet minimarum, ex quibus constat, partium, indocte et inscite "harenae" dici videntur, tamquam id vocabulum indigeat numeri amplitudine, cum ei singulariter dicto ingenua sit naturalis sui multitudo. Sed haec ego" inquit "dixi, non ut huius sententiae legisque fundus subscriptorque fierem, sed ut ne Caesaris, viri docti, opinionem aparamytheton destituerem. **13** Nam cur "caelum" semper henikos dicatur, "mare" et "terra" non semper, et "pulvis", "ventus" et "fumus" non semper, cur "indutias" et "caerimonias" scriptores veteres nonnumquam singulari numero appellaverint, "ferias" et "nundinas" et "inferias" et "exsequias" numquam, cur "mel" et "vinum" atque id genus cetera numerum multitudinis capiant, "lac" non capiat, quaeri, inquam, ista omnia et enucleari et extundi ab hominibus negotiosis in civitate tam occupata non queunt. **14** Quin his quoque ipsis, quae iam dixi, demoratos vos esse video alicui, opinor, negotio destinatos. **15** Ite ergo nunc et, quando forte erit otium, quaerite, an "quadrigam" et "harenas" dixerit e cohorte illa dumtaxat antiquiore vel oratorum aliquis vel poetarum, id est classicus adsiduusque aliquis scriptor, non proletarius." **16** Haec quidem Fronto requirere nos iussit vocabula non ea re, opinor, quod scripta esse in ullis veterum libris existumaret, sed ut nobis studium lectitandi in quaerendis rarioribus verbis exerceret. **17** Quod unum ergo rarissimum videbatur, invenimus "quadrigam" numero singulari dictam in libro saturarum M. Varronis, qui inscriptus est Ecdemeticus. **18** "Harenas" autem plethyntikos dictas minore studio quaerimus, quia praeter C. Caesarem, quod equidem meminerim, nemo id doctorum hominum dedit.

**9** Depois de ler isso, Frontão voltou-se ao poeta: “Pois bem, parece a você que César está bastante afirmativo e claro?” **10** O poeta, impressionado pela autoridade de homem tão grandioso, respondeu: “Se fosse possível contestar o julgamento de César, contestaria a decisão desse livro. Mas já que César não dá o motivo da regra que estabelece, pergunto a você por que se comete erro dizendo *quadrigae* no singular e *harena* no plural.” **11** Então, Frontão respondeu assim: “*Quadrigae* não significa a quantidade de carros, mas a de cavalos, que unidos, recebem o nome de *quadrigae*, abreviatura de *quadrijugae*, os quatro unidos. **12** Com a forma de singular destinada ao plural, como se chamaria um maior número de cavalos? Daria o mesmo motivo para *harena*, embora seja um assunto diferente. Já que *harena*, mesmo no singular, expressa grande quantidade, a abundância de grãos que compõem o que chamamos areia, não seria racional dar plural a essa palavra. Qual a necessidade de haver plural, se no singular se expressa a pluralidade? Em último caso, não pretendo assumir a responsabilidade dessa opinião, firmar essa lei; só não quis deixar sem confirmação a opinião de um homem como César. **13** Por que depois de tudo, qual é o motivo de *coelum* estar sempre no singular, se mar e terra têm plural, assim como *pulvis*, *ventus* e *fumus*? Por que algumas vezes se encontra nos textos antigos, o singular de *caerimoniae* e de *nundinae* (férias), de *inferiae* (oferta aos mortos), de *exsequiae* (funerais)? Por que *mel* e *uinum* têm plural, enquanto *lacte* não tem? É preciso confessar que nossa cidade está ocupada em excesso para tratar, esclarecer e resolver esses problemas. **14** Quem sabe, o pouco que eu falo os atrasa inconvenientemente enquanto um negócio espera por vocês. **15** Vão, e quando tiverem tempo, procurem se *quadrigae* e *harenae* (no plural) são encontradas em algum poeta, ou orador, que não seja proletário, que ocupe um lugar nas filas da antiga corte.” **16** Com essas recomendações, Frontão se despediu. Penso que não acreditava ser possível encontrar as palavras que indicou, mas provavelmente queria que a pesquisa de algumas palavras raras exercitasse nosso gosto pelo estudo. **17** Por fim, encontrei a palavra que parecia mais difícil, *quadriga*; está nas sátiras de Varrão, no livro intitulado *Ecdemeticus*. **18** Procurei *harena* (*ae*) no plural com menos cuidado e pelo que me lembro, não se encontra em César, mas não cito mais que autores de gosto esquisito.



## X. ...

**1** Memini me quodam et Celsinum Iulium Numidam ad Frontonem Cornelium pedes tunc graviter aegrum ire et visere. Atque ubi introducti sumus, offendimus eum cubantem in scimpodio Graeciensi circumundique sedentibus multis doctrina aut genere aut fortuna nobilibus viris. **2** Adsistebant fabri aedium complures balneis novis moliendis adhibiti ostendebantque depictas in membranulis varias species balnearum. **3** Ex quibus cum elegisset unam formam speciemque veris, interrogavit, quantus esset pecuniae sumptus ad id totum opus absolvendum, **4** cumque architectus dixisset necessaria videri esse sestertia ferme trecenta, unus ex amicis Frontonis "et praeterpropter" inquit "alia quinquaginta". **5** Tum Fronto dilatis sermonibus, quos habere de balnearum sumptu institerat, aspiciens ad eum amicum, qui dixerat quinquaginta esse alia praeterpropter necessaria, eum interrogavit, quid significaret verbum "praeterpropter". **6** Atque ille amicus "non meum" inquit "hoc verbum est, sed multorum hominum, quos loquentis id audias; **7** quid autem id verbum significet, non ex me, sed ex grammatico quaerundum est", ac simul digito demonstrat grammaticum haud incelebri nomine Romae docentem. **8** Tum grammaticus usitati pervulgatique verbi obscuritate motus "quaerimus" inquit "quod honore quaestionis minime dignum est. **9** Nam nescio quid hoc praenimis plebeium est et in opificum sermonibus quam ... notius." **10** At enim Fronto iam voce atque vultu intentiore "itane," inquit "magister, dehonestum tibi deculpatumque hoc verbum videtur, quo et M. Cato et M. Varro et pleraque aetas superior ut necessario et Latino usi sunt?" **11** Atque ibi Iulius Celsinus admonuit in tragoedia quoque Enni, quae Iphigenia inscripta est, id ipsum, de quo quaerebatur, scriptum esse et a grammaticis contaminari magis solitum quam enarrari. **12** Quocirca statim proferri Iphigeniam Q. Enni iubet. In eius tragoediae choro inscriptos esse hos versus legimus: otio qui nescit uti, plus negoti habet quam, cum est negotium, in negotio. Nam cui, quod agat, institutum in otio est negotium, id agit, id studet, ibi mentem atque animum delectat suum; otioso in otio animus nescit quid velit. Hoc idem est; em neque domi nunc nos nec militiae sumus: imus huc, hinc illuc; cum illuc ventum est, ire illinc lubet. incerte errat animus, praeterpropter vitam vivitur.

**X...**

**1** Lembro-me de que um dia fui visitar Cornelio Frontão, que tinha gota, em companhia de Celsino Julio Numida. Fizeram-nos entrar e o encontramos encostado em uma cama à grega, cercado de homens louváveis por seu conhecimento, berço e classe. **2** Estavam ali arquitetos que se preocupavam em construir banheiros para ele e mostravam diferentes projetos esboçados em pergaminho; **3** decidiu-se por um daqueles esboços e perguntou quanto custaria a obra completa, **4** ao que o arquiteto respondeu que custava trezentos sertercios grandes, um amigo de Frontão acrescentou cinquenta sestercios *praeterpropter*. **5** Então, Frontão interrompeu os cálculos dos gastos e voltou-se para o amigo, perguntando o que significava *praeterpropter*. **6** O amigo respondeu: “Essa palavra não é minha, pode-se escutá-la da boca de muita gente. **7** Quanto ao significado, não pergunte a mim, mas a um gramático.” E apontou com o dedo um gramático que ensinava em Roma, onde tinha reputação. **8** O gramático, asustado pela estranhamento de uma palavra tão corriqueira, disse: **9** “ Não procure uma coisa que não merece tamanha honra. A palavra é extremamente plebéia e mais freqüente na boca dos obreiros do que na de homens instruídos. **10** Foi quando Frontão, em voz alta, perguntou: “Como? Se trata de linguagem corriqueira e sem importância, se a empregaram Catão, Varrão e quase todos os escritores antigos, reconhecida desde muito tempo e considerada quase que indispensável?” **11** Julio Celsino observou que a palavra se encontrava na *Ifigenia* de Enio e que os gramáticos preferiam censurá-la a explicá-la. **12** Em seguida, pediu que trouxessem a *Ifigenia* de Enio, de onde lemos em coro os seguintes versos: “Para quem não sabe aproveitar suas folgas, o peso do descanso é pior que o dos afazeres. O homem que traçou um plano, desempenha suas atividades sem qualquer atropelo. Este é o seu prazer: o espírito e a alma se comprazem nisso. Ao contrário, o desocupado não sabe o que quer em sua folga. Esta é a nossa situação: Não estamos em paz nem em guerra, viemos aqui, vamos para lá, e de lá voltamos para cá. O espírito vaga a esmo; vive-se sem viver.” *Praeterpropter uitam uiuitur*.

**13** Hoc ubi lectum est, tum deinde Fronto ad grammaticum iam labentem "audistine," inquit "magister optime, Ennium tuum dixisse "praeterpropter" et cum sententia quidem tali, quali severissimae philosophorum esse obiurgationes solent? petimus igitur, dicas, quoniam de Enniano iam verbo quaeritur, qui sit remotus huiusce versus sensus: incerte errat animus, praeterpropter vitam vivitur." **14** Et grammaticus sudans multum ac rubens multum, cum id plerique prolixius riderent, exsurgit et abiens "tibi," inquit "Fronto, postea uni dicam, ne inscitiores audiant ac discant." Atque ita omnes relictis ibi quaestione verbi consurreximus.

**13** Depois da *lectura*, Frontão dirigiu-se ao gramático encabulado e disse: “Ouve, distinto mestre, Enio dizendo *praeterpropter* e em um trecho que não estaria em desacordo com as discussões mais sérias da filosofia! Mas já que estamos falando de Enio, peço que você me explique o seguinte verso do mesmo autor: *Incerte errat animus: praeterpropter uitam uiuitur*. **14** Muito vermelho e suado, o gramático levantou-se entre altas risadas e quando ia saindo, Frontão exclamou: “Eu vou falar, mas depois e só para você. Não quero que os ignorantes ouçam e aprendam.” Quando a discussão estava nesse ponto, todos nós nos levantamos.

**XIII. ...**

**1** Stabant forte una in vestibulo Palatii fabulantes Fronto Cornelius et Festus Postumius et Apollinaris Sulpicius, atque ego ibi adsistens cum quibusdam aliis sermones eorum, quos de litterarum disciplinis habebant, curiosius captabam. **2** Tum Fronto Apollinari "fac me," inquit "oro, magister, ut sim certus, an recte supersederim "nanos" dicere parva nimis statura homines maluerimque eos "pumiliones" appellare, quoniam hoc scriptum esse in libris veterum memineram, "nanos" autem sordidum esse verbum et barbarum credebam." **3** "Est quidem" inquit "hoc" Apollinaris "in consuetudine inperiti vulgi frequens, sed barbarum non est censeturque linguae Graecae origine; nanous enim Graeci vocaverunt brevi atque humili corpore homines paulum supra terram exstantes idque ita dixerunt adhibita quadam ratione etymologiae cum sententia vocabuli competente et, si memoria" inquit "mihi non labat, scriptum hoc est in comoedia Aristophanis, cui nomen est Holkades. Fuisset autem verbum hoc a te civitate donatum aut in Latinam coloniam deductum, si tu eo uti dignatus fores, essetque id inpendio probabilius, quam quae a Laberio ignobilia nimis et sordentia in usum linguae Latinae intromissa sunt." **4** Tum Festus Postumius grammatico cuiusdam Latino, Frontonis familiari "docuit" inquit "nos Apollinaris "nanos" verbum Graecum esse, tu nos doce, in quo de mulis aut eculeis humilioribus vulgo dicitur, anne Latinum sit et apud quem scriptum reperiatur." **5** Atque ille grammaticus, homo sane perquam in noscendis veteribus scriptis exercitus, "si piaculum" inquit "non committitur praesente Apollinare, quid de voce ulla Graeca Latinave sentiam, dicere, audeo tibi, Feste, quaerenti respondere esse hoc verbum Latinum scriptumque inveniri in poematis Helvi Cinnae, non ignobilis neque indocti poetae", versusque eius ipsos dixit, quos, quoniam memoriae mihi forte aderant, adscripsi: at nunc me Genumana per salicta bigis raeda rapit citata nanis.

**XIII...**

**1** Um dia, conversavam em pé, na entrada do Palácio, Frontão, Cornélio, Festo Postumio e Sulpício Apolinário. Eu estava ali com alguns outros e escutava curioso a conversa que tratava de letras. **2** Frontão disse a Apolinário: “Tire-me uma dúvida: fiz bem ao não chamar *nani* aos homens de baixa estatura preferindo a palavra *pulmiliones*? Encontrei essa palavras nos textos antigos e considere a outra trivial e bárbara.” **3** Apolinário respondeu: “Não há dúvida de que essa palavra é utilizada com freqüência pelo povo ignorante, mas não é bárbara, é de origem grega. Os gregos denominavam *nanoi* aos homens pequenos e magros, que mal se levantam do chão e assim o fizeram porque encontram alguma relação entre a palavra e o objeto. Se não me engano, essa palavra aparece na comédia de Aristófanes intitulada *O homem que não chora*. Mas, por outro lado, essa palavra teria recebido cidadania latina se você a tivesse introduzido na linguagem; sem dúvida, ela merece essa honra muito mais do que outras palavras não nobres e baixas que Labério colocou em nossa língua.” Então, Festo Postumio, dirigindo-se a um gramático latino, amigo de Frontão, disse: “Apolinário acaba de dizer que *nani* é uma palavra grega, diga-me você se é latina com significado de mulinha ou cavalinho e que autor a empregou assim.” O gramático, acostumado a lidar com textos antigos, respondeu: “Se diante de Apolinário pode ser exposto, sem cometer erro, a própria opinião sobre uma palavra grega ou latina, atrevo-me a responder, Festo, já que você perguntou, que a palavra é latina e se encontra nos poemas de Helvio Cinna, poeta sábio e distinto.” Em seguida, citou os versos que transcrevo, já que me lembro: “Agora o carro conduzido por dois cavalinhos (*nani*) leva-me pelos salgueiros do planalto.”

## LIVRO XX

## II

**Vocabulum "siticinum" in M. Catonis oratione quid significet.**

**1** "Siticines" scriptum est in oratione M. Catonis, quae scribitur ne imperium sit veteri, ubi novus venerit. "Siticines" inquit "et liticines et tubicines." **2** Sed Caesellius Vindex in commentariis lectionum antiquarum scire quidem se ait liticines lituo cantare et tubicines tuba; quid istuc autem sit, quo siticines cantant, homo ingenuae veritatis scire sese negat. **3** Nos autem in Capitonis Atei coniectaneis invenimus "siticines" appellatos, qui apud sitos canere soliti essent, hoc est vita functos et sepultos, eosque habuisse proprium genus tubae, qua canerent, a ceterorum tubicinum differens.

## VI

**Quaesitum atque tractatum, utrum siet rectius dicere, "habeo curam vestri", an "vestrum"**

**1** Percontabar Apollinarem Sulpicium, cum eum Romae adolescentulus sectarer, qua ratione diceretur "habeo curam vestri" aut "misereor vestri" et iste casus "vestri" eo in loco quem videretur habere casum rectum. **2** Is hic mihi ita respondit: "Quaeris" inquit "ex me, quod mihi quoque est iamdiu in perpetua quaestione. Videtur enim non "vestri" oportere dici, sed "vestrum", sicuti Graeci locuntur: epimeloumai hymon, kedomai hymon, in quo loco hymon aptius "vestrum" dicitur quam "vestri" et habet casum nominandi, quem tu "rectum" appellasti, "vos". **3** Invenio tamen" inquit "non paucis in locis "nostri" atque "vestri" dictum, non "nostrum" aut "vestrum". L. Sulla rerum gestarum libro secundo: "Quod si fieri potest, ut etiam nunc nostri vobis in mentem veniat, nosque magis dignos credatis, quibus civibus quam hostibus utamini quique pro vobis potius quam contra vos pugnemus, neque nostro neque maiorum nostrorum immerito nobis id continget." **4** Terentius in Phormione: ita plerique ingenio sumus omnes, nostri nosmet paenitet. **5** Afranius in togata: nescioqui nostri miseritust tandem deus. **6** Et Laberius in Necyomantia: dum diutius detinetur, nostri oblitus est. **7** "Dubium porro" inquit "non est, quin eodem haec omnia casu dicantur: "nostri paenitet," "nostri oblitus est", "nostri misertus est", quo dicitur: "mei paenitet", "mei misertus est", "mei oblitus est".



## II

**O que significa *siticinum* no discurso de Marco Catão**

**1** Encontra-se a palavra *siticines* no discurso de Catão intitulado *Que o antigo deve deixar o poder com a chegada do novo*. Nesse discurso, escreveu *siticines*, *liticines* e *tibicines*. **2** Ceselio Vindex escreve a esse respeito em seus *Comentários de Lições Antigas* que os *liticines* tocam clarim, os *tibicines*, flauta; mas e o que tocavam os *siticines*? Confesso ingenuamente que ignoro. **3** Porém, encontrei nas *Conjecturas* de Capitão Ateio, que davam o nome de *siticines* àqueles que tocavam junto aos que estavam *siti* - mortos e sepultados. Seu instrumento era uma flauta de formato especial.

## VI

**Se é mais adequado dizer *habeo curam uestri* ou *uestrum***

**1** Eu, ainda jovem, perguntava a Sulpício Apolinário o motivo de se dizer *habeo curam uestri* ou *misereor uestri* e porque se utilizava assim *uestri* que parece um nominativo. **2** Ele me respondeu assim: “Você me pergunta o que para mim também é uma questão constante. Pois parece ser apropriado não dizer *uestri*, mas *uestrum*, segundo dizem os gregos: *epimeloumai hymon*, *kedomai*, neste local, *hymon* parece ser melhor traduzido por *uestrum* do que por *uestri*, já que *uestrum* é o genitivo e *uestri* é o nominativo do pronome vós, ou caso reto, como você chama.” **3** Encontro ainda em muitos lugares *nostrī* e *uestri* em lugar de *nostrum* ou *uestrum*. Sulla, no livro II das suas *Memórias*: “Se lhe ocorre recordar-se de nós (*nostrī*) e se nos consideras mais dignos de ser seus concidadãos que seus inimigos, de combater a seu lado e não contra você, não deveremos isso nem a nossos serviços nem aos de nossos superiores.” **4** Terêncio disse em *Formion*: “Somos todos assim, queixamo-nos de nós mesmos (*nostrī*)”. **5** Afrânio em uma comédia: “Ignoro qual deus compadeceu-se de nós (*nostrī*)”. **6** Labério na *Nigromancia*: “Durante sua longa ausência, esqueceu-se de nós (*nostrī*)”. **7** Apolinário prosseguiu dizendo que não havia dúvida de que nas frases *nostrī oblitus est* e *nostrī miseritus est*, a palavra *nostrī* está no mesmo caso que está *mei* em *mei paenitet*, *mei miseritus est*, *mei oblitus est*.

**8** "Mei" autem casus interrogandi est, quem "genetivum" grammatici vocant, et ab eo declinatur, quod est "ego"; huius deinde plurativum est "nos". ["Tui" aequae declinatur ab eo, quod est "tu"; huius itidem plurativum est "vos".] **9** Sic namque Plautus declinavit in *Pseudolo* in hisce versibus: si ex te tacente fieri possem certior, ere, quae miseriae te tam misere macerent, duorum labori ego hominum parsissem lubens: mei te rogandi et tis respondendi mihi. "Mei" enim Plautus hoc in loco non ab eo dixit, quod est "meus", sed ab eo, quod est "ego". **10** Itaque si dicere velis "patrem mei" pro "patrem meum", quo Graeci modo *ton patera mou* dicunt, inusitate quidem, sed recte profecto eaque ratione dices, qua Plautus dixit "labori mei" pro "labori meo". **11** Haec autem ipsa ratio est in numero plurativo, qua Gracchus "misereri vestrum" dixit et qua M. Cicero "contentio vestrum" et "contentione nostrum" dixit quaque item ratione *Quadrigarius* in annali undevicesimo verba haec posuit: "C. Mari, ecquando te nostrum et reipublicae miserebitur!" Cur igitur *Terentius* "paenitet nostri", non "nostrum", et *Afranius* "nostri miseritus est", non "nostrum"? **12** Nihil hercle" inquit "mihi de ista re in mentem venit, nisi auctoritas quaedam vetustatis non nimis anxie neque superstitiose loquentis. Nam sicuti multifariam scriptum est "vestrorum" pro "vestrum", ut in *Plauti Mostellaria* in hoc versu: verum illuc esse maxima pars vestrorum intellegit, cum vellet "maxima pars" dicere "vestrum", ita nonnumquam "vestri" quoque dictum est pro "vestrum". **13** Sed procul dubio, qui rectissime loqui volet, "vestrum" potius dixerit quam "vestri". **14** Et idcirco inportunissime" inquit "fecerunt, qui in plerisque *Sallusti* exemplaribus scripturam istam sincerissimam corruerunt. Nam cum ita in *Catilina* scriptum esset: "Saepe maiores vestrum miseriti plebis Romanae", "vestrum" obleverunt et "vestri" superscripserunt. Ex quo in plures libros mendae istius indoles manavit." **15** Haec memini mihi *Apollinarem* dicere, eaque tunc ipsa, ita ut dicta fuerant, notavi.

**8** Porém, *mei* está no caso que os gramáticos chamam genitivo, cujo nominativo é *ego*, cujo plural é *nos*. A partir disso, conclui-se que *tui* é da mesma forma genitivo de *tu*, cujo plural é *vos*. **9** Assim, Plauto declinou esses dois pronomes em seu *Pseudolo*: “Se você, em silêncio, pudesse permitir-me adivinhar, mestre, quais são as aflições que o devoram, com muito gosto livraria de duas preocupações a dois homens: a mim de interrogá-lo e a você de me responder.” *Mei*, nesta passagem de Plauto, não vem de *meus*<sup>1</sup>, mas de *ego*; **10** Assim, se quiser dizer *patrem mei* por *patrem meum*, como os gregos dizem τον πατέρα μου, você o fará contrariando o uso, mas pelo mesmo motivo que Plauto pode dizer *labori mei* por *labori meo*, o plural segue a mesma regra. **11** Por esta razão é que Graco disse no plural *misereri uestrum* e Cícero *contentio nostrum* e *contentio uestrum*. De acordo com a mesma regra, Quadrigário diz no livro XIX de seus *Anais*: “Mario, quando te compadecerás de nós (*nostrum*) e da república?” Por que então Terêncio diz *poenitet nostri* e Afranio *nostri miseritus est* não *nostrum*? **12** Nada, Deus meu, me vem à mente sobre esse fato, a não ser pelos exemplos dos antigos, que não eram menos supersticiosos do que preocupados quando o assunto era língua. Muitas vezes se disse *uestrorum* em lugar de *uestrum*, como na *Mostelaria* de Plauto, neste verso: “Que isto é verdade, a maioria de vocês (*uestrorum*) compreende.” Sendo assim, pode-se dizer também *uestri* por *uestrum*. **13** Mas não há dúvida de que para se falar com pureza, deve preferir-se *uestrum* a *uestri*, **14** motivo pelo qual fizeram muito mal em alterar uma passagem de Salústio, cujo texto era muito puro. Lê-se em seu *Catilina*: “Com freqüência, os maiores dentre vocês, compadeceram-se do povo romano.” Apagaram *uestrum* e colocaram *uestri* em seu lugar e essa falha aconteceu em várias outros livros. **15** Lembro-me de que Apolinário me falou desta maneira e eu anotei suas palavras tal como ele as pronunciou.

---

<sup>1</sup> *Ego*: pronome pessoal do caso reto – eu, que tem um genitivo *mei*;  
*meus*: pronome adjetivo ou possessivo - meu, que tem um genitivo *mei*.

**X. ...**

**1** "Ex iure manum consertum" verba sunt ex antiquis actionibus, quae, cum lege agitur et vindiciae contenduntur, dici nunc quoque apud praetorem solent. **2** Rogavi ego Romae grammaticum, celebri hominem fama et multo nomine, quid haec verba essent? Tum ille me despiciens "aut erras," inquit "adulescens, aut ludis; rem enim doceo grammaticam, non ius respondeo; si quid igitur ex Vergilio, Plauto, Ennio quaerere habes, quaeras licet." **3** "Ex Ennio ergo" inquam "est, magister, quod quaero. **4** Ennius enim verbis hisce usus est." Cumque ille demiratus aliena haec esse a poetis et haud usquam inveniri in carminibus Ennii diceret, tum ego hos versus ex octavo annali absentes dixi - nam forte eos tamquam insigniter praeter alios factos memineram -: pellitur e medio sapientia, vi geritur res; spernitur orator bonus, horridus miles amatur. Haut doctis dictis certantes nec maledictis miscent inter sese inimicitiam agitantes, non ex iure manum consertum, sed magis ferro rem repetunt regnumque petunt, vadunt solida vi. **5** Cum hos ego versus Ennianos dixissem, "credo" inquit grammaticus "iam tibi. Sed tu velim credas mihi Quintum Ennium didicisse hoc non ex poeticae litteris, set ex iuris aliquo perito. Eas igitur tu quoque" inquit "et discas, unde Ennius didicit." **6** Vsus consilio sum magistri, quod docere ipse debuerat, a quo discerem, praetermonstrantis. Itaque id, quod ex iureconsultis quodque ex libris eorum didici, inferendum his commentariis existimavi, quoniam, in medio rerum et hominum vitam qui colunt, ignorare non oportet verba actionum civilium celebriora. **7** "Manum conserere" ... Nam de qua re disceptatur in iure in re praesenti, sive ager sive quid aliud est, cum adversario simul manu prendere et in ea re sollemnibus verbis vindicare, id est "vindicia". **8** Correptio manus in re atque in loco praesenti apud praetorem ex duodecim tabulis fiebat, in quibus ita scriptum est: "si qui in iure manum conserunt." **9** Sed postquam praetores propagatis Italiae finibus datis iurisdictionibus negotiis occupati proficisci vindiciarum dicendarum causa ad longinquas res gravabantur, institutum est contra duodecim tabulas tacito consensu, ut litigantes non in iure apud praetorem manum consererent, sed "ex iure manum consertum" vocarent, id est alter alterum ex iure ad conserendam manum in rem, de qua ageretur, vocaret atque profecti simul in agrum, de quo litigabatur, terrae aliquid ex eo, uti unam glebam, in ius in urbem ad praetorem deferrent et in ea gleba tamquam in toto agro vindicarent. **10** Idcirco Ennius significare volens non, ut ad praetorem solitum est, legitimis actionibus neque ex iure manum consertum, sed bello ferroque et vera vi atque solida ...; quod videtur dixisse conferens vim illam civilem et festucariam, quae verbo diceretur, non quae manu fieret, cum vi bellica et cruenta.

## X. ...

**1** *ex iure manum consertum* são palavras utilizadas em antigas ações civis, que no tribunal do pretor também eram chamadas *uindiciae* – reivindicações. **2** Um dia, perguntei a um gramático de Roma, homem célebre, famoso e muito renomado, o que queriam dizer essas palavras. Então, ele me encarou e disse: “Você se engana, jovem, sou gramático e não jurisconsulto. Você tem algo a perguntar sobre Virgílio, Plauto ou Enio?” **3** “Perguntarei então sobre Enio, mestre, pois essas palavras estão em Enio.” **4** Admirou-se e disse que estas palavras não têm nada de poético e não poderiam ser encontradas nos poemas de Enio. Então, citei sem livro os versos seguintes, extraídos do livro VIII dos *Anais* de Enio, cuja admiração havia feito com que me recordasse: “Desterrada está a sabedoria pela força soberana. Deprecia-se o orador esclarecido e se prefere o soldado apagado. Já não se combate com sabedoria e agudeza, mas como inimigos, não se unem as mãos como a lei (*non ex iure manum consertum*), luta-se com a lança em mãos; luta-se pelo império: marcha-se com formidável aparato.” **5** Assegurei que estes versos eram de Enio e o gramático me disse: “Agora acredito em você, Enio não encontrou essas palavras nos poetas, mas nos jurisconsultos. Busque-as nas mesmas fontes em que ele as encontrou.” **6** Segui a orientação do mestre que por não poder dirimir minhas dúvidas, remetia-me para onde pudesse instruir-me e assim, depositar aqui o que me ensinaram os jurisconsultos em seus livros. Quando se vive entre os homens e os negócios, não devem ser ignorados os termos mais célebres nas ações civis. **7** *Manum conserere* quer dizer que as duas partes debatem diante do objeto disputado, seja campo, seja qualquer outra coisa e o reclamam com palavras solenes (*uindicare*) de todas as formas. **8** A *uindicia* é a apreensão pela mão que se faz em presença do pretor ou sobre o terreno de acordo com a lei das doze tábuas, nas quais foi escrito: “*si qui in iure manum conserunt*”. **9** Mas depois, quando se estenderam as fronteiras de Roma, os pretores então tiveram jurisdições mais extensas e as viagens se tornaram muito longas para cuidar das *uindiciae*, estabelecendo-se então, contrariando a lei das doze tábuas, que *in iure manum conserere* seria interpretada por *ex iure manum consertum uocare*; isto é, que os litigantes se chamariam reciprocamente para debater diante do objeto de litígio. Juntos partiam para o campo em questão e trariam algo dele, um terrão, por exemplo, que levariam ao tribunal do pretor e sobre ele fariam a *uindicia*, como se a fizessem sobre todo o campo. **10** A respeito disso, Enio diz que já não se procede por meios legais como no tribunal do pretor, que já não se debate em conformidade com o direito, que se procede somente por guerra, armas e violência e compara os combates que utilizam armas com os unicamente civis, nos quais a jurisdição desempenhava papel fundamental, onde não havia batalha cruenta, mas só havia batalha de nome.

**XI. ...**

**1** P. Lavini liber est non incuriose factus. Is inscriptus est de verbis sordidis. **2** In eo scripsit "sculnam" vulgo dici quasi "seculnam"; "quem, qui elegantius" inquit "loquuntur, "sequestrem" appellant." **3** Vtrumque vocabulum a sequendo factum est, quod eius, qui electus sit, utraque pars fidem sequatur. **4** "Sculnam" autem scriptum esse in logistorico M. Varronis, qui inscribitur Catus, idem Lavinius in eodem libro admonet. **5** Sed quod apud sequestrem depositum erat, "sequestro positum" per adverbium dicebant. Cato de Ptolomaeo contra Thermum: "Per deos immortales, nolite vos atque ..."

**XI.**

**1** P Lavinio produziu um livro muito estranho, intitulou-o *Sobre as palavras sórdidas*. **2** Nele, escreveu que *sculnam* é dita popularmente como *seculnam*; porém é mais elegante dizer *squester*. **3** Todas essas palavras derivam de *sequor*, pois se segue a decisão daquele que se noemou. **4** *Seculna*, porém, encontra-se no relato de Varrão, intitulado *Catão*, segundo diz Lavinio. **5** O que se deposita em poder do *squester* - guardião, chamava-se *sequestro positum*, posto sob guarda. Catão, em seu discurso *contra Thermo em favor de Ptolomeu*, disse: “Pelos deuses imortais, não queira colocá-los em seqüestro.”

## REFERÊNCIAS

ARENS, H. La lingüística: sus textos y su evolucion desde la antigüedad hasta nuestros dias. Trad. J. M. Diaz-Reganon Lopez. Madri: Gredos, 1975

AUROUX, S. A revolução tecnológica da gramatização. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas: Editora Unicamp, 1992.

BARATIN, M. La naissance de la syntaxe à Rome. Paris: Les Éditions de Minuit, 1989.

BARATIN, M. L'identité de la pensée et de la parole dans l'ancien stoïcisme. *Langages*, 1982.

BERRETTONI, P. Per un'archeologia del discorso grammaticale sul comparativo. *Histore, Epistemologie, Langage*

CARCOPINO, J. Roma no apogeu do império. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Cia das Letras-Círculo do Livro, 1990.

COLLART, J. Varron Grammaire Antique et stylistique latine. Paris: Les Belles Lettres, 1978.

COLOMBAT, Bernard. Corpus Representatif des grammaires et des traditions linguistiques. Tome I.

COUTINHO, I. L. Pontos de gramática histórica. 6 ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1974.

DELLA CASA, A. La gramática. In: *Introduzione allo studio della cultura classica*. Milão: Marzorati, 1987, v. 2, p. 41-91.

DESBORDES, F. Concepções sobre a escrita na Roma Antiga. Trad. Fulvia M. L. Moreto & Guacira M Machado. São Paulo:Ática, 1995.

DESBORDES, F. La langage sceptiquee: notes sur le Contre les grammarians de Sextus Empiricus. *Langages*. 65, 1982.



ERNOUT, A. e MEILLET, A. Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine, Paris: Klincksieck, 1991.

FARIA, E. Fonética Histórica do Latim. 2 ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1970.

\_\_\_\_\_. Gramática latina. 2 ed. Brasília: MEC/FAE, 1995.

FERREIRA, A. G. (1993a). Dicionário de Latim-Português, Porto: Porto Editora.

FERREIRA, A. G. (1993b). Dicionário de Português-Latim, Porto: Porto Editora.

GAFFIOT, F. Dictionnaire illustré latin française. Paris: Hachette, 1934.

GELLIUS, A. Noctes atticae. Ed. P. K. Marshall. Nova York: Oxford University Press, 1968. 2v.

\_\_\_\_\_. The Attic Nights, vol. I, II e III. Trad. John C. Rolfe. Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts, 1996, reprinted.

\_\_\_\_\_. Noches Áticas, vol. único. Trad. Francisco Navarro y Calvo. Buenos Aires, 1955, Librería El Ateneo Editorial.

\_\_\_\_\_. Le Notti Attiche, vol. I Trad. di Franco Cavazza. Bologna, Ed. Zanichelli, 1985.

\_\_\_\_\_. Les Nuits Attiques. Vol I, II e III Trad. par René Marache. Paris, Ed. Les Belles Lettres, 1989.

KASTER, R. A. Islands in the stream: the of Late Antiquity. In: Historiographia linguistica XIII:2/3. John Benjamins: Amsterdam/Philadelphia, 1986.

\_\_\_\_\_. Guardians of language: The Grammarian and society in Late antiquity. Berkley: University of California Press, 1997.

KOERNER, E. F. Konrad. Historiographia Linguistica. In: International Journal for the history of linguistics, vol. IX, 1982

\_\_\_\_\_. F. Konrad. *Historiographia Linguistica*. In: *International Journal for the history of linguistics*, vol. X, 1983

\_\_\_\_\_. F. Konrad. *Historiographia Linguistica*. In: *International Journal for the history of linguistics*, vol. XVII, 1990

KOEHLER, Pe. H. *Dicionário Escolar Latino-Português*. Ed. Globo, 1ª ed. 8ª reimpressão. Porto Alegre: 1959

LOBATO, M. *A barca de Gleyre*, 12ª ed. Brasiliense, São Paulo: 1944, (vol. 2).

LYONS, John. *Introdução à lingüística teórica*. Companhia Editora Nacional, USP, São Paulo: 1979

\_\_\_\_\_, John. *Lingua(gem) e lingüística - uma introdução*. Zahar, Rio de Janeiro: 1981

MICHEL, A. *Le philosophe et l'antiquaire*, Paris: Les Belles Letres, 1978.

PARATORE, E. *História da Literatura Latina*. Trad. Manuel Losa. Fundação Calouste Gulbenkian, Ed. Lisboa, 1987

PEDROZA, Cônego A. X. *Compêndio de História da literatura latina*. Imprensa Oficial do Recife, 1947.

QUNTILIANO, *Institutio Oratoria*

RAVIZZA, P.J. *Gramática latina*. Niterói (RJ): Escola Industrial Dom Bosco, 1956.

REYNOLDS, L. D.; WILSON, N. G. *D'Homère a Érasme: a transmission des classiques grecs et latins*. Paris: Centre national de Recherche Scientifique, 1991.

RIGHI, G. *Historia de la filología clásica*. 2ª ed. Barcelona: Labor, 1969.

ROBINS, R.H. *Pequena história da lingüística*. Livro Técnico S/A Rio de Janeiro, 1978

\_\_\_\_\_. *The development of the word class system of the European grammatical tradition*. *Foundation of language* vol. 2, 1966.

RONAI, Paulo. A tradução vivida.

SEVILHA, Sto. Isidoro de. *Originum siue Etymologiarum libri XX* (W. M. Lindsay), 2 v., Oxford, 1911.

SPINA, L. Le voci dei grammatici. In: *Histoire, épistémologie, Langage*, XXII, 2, 2000.

TAYLOR, Daniel J. *The history of linguistics in the classical period*. John Benjamins publishing company: Amsterdam, Philadelphia

VARRO. *De lingua latina*. Books V – VII. Translation by Roland G. Kent. Cambridge, MA and London: Harvard University Press, 1938.

VARRO. *De lingua latina*. Books VIII – X. Translation by Roland G. Kent. Cambridge, MA and London: Harvard University Press, 1938.

[www.fh-augsburg.de/~harsch/a\\_alpha.html](http://www.fh-augsburg.de/~harsch/a_alpha.html)

[www.intratext.com/LATINA](http://www.intratext.com/LATINA)

[www.forumromanum.com.br](http://www.forumromanum.com.br)

[www.intratext.com/IXT/LAT0360](http://www.intratext.com/IXT/LAT0360)